BERT HELLINGER

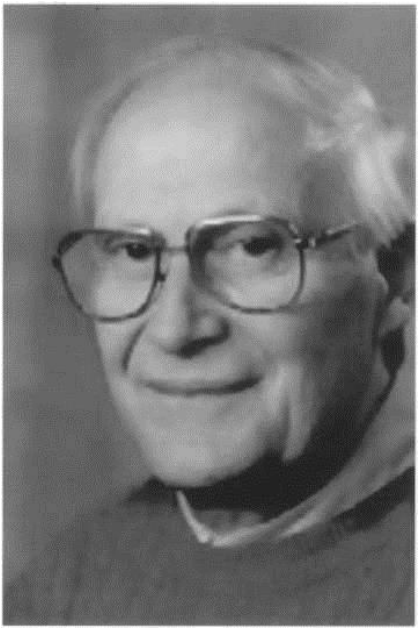
A fonte não precisa perguntar pelo caminho

UM LIVRO DE CONSULTA

ATMAN
EDITORA

Entre os livros até hoje publicados de Bert Hellinger e seu método estava faltando este livro. É uma síntese das afirmações e compreensões centrais que Bert Hellinger comunicou-nos em diversos lugares, em diversos contextos e temas, nos anos de 1992 - 2000. Fica evidente quão as suas ideias e afirmações são diversificadas e quão claras elas descrevem os efeitos dos vínculos, das dinâmicas e fenômenos sistêmicos. E um livro que dá respostas sem cortar as próprias ideias e hipóteses, que estimula a continuar a pensar, sem contestar e deixa fluir o que foi lido em seu próprio trabalho.

EDITORA ATMAN



BERT HELLINGER

Estudou filosofia, teologia e pedagogia e trabalhou 16 anos como membro de uma ordem de missionários católicos na África do Sul. Posteriormente, tornou-se psicanalista e, por meio da Dinâmica de Grupo, da Terapia Primai, da Análise Transacional e de diversos métodos hipnoterapêuticos, desenvolveu sua própria Terapia Sistêmica e Familiar.

Hellinger atua além de sua especialidade porque ele transmite o essencial sobre as ordens do amor e da vida de uma forma clara e compreensível.

Bert Hellinger

A fonte não precisa perguntar pelo caminho

Um livro de consulta

Tradução
Eloisa Giancoli Tironi Tsuyuko Jinno Spelter

Revisão
Wilma Costa Gonçalves Oliveira

ATMAN
EDITORA

Título do original alemão:
Die Quelle braucht nicht nach dem Weg zu fragen Ein Nachlesebuch Carl-Auer-Systeme Verlag Heidelberg - Deutschland
Copyright © 2002 by Bert Hellinger-todos os direitos reservados 3ª edição, 2002 ISBN 3-89670-277-7
Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do "Copyright", exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.
1ª Edição - janeiro de 2005 ISBN 85-98540-02-1
Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:
EDITORA ATMAN - Ltda.
Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil
Fone (Fax): (34) 3821-0155 - http://www.atmaneditora.com.br
editora@atmaneditora.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Capa; Aquarela de propriedade da Editora Atman Ltda. - Direitos reservados
Revisão ortográfica: Elvira Nícia Montenegro
Arte de capa: Fábio A.Silva
Diagramação: Grafipres
Coordenação editorial: Wilma C. G. Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H476f Hellinger, Bert.
A fonte não precisa perguntar pelo caminho / Bert Hellinger. - Patos de Minas, MG: Atman, 2005.
344 p.

ISBN 85-98540-02-1

1. Terapia familiar. 2. Psicoterapia grupai. 3. Psicologia. I. Título.

CDD: 616.891 5

Pedidos pelo reembolso postal:
Caixa postal 2004
Patos de Minas - MG 38.700-973

Impressão e acabamento executados no parque gráfico da Editora Santuário
www.redemptor.com.br - Aparecida - SP

Sumário

Sobre este livro 15

O caminho do conhecimento

Introdução 20
A verdade 21
A dialética 22
Percepção e pensamento 23
O caminho fenomenológico do conhecimento 24
A compreensão através da renúncia 25
Psicoterapia científica e fenomenológica 26
A amplidão 28
O todo 29
A fonte 30
Ouvir e ver 31
Compreensão e ação 32
Percepção e dúvidas 33
Padrões de pensamento e de destino 33
A interrupção do padrão 34
Luz e trevas 34
Discípulos e mestres 35
Compreensão e purificação 35
A noite do espírito 36
História: “Sabedoria" 37

Sentimentos

Introdução 40
A diferenciação dos sentimentos 41
Os metassentimentos 43
Raiva, desespero, amor 44
O ódio 45

A alma

Introdução 4g
O alcance da alma 49
História: “O caminho ” 49
Ordens da alma 50
Doença e alma 51
A doença, a alma, o eu 51

Dimensões da alma 54
O sentido da vida 57
Gêmeos 57
O serviço 58
A recordação de Auschwitz 59
O recordar que finaliza e une 61
Os assassinos se sentem atraídos pelas vítimas 62
A paz para os agressores e ..... vítimas 63
Bom e mau 63
Heróis sem risco 64
Respeitar a alma 64
Ir com a alma 66
Higiene da alma 66
A indiferença 67
O aprender não faz jus à riqueza da alma 67
Destino 68
Consciência e destino 69
A consciência pessoal 70
A consciência coletiva 71
Destino e liberdade 72
Vida plena 73
Destino e fé 76
Destino e alma 77

Tomar a vida

Introdução 80
A felicidade 81
Modos de vivência da felicidade 81
O caminho da felicidade 82
Auto-realização e perfeição 82
Cura e bem-estar 83
Os limites da consciência 84
Culpa e inocência 87
A paz 88
Sobreviver à sobrevivência 88
Tomar sem presunção 89
Soldados e guerra 89
A concordância com a pátria 90
A bênção 91

A nova vida depois de uma salvação 91
O agradecimento 92
O equilíbrio 93
O esquecimento 94
O presente 94
O ser e o tempo 94
História: "A plenitude " 94

Homens e mulheres

Introdução 98
Homem e mulher 99
O dar e o tomar no relacionamento de casal 99
O intercâmbio e o amor 100
O futuro 101
Animuse anima 101
O masculino e o feminino 101
A força total 101
O beijo 102
Unidade e diversidade 103
Para que o amor dê certo 104
Olhar para um terceiro 104
O relacionamento de casal tem precedência à paternidade e à maternidade 105
Ordens numa família mista 106
Parceiros anteriores são representados no casamento pelos filhos 108
Relacionamentos anteriores não conhecidos também influenciam os filhos 110
Casamento entre parceiros de países diferentes 110
Casamentos com um gêmeo 111
E preciso coragem para a felicidade maior 111
Infelicidade e felicidade 112
Deixar o amor crescer 112
O verdadeiro valor 113
Imagens do amor 113
Medo e nostalgia 113
O medo do amor 114
O íntimo 114
O maternal e o paternal entre homem e mulher 115
Ouvir e ver no relacionamento de casal 115
Opinar e perceber 115
Triunfo e ciúme 116
Vingança e amor 116
O novo começo 117

O soltar 117
A separação 118
A separação humilde 118
A dor da separação 119
Felicidade e grandeza 119
Esterilização e relacionamento de casal 120
A vida plena 120
Amor em nossa época 121
Amor e ordem 121
O vínculo à família de origem 122
Amor e alma 123
O enamoramento e o amor 125
Soluções 125
Acompletude 126
Amor e respeito 128
O amor e o ser 131

Ordens na família

Introdução 134
O direito à pertinência 135
Quem pertence ao sistema familiar? 135
Os bons e os maus na família 136
A perfeição 136
Tomar os pais 137
A reverência aos pais 138
A paz através da humildade 138
Pai e criança 139
A vida é maior do que os pais 139
Culpa e presunção 140
Ordens do amor entre pais e filhos 141
O amor infantil 142
Amor e poder 142
Amor e impotência 143
Lutas pelo poder 143
A bênção 144
O cuidado pelos pais idosos 144
Crianças que faleceram precocemente 144
Vivos e mortos 145
A morte de crianças 146
Censura como substituto para o luto 146

A idealização como substituto para o luto 147
Luto arrogante e humilde 147
Os nomes dos mortos 148
Mortos que foram excluídos 148
Crianças que não nasceram 149
A criança abortada e seus irmãos 149
Crianças dadas 150
Aexpiação 151
Segredos de família 151
Pessoas deficientes na família 152
Uma criança deficiente 152
Irmãos deficientes 153
Crianças vítimas da talidomida 154
Um companheiro deficiente 154
Pais deficientes 155
A força que provém de uma deficiência 155
A ordem de origem 156
A criança possuída 156
Espancamento em substituição 157
Quando é que um pai está disposto a cuidar de seus filhos depois do divórcio? 158
Honrar os pais 158
Honrar ou se submeter 158
Ordem e amor 159
Amor e vida 160
Quando o pai ou a mãe faleceu cedo 160
O leão 160
Como se honra os pais que faleceram 161
Ofensas 162
A arrogância 162
A dor da separação 162
A despedida 163
A ordem em harmonia 163

O que causa as doenças e o que as cura

Introdução 166
Amor que faz adoecer e amor que cura 167
Aforismo: "Felicidade dual" 168
Caminhos para nova orientação 173
Psicoterapia e medicina 173

Doença e ordem 174
Doenças como processos de cura para a alma 175
Câncer 175
Anorexia e bulimia 179
Comer e jejuar 179
Compulsão alimentar 180
Alergias 180
Asma 180
Depressões 181
Dinâmica familiar em psicoses 182
A constelação familiar 183
Movimentos da alma 183
O amor 184
A solução 185
A interrupção do movimento em direção à mãe ou ao pai 186
O que leva a neuroses? 187
A morte no puerpério 188
Amor mágico e amor ciente 189
Respeito pelo limite 190
O vínculo 190
Crianças altamente deficientes 191
Doença e compensação 192
Incesto 193
Soluções para as futuras gerações 196
Respeito em vez de expiação 196
Morrer em lugar de outro 197
O ponto final 197

As constelações familiares e os movimentos da alma

Introdução 200
As constelações familiares 201
O que advém da constelação familiar 202
O que deve ser observado nas constelações familiares 202
A alma indica o caminho 203
Quanto ao procedimento nas constelações familiares 204
As perguntas básicas 205
A seriedade 206
O procedimento sistêmico 206
Permanecer no essencial 207
O campo de força 207

Confiar no campo de força 208
Consertar ou deixar crescer 208
A cura como dádiva 209
Prudência em controles de sucesso 210
Coragem para a verdade, como ela se mostra 211
A curiosidade tira a dignidade 212
Tocar o amor na alma 212
Os limites das constelações familiares 212
Os vivos e os mortos 213
O saber através da participação em uma alma em comum 213
Ajudar em harmonia 214
Sentimentos próprios e alheios 216
Até que ponto os representantes são autênticos? 217
Representação e eu 218
A precedência do grande 218
Uma das realidades 219
Interpretações restringem 220
O efeito sobre membros ausentes da família 221
Quando se interrompe? 221
Olhar para frente com os pais às costas 221
O respeito 221
Minimalismo 222
A ação segue a alma 222
Deixar para trás a imagem da constelação 223
Agir sem atuar 224
O centro vazio 224
O momento sustenta 226
Soluções como fruta madura 227
Solução e renúncia 227
Solução através do deixar 227
Frases de solução 228
As profundezas da alma 230
“Ainda fico um pouco” 231
O habitual e o leve 232
A cura da alma da família 232
O raio 233
Como a constelação familiar dá certo: uma visão geral 233
O caminho do conhecimento 233
O processo 234
A constelação familiar 235
O cliente 235

O terapeuta 236
Os representantes 236
As perguntas 237
A concentração 237
Os sinais 238
A receptividade 239
O começo 239
O procedimento 240
Constelações condensadas 241
O espaço 241
A participação 241
O campo de força 242
Os mortos 242
A alma 243
O amor 244
O equilíbrio 244
A precedência dos anteriores 244
A completude 245
As soluções 245
História: "Duas maneiras de saber " 246
As constelações familiares e os movimentos da alma 249
As ordens da consciência coletiva 249
As ordens da consciência pessoal 251
Movimentos opostos das duas consciências 252
Os movimentos da alma 253
Experiências com os movimentos da alma 254
Exemplo: Mulher doente de câncer 256
Exemplo: Israelitas e palestinos 257
Exemplo: Mulher com compulsão alimentar 258
Os mortos 259
Exemplo: Mulher que morreu no puerpério 259
Exemplo: Indígena cuja irmã tinha tido um acidente fatal 260
Os antepassados 261
A morte 262
Exemplo: O medo da morte 262
O futuro 263

Ajudar e resolver

Introdução 266
Soluções sem problemas 267
Intuição e solução 267

Soluções seguem o amor 267
A descrição de um problema o mantém 268
Desvios servem à solução 268
Os limites das ações de ajuda 269
Olhar para o tempo que resta 273
Em harmonia com a morte 273
Vínculo e progresso 273
Atitudes terapêuticas básicas 274
A rodada 275
Ajudar de duas maneiras 276
O respeito 276
A contenção 278
A resistência 278
Conseqüências que ficam 278
O compadecer-se 279
A completude 280
Psicoterapia em harmonia 280

Religião

Introdução 284
As religiões 285
História: "A outra fé" 287
O respeito pelo mistério 288
Manter-se quieto 289
Imagens de Deus 290
A adoração de Maria 291
Crítica à Igreja 291
O maior bem 291
Movimentos da alma 292

Vida e morte

Introdução 296
Concentração e morte 297
Vivos e mortos 298
Vir e ir 298
O movimento para a morte 299
O tomar e o soltar a vida 300
Morte e perfeição 301
O respeito pelos mortos 302
Os que morreram precocemente 303

A morte é maior que a vida 304
Morrer violentamente 305
Doação de órgãos 305
Morrer e morte 306
A origem 306
A morte precoce 307
Morte e reconciliação 308
O medo da morte 310
Paz com os mortos 311
Imagens de morte e vida 313
A precedência da vida 314
Aalma 315
A caminhada para os mortos 316
O intervalo 318
Viver até o fim 318
Epílogo 319
A vida continua 319
A felicidade 319

Apêndice

Uma olhada na oficina: Norbert Linz entrevista Bert Hellinger 322
O processo criativo 322
As histórias 324
A fé maior 324
O hóspede 325
O não-ser 327
O círculo 328
Aforismos 329
Linguagem e pensamento 330
Coragem para o minimalismo 332
Os movimentos da alma 333
Os mortos 335
Temas da época 336
Novas maneiras de ver 338
Perspectiva 339

Sobre este livro

Assim como após o trabalho efetuado no verão, em que a colheita é feita durante o outono, o fruto de um longo trabalho e compreensão posterior foi coletado e organizado de forma compreensível neste compêndio. Até aqui um longo caminho foi percorrido.

Ele começou para mim com a *dinâmica de grupo.* Aqui pude observar e vivenciar como necessidades e avaliações antagônicas podem ser harmonizadas quando um grupo chega a reconhecer as diferenças, sem a pressão de uma autoridade externa, do puro encontro de uma pessoa com a outra e, partindo desse reconhecimento, pode concordar com uma ação conjunta e, ao mesmo tempo, satisfatória para todos os envolvidos.

A próxima estação nesse caminho foi a *psicanálise.* Ela constituiu, ao mesmo tempo, um polo oposto à dinâmica de grupo, porque na psicanálise a atenção estava dirigida totalmente aos movimentos opostos do próprio íntimo. Mas aqui também se tratava de realçar o dividido e o reprimido, e aceitar, como equivalente, o lado claro e permitido do consciente.

A *terapia primai* trouxe-me um aprofundamento das compreensões e experiências da psicanálise. Nesse método tratava-se de expressar sentimentos reprimidos num âmbito protegido, principalmente a tristeza e a dor. No decorrer de muitos meses pude observar e vivenciar em mim mesmo quão diferentemente atuam os sentimentos, que alguns sentimentos substituem ações e que outros as possibilitam. Desde então, posso diferenciar facilmente esses dois tipos de sentimentos. Já não me assusto mais com explosões violentas de sentimentos de outras pessoas.

Nessa época entrei em intenso contato com a *análise transacional.* O que me fascinou, antes de tudo, foi a *análise de Scripts,* isto é, que se pode trazer à luz com a ajuda de contos de fadas e histórias, o plano de vida pessoal secreto. Desse trabalho resultou uma profunda compreensão do lado oculto dos contos de fadas e histórias a tal ponto que, de maneira semelhante com o que ocorreu comigo, anteriormente, em relação aos sentimentos na terapia primai, aqueles já não podiam mais me influenciar de um modo que me afastasse de mim mesmo. Foi assim que reconheci, por exemplo, que a história do “Pequeno Príncipe” na verdade é um

eufemismo do suicídio e que as pessoas que gostam especialmente dessa história nutrem secretamente pensamentos suicidas. Mais tarde, quando cheguei à compreensão das ordens do amor, pude ver que muitos Scripts indicam um emaranhamento, isto é, que o script que uma pessoa segue descreve frequentemente o destino daquele membro da família, com o qual está emaranhada sob a influência da consciência familiar.

Outras importantes estações no meu caminho foram a *hipnoterapia* segundo Milton Erickson e a *programação neurolingüística* (PNL). Junto com a aplicação da observação exata dos mínimos movimentos, elas aplanaram meu caminho para o trabalho com histórias.

Quando então me dediquei à *terapia familiar,* já estava preparado para ela em muitos aspectos. Com as Constelações Familiares adquiri, uma após outra, compreensões das ordens do amor e os limites e modos de atuação da consciência. Daí resultaram amplas consequências para o meu trabalho terapêutico, por exemplo, no tratamento de doenças graves, traumas, psicoses, agressores e vítimas. Entretanto, além da psicoterapia no seu sentido restrito, adquiri mais e mais compreensões sobre o comportamento humano no seu sentido mais amplo, por exemplo, ordens no relacionamento de casal e ordens entre pais e filhos, sobre os efeitos distintos do comportamento religioso, sobre nossos encontros com a morte e os mortos e ainda sobre caminhos e modos de promover a paz e a reconciliação.

Este livro reúne afirmações essenciais sobre esses temas. É ao mesmo tempo colheita e, para me utilizar também de uma outra imagem, o fecho que une e sustenta as nervuras de uma abóbada.

Os textos aqui apresentados originaram-se, essencialmente, entre os anos de 1992 - 2000. Estão ligados a um contexto e foram pronunciados espontaneamente como introduções, esclarecimentos ou resumos em cursos de Constelações Familiares. Às vezes, foram respostas a perguntas feitas nesses cursos e também em entrevistas ou palestras. Os cursos e entrevistas foram gravados e por isso o texto original foi conservado, tendo sido aqui levemente reordenado por mim.

Trata-se, portanto, de afirmações feitas em um contexto e se referem, sempre, a uma situação concreta. O contexto as influencia e as torna vivas. Por isso, também não tratam de um tema na sua totalidade,

mas somente até o ponto em que a situação ou pergunta exigem. Algumas afirmações se assemelham e, entretanto, trazem uma referência adicional por ter uma outra situação como pano de fundo.

Este é um livro de consultas em vários sentidos. Por um lado, no sentido de uma coletânea tardia e, portanto, no sentido de colheita tardia. Por outro lado, porque aqui qualquer um pode consultar e ler facilmente o que procura com relação a determinados temas. Para facilitar a orientação, ordenei os textos de acordo com temas e escrevi uma introdução para cada um deles.

Talvez algum leitor sentirá a falta de uma extensa teoria para as minhas afirmações. Mas o que se ganharia com isso? Quem arrasta para a praia uma rede com muitos peixes é evidentemente o dono deles e pode pegá-los nas mãos. Mas, infelizmente, eles já não nadam mais. Neste livro podemos ver cada um dos peixes ainda nadando.

Uma história, na qual um discípulo pergunta ao seu mestre pela liberdade, descreve o que me aconteceu com estes textos: O mestre disse: "Algumas pessoas acham que são elas que procuram a verdade de suas almas. Contudo, é a Grande Alma que pensa e procura através delas. Como a natureza, ela pode permitir-se muitos erros, porque está sempre e sem esforço substituindo os falsos jogadores por novos. Mas àquele que a deixa pensar, concede, às vezes, um pouco de espaço e, como um rio que carrega o nadador que se deixa levar, ela o carrega também com sua força a novas margens".

Gostaria de agradecer a todos que possibilitaram a edição deste livro. A eles pertencem aqueles que gravaram estes cursos ou entrevistas em som e imagem. Entre eles, especialmente Johannes Neuhauser e Harald Hohnen. Michaela Kaden ajudou-me na coletânea e leitura dos textos. Dr. Linz realizou comigo a entrevista *Olhada na Oficina.* Além disso, deu-me muitas indicações preciosas. Agradeço cordialmente a todos.

Este é um livro profundo. Cada uma das afirmações vale por si só. Por isso, pode-se facilmente começar com a leitura em qualquer lugar. Desejo a todos que a leitura lhes proporcione fecundo ganho pessoal.

Bert Hellinger

O caminho do conhecimento

Introdução

Este capítulo apresenta posturas básicas que preparam para compreensões mais profundas, principalmente para compreensão de possíveis soluções. Essas posturas básicas são: falta de intenção, coragem, abertura para o desconhecido, recolhimento e concordância com o que se mostra, mesmo que nos exija o máximo.

As palavras-chaves são: o caminho fenomenológico do conhecimento, o procedimento fenomenológico, a verdade como algo que nos foi preestabelecido e que, quando se mostra, força à ação.

Esta é uma teoria densa do conhecimento e, por isso, também um capítulo filosófico. Contudo, todas estas afirmações são relacionadas à prática e se tornam compreensíveis através dela.

Escrevi sobre este caminho do conhecimento também em outros livros: Em Ordens do amor[1] - *no capítulo "Compreensão através da renúncia", em* Constelações familiares[2] - *sob o título "Eu me submeto à realidade tal como ela se apresenta",* em Was in Familien krank macht und heilt[3] - *no trecho "O caminho fenomenológico do conhecimento", assim como em* Wo Schicksal wirkt und Demut heilt[4] - *no capítulo "A psicoterapia em harmonia".*

---

[1] Livro publicado no Brasil, pela Editora Cultrix. (NT)
[2] Livro publicado no Brasil, pela Editora Cultrix. (NT)
[3] O que faz adoecer e o que cura nas famílias (NT)
[4] Onde o destino atua e a humildade cura (NT)

A verdade

A verdade é algo que emerge como um relâmpago do ausente para o presente e, então, volta a imergir no ausente. Portanto, reluz brevemente e desaparece. No instante em que reluz é totalmente válida, não existe qualquer dúvida quanto a isso. Contudo, se generalizo isso não compreendo a essência da verdade e do conhecimento. Então tento eternizar o instante e, com isso, desconsidero a efemeridade da verdade. Ela é um bem efêmero.

Entretanto, é totalmente válida no instante em que reluz. Por isso, a objeção à verdade que reluziu vem sempre tarde demais: chega quando ela já tornou a desaparecer.

PARTICIPANTE Mas naturalmente é também um reluzir muito subjetivo.

HELLINGER Pelo contrário, essa é a diferença. Todos podem ver quando reluz aqui nas constelações familiares.

PARTICIPANTE Mas só depois que você a construiu.

HELLINGER Eu não a construí. Eu vejo isso. Reluz de repente. Aqui na última constelação, por exemplo, vi repentinamente que tinha a ver com uma criança que tinha sido abortada. De repente, era uma verdade. Eu não a construí. Eu a percebi.

PARTICIPANTE Mas colocando a criança, você a construiu para a pessoa da qual se tratava.

HELLINGER Quem constrói está quase sempre errado, pois a construção não alcança a alma, mas apenas a cabeça. Essa é uma diferença muito importante. Por exemplo, noto que quando percebo algo durante o trabalho e digo isso, preciso somente olhar para a fisionomia das pessoas e então sei se está certo. Podemos ver imediatamente através do efeito, se alcança a alma. Mas, tão logo eu elabore algo e talvez ainda o formule bem em minha cabeça, para depois dizê-lo, percebo que não existe nenhuma reação. Não alcançou a alma.

Com relação ao construtivismo precisamos nos perguntar: por que é que uma construção atua e a outra não? Aqui deve existir algo que atua, que ultrapassa a construção. Senão, não poderia ser que uma atuasse

e a outra não. Ambas deveriam atuar ou não atuar, igualmente.

PARTICIPANTE Quando se constela uma família vê-se a falta de ordem existente nela. E no final da constelação, você diz que a terapia terminou. Como seria a constelação quando essa mesma pessoa voltasse a constelar?

HELLINGER Quem constela de novo talvez queira trazer novamente à tona a verdade que tinha desaparecido, e isso não dá. Ela já foi embora. Por isso, só posso constelar novamente quando houver informações absolutamente novas ou quando, em vez do sistema atual, ainda deva ser constelado o sistema de origem e vice-versa. Aí acrescenta-se algo novo.

A dialética

Segundo a dialética, o conhecimento avança em três passos. Primeiro, existe a tese, essa se transforma numa antítese e de ambas resulta a síntese. Essa se torna uma tese, transforma-se numa antítese e chega a uma outra síntese. Isso dá certo somente quando a antítese não é apenas uma opinião ou objeção, mas um novo conhecimento. Isso faz uma grande diferença.

Quando alguém comunica em um diálogo uma compreensão ou uma experiência sobre o amor, e o outro tem uma outra compreensão e outra experiência, então isto é, no sentido da dialética, uma antítese, mas uma antítese que resulta numa síntese que enriquece ambos.

Frequentemente, quando alguém tem uma compreensão e a comunica como uma tese, outros fazem uma objeção no sentido de que uma antítese deve colocar em dúvida a tese. Dessa forma, tratam a tese como se fosse somente uma opinião e, com isso, tiram a sua força, mesmo que se baseie numa ideia e apenas a descreva.

A palavra-chave para essa espécie de antítese é a palavra “mas”. Através do “mas”, a ideia imediata fica desvalorizada. Se, por exemplo, olho para uma montanha e digo “mas”, não posso mais vê-la direito, embora ela ainda esteja lá. Com o meu “mas” tiro dela algo de sua grandeza e força.

Pode-se fazer objeções a tudo sem o esforço da percepção e sem a paciência que gera disposição para a espera, até que a nova compreensão ou experiência apareça. Por isso a objeção é tão rápida. A

compreensão, pelo contrário, precisa de tempo.

Quero ainda dizer algo sobre a dialética. Quando alguém pensa ou faz uma objeção, tem então a sensação de liberdade. Pode ter objeções à vontade sem que precise se orientar por algo. Então, nos pensamentos, a liberdade é bem grande e está ligada a uma sensação de poder. Mas se esse alguém quiser agir de acordo com a sua objeção, então a sua liberdade é bem pequena. Depois que fez todas as objeções possíveis à compreensão e à experiência comunicadas por outros, o que se pode realmente fazer que ultrapasse a compreensão dos outros?

Ao contrário, quem renuncia a essas objeções não é livre em seus pensamentos. Neles, tem somente uma margem diminuta, porque se orienta pela realidade percebida. Mas tem muitas possibilidades de atuação.

Percepção e pensamento

Existem muitos acessos à verdade. Eu próprio sigo um caminho que conheço, mas ao seu lado existem ainda muitos outros. É realmente estranho que existam tantos compositores e, contudo, nenhum deles encontrou a mesma melodia. Cada um tem a sua própria compreensão. Cada melodia é diferente e cada uma delas é bela, a seu modo.

Duas pessoas não podem ter a mesma compreensão em relação à mesma coisa. Se ambos têm uma compreensão especial, uma é um pouco diferente da outra. A plenitude não se deixa limitar apenas a um caminho.

Uma compreensão chega da percepção. Algumas pessoas esquivam-se da percepção fazendo uma afirmação ou uma objeção em que apenas pensam, sem que tenham visto o que afirmam. Algo assim é barato, qualquer um pode fazer isso, também o tolo. Mas quando uma percepção se acrescenta à outra, elas se complementam mutuamente.

O pensamento sem percepção gira sempre sobre o mesmo, sobre o conhecido. Somente através do pensamento não advém nenhuma compreensão. A compreensão se origina da percepção e, então, segue o pensamento. Por isso, a compreensão começa com a percepção e continua com o pensamento.

O caminho fenomenológico do conhecimento

O que mostro aqui é psicoterapia fenomenológica. A fenomenologia é um método filosófico, um velho método filosófico. Exige uma grande autodisciplina. Para esclarecer, vou contar algo sobre mim.

Eu queria compreender o que é a consciência e como a consciência atua. Nisso, a primeira coisa que precisamos fazer no método fenomenológico é esquecer tudo o que escutamos antes sobre a consciência. Não levamos em consideração o que sabemos até então. Isso causa um esvaziamento interior. A segunda coisa é não ter intenções, por exemplo, não ter intenções de fazer uma grande descoberta. Abstraímo-nos de tudo isso e nos expomos à consciência, assim como quando nos expomos à escuridão. Então esperamos. Com relação à consciência esperei muitos anos. Simplesmente me expus a ela repetidas vezes. Como a consciência atua na verdade? O que acontece comigo quando sinto a consciência? O que acontece com os outros quando sentem a consciência? E o que acontece quando não sentem nada e assim mesmo agem sem controle, seguindo seus impulsos? Então, depois de anos, emergiu da escuridão a primeira compreensão sobre a consciência. De repente, compreendi o que é a consciência. Percebi também que existem muitas consciências, em vários níveis, e que essas consciências seguem ordens. São, basicamente, as ordens do amor.

Mas o que emerge não se deixa apanhar. Apenas compreendi certos elementos das consciências e percebo que, por trás, existe algo que não consigo compreender. E nem quero compreender. Deixo imergir de novo o que compreendi. Expondo-me simplesmente a ela, à medida que emerge e novamente imerge, encontro-me num movimento e nele tenho sempre uma outra perspectiva luminosa. Por isso, na prática, posso lidar com a consciência onde ela se mostra. Isso ficou claro para mim através desse método fenomenológico.

Na base da fenomenologia existe um outro conceito de verdade ou uma outra experiência da verdade, diferente da usual. Frequentemente, queremos compreender a verdade e a tratamos como algo incontestável e eterno. Pensamos talvez: “Eu próprio a descobri, tenho-a nas mãos e com essa verdade domino um problema ou até o mundo”. É um estranho processo que transcorre internamente com esse

tipo de verdade.

Mas essa verdade é muitas vezes apenas pensada. Então existe uma discussão entre os que pensam que essa seria a verdade e os outros, que pensam que a outra seria a verdade. E cada um pensa ter se apropriado da verdade. Assim, ela se torna um joguete nas lutas pelo poder. Todos nós conhecemos esse tipo de controvérsia.

Na verdade fenomenológica é totalmente diferente. Essa verdade emerge, brevemente como já vimos aqui muitas vezes. Então algo vem à luz e vemos um brilho. Mas, ai de você se quiser alcançá-lo, pois então desaparece imediatamente. Querer alcançar é, por exemplo, o querer estudar profundamente. Ou o medo daquilo que possa acontecer quando é mostrado, é também um querer alcançar, mas de outro tipo. Então, já não se quer ter o brilho. Mas, se estou na postura fenomenológica, a verdade pode vir como quiser. Eu a olho, curvo-me perante ela e a deixo partir. Ela atua mais pelo fato de ter emergido do que quando se fala dela. Simplesmente está lá e desaparece.

Por isso, emerge sempre de formas diferentes. Nunca é a mesma. O terapeuta se alegra quando ela chega e, quando desaparece, deixa-a partir. É como com a felicidade. A gente se alegra quando chega e, quando parte, deixamos que parta.

Por isso aqui também não existem controvérsias. Também, o que pode ser controverso? Uma verdade emerge, todos podem vê-la e, então, ela imerge novamente. Aquilo que emerge atua na alma, mas não sei como. Se eu fosse atrás de um cliente e dissesse: “Agora precisamos ver o que ainda devemos colocar em ordem”, então o que emergiu se afastaria. Ficaria banalizado e do fogo ficaria a cinza.

Portanto, nessa espécie de terapia, trata-se antes de tudo de uma postura básica, da postura fenomenológica básica, de devoção - devoção perante a realidade. Então, não caímos na tentação de manipular a realidade que vem à luz ou amenizá-la ou também intensificá-la, nem uma coisa, nem outra. Eu permaneço devotamente perante isso e volto ao meu trabalho usual. Bem, isso seria a psicoterapia fenomenológica. Espero ter esclarecido um pouco.

A compreensão através da renúncia

O método fenomenológico é originalmente um método filosófico. Acontece quando alguém se expõe a alguma coisa, sem intenção, sem medo, esquecendo tudo aquilo que sabia, até então, sobre ela. A pessoa se expõe a um contexto obscuro e, de repente, apreende a essência de uma coisa.

Quando trabalho com uma família, exponho-me a ela como ela é, sem intenção, também sem a intenção de ajudar. E sem temer as consequências daquilo que digo ou faço. Frequentemente, porque me recolho, vejo, de repente, para onde vai. Mas, naturalmente, nem sempre. Também aqui permaneço limitado. Este é o modo fenomenológico de trabalho. Não se apoia em nenhuma teoria e tampouco em experiências anteriores, mas se trabalha apenas com o momento. Isso é muito difícil, porque a terapia é sempre um novo risco.

O procedimento fenomenológico não tem querer, nem saber, nem temor. Olha para aquilo que une, atrás de tudo o que aparece e é apoiado e conduzido por aquilo que é base e limite de todo o querer. Na verdade, traz à luz, o último. Por isso, uma terapia só está completa quando traz este último à luz e quando une na profundeza alguém com este último. Aqui a verdade se torna um acontecimento e se completa na ação.

Psicoterapia científica e fenomenológica

A psicoterapia fenomenológica se encontra em certa contradição com relação à psicoterapia científica. A ciência experimental quer descobrir, através da experiência, modelos reproduzíveis para que o mesmo resultado possa ser alcançado através do mesmo procedimento. Isso pode ser feito de modo relativamente fácil nas ciências naturais, alcançando, através da mesma experiência, os mesmos resultados. Na alma, isso não é possível.

Quando queremos nos dedicar cientificamente à psicoterapia e pesquisar cientificamente aquilo que ajuda, então as experiências devem ser colocadas de tal forma que o elemento pessoal fique excluído e o importante fique sendo somente o externo. Contudo, como podem observar aqui, o pessoal é o mais importante. Não podemos obter nenhum resultado válido se não levarmos o pessoal em consideração. Esta é uma

parte.

A psicoterapia científica é linear, isto é, aqui atua uma determinada causa e ali resulta um determinado efeito.

A psicoterapia fenomenológica, ao contrário, significa que eu, como terapeuta, me exponho a um contexto sem intenção e sem temor. Portanto, também sem a intenção de curar. Por isso, o terapeuta que quer perceber fenomenologicamente precisa estar de acordo com o mundo tal qual ele é. Não tem nenhuma necessidade de transformar o mundo. Isso exige que se recolha totalmente. Também está de acordo com a doença de um cliente, tal como ela é. Não tem a necessidade de interferir.

É diferente para o médico, porque esse pode e deve também trabalhar, em grande parte, cientificamente. Quero diferenciar isso bem claramente.

Mas aqui não dá. O terapeuta se recolhe totalmente e se abre a um contexto maior. Por isso, quando trabalho com um cliente, incluo também o seu sistema. Não olho somente para o cliente, sempre olho também para o seu sistema. Olho principalmente para as pessoas que estão excluídas, que nem aparecem lá, mas que eu, porque me recolho, percebo com a visão e o sentimento. Imediatamente, elas têm em mim o lugar que lhes é negado. Tão logo tenham esse lugar em mim, estou mais em profunda harmonia com o sistema do que o próprio cliente, porque tenho maior compaixão por seu sistema.

Então, quando me recolho e me exponho ao todo, sem intenção e sem medo do que poderia vir à luz, percebo repentinamente o essencial, aquilo que ultrapassa os fenômenos visíveis. Percebo, então, que este é o ponto.

Isso é importante, sobretudo para a solução. A colocação da constelação é relativamente fácil. Mas só posso encontrar a solução quando estou em harmonia com isso. Então ela reluz repentinamente. Esta é a percepção fenomenológica. É como um relâmpago e está sempre em harmonia com algo maior. E é sempre uma percepção com amor, e isso é o decisivo. Então, podemos nos deixar levar.

Por isso, este tipo de trabalho não pode ser aprendido, como quando se aprendem regras, mas o essencial é que nós nos deixemos levar

por este tipo de percepção e que adquiramos isso através de exercício e acompanhamento. Então, pode-se proceder assim.

Quando, no trabalho com um cliente, vejo que não existe solução, então levo isso bem a sério e me recolho, mesmo que me cause dor. Mas quando me recolho, isso não me causa dor. Quando me sinto em harmonia, isso não pode me causar dor. Preciso estar totalmente nessa harmonia. Então, fico na minha percepção e não me deixo desviar por nada, por nenhuma objeção.

É claro que também cometo erros. Isso está bem claro para mim. Assim, é necessária uma ressonância de participantes atentos. Eles veem de repente algo que eu não tinha visto. Então, confio na percepção deles.

Contudo, quando num trabalho com um cliente, ao qual confronto até às últimas consequências de seu comportamento e, por exemplo, se alguém se alia a esse cliente - porque isso causa medo a si próprio - se intromete e diz que não posso fazer isso, então não devo me deixar levar pelo seu medo, porque isso me enfraqueceria imediatamente.

O terapeuta que trabalha assim é no fundo um guerreiro. Em seus livros sobre o indígena Don Juan, Carlos Castañeda descreve, de uma maneira excelente, o que é ser um guerreiro. O guerreiro, nesse sentido, não tem qualquer medo do limite extremo. No limite extremo, tudo pode falhar ou tudo pode dar certo, tanto um quanto o outro. Contudo, na prática experimentei que quando o terapeuta vai realmente até esse limite extremo, geralmente dá certo. Mas o risco continua. Quem se atemoriza perante o risco não pode trabalhar dessa forma. Porque nas coisas essenciais, onde se trata de vida e morte, a decisão é sempre tomada no limite extremo, não antes.

Nesse tipo de psicoterapia o que vem à luz é, ao mesmo tempo, uma instrução para a ação à qual, talvez, precisemos nos entregar, mesmo que não a entendamos. Porque o que realmente é, e para onde conduz, torna-se visível somente no final, não no início.

A amplidão

Gostaria de dizer algo sobre a amplidão. Muitos problemas surgem porque nós nos agarramos, por assim dizer, ao próximo e ao estreito. Quando olhamos para os nossos problemas, ou para os problemas num

relacionamento, ou outro qualquer, então olhamos muitas vezes apenas para o estreito, o próximo, o nítido, e todo o contexto a que isso pertence, nos escapa. Entretanto, o estreito e o próximo só têm o seu significado e sua força na ligação com aquilo que os ultrapassa. Por isso, via-de-regra, a solução consiste em ir para além do estreito e do próximo para o distante, para o amplo. Então, em vez de olharmos para nós mesmos, por exemplo, para os nossos desejos e para aquilo que vemos como nossos problemas ou como nossas feridas ou nossos traumas, olhamos para os nossos pais, para a família. De repente, estamos ligados a algo mais, estamos ligados a muitos. Então, aquilo que experimentamos como algo nefasto ou que causa sofrimento tem seu lugar em um contexto maior.

Mas quando olhamos somente para a família, depois de algum tempo, a visão fica novamente estreita. Precisamos então ultrapassar com o olhar para além dela, incluir de novo o todo em nossa atenção, percepção e também em nosso amor e abrir-nos. Então existe um caminho para fora daquilo que talvez pareça ser insolúvel na família.

Existe, também na psicoterapia, um desenvolvimento em direção à amplidão. Existe a psicoterapia que se dedica preponderantemente ao indivíduo, por exemplo, aos seus sentimentos. Aí, talvez tudo seja desmembrado, entretanto o indivíduo não ultrapassa a si próprio.

Existe também a terapia familiar que inclui o contexto maior. Ela pode trazer soluções que não são possíveis na terapia individual. Contudo, a terapia familiar permanece ainda limitada.

Então se pode ir além da terapia familiar, para algo maior. Isso se toma possível se nos deixarmos conduzir pelos movimentos da alma, pois esses movimentos caminham em direção a algo maior.

O todo

Quando olhamos para o mundo, podemos olhá-lo em sua multiplicidade, como tudo se desmembra. Cada um está aí isoladamente e, muitas vezes, também se opõe a si mesmo e aos outros, contrapõe - até mesmo combate. Contudo, todas essas várias unidades se baseiam, na profundidade, num único, que os carrega. O muito e a multiplicidade tiram, na profundidade desse único, seu desígnio, a sua especial singularidade. Aquilo que pode contribuir para o todo é alimentado, em sua profundidade, por esta fonte.

Ora, em nossa percepção podemos nos orientar para o individual, e se nós fizermos isso, o outro nos escapa. Quando nos orientamos para um, frequentemente excluímos o outro ou negamos ou até mesmo o renegamos. Então, ficamos alheios àquilo que tudo carrega.

Podemos também nos orientar para o muito, mas de tal forma que não nos concentremos no muito, mas, por assim dizer, o percebamos ao mesmo tempo apenas como um todo, e nessa percepção, nos recolhamos ao nosso centro, e através desse centro, ao centro do ser. Quando temos essa ligação, temos com a multiplicidade o mesmo relacionamento - um relacionamento de respeito, de veneração e de coragem, de tal forma que podemos levá-la para dentro de nós, também em sua multiplicidade e em sua diversidade, até que conflua em nosso centro.

Quando olhamos para as coisas dessa forma pode nos parecer fácil. Mas quando olhamos para os relacionamentos humanos e as diferentes necessidades, as diferentes direções e observamos os antagonismos e nos expomos a eles, então nos sentimos muitas vezes ameaçados, inseguros e sentimos uma profunda dor quando algo não se encaixa.

Nesses relacionamentos, muitas vezes somos conduzidos aparentemente pela diferenciação entre o bom e o mau. Essa diferenciação se encontra bem na superfície e não pode se apoiar, de forma alguma, naquilo que emerge da profundeza. A diferenciação entre o bom e o mau é algo que atua somente em relacionamentos humanos e, na verdade, porque a diferenciação entre o bom e o mau tem apenas uma única função. Esta função é que nos liga à nossa família, nos delimita de outras famílias e outros grupos. A diferenciação entre o bom e o mau mostra-se na boa ou má consciência. Temos uma boa consciência quando sentimos que pertencemos à nossa família, e temos uma má consciência quando precisamos temer ter colocado em jogo a pertinência à nossa família. Colocamos em jogo a pertinência à nossa família - assim pensamos - quando reconhecemos também que outras famílias, outros grupos, outros valores, outras religiões, outras culturas são boas e equivalentes. Quando fazemos isso, estamos ligados com a profundidade do ser, mas não com a nossa família, nesse sentido.

Portanto, para estarmos ligados na profundidade com o essencial, é necessário nos despedirmos das influências dessa consciência com

relação à diferenciação entre o bom e o mau. Se conseguirmos fazer essa despedida, quando pudermos nos soltar, ao menos por um certo tempo, quando nós nos recolhermos ao centro interior, então virá, a partir desse centro, da profundeza, uma outra coisa que atua, um movimento da alma que anula as diferenciações e reconcilia os antagonismos e os opostos.

Nos últimos tempos, tenho me dedicado muito a esses movimentos da alma, deixei que atuassem em mim e experimentei, em cursos como este, como os movimentos da alma atuam. Eles ultrapassam em muito o que até agora tinha vindo à luz nas constelações familiares. Portanto, é mais um passo adiante.

A fonte

Aqui, deixo-me conduzir por algo, não sei absolutamente o que surgirá, me encontro totalmente no escuro, e me sinto como alguém através do qual flui uma água que vem de longe e que flui por muito tempo. Permaneço apenas permeável. Por isso, eu próprio não estou envolvido. A fonte não está envolvida na água. Ela somente flui através dela.

Como é que se consegue esta postura? Permanecemos sem intenção. A água que flui através da fonte não tem intenções. Não tem nenhuma meta. Contudo, alcança os campos, traz frutos e, no fim, deságua no mar. Portanto, a ausência de intenções é o pressuposto para este trabalho.

Somente aquele que renunciou ao seu conceito do bom e do mau pode estar sem intenção. Não luta nem pelo bom, nem pelo mau. Está de acordo com tudo como é. Está de acordo com a vida. Está de acordo com a morte. Está de acordo com a felicidade. Também está de acordo com o sofrimento. Está de acordo com a paz e a guerra, porque é permeável, algo de bom acontece sem sua intervenção.

Esta postura já nos foi descrita há muito tempo. Lao Tsé, por exemplo, mostra isso. Confúcio também, e muitos grandes filósofos mostram isso. Curiosamente, os grandes fundadores das religiões não mostraram isso. Religiões conduzem à guerra.

A ausência de intenção que procura a harmonia com a lei universal, com as ordens profundas, que confia nos movimentos da alma profunda, da “grande alma” como vocês veem - serve à paz e ao amor.

Ouvir e ver

Gostaria de dizer algo sobre a diferença entre o ouvir e o ver. O que atua na consciência baseia-se, de maneira considerável, no ouvir dizer. Por exemplo, muitos conceitos sobre valores ou regras ou afirmações sobre o religioso provêm do ouvir dizer. Através do que foi ouvido, origina-se uma imagem interna e isso atua, então, como consciência.

Vou lhes dar um exemplo. Um psicanalista chegou até seu amigo e perguntou: “Você entende algo sobre obsessão?” “Sim, talvez”, disse o amigo.

Mas do que se trata? O outro respondeu: “Estive com a minha mulher numa quiromante, há uns tempos atrás, e esta disse que minha mulher estava possuída pelo demônio. O que devo fazer agora?” O amigo disse: “Quem vai a tal tipo de gente recebe o que merece, porque agora você está realmente possuído, mas por uma imagem interna, e ela não vai abandonar você tão depressa assim”.

Assim é que se origina, através do ouvir e do ouvir dizer, uma ideia desconectada da percepção da realidade que pode ser percebida. Curiosamente, essa ideia atua como uma coisa obrigatória e se, renuncio a ela, vivendo isso como traição e renegação.

Estranho! Entretanto, precisaríamos somente olhar e nos limitar ao que percebemos. Mais nada. Mas isso exige modéstia.

Alguns psicoterapeutas se comportam de forma semelhante. Eles ouvem e se deixam levar pelo que lhes é dito, sem olhar para aquilo que se desenrola perante seus olhos na família do cliente. Então, talvez seja tratado algo que não exista, porque se refere a uma imagem que se origina apenas através de ideias e interpretações.

Limitar-se à percepção é uma grande renúncia. Renuncio com isso à liberdade de formar o mundo arbitrariamente. Contudo, curiosamente, tenho nesse limitar-me a liberdade de agir e, de fato, de agir certo.

Não é válido deixar-se levar pelo ouvir e pelo ouvir dizer. Aqui tenho somente a liberdade de fazer imagens. A liberdade para a ação é limitada.

Compreensão e ação

Quem tem uma compreensão da solução possível ou necessária não deve agir imediatamente. Isto é perigoso. Quando, por exemplo, numa constelação fica evidente que os filhos devem ir para o pai ou devem ir para a mãe, seja lá o que for, então não se deve agir imediatamente, porque pode ser que se fique alienado de si mesmo. O que acontece aqui, numa constelação, não é algo estranho ao cliente, pois é algo do qual também participa. Forma-se uma imagem, e agora esta imagem deve mergulhar na alma. Deixa-se primeiro atuar na alma, e isso pode atuar por um longo tempo. Depois de um certo tempo, de repente, fica claro qual é a ação certa. A imagem é tomada pela alma e pode, aí, atuar e se desenvolver até que a solução certa, a definitiva, seja encontrada. De repente, sentimos claramente: "Agora chegou a hora de agir". Então agimos agora, não antes, porque caso contrário poderíamos agir fora de nosso centro, não em contato com a imagem, porque esta ainda não pôde atuar na alma. Embora saibamos o que é o certo, pode demorar meses até que a força para a atuação se concentre.

Percepção e dúvidas

PARTICIPANTE Em que medida o senhor como terapeuta tem também um efeito sugestivo sobre as pessoas que foram consteladas? Tenho a impressão de que o senhor tem uma influência sobre as pessoas e também sobre os seus sentimentos, como elas sentem a situação, e que talvez o senhor transfira a sua ideia às pessoas de tal forma que elas queiram corresponder a ela, mesmo que talvez seja apenas inconscientemente. Qual a sua posição quanto a isso? É uma enorme responsabilidade que o senhor tem como terapeuta.

HELLINGER Gostaria de lhe dar um exemplo que demonstra o oposto. Quando hesito e duvido, isso também é transmitido. A questão é: o que é melhor? Por isso, quando trabalho, preciso contar com os outros. Por outro lado, o terapeuta não deve negar a sua percepção. Existe na percepção direta uma experiência importante. Quando alguém percebe algo e, então, expressa uma dúvida ou uma objeção, mesmo que seja só interior, a percepção desaparece. A percepção não tolera a objeção e o protesto.

Algo mais deve ser levado em consideração aqui. Quando

trabalho terapeuticamente num grupo, trabalho junto com os outros participantes. Quando trabalho num grupo com respeito e amor pelo cliente e com amor pela solução, então confio que da cooperação de todos surja uma boa solução. Precisaria poder influenciar sugestivamente todos os participantes do grupo para poder chegar a uma tal falsificação. Mas a sua pergunta prova que aqui muitos participantes são independentes e autônomos. Se eu me enganei e cometi erros, será notado por algum outro e compensado. Portanto, não me deixo conduzir somente pela minha própria percepção, mas também pela percepção dos outros que veem e têm, à sua frente, o mesmo acontecimento.

Padrões de pensamento e de destino

Rupert Sheldrake descreveu em seus livros as propriedades e o efeito dos campos morfogenéticos, isto é, de campos de força que determinam certas estruturas. Ele me disse que se pode ver, diretamente nas constelações familiares, como os campos morfogenéticos atuam.

Agora, algumas vezes, reflito se as observações que ele faz valem também em outras áreas. Se determinados padrões de pensamento não determinam um grupo e, por isso, dificultam novas compreensões, e se evoluções de comportamento na família também não são padrões que resultam do campo morfogenético dessa família. Se, por exemplo, alguém se suicidou então, algumas vezes, alguém se suicida também na próxima geração. Entretanto, não somente porque ele quer seguir alguém de uma geração anterior, mas porque existe um padrão.

Sheldrake viu que, quando se forma um novo cristal, esse ainda não está pré-estruturado e, quando se forma um cristal do mesmo composto, ele já se estrutura segundo o modelo do anterior. Então, já existe uma memória do cristal anterior. O campo morfogenético tem, portanto, uma memória. Por isso, o próximo cristal se desenvolve, com grande probabilidade, de forma semelhante ao primeiro. Quando isso se repete muitas vezes, então existe um padrão fixo. Assim, talvez também os destinos possam se reproduzir de forma semelhante.

A interrupção do padrão

Esse movimento deve ser interrompido. O reconhecimento desse movimento e a interrupção exigem muita coragem para o totalmente

novo. Quando a interrupção dá certo, isto é uma conquista especial. A interrupção não dá certo simplesmente deixando-se levar pela corrente. Devemos retroceder. Em vez de nadar na corrente, vai-se até a margem, olha-se a corrente até compreender o velho e reconhecer o novo e, então, decide-se o que fazer.

Luz e trevas

A família tem uma memória. O que dela vem à luz nos é presenteado. Mas ainda estão presos a ela o escuro e o oculto do qual vêm. Isto é, o seu essencial nos permanece oculto, por exemplo, o seu "de onde" e o "para onde". Não só nos permanece somente oculto, mas também em segurança, isto é, subtraído ao nosso acesso. Por isso, podemos e nos é permitido dispor dele somente quando se mostra, e nós paramos aí, onde nos é ocultado.

Por isso, o que veio à luz não trai o oculto nem aquilo que está em segurança somente nos é mostrado por ele de maneira limitada. Nossas opiniões se colocam na frente do que vem à luz, encobrindo-o. A opinião, tão logo a tenhamos formado, nos permite permanecer no subjetivo e por isso bloqueia o conhecimento. Ao contrário, o que veio à luz nos força ao desconhecido, insólito e novo.

Quando nos concentramos neste trabalho, então nos concentramos naquilo que permanece oculto, atrás do que quer vir à luz. Nós nos submetemos não somente ao que vem à luz, mas também àquilo que permanece oculto e a tudo aquilo que se manifestou e que volta a imergir. Por isso, estamos em harmonia com os dois movimentos e nos submetemos a ambos. Este trabalho deixa aparecer o essencial e, por isso, não se limita ao que está em primeiro plano, por exemplo, à cura de uma doença. Por isso, ele é em sua essência mais do que simples psicoterapia.

Discípulos e mestres

HELLINGER Um mestre nunca foi um discípulo, e um discípulo nunca será um mestre. Você sabe por quê? O mestre olha, por isso não precisa aprender. O discípulo aprende, por isso não olha.

PARTICIPANTE Isso é uma piada.

HELLINGER É o que diz o tolo.

PARTICIPANTE O que você diz contradiz muitas escolas espirituais.

HELLINGER Não me importo muito com isso.

PARTICIPANTE Não disse para você se importar com isso, mas que isso contradiz muitas escolas.

HELLINGER Estou ciente disso. Mas quando você vê os discípulos, então muitos são a vergonha do mestre.

Compreensão e purificação

Não se pode encurtar o caminho para a compreensão nem tampouco atenuá-lo. A purificação que prepara para a compreensão não pode ser nem encurtada nem atenuada.

A noite do espírito

Gostaria de dizer algo sobre a noite do espírito. Hoje em dia é moderno peregrinar em direção ao oriente para lá encontrar a sabedoria e a iluminação. Certamente que no oriente existe grandeza também. Entretanto, o que temos de grande tradição espiritual no ocidente é ainda pouco conhecido. Nos afastamos disso.

A grande mística ocidental conhece três caminhos. O primeiro é o caminho da purificação, o segundo, o caminho da iluminação e o terceiro, o caminho da união. Entretanto, no fundo trata-se de seguir o caminho da purificação.

O caminho da purificação culmina na noite do espírito. Isto é um conceito ou uma imagem de São João da Cruz. Noite do espírito significa que renuncio a qualquer tipo de conhecimento. Que eu, por exemplo, renuncio a saber as razões ou os mistérios do mundo ou saber algo sobre Deus. Ela exige a renúncia total, a extrema purificação. Assim, ficamos vazios.

No taoísmo existe a imagem do centro vazio. Lá é totalmente calmo. Entretanto, o estranho é que, quando nos dirigimos a esse centro vazio e nos expomos à noite do espírito, querendo saber cada vez menos, por exemplo, lendo cada vez menos, pensando cada vez menos e, assim, estando totalmente centrados, então, repentinamente, acontece algo ao nosso redor, sem que nós próprios precisemos agir. Ficamos quietos e,

estando quietos, estamos em harmonia com algo maior.

Com isso, chegam as compreensões mais profundas que podemos imaginar. Elas vêm da noite do espírito. A noite do espírito exige de nós também o esquecimento. Ela exige, por exemplo, que se esteja disposto a esquecer a sua origem, a sua própria história.

Mostrei um pouco dessa simplicidade, não querer saber nada ou apenas bem pouco. Quando se está assim, centrado, percebe-se imediatamente o que é essencial. Então, preciso de bem poucas informações e sei imediatamente o que é essencial. Isso vem deste simples centramento.

Com relação a isso vou ler um pequeno texto do livro *Verdichtetes*[5]:

Sabedoria

O sábio concorda com o mundo tal como é, sem temor e sem intenção.

Está reconciliado com a efemeridade e não almeja além daquilo que se dissipa com a morte.

Conserva a orientação, porque está em harmonia, e somente interfere tanto quanto a corrente da vida o exige.

Pode diferenciar entre
é possível ou não, porque não tem intenções.

A sabedoria é o fruto de uma longa disciplina e exercício, mas aquele que a possui, a possui sem esforço.

Ela está sempre no caminho e chega à meta, não porque procura.
Mas porque cresce.

---

s [5] Condensado (NT)

Sentimentos

Introdução

Existem sentimentos através dos quais podemos reconhecer algo e existem aqueles que impedem a compreensão. Existem sentimentos que possibilitam soluções, por exemplo, o amor, e aqueles que impedem as soluções, por exemplo, o ódio. Por isso, é muito importante para a compreensão e para a solução diferenciar os sentimentos.

Escrevi sobre a diferenciação dos sentimentos em muitos de meus livros, em alguns também particularmente sobre sentimentos especiais, por exemplo: em Ordens do amor - *sobre diferentes tipos de raiva, ciúme, indignação, sentimento básico, o que leva à alegria e sobre a compaixão; em* Constelações familiares - *sobre a inveja, a raiva, o triunfo, o ódio, o medo e a depressão e no livro* No centro sentimos leveza[6] - *sobre a felicidade.*

A diferenciação dos sentimentos

Eu diferencio quatro tipos de sentimentos:

O primeiro é o sentimento primário, isto é, um sentimento que resulta da situação imediata e é condizente a ela. Quando a mãe morre e a criança é dominada pela dor, chora e soluça, isto é, então, um sentimento primário. É condizente com essa situação. Os sentimentos primários são frequentemente intensos, mas de curta duração. Assim que nos entregamos totalmente a eles, logo desaparecem. Eles são atentos e direcionados para fora. Por exemplo, a criança chora de olhos abertos nesse tipo de tristeza. Olha para a mãe morta e soluça de olhos abertos.

Se alguém fecha os olhos então se encontra, via-de-regra, num outro sentimento. Isto é então, um sentimento secundário. O sentimento secundário é um substituto para a intensidade do sentimento primário. Os sentimentos secundários também são desfrutados. Nós os seguramos firmemente, porque servem para impedir a ação. Por isso, um terapeuta nunca deve se ocupar de um sentimento secundário. Tão logo se ocupe disso, o cliente prova que o terapeuta não pode ajudá-lo. O sentimento secundário quer impedir a ação. Trabalharia com o cliente somente depois que ele saísse do sentimento secundário e voltasse ao sentimento

---

[6] Livro publicado no Brasil, pela editora Cultrix. (NT)

primário.

Os sentimentos primários estão sujeitos a um comando interno. Por isso, quem se encontra num sentimento primário nunca precisa se envergonhar. No sentimento primário os outros sentem com ele. Essa compaixão também nos torna fortes. Embora estejamos nessa compaixão com os outros, isso não nos rouba nada.

Pelo contrário, em face de sentimentos secundários nos sentimos impotentes e também zangados. Sentimo-nos usados. Através de sentimentos secundários uma pessoa atrai a atenção para si. Através de um sentimento primário ninguém atrai a atenção para si. Entramos com ele numa situação na qual sentimos compaixão, mas mesmo assim permanecemos centrados em nós mesmos. Nos sentimentos secundários é o contrário. Por isso, nos sentimentos secundários vale o seguinte: jamais interferir. O critério principal para reconhecer se é um sentimento secundário são os olhos fechados.

O sentimento secundário segue uma imagem interna, não a realidade. Precisa-se fechar os olhos, porque ele retira a sua força de uma imagem interna.

Quando se quer ajudar alguém a sair de um sentimento secundário, devemos fazê-lo abrir os olhos. Dizemos, por exemplo: olhe para mim. De repente, vê-se que sua fisionomia se clareia e está, então, num sentimento primário. Isto é, muitas vezes, totalmente diferente quando comparado com o sentimento secundário. Muitas vezes ele então ri, em vez de chorar, ou fica triste, onde antes estava furioso.

O terceiro tipo são os sentimentos adotados, os sentimentos alheios, por exemplo, como efeito de uma identificação. Podemos ver isso frequentemente nas constelações familiares. Uma pessoa se liberta deles quando se torna claro de quem ou para quem ela assumiu esse sentimento. Por trás do sentimento adotado atua geralmente o amor primário. Mas, nós o alcançamos somente quando a identificação foi anulada. A identificação impede que eu veja a pessoa com a qual estou identificado. Ela não pode aparecer como outra à minha frente, porque através da identificação sou como ela. Se eu estivesse identificado com o irmão de meu pai, então sentiria como ele e não poderia vê-lo, porque na identificação sou como ele. Mas, tão logo ele se coloque à minha frente

posso olhar para ele, respeitá-lo e amá-lo. Através disso a identificação fica anulada.

O quarto tipo de sentimento, denomino de metassentimentos ou sentimentos intrínsecos. São sentimentos superiores. Na verdade, são sentimentos sem emoções. São forças puras para a ação. Quando alguém é confrontado com situações comoventes, vai a esse metanível. Por um lado, parece algumas vezes insensível, mas está totalmente centrado. Vivenciamos aqui tais destinos que nos tocam profundamente, que nos levam consigo em todos os sentidos, como compaixão e também como recordação. Na verdade, isso é natural. Isso é humano, humilde e bom. Entretanto, o terapeuta precisa se retrair. Por isso, vai a um nível superior. Ele se expõe, por assim dizer, ao todo e fica atento para que siga bem. Por isso, também precisa manter-se centrado. Não pode sucumbir ao sentimento. O terapeuta fica acima do sentimento, isso é importante. Entretanto, não precisa envergonhar-se quando as lágrimas lhe rolam nessas situações.

A palavra "meta" significa superior. É evidente que se vá para "cima", para o nível superior. A imagem que combina com isso é: a gente sobe a montanha, em vez de ficar "embaixo" no trânsito tumultuado. Em cima da montanha a gente tem uma visão maior - e está, ao mesmo tempo, solitário. Não se está intimamente ligado. Esta é uma imagem com a qual se pode trabalhar.

O famoso Milton Erickson imaginava muitas vezes, durante o seu trabalho, que flutuava no teto e olhava para baixo para o cliente. Assim, ganhava e conservava a visão. Esta também é uma maneira de ir ao metanível.

Entretanto, existe uma outra maneira totalmente diferente. Nós nos recolhemos ao centro vazio. Lá se está totalmente centrado. No ponto do centro vazio estamos o mais profundamente ligados a um campo de força e atuamos sem agir. Esta é uma outra imagem. Mas não devemos nos fixar às imagens. Sentimos no efeito o que mais ajuda e faz bem.

PARTICIPANTE Nas constelações sempre vi a diferença entre os sentimentos primários e os secundários. Gostaria de entender melhor o que você disse sobre os metassentimentos. Sinto que disso depende a

maneira como você pode trabalhar.

HELLINGER Aqui muitas vezes ficou claro que, quando alguém falava em voz normal, o sentimento era o mais forte, portanto, falar estando simplesmente em contato consigo mesmo, mostra o sentimento mais forte. O terapeuta ciente disso resiste às explosões dos sentimentos e os leva, no final, para esse simples falar com voz bem normal. Quando os sentimentos são fortes, digo frequentemente para o cliente senti-los sem emitir sons, sem palavras e sem som, apenas respirar profundamente. Então, o sentimento se aprofunda muito mais do que quando alguém grita. Entretanto, existem situações em que o sentimento se expressa bem fortemente, como grito primai. Isso aqui é uma outra coisa. Tal grito atravessa a medula.

Os metassentimentos

Existem sentimentos nos quais podemos confiar. Esses têm características determinadas: são sem emoção, totalmente claros. Denomino esses sentimentos de metassentimentos. Coragem pertence aos metassentimentos, humildade é um metassentimento, sabedoria também. Sabedoria significa que posso diferenciar se algo é possível ou não. Pode-se fazer essa diferenciação, porque se está em harmonia com algo maior. Vivenciamos essa harmonia assim como quando se nada num rio calmo. Percebemos imediatamente a mais leve correnteza ou, quando alguém está velejando e abriu as velas, percebe imediatamente o menor sopro de vento. Os metassentimentos são sentimentos em harmonia. O terapeuta trabalha com esses sentimentos.

Muito se opõe à percepção do que é possível ou não, por exemplo, que alguém queira algo que não está em harmonia. A outra coisa é que alguém não esteja absolutamente capacitado a ter essa percepção, porque está inundado de sentimentos alheios, de sentimentos que não lhe pertencem. Eles vêm, por exemplo, de sua família de origem.

Os metassentimentos têm uma qualidade de leveza. Não há nada de pesado ou dramático nisso. São completamente simples. Chega-se a isso, libertando-se de seus próprios emaranhamentos. Nas constelações familiares pode-se vivenciar como libertar-se disso.

Muitos sentimentos são causados pela consciência. Consciência

significa que me oriento pelo que me assegura a pertinência à minha família. Portanto, consciência tranquila significa que estou em consonância com aquilo que é válido na minha família, de modo que possa pertencer a ela. Má consciência significa que reajo com medo ante a perda de minha pertinência. Quem está preso a esse medo não pode perceber os leves movimentos dos metassentimentos. Uma criança, por exemplo, não consegue isso, porque ainda é totalmente dependente de outros sentimentos.

Raiva, desespero, amor

Sentimentos intensos como raiva originam-se frequentemente num ponto em que um movimento foi interrompido precocemente, no qual a criança não pôde prosseguir. Essa raiva protege a criança da dor do amor. A raiva aqui é somente o outro lado do amor.

Se eu, na terapia, deixo que se expresse a raiva, repito aquilo que aconteceu outrora, porque o movimento em direção ao pai ou à mãe permanece interrompido. A experiência é repetida, mas não fica resolvida com isso.

Através dessa raiva nós nos colocamos ilusoriamente acima de nossos pais. Alguns dizem em tal exteriorização de sentimento ao pai ou à mãe: “eu mato você”. Acreditam, então, em primeiro lugar, que o fizeram e, em segundo lugar, que com isso teriam alcançado algo. Não alcançaram nada com isso. Frequentemente se castigam por isso.

Quando na terapia alguém quer ficar com raiva dessa forma eu o paro, porque a raiva é nesse momento um sentimento de defesa. Quando ele, então, não pode mais expressar a sua raiva, chega a uma ligação com o sentimento que está por trás disso, isto é, com o amor e a dor. Esses dois sentimentos estão ligados. Esse amor é muito mais doloroso que a raiva. É o sentimento mais doloroso que existe, porque é vivenciado junto com a sensação de total impotência. Quando expresso a raiva, nego a minha impotência. Não a sinto de forma nenhuma.

A palavra decisiva nesse ponto é que a pessoa atingida diga: “Por favor”. Vocês sentem a força aí em contraposição ao acesso de raiva? “Papai, por favor”. “Mamãe, por favor”. Que força está contida aí, e que dor.

Existem situações nas quais uma criança se sentiu abandonada, talvez porque por engano tenha sido deixada em algum lugar. Então a criança vivência um desespero. Quando deixo expressar, na terapia, esses sentimentos de desespero, tem um bom efeito. Não são defesas do sentimento vivenciado por ter sido abandonado, mas correspondem exatamente a ele. Isso ajuda, então.

O ódio

O ódio nos prende ao agressor. A vítima está livre do agressor quando se retira. Através dessa retirada deixa o agressor com a sua própria alma e seu próprio destino. Isso é uma forma de respeito. Dessa forma, a vítima fica livre. Esse afastamento do agressor e daquilo que fez para o centro vazio - assim denomino isso - dá força e, de vítima, nos transformamos em protagonistas. Mas, aqueles que perseguem e ficam indignados, os moralistas e os inocentes são, na alma, criminosos. As suas fantasias violentas são frequentemente piores do que os atos dos agressores.

A alma

Introdução

Neste capítulo, a alma e a sua atuação serão tratadas sob vários pontos-de-vista. Ele penetra nas dimensões da alma: na alma do corpo, na alma da família e na "grande alma". Trata das ordens dentro dessas dimensões e mostra quais as consequências que resultam daí para a nossa vida e para a psicoterapia.

Aqui, também, faço afirmações sobre o relacionamento do eu e a alma, da diferenciação do bom e do mau e seu domínio através da compreensão dos movimentos profundos da alma.

Escrevi sobre a alma praticamente em todos os meus livros, especialmente em No centro sentimos leveza, *no capítulo "Corpo e alma, vida e morte ; em* Constelações familiares *sob o título "Tocar a grandeza na alma e A alma se orienta por leis diferentes daquelas do Zeitgeist[7]".*

Neste capítulo ultrapasso, algumas vezes, o que já foi dito até agora, por exemplo, nas afirmações sobre o relacionamento entre a consciência e a alma.

---

[7] Espírito da época (NT)

O alcance da alma

PARTICIPANTE Gostaria muito de perguntar qual é o seu conceito de alma. Tenho a impressão de que você confronta a alma com o ser humano. Sempre entendi ser mais uma unidade.

HELLINGER O que você quer dizer aqui com conceito é como se pudéssemos abarcar a alma. Podem-se ver efeitos. Por exemplo, a família ou o clã tem uma alma em comum, isto é, um centro em comum que dirige todo o grupo, não apenas o indivíduo. O indivíduo pertence, por assim dizer, à alma, é parte da alma.

Alguns se apropriam da alma e dizem "minha alma", como acontece, por exemplo, no cristianismo, onde se quer salvar a sua alma como se a possuísse e se pudesse levá-la consigo para o céu. É uma ideia estranha que tenhamos uma alma. E como se fosse, por assim dizer, sugar dentro de si a plenitude do ser e, então, conservá-la detida em seu corpo como numa prisão. A alma estaria lá dentro e tudo dependeria dela.

Isso pesa muito sobre o indivíduo. Quando, por exemplo, uma pessoa está doente, impõe-se à alma que ela faça essa pessoa ficar com saúde. Então, quase nada se movimenta, fica-se totalmente imóvel diante disso. Aqui, ajuda imaginar o que amplia a alma e o que a restringe. Tudo aquilo que amplia a alma tem um efeito agradável. A alma torna-se também ampla quando se deixa que ela flutue novamente para onde ela quer ir, por exemplo, para a família. Quanto mais o indivíduo a solta, tanto mais a alma se amplia.

A alma tem diversas dimensões. Descrevi essas dimensões da alma num pequeno poema. Ele se chama:

O caminho

Um filho procurou o velho pai e pediu: "Pai, abençoa-me antes de partir!"
O pai falou: "Que a minha bênção seja acompanhar-te por um trecho, no início do caminho do saber".
Na manhã seguinte saíram ao ar livre,
e partindo da estreiteza de seu vale

subiram uma montanha.
Quando chegaram ao cume a tarde caía,
mas a paisagem, em todas as direções
até a linha do horizonte,
estava banhada de luz.
O sol se pôs,
e com ele o seu radiante brilho.
Caiu a noite.
Mas quando escureceu,
luziram as estrelas.

Ordens da alma

A família tem uma alma em comum e uma consciência em comum. Essa alma e essa consciência observam três ordens fundamentais.

A primeira ordem fundamental é: “Cada um no sistema, vivo ou morto tem o mesmo direito de pertencer”. Se é negado a alguém desse sistema o direito de pertencer, por exemplo, através de avaliações morais - tais como: “ele é um canalha” ou “ele é um alcoólatra” ou “ele tem um filho ilegítimo” ou seja lá o que se comentar sobre ele - isso tem as mesmas consequências. Determinadas pessoas reivindicam para si maior direito de pertencer, porque se sentem superiores. Entretanto, a alma da família não faz diferenciações entre bom e mau nesse sentido. Porque o denominado mau é apenas um outro lado da diversidade, sobre a qual o bom pode se construir. Sem o mau não existe o bom. Uma pessoa totalmente boa é terrível. Ou alguém que se considera perfeito é terrível. É também perigoso. Aqueles que se consideram melhores que os outros são perigosos. Nos sentimos em paz e afins ao lado de pessoas que se consideram comuns.

Quando é negado a uma pessoa da família o mesmo direito de pertencer, então, a alma ou a consciência da família procura restabelecer a ordem através de uma compensação. Essa é a segunda ordem fundamental observada pela alma e pela consciência da família. Isso acontece, via-de-regra, de tal forma que uma pessoa

que nasce posteriormente seja, através da consciência familiar, colocada em conexão com a pessoa anterior excluída, de maneira que a represente

como compensação. Então um descendente sofre como aquele outro e fica como ele. Através dele, o sistema tem agora que se confrontar novamente com o bom e o mau.

A solução para o descendente seria reverenciar a pessoa excluída ou também aquele que, através de seu destino causa medo aos outros, de tal forma que é excluído ou esquecido por eles, como algumas vezes mulheres que morreram de parto ou em consequência desse. Então a paz chega ao sistema e nenhum descendente precisa representá-los mais.

Essas são, portanto, as duas primeiras ordens fundamentais: o mesmo direito de pertencer e a compensação pela recusa ao direito de pertencer.

A terceira ordem fundamental exige que aqueles que estiveram antes no sistema tenham precedência em relação aos que vierem depois. A alma e a consciência familiar observam principalmente o direito dos que vieram antes e sacrificam os que vierem depois, para compensar. Se a precedência dos anteriores é respeitada, os posteriores ficam livres.

Doença e alma

Vivenciamos que determinados acontecimentos, por exemplo, uma separação precoce da mãe ou um acidente que ameaçou a vida mais tarde têm efeitos, não somente na alma, como também no corpo. Então, pode-se tentar trazer novamente à tona o que outrora causou dor à alma e que tem efeito no corpo, olhar para isso, reconciliar-se com isso, concordando com o que foi e, então, em harmonia com o destino, encontrar um alívio ou uma cura também para o corpo.

A doença, a alma, o eu

Quando na família de origem de um cliente aconteceu algo que tem efeito em seu corpo e leva a doenças ou causa ou condiciona doenças, a alma também está em jogo, mas de uma forma singular. Na verdade, a alma segue o amor. Bem no fundo da alma, atua o amor. A atuação dessa alma e desse amor é frequentemente sobreposta e reprimida pelo eu.

Alguns entendem a psicossomática, portanto, as tentativas de cura tanto ao nível do corpo quanto ao da alma, não como uma harmonia de alma e corpo, mas do eu e do corpo. Algumas pessoas querem encontrar

a cura na medida em que tratam o psíquico com um medicamento que ainda se dá adicionalmente a outros medicamentos para, assim, conseguir a cura. Mas isso não faz jus à alma.

Algumas vezes a alma quer ficar doente, mesmo que o “eu” tenha se decidido por outra coisa. Para a alma, a saúde não é o bem máximo. Nem mesmo a vida é o bem máximo para a alma. A alma está ligada simultaneamente a algo mais profundo e trata de trazê-lo à luz. Quando se está ligado a isso, surgem efeitos singulares no corpo.

Vou dar um exemplo. Recentemente assisti a um programa de televisão sobre curas espontâneas em casos de câncer. Uma clínica em Nürnberg, que faz pesquisas na área de curas espontâneas, apresentou um paciente que tinha tido câncer e havia sido desenganado. Ele estava sendo operado quando foi constatado que a medicina não podia fazer mais nada. Por isso eles interromperam a cirurgia e deram-lhe alta hospitalar. Para o homem estava claro que sua vida chegara ao fim. Sentou-se com a sua mulher e escreveu seu testamento. Quando tinha terminado, sentiu algo como um tranco em seu corpo. Depois disso, as células cancerosas morreram.

Tirei disso uma conclusão a partir de minha experiência, algo que vejo também muito frequentemente. O homem entrou em sintonia com a morte, com o destino e com o fim - por assim dizer, com a origem da qual a vida emerge e depois imerge, e dessa sintonia veio a força que cura.

Portanto, não vou trabalhar aqui de uma forma como se, por assim dizer, quisesse curar alguém, como se pudesse fazer isso, como se pudesse me colocar acima do destino ou do movimento da alma. Pelo contrário, vou com o movimento da alma e espero que os clientes que estão seriamente enfermos se reconciliem com o destino e com a origem. Espero que daí venha algo que cure.

Existe uma ideia singular sobre a alma. Alguns pensam que primeiro vem o corpo material e então a alma lhe é insuflada, como está descrito na Bíblia. Quando o ser humano morre, então, exala com o seu último suspiro também a sua alma.

Entretanto, quando se olha exatamente, um ser humano se origina porque duas células que têm almas se unem. Por isso, o corpo tem alma desde sua origem. Não é a sua alma que o vivifica. Essa alma já estava lá

bem antes dele. Como a alma é um elo na longa corrente daqueles que lá estiveram antes e depois e ao seu lado, ou que estão lá ou estarão, assim a alma também está ligada a muitos.

A alma atua no corpo unindo e conduzindo, altamente inconsciente para nós, mas muito sábia. E se estende muito além do corpo. Ela se encontra em intercâmbio com a redondeza, senão, não existiria, por exemplo, nenhum metabolismo nem reprodução.

A alma não vai para além de nós somente dessa forma, ela penetra na família e nos une com os membros de nossa família e nosso clã. Assim como a alma une o corpo, dentro de seus limites, une e conduz também a família dentro de determinados limites.

A família tem um limite. Vemos se a alma recebe alguém nesse círculo e une com os outros membros da família ou se ela não o inclui. Por isso, pertencem à família somente certas pessoas, isto é, os irmãos e irmãs, os pais, os irmãos e irmãs dos pais, os avós, um ou outro dos bisavós e aqueles que deram lugar a um membro da família, por exemplo, parceiros anteriores dos pais ou avós. Algumas vezes, a alma da família abrange também muitas gerações anteriores, principalmente se houve destinos duros. Então, nela ainda atuam membros da quarta, quinta e sexta gerações. Por isso, é bem claro que os vivos e mortos de uma família formam uma unidade. Estão todos ligados uns aos outros.

A alma vai também além da família, une-se com outros grupos e com o mundo como um todo. Aqui a alma mostra-se como a “grande alma”. Na “grande alma os opostos se anulam, aqui não existem nem jovens e velhos, nem grandes e pequenos, nem vivos e mortos. Nela estão todos unidos.

Entretanto, existe também uma parte da alma que pode se opor a ela. Pode se opor ao corpo, pode se opor à família e pode se opor à “grande alma”. Essa parte da alma denominamos o “eu”. Entretanto, o “eu” pode também se submeter, pode-se submeter ao corpo, pode-se submeter à família, pode-se submeter a grande alma”. Muitas doenças psicossomáticas originam-se pelo fato dessa parte da alma opor-se a algo, contra o corpo, contra a família, contra a “grande alma”. A cura segue, então, o caminho contrário. Nela, o “eu” se submete ao corpo, à família, à “grande alma”. Vivenciamos esse submeter-se como humildade.

Vivenciamos o opor-se como arrogância. Quem se arroga dessa forma cai, e quem se submete dessa forma é carregado.

Dimensões da alma

Gostaria de dizer algo sobre as dimensões da alma. Não importa o que façamos, a alma sempre está no jogo. Algumas vezes, fazemos algo ruim, a alma está envolvida. Algumas vezes, algo bom, ela também está envolvida. Algumas vezes, fazemos algo sem sentido, ela está envolvida, e algumas vezes algo que restabelece a paz e une os opostos e os contraditórios, ela está também envolvida aqui. Essas são as diferentes dimensões da alma.

Mas, o que é a alma? Creio que, em primeiro lugar, precisamos nos despedir da ideia ocidental de que o ser humano tem uma alma. Uma alma pessoal que lhe pertence e que ele vela pela sua salvação, por assim dizer, que está aprisionada no seu corpo e que almeja, mais tarde, a imortalidade. Essa é a ideia ocidental que remonta a Platão.

As experiências que se mostram nas constelações familiares são bem outras. Mostram que participamos de uma “grande alma”, isto é, que não temos uma alma, mas que estamos numa alma. Essa alma maior ou, aliás, a alma mostra-se em duas funções. Como primeira função, une algo a um todo, por exemplo, une tudo o que está em nosso corpo a uma unidade. Assim, pertence ao corpo como princípio unificador. Como segunda função, a alma dirige. Conduz nosso corpo e nossa vida. Como, não sabemos. É, portanto, um princípio condutor, algo que une e algo que conduz.

Bem, podemos observar que na família, agora num sentido amplo, atua uma alma em comum, que dirige a família como um todo. Aqui, nesta constelação pudemos ver isso. Todos foram conduzidos por algo que os ultrapassa e mesmo assim os une em uma unidade. Poderíamos denominar isso de alma familiar. Esta é uma dimensão da alma. Mas isso não é o fim. A alma sempre vai além daquilo que existe. Portanto, a alma que sentimos no nosso corpo, que nos move, vai além de nós, porque sem a alma não existiria nenhum intercâmbio com o mundo exterior e com outros seres humanos. Somente porque a nossa alma vai além de nós mesmos, podemos nos relacionar com outras pessoas e, por exemplo, amá-las. Partindo-se do que se passa em comum

entre as pessoas, reorigina-se algo novo. Por exemplo, quando o homem e a mulher são conduzidos um ao outro através do amor, é *uma* alma, e ela se reproduz na criança. Portanto, a alma é sempre algo em movimento, sempre para algo maior, que nos ultrapassa.

É óbvio, portanto, que a alma apenas entra lentamente na consciência com os seus verdadeiros movimentos profundos. Entra na consciência num nível superficial e, nesse nível superficial, tem determinadas funções que estão em contraposição às funções mais profundas da alma. Portanto, em nós a alma precisa vir à consciência. Ela se mostra passo a passo, e então nos vem à consciência.

Algumas vezes, seguimos a alma cegamente, então ela nos conduz também à perdição. Precisamos saber disso. Isso também é uma dimensão da alma. Portanto, as ordens do amor, como descrevi no meu livro *Ordens do amor*, são algumas vezes cegas e levam, por exemplo, a emaranhamentos, ao infortúnio e sofrimento. E existem outras ordens do amor que levam à prosperidade, à felicidade e à vida plena. Portanto, um movimento é cego, e o outro vê.

Parece-me que isso é agora uma hipótese, que a alma coloca, em primeiro lugar, algo em movimento no ser humano, o que denomino de consciência coletiva, que é inconsciente. Essa consciência coletiva ata a família e um grupo. Vela para que ninguém se perca. É uma consciência grupai na qual todos participam da mesma forma e que, como uma instância superior, conduz todos a uma meta. Essa meta é, primordialmente, a sobrevivência do grupo. Por isso, essa consciência não tolera que alguém desse grupo seja excluído ou esquecido.

Essa consciência abarca tanto os vivos como os mortos. Aqui, o reino dos vivos e o dos mortos é ligado a uma unidade através dessa consciência. Dessa forma os mortos atuam em nossa vida. Por isso, essa consciência pune qualquer violação, através da qual um membro é excluído ou esquecido, e isso é punido de forma que, em uma geração posterior, um membro familiar tem que representar a pessoa excluída, de tal forma que essa pessoa, por assim dizer, esteja representada nesse grupo e seja trazida à consciência. Porém elas não são trazidas realmente à consciência, pois esses movimentos são cegos, não podemos compreendê-los. Os movimentos da consciência coletiva fazem apenas com que destinos anteriores sejam repetidos, sem que se chegue a uma

solução. Por isso, somente se pode ultrapassar os limites dessa consciência quando se compreende esses movimentos.

Mas me parece que nesse contexto há mais coisas que estão em jogo além da alma familiar. Parece-me que existe um campo, Sheldrake o denomina campo morfogenético, no qual nos movimentamos. É um campo que armazena memória. Portanto, o campo morfogenético que Sheldrake observou, em primeiro lugar, na biologia mostra: quando algo se desenvolve, isto será repetido em outro lugar porque está armazenado numa memória. Também no mundo inorgânico uma nova estrutura, por exemplo, um cristal que antes não existia será armazenado de maneira que, em outro lugar, sob condições semelhantes, se origina o mesmo cristal. Isso também é válido para hábitos. Observou-se, por exemplo, que numa ilha no Japão, de repente, macacos começaram a lavar suas batatas no mar e, em seguida, comiam batatas com sal. Ainda não tinha acontecido isso em nenhum lugar. Mas, logo depois disso, outros macacos de outras ilhas fizeram o mesmo. Talvez se possa esclarecer com isso que em famílias certos destinos se repetem, não no sentido de emaranhamento, mas sob a influência de um campo morfogenético.

Entretanto, o campo morfogenético também é cego, só pode repetir a mesma coisa. Daí, não se pode fugir, a não ser que entremos em um novo, um outro movimento que nos leve para fora disso. A esses movimentos pertence o que denomino de movimentos profundos da alma. Eles se desprendem do até então conhecido e entram em contato com uma força maior que aqui denomino de “grande alma”.

Quando observamos as constelações familiares, por exemplo, esta última aqui, pôde-se ver que cada um dos representantes estava em contato com algo maior sem que tivessem tido qualquer informação. Isto é, quando nos deixamos levar pelos profundos movimentos da alma eles conduzem a uma solução que une a todos e, de fato, além da alma familiar. É um movimento em direção à reconciliação. Quando se observa o que acontece aqui, vê-se que esses movimentos da alma são bem lentos. A alma tem tempo, não está sob pressão. Esses movimentos da alma surgem bem lentamente e levam a uma solução, à paz, ao reconhecimento de que todos que pertencem, que foram incluídos nesse movimento, na profundeza são iguais. Algumas vezes vocês viram que alguns representantes se movimentaram bem depressa. Eles seguiram os

movimentos da consciência. Queriam uma solução no sentido da consciência, da consciência pessoal, mas não estavam em contato com a alma profunda. No todo isso não tem grande importância, porque tudo se une novamente, mas quando vocês observarem tal tipo de constelação, verão quem realmente está em contato com os movimentos da alma e quem ainda não os alcançou. Era óbvio que o representante do filho estava inteiramente no movimento da alma. Podia-se ver isso imediatamente. Ele estava dentro dele, além de qualquer pensamento. Isso, por ter se exposto a ele, a esse movimento, levou a uma solução. Quando somos confrontados com situações difíceis, ajuda, portanto, nos despedirmos de nossos pensamentos costumeiros e concentrarmos num nível mais profundo - denomino isso o centro vazio - e então confiarmos em que os movimentos da alma nos conduzirão. Tudo que tem a ver com vocação vem desses profundos movimentos da alma, para além do que planejamos.

O sentido da vida

A pergunta pelo sentido da vida pressupõe que a vida não tenha seu valor em si mesma, mas naquilo para que serve. Entretanto, a vida emerge e está aí, e tem valor porque está aí, não por outro motivo. Tem valor por si mesma, este é o meu pensamento. Aquele que não está em paz consigo mesmo pergunta pelo sentido da vida. Quem está em paz consigo mesmo não faz essa pergunta.

No fim de um desenvolvimento ou amadurecimento bem sucedido cessa a pergunta pelo sentido da vida. Viktor Frankl se ocupou muito com o significado da vida. Por muito tempo não entendi isso. Mas há pouco, Jeffrey Zeig escreveu um necrológio para ele. Aí, conta sobre um encontro e uma conversa com ele. De repente, compreendi o que Frankl entendia sobre o sentido da vida. Para ele, era o mesmo o que entendo por harmonia. Quem está em harmonia encontrou realização. A vida está em harmonia de qualquer modo. Mas o “eu”, frequentemente, não está em harmonia. O “eu” se submete lentamente ao movimento da vida e, com isso, chega a uma harmonia com o mesmo. A pergunta pelo sentido da vida cessa quando se encontra a harmonia.

Gêmeos

UMA MÉDICA, CUJO MARIDO TAMBÉM É MÉDICO Gostaria de

acrescentar que o último de meus filhos é gêmeo univitelino e que seu irmão faleceu no sexto mês da gravidez.

Eu e meu marido pudemos ver no ultrassom quando as batidas do coração da criança que estava morrendo tornavam-se cada vez mais fracas. A criança que hoje está viva tomou o seu irmão gêmeo nos braços e não o deixou até que ele morreu. Aí, ele se recolheu para o outro lado. Lá ficou muito quieto, durante muito tempo, quase não se movimentava. Na verdade, podia-se ver que vivia e estava saudável, mas não se moveu por muitos meses e também não cresceu. Nós pensamos que a criança não poderia nascer saudável, porque pesava muito pouco. Então, a gravidez durou muito tempo, quatro semanas além da data marcada e nas últimas semanas a criança engordou até alcançar um peso bem normal.

Na verdade, a criança sobrevivente nunca entrou no espaço que pertencera anteriormente ao irmão. Podia-se realmente ver, porque a gravidez já estava bem adiantada. Minha barriga pendia para um lado, porque a criança sobrevivente não entrou no espaço do seu irmão. Ele tem todos os nomes que o seu irmão deveria ter. Já tínhamos escolhido os nomes e agora ele tem todos eles.

O serviço

Tenho uma ideia singular da alma, isto é, que estamos nela, ao invés da ideia usual de que a alma está em nós. Essa “grande alma”, seja o que for, determina e toma o indivíduo a seu serviço, seja como for. Alguns tem um serviço agradável, outros um serviço pesado. Alguns têm um serviço benéfico e alguns um serviço destrutivo, um serviço terrível. Entretanto, é o mesmo serviço. Partindo da alma, da “grande alma”, é o mesmo serviço. Ninguém pode ir contra essa alma.

Mas existem pessoas que têm a ideia de que o mundo está em suas mãos. Como se existissem pessoas que pudessem aniquilar o mundo se quisessem, e como se existissem outras que pudessem salvar o mundo se quisessem. Elas se encontram desligadas da corrente.

Certa vez, um terapeuta famoso disse o seguinte, com relação a essa ideia de que estamos conectados, seja qual for o nosso destino, e o que cada indivíduo experimenta como sua tarefa - sua tarefa pessoal: “Cada um de nós encontra a canção que deve cantar”. Quem canta essa

canção está feliz, bem profundamente, não importa qual seja a sua tarefa.

Isso tem consequências para a nossa atitude com relação a agressores e vítimas. Eles estão no mesmo serviço. Se levarmos isso a sério, estão no mesmo serviço. Os bons, os chamados bons e os chamados ruins estão no mesmo serviço. Essa atitude acaba com a soberba e a arrogância. Se cada um estiver em harmonia consigo mesmo, então pode respeitar a todos e, acima de tudo, respeita também a si mesmo.

Por isso, os grandes destinos são inevitáveis. Eu disse certa vez a um amigo, um famoso psicanalista, de modo bem provocativo: "Hitler foi um enviado de Deus". Essa seria a consequência desse modo de pensar. É difícil digerir isso. Então ele me contou que tinha lido um livro de um companheiro de quarto de Hitler. O livro se chama *Man Freund Hitler*[8] ou algo semelhante. Não li esse livro, ele apenas me contou sobre ele. Nesse livro, o amigo descreve que Hitler, quando jovem, tinha visitado em Linz, na Áustria, uma ópera de Wagner: *Rienzi, o tribuno do povo.* Depois da ópera, alucinado, perambulou a noite inteira pelas ruas de Linz, gritando: "Este é o meu destino". E assim foi. Foi inevitável para ele.

Se tivermos essa atitude, ficaremos humildes e poderemos concordar com o mundo tal como ele é, sem a pretensão de melhorá-lo, como se não fosse a grande alma que governa como quer. Nós apenas estamos inseridos naquilo que ela dirige.

Com essa postura, também podemos lidar diferentemente com doenças, morte, acidente, destino difícil, tanto como atingidos, submetendo-nos, ou como terapeutas, que assistem a essas pessoas. Se fizermos isso com essa postura de concordar com tudo tal como é, e fizermos isso de ser humano para ser humano, fizermos o que pudermos e nos for permitido e estivermos conscientes desses limites, então se origina a paz.

Tenho a firme convicção de que cada um de nós é tomado a serviço. Seja como for. Por isso, ninguém pode se esquivar do serviço. Nem mesmo através da culpa. Quando alguém se torna culpado, será tomado a serviço através da culpa. Isso é muito duro. Quando o culpado vê isso e diz:

---

8 Meu amigo Hitler (NT)

“Serei tomado a serviço através de minha culpa, mas carrego assim mesmo as consequências” - porque elas lhe são inerentes - está totalmente em harmonia. Também como culpado ou malvado. A pergunta pela responsabilidade se torna, então, desnecessária. Não está em nossas mãos ser bom ou mau. O chamado bom tem maior sorte, talvez, mas não é superior. Na profundidade existe uma concordância elementar entre os seres humanos. Ai todos são iguais. Todos serão tomados a serviço, um de um jeito, o outro de outro. Então, posso ter compaixão por todos, porque me coloco ao lado deles. Posso ter compaixão pelos maus, pelos doentes, pelos grandes. Posso, da mesma forma, colocar-me ao lado deles. Desta harmonia com a profundidade vem a força e, partindo dessa força, pode-se atuar muito.

A recordação de Auschwitz

PARTICIPANTE Auschwitz foi libertada na data de hoje, há cinquenta anos atrás. Houve lá muitas vítimas e agressores e existem agora filhos e filhas dessas pessoas, netos e descendentes. Pode-se dizer como algo assim age sobre o tempo, o comportamento e atividades dessas pessoas hoje em dia?

HELLINGER Só posso responder em um caso concreto, quando constelo a família dessa pessoa. Generalizar aqui traz muito pouco, porque as diferenças são demasiadamente grandes. Mas, gostaria de advertir sobre o “aumentar da importância do passado”. Senão, de repente, os vivos tornam-se como mortos e os mortos como os vivos. Então, tudo fica invertido e isso é contra o curso da vida.

Por trás da acusação pública contra os agressores e o conselho para se recordar desses crimes, a fim de que isso não aconteça de novo, atua a ideia de que esses acontecimentos foram dirigidos por pessoas e que poderiam ter sido evitados ou colocados em ordem. Para mim, é uma presunção ter a ideia de que tais movimentos monstruosos, como essa guerra, pudessem ter sido evitados por pessoas ou que se possa impedi-los no futuro, só pelo fato de se pensar de maneira diferente. Assim nos envaidecemos facilmente, como se fôssemos Deus, e isso prejudica muito a própria alma.

Nesse contexto, devemos levar algo mais em consideração. Quando nutrimos essas ideias na alma, frequentemente julgamos ser

melhores do que os agressores de outrora. Contudo, os agressores de outrora cometeram esses atos terríveis porque julgavam ser melhores. Se eu os acuso, talvez me equipare com eles internamente. Por isso, é tão perigoso.

Digo isso somente de um modo bem geral. Em minhas cartas terapêuticas, incluí uma última carta que escrevi a uma judia que esteve num campo de concentração. Ela queria dar uma palestra em memória ao dia em que tiraram a licença dos médicos judeus em Munique. Tinha me enviado o rascunho de sua palestra pedindo que desse a minha opinião. Em sua palestra fazia também algumas acusações. Em minha resposta escrevi para ela mais ou menos o seguinte: o luto é adequado. Por exemplo, - eu mesmo vivenciei isso - em Jerusalém, quando alguém vai para o memorial das vítimas do holocausto e vê essas imagens, precisa chorar. As pessoas ficam lá e choram. Mas se alguém aí me dissesse: "Mas você é um alemão", já não poderia mais chorar. A acusação impede o luto. Vivenciei o mesmo em Hiroshima. Entra-se no memorial das vítimas e então as pessoas ficam paradas, e as lágrimas rolam pelas faces. Aconteceu o mesmo comigo. Mas, se alguém dissesse para um outro: "Você é um americano, e não pode mais chorar". Os acusadores impedem o que para as vítimas é a única coisa condizente, e isto é o luto. O luto conjunto une. Aqui não existe mais qualquer arrogância. É esse luto que cura.

O recordar que finaliza e une

Nos últimos anos refleti muito sobre a ação conjunta dos vivos e mortos. Ano passado, na Alemanha, no âmbito da Feira do Livro de Frankfurt houve uma discussão sobre o recordar. Essa discussão causou-me muita dor na alma, porque era superficial e não apreendia a profundidade do que tinha acontecido. Em meu livro *Der Abschied* [9] ocupei-me das conexões, mas ainda faltava algo. Ainda não as tinha apreendido totalmente. Então refleti sobre o autêntico recordar, o recordar que cura. Um recordar que finaliza algo e, ao mesmo tempo, une algo que estava separado.

Quando alguém experimenta ainda criança algo terrível, isso é frequentemente reprimido. A psicanálise nos mostrou que é importante

---

[9] A despedida (NT)

trazer à luz, o que foi reprimido. Mas a observação mostra que quando algo é trazido à luz isso ainda não é a solução. Ainda é necessário um outro passo importante. O passo importante é que a pessoa concorde com o que aconteceu sem lamentação. Por exemplo, alguém sofreu um acidente grave e talvez tenha ficado paraplégico. Ele se recorda disso de qualquer forma. Contudo, não existe solução se não concordar com o que aconteceu - sem lamentação. Este é um passo difícil. Mas, o contrário é pior. Precisa-se somente imaginar o que acontece se ele não faz isso, se lamenta isso.

Entretanto, se conseguir dar esse passo, da impotência que agora vivência - ele não pode mesmo mudar mais nada - concordar com o que aconteceu, de forma que pode ser como é, alcança, no momento, uma profundeza na alma e uma força que outras pessoas não podem ter, exceto se elas também tiverem vivenciado algo semelhante e concordaram com isso.

Isso vale também quando olhamos para as vítimas que morreram nos campos de concentração. Nós e os sobreviventes precisamos ter a força de concordar com o que foi, senão, estaremos desligados desse acontecimento. Essa concordância só é possível quando nós percebemos isso como algo que está inserido em algo maior, o qual não compreendemos. Temos a necessidade de desviar do terrível como se isso não pudesse existir. Entretanto, é o terrível que, no fim, está na origem de tudo e o sustenta. Apenas aquele que pode concordar com o terrível é totalmente livre.

Uma experiência me mostrou bem isso. No Centro do Holocausto em São Francisco, uma mulher, uma senhora idosa que quando criança tinha estado no campo de concentração em Dachau, Alemanha - veio falar comigo. Ela me descreveu a cena de como estava deitada no chão e um soldado da SS[10] colocara o pé sobre sua barriga e atirava em crianças judias ao redor. Isso é a coisa mais terrível que se pode imaginar. Contudo, naquele momento ela teve uma vivência. Ela se sentiu, repentinamente, para além do acontecimento, sentiu uma felicidade inacreditavelmente profunda e estava totalmente fora do horror e da dor. Ela disse: “Se alguém tivesse fincado uma faca em minha mão, não teria sentido nada”. Estava, naquele momento, em sintonia com algo maior, e isso incluía o terrível. Essa sensação a tinha acompanhado desde então.

Ela disse também: Com o Hitler em mim, com o agressor em mim, estou totalmente reconciliada. Não é nada que me bloqueie”.

O que disse aqui sobre as vítimas vale igualmente para os agressores. Também os agressores estão ligados a algo que está além deles e que os usa. Isso fica claro em muitas constelações. Quando em tais constelações deixa-se que os acontecimentos sigam o seu curso livremente, em um nível bem profundo, chega-se a uma união entre as vítimas e os agressores. Eles se tornam iguais. Em um nível profundo tornam-se iguais. Neste momento as vitimas não são mais vitimas, e os agressores não são mais agressores. Os vivos precisam se afastar do grande acontecimento que transcorre aqui entre as vítimas e os agressores. Então existe paz.

Os assassinos se sentem atraídos pelas vítimas

Entregamos um assassino ao movimento de sua alma. Ele se sente atraído pelos mortos, pelas suas vítimas. Lá ele encontra a paz. Não se deve interromper o seu caminho. Quando ele reconhece os mortos, quando os fita em seus olhos, então não pode fazer outra coisa a não ser seguir o caminho em sua direção. Isso agora não significa que ele deve se matar, mas deve reconhecer que, através do assassinato, pertence a eles.

Muitos assassinos do tempo do nazismo sentiram-se grandes e poderosos. Isso, às vezes, nas constelações, se expressa em seus descendentes. Quando deixamos que se deitem ao lado dos mortos, ao lado de suas vítimas, eles se envergonham repentinamente e ficam humildes. Então, começa esse movimento em direção aos mortos e encontram a paz. Assim, os seus descendentes se sentem livres da obrigação de ir no lugar do assassino.

Unidade de defesa do exército da Alemanha nazista (NT)

Existem, contudo, situações em que se torna evidente que os assassinos persistem em sua convicção. Então, ajuda-se os seus descendentes a se afastarem deles, a retirá-los de seu coração e entregá-los a um poder maior.

A paz para os agressores e vítimas

Precisamos nos resguardar, em relação aos assassinos e vítimas, em querer saber exatamente o que é adequado, como se pudéssemos fazer

isso. Nas constelações familiares recebemos indicações que não podemos comprovar. Quando então digo: Os assassinos se sentem atraídos pelos mortos", isso iria pressupor que sei disso. Mas aqui não se trata disso. Nas constelações familiares, com descendentes de agressores, trata-se de ajudar os vivos a se libertarem de um emaranhamento.

Nisso, é importante saber que não se pode redimir o assassino de sua culpa, mesmo que seja um jovem. O olhar do terapeuta se dirige, em primeiro lugar, para a vítima. A única medida que se pode tomar é fazer com que o assassino olhe para a vítima. Daí surge, para ele, um movimento em direção às vítimas. Com elas, o assassino encontra a paz, caso esse movimento tenha êxito.

Bom e mau

No nosso modo de pensar estamos presos à ideia de que somos livres e, portanto, responsáveis pelos nossos atos e nosso destino e que, por isso, existe o bom e o mau. Quando se observam famílias, fica claro que isso não é assim. As vítimas nos campos de concentração, embora fossem inocentes, não puderam, através do fato de serem boas, mudar os seus destinos. Da mesma forma, muitos assassinos não puderam mudar os seus destinos. Também estavam emaranhados. Mesmo assim, cada um é responsável. A simples diferenciação em dizer que ele era livre e poderia ter se modificado e, portanto, é responsável, não está certa. Ele não era livre, estava emaranhado, mesmo assim é responsável e precisa arcar com as consequências. Somente depois que tivermos essa visão das coisas podemos chegar à harmonia com as forças mais profundas, e a luta contra o mau, como o imaginamos, chega ao fim.

A ideia de que o mundo deveria ser diferente do que é e de que o ser humano tem o seu destino em suas mãos vai longe demais. Pois mesmo os piores destinos e também os crimes têm um efeito sobre o todo, que nos talvez pressentimos, mas não entendemos. Vejo também os piores destinos nesse contexto. Então, não são terríveis para mim.

Algumas pessoas permanecem à margem do rio e julgam o no. Mas nunca entraram nele. Quem entrou nele, sabe que pode falar sobre isso.

Heróis sem risco

As resistências contra essa visão do serviço e, relacionado com isso,

contra uma outra visão profunda de uma resistência ativa e temas semelhantes, estão relacionadas também à ideia de que a identificação com “heróis” e “vítimas” possibilita a cada indivíduo se sentir melhor, superior e exigente, mas sem o próprio sofrimento ou a própria coragem ou o próprio risco, e sem a visão das próprias profundezas, do próprio medo, da própria tentação e da própria falha. Levá-lo para lá está fora de cogitações, isso somente o próprio destino e a própria alma, que através da experiência, tornou-se humilde.

Respeitar a alma

Ainda gostaria de dizer algo fundamental com relação à postura terapêutica, porque isso me parece importante. Denomino de fenomenológico esse tipo de procedimento. Isto é, o terapeuta se expõe a uma realidade como ela aparece na superfície, portanto, ao que o cliente diz, à sua aparência e coisas semelhantes. Mas, ao mesmo tempo, o terapeuta olha não somente para o cliente e, sim, deixa atuar em si tudo aquilo que o cerca e está oculto. Este tipo de atenção não é dirigida, não está direcionada a um ponto, mas vai para o amplo, sem que se procure algo determinado. O terapeuta não tem qualquer intenção. Por exemplo, não tem a intenção de curar e também não tem receio daquilo que pode emergir, seja a morte ou o fim ou a felicidade e a vida, depende. Ele se expõe ao que é. Isso significa também que em sua alma está em harmonia com o mundo tal qual ele é, com os destinos como eles são, tanto com a vida quanto com a morte. Ele não se apresenta como aquele que vai contra algo e quer melhorá-lo. Ele está em harmonia.

Desse estar em harmonia chega então, frequentemente, como uma dádiva, uma compreensão. Ela vem da situação imediata e daquilo que atua atrás do que aparece. É, por isso, uma compreensão importante, e tem a ver com o que é importante no momento. E está sempre direcionada a uma solução para o cliente! Toda pergunta curiosa, por exemplo: “O que é isso exatamente?”, cobre a visão do todo. Então, não se pode mais apreender.

Isso significa para muitos terapeutas uma total reorientação. Quem está acostumado a perguntar, estudar e descobrir ainda mais exatamente o que foi - para o qual muitos terapeutas foram estimulados a fazer durante a sua formação - precisa se despedir disso, se quiser

proceder fenomenologicamente.

É também assim que o terapeuta não fala para a pessoa com a qual trabalha, portanto, não fala para o seu “eu”, mas para a sua alma. Também não fala para a sua alma individual, mas para a alma na qual o cliente se movimenta.

Naturalmente essas são imagens, mas vocês percebem a diferença na postura básica quando se procede dessa forma.

Precisamos também observar o seguinte: trabalhamos aqui com a ajuda das constelações familiares, mas somente até um certo ponto. Esse trabalho vai muito além das constelações familiares, por exemplo, nas soluções e nas frases de solução. Elas emergem não somente das constelações familiares. Emergem de um conhecimento sobre o movimento do amor na alma, sobre aquilo que comove uma pessoa na profundeza.

Assim precisamos observar certos procedimentos. Por exemplo, frequentemente dá medo quando alguém tem uma intensa explosão de sentimentos, como a mulher de ontem, quando ia para a mãe e sentiu a sua profunda ânsia. Então o terapeuta talvez se sinta tentado a sofrer com ela. Mas tão logo ele também sofra, fica sem força. Também aqui, está em harmonia. Ele vê isso e simplesmente está presente.

Um belo exemplo para essa postura básica encontramos no Velho Testamento. Relata a história de um certo Jó que estava sentado em cima de um monte de esterco, tinha perdido tudo e estava realmente acabado. Então vieram os seus amigos e se sentaram a uma certa distância dele e lá ficaram durante uma semana, sem dizer uma palavra. Isso significa: estar simplesmente presente. Isso exige força. Mas ir direto para lá e dar bons conselhos é fácil. Por exemplo, quando se diz precipitadamente ao cliente: “Agora deixe emergir o sentimento!” Isso não tem valor. Não traz nada.

Portanto, o terapeuta permanece recolhido em seu centro, aguenta o sofrimento e concorda com o que acontece. Deve prestar atenção a algumas coisas, por exemplo, que determinados sentimentos enfraquecem. Cada sentimento que enfraquece impede a solução. Por isso, estimulo frequentemente o cliente: “Resista à fraqueza e vá para a

força”. “Aprume-se e vá até a amplidão! - Fale com voz normal!” - ou: “Sem som!” Tudo isso centra e dá força. Com essa força, vai-se adiante.

Ir com a alma

A alma se movimenta passo a passo. Por isso, quem ajuda da com ela somente um passo. E, quando o próximo passo está preparado, então a alma trabalha novamente por si e quem ajuda a acompanha nesse próximo passo. Por isso, também a interrupção é uma medida terapêutica que devolve à alma a sua força. Em vez daquele que ajuda se esforçar, a alma é que trabalha. Quando ela se apresenta de novo, então o terapeuta pode ocupar-se dela. Responde àquilo que vem dela para ele. Assim permanece em diálogo com a alma.

Higiene da alma

A higiene da alma é algo diferente da higiene do corpo, mas uma está relacionada com a outra. Faz parte da higiene da alma que ela saiba que está inserida num todo maior e que também o reconheça. Em primeiro lugar, estamos ligados à família à qual pertencemos, então ao clã familiar e ao nosso meio-ambiente. Desse trabalho podemos ver que a alma nos transcende, que estamos em uma alma e não uma alma em nós.

Portanto, faz parte da higiene da alma submetermos a essa alma maior. Que nós, por exemplo, aprendamos a entender que essa alma maior nos governa para o bom e, quando não entendemos as suas leis ou as desrespeitamos, para a doença, também.

A indiferença

PARTICIPANTE Eu me pergunto como se deve viver a partir do centro, porque vem então uma sensação de indiferença.

HELLINGER Na espiritualidade ocidental se exercita a postura da indiferença. Este recolher-se é também uma postura básica austera. Quem está recolhido e centrado, para ele é tudo igual, o bom e o mau, a vida e a morte. Está em paz com tudo. De vez em quando nos evadimos, por exemplo, para o carnaval. Isso também é necessário.

O aprender não faz jus à riqueza da alma

Nas constelações familiares atuam forças que não entendemos. Portanto,

eu não as entendo. Na verdade, existem certas ofertas para explicá-las, por exemplo, os campos morfogenéticos. Mas sinto que se quisesse me ocupar disso mais de perto, tiraria a força de meu trabalho. Desejaria revelar mistérios através de explicações, embora essas também permaneçam misteriosas.

O ficar parado perante o mistério é, creio eu, a mais importante fonte de força para o terapeuta. Chegamos, por exemplo, ao limite da morte e sabemos que não temos nenhum poder sobre o que aí acontece e para onde isso conduz. Ou os mistérios de destinos, de relações e vínculos que alguém assume sem o saber, e que foi tomado a serviço por algo que não entende. Isso também é um limite e permaneço parado perante ele.

Esse recolher-se e ficar no limite custa muita força, especialmente no início. Este vazio entre nós e o mistério é difícil de suportar. Procuramos explicações para banir a ameaça do mistério.

Mas é digno de nota que, quando alguém recebe um diagnóstico com relação ao seu estado, sente-se frequentemente melhor, mesmo quando o diagnóstico é falso, porque de repente tem uma explicação para algo inexplicável. Muitas religiões, por exemplo, têm a função de explicar o inexplicável ou revelar um mistério ou para compreender o que fica, na verdade, oculto e incompreensível.

A postura de ficar parado é a mais adequada ao mistério. Do respeito frente a esse mistério, algo flui do oculto. Muitas soluções ou palavras que emergem desse trabalho me são presenteadas, porque fico parado perante o mistério. Porque fico centrado perante um limite, da escuridão vem algo a luz para mim, algo que ajuda: um próximo passo ou uma solução, seja o que for.

Começo a constelar uma família sem que saiba para onde me leva. Dou o primeiro passo, então espero, chego a um limite, não sei como vai prosseguir e, de repente, através dessa postura de ficar parado, chega a mim, como um relâmpago, uma indicação de como agir. Frequentemente é tão inesperada que dá medo e, algumas vezes, até parece ser algo perigoso. Se, nesse momento, reflito. Posso fazer isso ou não?” - por assim dizer, interrogo o mistério - então ele se afasta imediatamente de mim e fico sem força.

Portanto, essa coisa surpreendente que ocorre aqui, algumas

vezes tem algo a ver com o fato de que o terapeuta não quer saber. Do não querer saber e da disposição de se expor ao mistério e as forças que ele não entende, chega-lhe a coragem e a possibilidade de lidar com isso de um modo que ajude. É algo totalmente contrário à ideia amplamente difundida da psicoterapia e também de formações psicoterapêuticas.

É verdade que se podem aprender certas regras sobre as constelações familiares, porque certos padrões se repetem. Eu posso utilizá-las porque as conheço. Mas se me deixo levar por elas, não estou mais em conexão com as forças mais profundas e talvez alcance muito pouco. O essencial que comove e transforma só pode ocorrer quando nos recolhemos. Quando, por exemplo, alguém se senta ao meu lado e entra, imediatamente, num sentimento profundo quando tomo a sua mão, isso não significa que o simples fato de ter pegado a sua mão esteja atuando, mas porque ele sabe que isso não me causa medo. Seu sentimento fica acolhido, porque não tenho intenção e porque estou internamente vazio.

Neste tipo de terapia trata-se dessas posturas básicas, nem tanto do aprender como se faz isso ou aquilo. Porque o aprender não faz jus à riqueza da alma.

Destino

Nota preliminar

A entrevista a seguir, feita por Dorit Vaarning, foi gravada para a televisão da Baviera e transmitida em fragmentos.

Consciência e destino

Tradicionalmente o destino era visto como um poder maior que atua em nossas vidas. Como o senhor vê o destino?

Destino é aquilo que alguém segue e, na verdade, frequentemente sem saber por quê. Quando se olha com exatidão, pode-se ver que o destino é determinado por uma consciência coletiva inconsciente que atua nas famílias. Essa consciência só pode ser reconhecida em seus efeitos. Um bom exemplo são as tragédias gregas. Aqui, o herói segue a sua consciência porque acha que com isso faz algo bom e grande. Mas fracassa, porque atrás de sua consciência pessoal consciente atua uma outra consciência, a consciência coletiva inconsciente que se orienta por outras leis totalmente diferentes daquelas da consciência pessoal. A

consciência consciente é, na tragédia grega, a pessoa - a consciência coletiva inconsciente, os deuses. Aquilo que é atribuído aos deuses é o que atua na consciência coletiva inconsciente. Da atuação conjunta dessas duas consciências é que se origina o destino e de um modo que não podemos controlar, se não entendermos a atuação dessa consciência inconsciente.

O que é, na realidade, a minha consciência, o que atua em minha consciência?

A consciência é vivenciada como um sentido através do qual percebemos diretamente o que é necessário para que pertençamos. É semelhante ao senso de equilíbrio: logo que perdemos o equilíbrio, temos uma sensação de tontura, e essa sensação faz com que corrijamos, imediatamente, a nossa postura, para voltarmos novamente ao equilíbrio e ficarmos firmes. A consciência pessoal atua de forma semelhante. Tão logo alguém se desvie daquilo que é válido em sua família, em seu grupo, isto é, quando precisa temer que através de seus atos coloca em jogo a sua pertinência, tem uma consciência pesada. A consciência pesada é tão desagradável que faz com que ele mude o seu comportamento de tal forma que possa pertencer novamente. Assim atua a consciência pessoal. Naturalmente, que é apenas uma de suas funções.

A consciência coletiva é uma instância que não atua pessoalmente, mas coletivamente, isto é, é uma instância da qual participam igualmente vários membros da família. Essa consciência abarca os filhos, os pais, os irmãos dos pais,

os avós, algumas vezes um ou outro dos bisavós e todas as pessoas que através de desvantagem ou prejuízo possibilitaram vantagem a outros do sistema. Dentro desse grupo ou desse sistema, a consciência coletiva atua como uma instancia que vela para que nenhum dos membros seja excluído.

Portanto, se um dos membros não é reconhecido, é difamado ou é esquecido, então essa consciência vela para que essa pessoa seja representada por outros membros da família. Isso fica sendo, então, o destino desse membro, sem que ele saiba disso. Portanto, quando um membro de uma família é escolhido pela consciência coletiva para representar outro membro que foi excluído, então para esse membro que foi escolhido isso é um destino, sem que entenda as conexões.

Quando se sabe como essa consciência coletiva inconsciente atua, pode- se libertar essa pessoa desse destino. Então, acolhe-se novamente a pessoa excluída na família ou grupo, reverenciando-a. Assim, ninguém mais precisa imitá-la.

Gostaria de pedir que dissesse algo mais sobre regras no sistema familiar.

A consciência pessoal

Quando olhamos para a consciência pessoal consciente, vemos que segue três necessidades. No fundo, é idêntica a essas necessidades.

A primeira necessidade é a de pertinência. A consciência vela pela pertinência. Se faço algo que coloca em perigo a pertinência fico com a consciência pesada, e isso me faz mudar o meu comportamento de tal modo que possa tornar a pertencer. A sensação de inocência significa aqui nada mais do que: Tenho a certeza de que posso pertencer. E a sensação de culpa significa aqui nada mais do que: Receio ter colocado em jogo a minha pertinência. Essa é a primeira necessidade.

A segunda necessidade é a do equilíbrio entre o dar e o tomar. Essa necessidade possibilita o intercâmbio entre os membros de um sistema. Por estar vinculado a uma necessidade de pertinência, via-de-regra, se expressa assim: Se recebi algo de bom, tenho a necessidade de compensar. Mas porque me sinto pertencente e amo, dou um pouco mais do que recebi. Para o outro e a mesma coisa, ele também dá um pouco mais e, assim, o intercâmbio cresce. Com isso, um relacionamento se aprofunda.

Mas essa necessidade de compensação tem também um lado negativo: se alguém me faz algo de mau, tenho a necessidade também de fazer-lhe algo de mau. E porque me sinto com razão, faço, via-de-regra, algo um pouco pior do que ele me fez. Então, ele se sente também com razão, e volta a me fazer algo de mau e, assim, aumenta o intercâmbio no mau. Essa necessidade de justiça e de vingança é tão forte que a necessidade de pertinência é, frequentemente, sacrificada em seu nome. Muitas discórdias e desavenças entre os povos também têm a ver com essa necessidade de vingança e de justiça. Essa é a segunda necessidade da consciência pessoal.

A terceira é a necessidade de ordem, isto é, que determinadas

regras do jogo sejam válidas e devam ser obedecidas. Quem as segue sente-se consciencioso, e quem não as segue sente que precisa pagar por isso, por exemplo, com castigo. Essas seriam, portanto, as necessidades básicas da consciência pessoal consciente.

A consciência coletiva

As mesmas necessidades dominam na consciência coletiva inconsciente, mas de uma maneira totalmente diferente, pois aqui não se trata de uma pessoa e sim do coletivo.

A consciência coletiva tem a necessidade da pertinência de todos os participantes. Não é um indivíduo que tem essa necessidade, mas um coletivo. Isto significa que quando um membro é excluído, essa consciência procura restabelecer a totalidade perdida, fazendo com que um outro membro represente essa pessoa excluída, como acabo de descrever.

Tem também a necessidade de compensação. Pois, o que acabei de descrever resulta de uma necessidade de compensação. Mas essa consciência não tem nenhuma compaixão com o membro posterior que é escolhido para restabelecer a pertinência e a compensação, ela o sacrifica em nome da necessidade coletiva. Essa experiência é também transferida frequentemente para Deus

A terceira é a necessidade de ordem, também totalmente diferente. Segundo essa ordem, aqueles que estiveram antes têm a precedência com relação aos que vieram depois. Por isso, os pais têm precedência aos filhos, o primogênito tem precedência ao segundo filho e assim por diante. Toda vez que essa ordem é transgredida - quando, por exemplo, um filho interfere nos assuntos dos pais, quer expiar pela culpa dos pais - então a consciência coletiva castiga essa tentativa com fracasso. O contraditório e trágico nisso, é que a consciência coletiva escolhe um membro posterior para representar um membro anterior excluído. Mas, porque ele faz isso, deixa-o fracassar, já que isso vai contra a ordem da precedência dos anteriores.

Destino e liberdade

Como é que o senhor vê, na realidade, a liberdade dos seres humanos? O ser humano é livre ou isso é uma ilusão?

Depende dos contextos em que a vejo. Com relação à consciência pessoal, posso me decidir em prol ou contra algo, porque tenho uma certa ideia, embora ela também seja limitada. Com relação a consciência coletiva inconsciente não tenho nenhuma liberdade, a não ser que tenha aprendido a entender suas leis. Essas leis vêm à luz através das constelações familiares. É um método em que pessoas estranhas são colocadas num recinto, umas em relação às outras, e representam os membros de uma família. De repente, os representantes sentem como as pessoas que estão sendo representadas, sem que as conheçam. Existe, portanto, um saber que vai além de uma comunicação normal. Numa constelação familiar pode se ver, por exemplo, que alguém pode representar uma outra pessoa, embora não tenha sabido disso anteriormente. Assim pode-se explicar, através deste método, as ordens segundo as quais a consciência coletiva inconsciente atua.

Durante muito tempo supôs-se na psicologia que vivências pessoais, por exemplo, uma frustração, podem tolher ou limitar alguém no nível pessoal e que, dai, origina-se o destino. O senhor esclarece aqui algo diferente. Como interagem esses dois pontos de vista?

Naturalmente que somos marcados pelo que vivenciamos. Mas a ideia de que com isso não somos livres não pode ser mantida. Existem pessoas com destinos bem difíceis, mas que mesmo assim os vencem porque tiram força do acontecimento e com essa ajuda podem fazer algo que outros, que não tiveram essas experiências, não poderiam fazer.

Por outro lado, outros permanecem, quando vivenciaram algo assim, censurando aqueles que causaram isso ou permanecem na postura de reivindicação perante essas pessoas. Com isso, consideram-se vítimas. Mas uma vítima, nesse sentido, é incapaz de agir. Essa atitude torna-se, para essa pessoa, o seu destino, mas não porque esse destino vem de fora e sim, porque essa pessoa reage a essa situação com uma atitude de vítima.

Para que a pessoa possa tirar força de seu sistema familiar e dominar o seu destino precisa, então, em primeiro lugar, reconhecer o que atua nesse sistema familiar?

Ela precisa, em primeiro lugar, saber. *Senão não pode se libertar?*

Voltando ao destino decorrente de um emaranhamento, precisamos nos

perguntar se alguém que toma para si um tal destino, sob a influência da consciência coletiva, não tira daí grandeza pelo modo com o qual assume isso. Existe uma ideia largamente difundida de que merecemos a felicidade e que temos direito a uma vida cômoda, na qual tudo corre como queremos. Essa é uma ideia muito superficial.

Contudo, grandeza humana é algo totalmente diferente. Ela se origina da superação, também, de destinos difíceis. Considerar apenas como negativos os destinos que se originam da atuação da consciência coletiva inconsciente é, para mim, inaceitável. Para tanto, o resultado é rico demais. Senão, não existiriam os destinos grandiosos e também trágicos que nos obrigam a ver a vida de uma forma diferente daquela que gostaríamos.

Vida plena

Então, o que é o sentido da vida?

O sentido da vida é a vida em si, nada além disso. A vida, tomada como ela é, tem sentido. Somente quando não nos expomos a ela, tal como ela é, a experimentamos sem sentido. Por isso, o sentido da vida depende, amplamente, daquilo que cada um faz com aquilo que lhe foi predeterminado.

E o que é uma vida plena?

Uma vida plena, quero denominar assim, é aquela na qual me sinto em harmonia com a realidade tal como ela e. Portanto, quando me sinto em harmonia com meus pais, assim como são; com os meus ancestrais, assim como são; com a cultura na qual vivo, assim como ela é; com o meu destino, assim como ele e, também com os meus obstáculos, assim como são e com as possibilidades que tenho.

Ao escutar isso, poderia se pensar que não podemos ou não devemos nos desenvolver de modo algum para além de nossa situação?

A situação tem, em si, a semente para o desenvolvimento. Se vejo isso e me deixo levar pelo movimento que surge, então a minha situação é sempre capaz de se desenvolver.

Mas algumas vezes se diz: existe um demônio interior, uma diretriz, uma predestinação para cada indivíduo. Como é que posso encontrar a minha

predestinação interior?

Cada um vivencia uma tarefa especial, uma capacidade especial. Pode-se dizer que cada um canta sua própria canção. Quando consegue cantá-la, sente-se bem e realizado. Isso não é fácil de encontrar, mas existem certos pontos de referência. Quando me proponho a fazer algo - algo que quero alcançar de qualquer jeito e percebo um obstáculo, se permaneço parado e me reoriento até que saiba em que direção posso me desenvolver, para algo que seja adequado para mim, então serei conduzido pelas circunstâncias em uma direção que me é adequada.

Perguntando novamente: como se chega a uma decisão certa?

O que é certo se ajusta. Sabedoria, por exemplo, não é nada mais do que a capacidade de diferenciar o que é possível ou não, o que para mim é adequado ou não.

Algumas vezes também para os outros, o que é ou não é adequado. Ela se orienta pelo todo. Portanto, nos expomos a uma situação e de repente sentimos: onde está a força, o que é adequado, e o que enfraquece e é inadequado.

Mas de vez em quando aparecem desejos e receios. Os receios nos enfraquecem, embora pudessem ser algo adequado, e os desejos nos conduzem numa direção que não é adequada.

Esses tipos de receios e desejos não se originam da alma. Quem está em harmonia não tem medo. Quem está em harmonia tampouco tem desejos. Está em harmonia e, com isso, feliz, seja lá o que for. Por isso, consegue se expor também a uma situação difícil; e quando for uma situação feliz, para ele não é nada diferente de uma situação comum, porque está em harmonia.

O que o senhor menciona aqui me lembra muito um estado espiritual, onde estou mais ou menos independente de fatos externos. Mas isso não é um estado que nós, os seres humanos, temos normalmente. É o produto de um trabalho. Como se pode alcançar tal estado?

Existe um tipo de caminho espiritual que se afasta da vida. Por exemplo, quando somente meditamos ou se nos afastamos já, agora da vida, como se tivéssemos chegado ao fim. Suicidas têm a mesma atitude. Sentem que deixaram a vida para trás, por isso, para eles a vida é indiferente. Isso não

é espiritual. Espiritual é a concordância com a vida como ela é, a uma vida totalmente trivial, com suas tarefas, com os seus desejos, com as suas dificuldades, exatamente como ela é. Isso é espiritual, isso é harmonia. Não o outro, onde nos retiramos, por assim dizer, do trivial.

É imprescindível pertencer para viver uma vida boa?

É preciso pertencer para nos sentirmos bem, mas existem diferentes maneiras. Portanto, posso me sentir pertencente à minha família. Então me sinto acolhido na família. Essa pertinência é muito íntima. Mas se persisto aí, depois de certo tempo, fico bloqueado em meu desenvolvimento. Se eu não reconheço também os valores de outras famílias, por exemplo, um homem que se casa com uma mulher em cuja família vigoram outros valores e não reconhece essa família, então o casamento fracassa. Precisa-se ampliar os limites de sua pertinência. O homem precisa, de certo modo, se afastar de sua família. E, assim, ele se desenvolve. Quem está conectado com o todo está, ao mesmo tempo, ligado e solitário.

Destino e fé

Podemos nos libertar do destino através de uma fé religiosa, através da fé em uma realidade superior?

Muita fé em Deus reflete o efeito da consciência coletiva inconsciente e reflete também, o efeito da consciência pessoal. Por isso, a limitada experiência pessoal fica envaidecida e transferida a Deus. Esse tipo de fé tem um mau efeito. Existe, por exemplo, nas religiões, a ideia da predestinação e a ideia da exclusão. Na maioria das religiões existem, portanto, santos que foram eleitos e os que foram repudiados. Isso reflete o que a consciência pessoal faz conosco quando diferencia quem pode pertencer e quem não pode. O uso dessa diferenciação e válido e importante na área familiar, porque mantém esse grupo unido, mas, transferida ao todo, tem os efeitos mais terríveis. Todas as guerras religiosas nascem dessa diferenciação que é inadmissível para a pessoa esclarecida que olha de modo exato.

Pelo contrário, a consciência coletiva inconsciente reflete algo totalmente diferente, isto é, que ninguém pode ser excluído e que toda exclusão tem um efeito terrível.

Por isso, a diferenciação entre o bom e o mau, como é aplicada

nas religiões, tem na alma do indivíduo um efeito devastador. Pode-se ver que em famílias devotas, frequentemente, tem que existir uma ovelha negra que faz realçar o lado renegado, e desmascara que é insustentável a reivindicação da representação única do bom.

Encontra-se em algumas religiões místicas a ideia de que podemos nos libertar através da devoção a Deus, porque nos esquecemos de nos mesmos. Não e este um caminho para superar o destino?

Para mim, não. O abandono a essa sensação: quando eu me dedico totalmente, sou livre - está ligado psicologicamente à necessidade de inocência. E inocência significa, no sentimento, nada mais do que: tenho certeza de que posso pertencer. O movimento da criança em direção à mãe e ao pai, de forma que se sinta acolhida por eles, é transferido aqui para a religião. Para mim, isso não é admissível. A religiosidade é trazida para o contexto humano e interpretada a partir daí.

Mas o destino não é apenas uma questão de como me sinto na vida, se me sinto livre e em harmonia? Então é totalmente indiferente o porquê. Se me sinto totalmente acolhida no colo de Deus, então tenho uma vida boa e superei o meu destino.

Este é um sentimento infantil. Quem deixa isso a critério de outrem permanece uma criança e não cresce. Para dominar a vida é necessária a coragem de assumir a culpa, isto é, coragem para se desviar daquilo que é predeterminado pela consciência, pois a consciência sempre restringe. Prescrevendo o que é válido dentro de nosso grupo, precisamos excluir outros que são apegados a outros valores. Por isso, a consciência sempre tem um efeito separador. Nas religiões, ela tem exatamente o efeito de que uns se consideram certos e veem os outros como errados. Por isso, é preciso chegar à harmonia com uma realidade maior, que anula essas diferenças, ultrapassa os limites da consciência e deixa isso para trás. Isso seria, para mim, religião.

Destino e alma

O senhor acredita numa evolução da consciência, onde os seres humanos sempre se movimentem em direção a uma consciência sempre maior e global?

Eu observo que a alma é progressiva e que, portanto, existe na vida humana uma evolução. Se nós, por exemplo, olharmos para a consciência

pessoal consciente, esta é mais nova que a inconsciente, coletiva. É o resultado de uma evolução posterior. E que também seja possível agora reconhecer a ação comum dessas duas consciências, é um progresso. São os movimentos da alma, num sentido amplo, que possibilitam isso. Quando nos expomos a esses movimentos, somos carregados para adiante, para algo maior.

O que é a alma?

A alma, em latim, *anima*, é o que possibilita o animalesco. Portanto, aquilo que dá alma ao que vive e possibilita a vida. A alma não é nada individual, algo que o indivíduo tem, mas o indivíduo participa dessa alma. Para mim essa "grande alma" dirige a evolução. A evolução é dirigida por algo que sabe, e isso é a alma. Quem pode se entregar aos movimentos da alma, pode evoluir. Mas, frequentemente, somos desconectados dos movimentos da alma pelo nosso vínculo a ambas as consciências. E é preciso esclarecimento e purificação para perceber os movimentos profundos da alma e segui-los.

Quando uma pessoa reconheceu o seu emaranhamento, então está livre ou não?

Não, não está livre. Pensar assim seria arrogante. O emaranhamento consiste, principalmente, que sou arrastado para os destinos de outros que viveram antes de mim sem que saiba disso. Quando posso compreender o emaranhamento, por exemplo, com a ajuda das constelações familiares, mas também de uma outra maneira, então posso me libertar disso, mas apenas em parte. Porque essa liberação é um processo de purificação, e isso é uma parte de minha vida. Por isso, a ideia de que posso ficar totalmente livre é uma ilusão. Eu me pergunto, o que faz aquele que é totalmente livre? Ele paira em algum lugar no ar e não aproveita. Mas quando se sabe estar vinculado e se entra nesse processo e nele se experimenta essa purificação, isso nos faz felizes. Nesse sentido, não nos liberta, mas nos torna maiores.

Tomar a vida

Introdução

Este capítulo mostra o que acontece com os seres humanos que se negam a tomar a sua vida ou a sua felicidade; portanto, o que se opõe à sua felicidade e o tomar a vida. Mostra também o que lhes possibilita o tomar a vida.

A consciência é que está principalmente em oposição ao tomar a vida e à felicidade, porque frequentemente nos transmite a sensação de inocência, quando queremos sofrer no lugar de outros sem que isso realmente lhes traga alívio ou os ajude. Ao contrário, frequentemente sentimo-nos culpados quando tomamos a vida e somos felizes. Por isso, a vida plena e feliz é uma conquista da alma.

Os seguintes livros dão muitos exemplos com relação a isso: O essencial é simples - Terapias breves[10], In Der Seele an die Liebe rühren[12] e Haltet mich, dass ich am Leben bleibe[13]. *Outros exemplos se encontram também em* Familien- Stellen mit Kranken[11], Wo Ohnmacht Frieden stiftet[12] e Wenn íhr wüsstet, wie ich euch liebe[13].

---

[10] Livro publicado no Brasil, pela Atman editora. (NT)

[12] Tocar o amor na alma (NT)

[13] Segure-me para que permaneça viva (NT)

11 Constelações Familiares com enfermos (NT)

12 Onde a impotência promove a paz (NT)

13 Se vocês soubessem como eu os amo (NT)

A felicidade

Algumas pessoas correm atrás da felicidade porque pensam que precisam agarrá- la. Então usam viseiras e correm... e correm. Mas a felicidade corre atrás delas e não pode alcançá-las, porque elas estão atrás da felicidade.

HELLINGER *para um cliente que se sente bem após ter se submetido a uma quimioterapia* Largue a felicidade. E quando ela vier e bater à sua porta, abra somente a porta. Você pode também deixar a porta aberta. Aí a felicidade pode ir e vir como quiser e talvez se sinta à vontade com você.

para um outro cliente Você está bem agora, poderia ter terminado mal. Quando poderia ter terminado mal e tudo correu bem, então, nos inclinamos humildemente perante a sorte e dizemos: agradeço por ter vindo. Assim a tomamos sem fazer nada. Nós a acolhemos enquanto permanece e, quando quiser ir, deixamos também humildemente que se vá. Assim chega paz na alma. É, então, uma felicidade serena. Essa felicidade serena você deixa irradiar em sua família, por exemplo. Na fisionomia dos outros é que você verá se isso irradia.

Modos de vivência da felicidade

Quando alguém faz um bom trabalho, quando consegue fazer algo bom e o que faz também tem efeito, fica feliz. Essa felicidade é sentida como realização. É independente da chamada sensação de felicidade. Tem algo de essencial, algo pleno. Faz a pessoa feliz, mesmo que se encontre numa situação terrível e não esteja feliz nela.

Também existe a sensação de alegria. Isso também é felicidade. Posso ter isso junto com outras pessoas, mas também independente delas. Essa sensação de alegria aparece quando tomei meus pais e eles podem estar vivos dentro de mim como um todo, do jeito que são. Quem toma os seus pais dessa forma, experimenta que tudo aquilo que têm de bom flui deles para si, e tudo aquilo que deles temiam ou negavam fica de fora. Quem consegue isso sente que sua sensação de felicidade aumenta.

O caminho da felicidade

PARTICIPANTE Penso que não devemos acordar cães adormecidos e que não devemos necessariamente desenterrá-los.

HELLINGER Talvez seja um tesouro o que se encontra enterrado aí. Se não cavarmos não poderemos descobrir se é um cão ou um tesouro.

É preciso saber que cada um está feliz com o seu problema. É uma felicidade bem profunda, porque na infelicidade se sente ligado aos outros e pertencente. A felicidade, ao contrário, causa solidão.

Se sigo o caminho da felicidade, preciso me desligar de algo e isso dá medo. Contudo, nesse caminho alcanço um nível mais elevado. Nele me sinto conectado com algo maior, mas liberto de outras coisas e do estreito.

Autorrealização e perfeição

Perfeição é um conceito importante. Na espiritualidade, a perfeição é um conceito importante. Nos mosteiros, o esforço pela perfeição é o ideal mais elevado. De forma secularizada existe também na psicoterapia a aspiração pela perfeição, por exemplo, na aspiração pela análise completa. Quando se foi analisado completamente, então se é perfeito. Também a aspiração pela autorrealização é uma aspiração à perfeição. Quando se olha para aqueles denominados auto- realizados, vê-se que para eles autorrealização significa viver à custa de outros.

Mas descobri algo sobre a verdadeira perfeição. Ela começa quando se está em harmonia consigo mesmo. Esse é o primeiro passo. Muitos estão em conflito interno. Não estão contentes consigo mesmos. Quando se investiga isso pode-se ver que expulsaram um dos pais de seu coração ou até os dois. Então, estão desligados da fonte de sua vida. Quando alguém está desligado de um de seus pais tem somente a metade da força vital, e quando alguém tem apenas a metade da força vital, fica deprimido.

Depressão é um sentimento de vazio, não de luto. Ter uma sensação de vazio significa que falta um dos pais. Então, somente a metade do coração está preenchida.

A depressão desaparece e fica-se em paz consigo mesmo quando se respeita e ama ambos os pais. Quando conseguimos fazer isso, isso é vivenciado como uma graça. Não posso simplesmente querer isso, como se pudesse controlá-lo. Quando conseguimos fazer isso, então isso é vivenciado como uma dádiva. Assim o sentimento básico se eleva para o

pleno e alegre, e a depressão desaparece.

Bem, este é o primeiro nível da perfeição. O segundo nível da verdadeira perfeição é alcançado quando todos os que pertencem ao meu sistema têm um lugar em meu coração. A ele pertencem os avós, os tios e tias, todos que deram lugar para mim, os repudiados que tiveram um mau destino, os desprezados e quem quer que seja que ainda pertença a ele. Se apenas um deles fica excluído, sinto-me incompleto. Quando todos estão em meu coração, sinto-me completo. Essa verdadeira perfeição tem um efeito maravilhoso. No instante em que a alcanço, sinto-me tanto pleno quanto livre.

Cura e bem-estar

PARTICIPANTE Antes, quando estava lá na frente, tive a sensação de que o importante não é a história em si, que se desenrola lá na frente, mas o sentimento daquele que está lá. Que se trata de que seu destino fique liberado. Tem fundamento o que digo?

HELLINGER Sim. Tudo está direcionado a uma solução. Não importa se no meio algo está certo ou errado. Tão logo estejamos direcionados para a solução, chegamos também a ela, indiretamente.

PARTICIPANTE De forma que talvez a cura seja ainda algo totalmente diferente daquilo que talvez imaginamos em muitos casos. Tive a sensação de que são leis que se tornam visíveis aqui, as quais pudemos apenas perceber parcialmente, e que algumas coisas não são totalmente claras. Parece-me que a cura em alguns casos é totalmente enigmática.

HELLINGER Para mim ela é impenetrável. Entretanto, faz uma diferença importante se olho para uma cura, especialmente para uma cura somática ou se olho para que algo em um sistema fique em ordem. Se dá certo, isso tem algo de felicidade e libertação. Na realidade, isso é o que almejo diretamente. Por isso, também tem efeitos maiores ou menores no corpo.

Quando se vê que clientes ficam doentes ou querem se suicidar por amor à sua família, e conseguem se libertar dessa pressão, então ficam acolhidos em sua família de um modo totalmente diferente do que antes. Se antes já estavam dispostos a morrer, nessa ligação não estão menos dispostos, se é para isso que a doença leva. Mas agora eles se

expõem à doença de uma outra forma. A saúde não é mais o maior bem.

Muitos médicos e doentes comportam-se como se a saúde fosse o maior bem. Mas não é assim. Ou como se a vida fosse o maior bem. Também não é isso. A alma tem outros critérios. Se for permitido que ao lado da saúde também o estar doente seja significativo e grande, e que o morrer, em sua hora, é significativo e grande, então poder-se-ia lidar com a doença e a morte mais serenamente.

O dito filosófico mais antigo do mundo ocidental provém de um certo Anaximandro. Heidegger escreveu um longo ensaio sobre essa sentença e sondou a sua profundidade. Na tradução usual a sentença diz: "Onde as coisas têm a sua origem, para lá também devem submergir segundo a necessidade; pois precisam pagar penitência e serem punidas pelas suas injustiças, conforme a ordem do tempo".

Quer dizer o seguinte: quem se retém à vida além do tempo, peca na essência. Nós vamos com a corrente da vida e com a corrente da morte. Essa é a grande harmonia. Dentro dessa corrente resultam tanto o bem-estar e a cura como também o estar doente e o morrer. Então, teremos perante a vida e a morte uma outra postura.

Os limites da consciência

Aquilo que habitualmente denominamos consciência é um senso íntimo, semelhante ao nosso senso de equilíbrio, com a ajuda do qual percebemos, num grupo, como é que devemos nos comportar para poder pertencer, e o que devemos evitar para não colocar em jogo a pertinência. Temos uma consciência tranquila quando preenchemos as condições para a pertinência. Temos uma consciência pesada quando nos afastamos das condições para a pertinência.

As condições para o direito de pertinência são diferentes de grupo para grupo. Numa família de ladrões precisa-se fazer outra coisa para pertencer a ela do que, por exemplo, numa família de clérigos. Em ambas as famílias, os filhos têm uma boa ou má consciência, seguindo tipos de comportamento totalmente diferentes.

Portanto, moral significa para muitos o que é válido em nossa família, e imoral significa aquilo que na nossa família não é válido. Portanto, o conteúdo é extraído totalmente do sistema.

O estranho é que nós tomamos de nossa boa consciência o direito de prejudicar outros que são diferentes de nós. Quando alguém apela para a sua consciência, na maioria das vezes, quer fazer algo de mal a um outro. Quando sou bom e quero fazer o bem, não preciso apelar para a minha consciência. É bem estranho.

Por isso, a bondade real está além da consciência e é preciso coragem para ultrapassá-la e fazer algo realmente bom. A bondade real significa servir a muitos e reconhecer também as diferenças de outros grupos e outros sistemas ou outras religiões como sendo igualmente válidas.

Mas existe uma instância superior. Ela atua além da consciência que acabei de descrever. Atua quando estamos em harmonia com algo maior. Vivenciamos o efeito dessa instância, algumas vezes, numa constelação familiar, quando todos os participantes ficam de repente em paz como se estivessem em harmonia com algo maior. Ou quando alguém percebe que foi chamado para algo ao qual não pode se esquivar. Se não fizesse isso, algo iria despedaçar em sua alma. Ou se fizesse algo determinado que, superficialmente, considera certo, também despedaçaria algo na alma. O que atua aqui também é uma consciência. É uma consciência superior. Está bem próximo ao ser, ao essencial.

Gostaria de retornar, neste contexto, à consciência. O movimento perigoso que se manifestou e que se mostrou claramente no pai, esse impulso em direção aos mortos por amor, é um movimento da consciência. Por trás disso atua, na realidade, a ideia: se eu fizer isso, pertenço. Por isso, o movimento em direção à morte está ligado a um sentimento profundo de inocência. Essa inocência, mesmo sendo sentida como boa, sob a influência da consciência é inimiga da vida. Vê-se como é importante que as pessoas percebam isso e que se dirijam a esse anseio pela inocência, num outro nível, onde podem deixar o que é ou o que foi. Que, por exemplo, se possa deixar os mortos onde estão e onde querem ficar. Isso está frequentemente ligado a uma sensação de culpa. Deve-se encontrá-la ou pode-se encontrá-la quando se recebe, do mesmo movimento, a garantia de que continuar na vida também é inocência, talvez ainda uma inocência maior do que quando se segue uma pessoa que morreu. Foi isso que se mostrou aqui nesse movimento.

Nesse contexto, gostaria de falar sobre uma outra consciência, a

consciência coletiva que não sentimos. Nas constelações familiares vem à luz segundo quais leis essa consciência atua. Essa consciência abarca um grupo de pessoas bem determinado. Vou enumerá-las para aqueles que ainda não as conhecem exatamente. São os filhos, os pais, os irmãos e irmãs dos pais, os avós, um ou outro dos bisavós e todos aqueles que deram lugar para vantagem de alguns do grupo, por exemplo, parceiros anteriores dos pais ou avós. É esse o grupo. Ele é dirigido por uma consciência comum. Essa consciência determina que ninguém desse sistema pode ser esquecido. Portanto, se sob a influência da consciência pessoal, que trouxe ao mundo a diferenciação entre o bom e mau, alguém da família é repudiado ou excluído ou esquecido, então, sob a influência da consciência coletiva, um outro membro da família é escolhido para representar essa pessoa excluída, por assim dizer, como reparação.

Essa consciência segue ainda uma outra lei, quer dizer que aqueles que aí estavam antes têm precedência perante aqueles que vêm depois. Portanto, os pais têm precedência perante os filhos, o primogênito tem precedência perante o segundo filho etc. Mas se alguém infringir essa precedência, por exemplo, quando uma criança tenta fazer algo pelos seus pais, o que não lhe compete, por exemplo, uma criança tenta pagar pela culpa dos pais ou quando, por exemplo, como se manifestou nessa família aqui, em que o mais velho se sente responsável pela mãe e pensa que precisa segurá-la em vez de ela segurá-lo, então isso é uma violação da consciência coletiva.

Essa consciência coletiva é cruel. Castiga essa arrogância com o fracasso e decadência. Embora o que uma criança faça seja por amor e, por isso, no sentido da consciência pessoal seja considerado como inocência, para a consciência coletiva é uma culpa grave e é castigada como tal. Todas as tragédias familiares ou tragédias em geral resultam da contradição entre essas duas consciências. O herói nas tragédias faz algo de boa consciência, algo que infringe a consciência coletiva e, por isso, decai. Por isso, precisamos não somente nos libertar da consciência pessoal, mas também dessa consciência coletiva, por um lado respeitando-a e, por outro lado, afastando-nos dela. Isso só se pode fazer quando se está ligado a forças profundas, e isso é a alma profunda. A alma em sua profundeza, para a qual podemos nos recolher, afastando-nos de todas essas diferenciações e da qual tiramos a força para a ação que libera.

Culpa e inocência

A culpa existe em diversos contextos e é sentida de diferentes maneiras. A pior culpa que experimentamos é quando fazemos algo que coloca em perigo a nossa pertinência à família de origem. Portanto, o medo da exclusão é o pior sentimento de culpa. Esse sentimento é tão terrível, que nos impele a fazer algo para que possamos reconquistar ou preservar a pertinência. Essa culpa tem algo a ver com o vínculo original. A consciência vela para que não percamos a pertinência e, quando fazemos algo que coloca em perigo a pertinência, a consciência reage e nos impele a mudar o nosso comportamento para que possamos voltar a pertencer. Essa é uma forma de culpa. Tem uma importante função social. Está a serviço do relacionamento e do vínculo.

Existe também uma segunda forma de culpa. Tem a ver com o equilíbrio entre o dar e o tomar. Quando alguém me presenteia com algo, sinto-me em dívida em relação a ele. O que recebi não me deixa em paz até que devolva algo equivalente. Esse tipo de culpa é vivenciado como obrigação. “Eu estou em dívida com você”, dizemos assim. Se não cumprir essa obrigação, o outro tem a sensação de um direito à reivindicação. Reivindicação é a sensação de inocência correspondente à sensação da culpa como obrigação. A reivindicação é um sentimento de superioridade. Existem muitos ajudantes que desfrutam a sensação de reivindicação. Por isso, não tomam nada daqueles que ajudam. Portanto, nesse contexto, a culpa é sentida como obrigação, e a inocência é vivenciada aqui como estar livre da obrigação ou como reivindicação.

Existem também acordos, regras para a vida em comum. Quem preenche essas regras, sente-se consciencioso. Essa também é uma sensação de inocência. A culpa é vivenciada, nesse contexto, como a transgressão de uma regra. Mas esse tipo de culpa não é vivenciado muito profundamente, quando se compara com a culpa que tem a ver com o vínculo, e com a culpa em relação ao equilíbrio entre o dar e o tomar.

Portanto, essa é a culpa em primeiro plano. Essa é a culpa consciente e a inocência consciente.

Mas existe também uma culpa inconsciente, quando alguém se arroga a algo. Por exemplo, quando crianças se arrogam assumir a responsabilidade pelos pais. Então elas se fazem de grandes. Muitos

clientes se fazem de grandes com relação a seus pais como se fossem responsáveis e pudessem assumir algo por eles.

E o estranho é que, por um lado, isso é vivenciado como inocência, porque a criança faz isso por amor. Aqui seria então a inocência.

Entretanto, existe uma ordem secreta que a criança transgride. Ela tem a petulância de se colocar acima de quem tem precedência. A culpa então é a *hybris*, a arrogância. Quando se trata de algo grave, a criança se castiga com a necessidade de fracasso e queda. Portanto, aqui existe uma culpa que não é sentida como culpa pela pessoa atingida. Mas vê-se pelo efeito, pois esta se comporta como alguém que ficou profundamente culpado. Esse tipo de culpa é o fundamento de muitas doenças graves. Assim, o terapeuta deve contar, principalmente, com tal tipo de culpa.

Por isso o terapeuta precisa ter cuidado quando quer ajudar um cliente, para não se elevar acima de seus pais, como se fosse um melhor pai ou mãe ou ainda o parceiro mais compreensivo. Caso contrário - assim como o cliente - ele também expia com o fracasso por causa de sua arrogância.

A paz

Depois de um certo tempo a culpa precisa cessar. Ater-se à culpa é, algumas vezes, arrogância. Depois de um certo tempo precisa existir paz para todos.

Sobreviver à sobrevivência

Observei que muitos judeus que sobreviveram porque emigraram a tempo; depois passaram a viver como se estivessem em campos de concentração, bem limitados, por lealdade às vítimas que morreram. Muitos sobreviventes não tomam mais a vida porque pensam não merecê-la face aos mortos. Algumas vezes, renegam o seu judaísmo e querem se distanciar dele. Mas, no íntimo, se solidarizam muito profundamente com o mesmo.

Também observei que alguns sobreviventes judeus têm os mesmos sentimentos que os agressores. Eles também renegam a sua origem e o seu ato, mas um ato imaginário, comportando-se

veementemente como cristãos. Seus pais e avós tomaram o batismo, tornaram-se então especialmente bons cristãos e com isso renegaram o laço do destino do qual provêm. Isso tem um efeito ruim.

Tomar sem presunção

Atrás disso atua uma estranha dinâmica. Ela tem a ver com as experiências que temos em nossos relacionamentos humanos normais. Em nossos relacionamentos temos a necessidade de pagar por um presente recebido, também dando algo. Portanto, se recebo algo também dou algo e, vice-versa, quando dou algo, o outro me dá algo. O dar e o tomar recíproco são a base do intercâmbio nos nossos relacionamentos humanos. Sem essa necessidade de equilíbrio não existiria intercâmbio. Mas, então, transferimos essa necessidade de equilíbrio também para contextos em que isso não é aceitável, por exemplo, para o nosso relacionamento com o destino ou com Deus.

Portanto, se alguém é salvo por uma circunstância feliz, assim como os membros da família dessa cliente, então ele fica sob pressão para pagar por isso em vez de tomá-lo como presente. Embora nesse contexto possa parecer absurdo, é mais fácil pagar pela salvação do que tomá-la como um presente não merecido.

Presentes imerecidos são difíceis de tomar, pode-se fazer isso somente com grande humildade. No fundo, não se pode nem mesmo agradecer por isso, porque o agradecimento seria também uma arrogância. O agradecimento adequado seria simplesmente tomar - tomar sem presunção. Então, o presente é suportável. Passar do querer pagar para um tomar humilde é também uma renúncia ao controle, porque quem paga o destino, no devido tempo, pensa que com isso também pode controlá-lo. Tomar sem dar é um grande passo e exige o último, muito mais do que o sofrimento. Nesse contexto valem as frases: “Sofrer é mais fácil do que solucionar” e “É mais fácil carregar a infelicidade do que a felicidade”.

Soldados e guerra

PARTICIPANTE Penso que homens que estiveram na guerra são quase todos assassinos.

HELLINGER Não, isso é uma coisa totalmente diferente.

O maior bem que existe nas famílias é a pertinência de todos. A vida é venerada e protegida nas famílias. Aqui se precisa proteger a vida. Essa é a dinâmica dentro da família.

Em um grande grupo, a vida não é respeitada da mesma forma, por exemplo, em um país, quando este fica em situação difícil, luta e faz guerra, sendo ela justa ou não. Quando há guerra o próprio grupo será defendido e o outro atacado. Os soldados que lutam nessa guerra estão entregues a um mecanismo que não podem controlar. Não podem dizer: Eu quero ou Eu não quero. São envolvidos.

Nessa luta, a vida de cada indivíduo não conta. Mas quando existem crimes aí é uma outra coisa. Aqui isso conta. Mas não para os soldados. Não se pode misturar as coisas. O *slogan* "Todos os soldados são assassinos" é maluco, pois, os que dizem isso, vivem porque outros morreram dessa forma. Senão, também estariam mortos. Ninguém pode sair dessa discussão tão facilmente.

A concordância com a pátria

Estamos ligados ao nosso povo e ao seu destino. Não podemos e não devemos fugir dele. Isso é muito importante. A política de receber os refugiados de guerra é uma faca de dois gumes. Por um lado, é certa e necessária - por outro lado, em muitos, destrói algo em suas almas. Pagam então por isso, por exemplo, com fobias, medos e doenças graves. Quem se expõe a isso, quem compartilha o destino de seu povo, mesmo que seja difícil, está em paz com a sua alma e tem força.

Muito frequentemente pessoas que pertencem a um povo querem fugir do destino de seu povo indo para um outro país. Vimos aqui quais as conseqüencias que isso pode ter. Prejudica a alma e algumas vezes o corpo. É inerente à grandeza humana que alguém não somente concorde com os seus pais, mas também com a sua pátria. Que esteja disposto a carregar o destino de seu país o tempo que for necessário.

Existem outras situações, por exemplo, o flagelo da fome, quando as pessoas emigravam antigamente. Naturalmente que isso é justo. Mas, é um grande e decisivo passo e é vivenciado também dessa forma. Que outros povos se defendam contra os refugiados que se recusam a assumir responsabilidade em sua pátria, isso também é justo.

Como é que eles querem assumir aqui responsabilidades, quando não fazem isso em seu próprio país? Vemos, frequentemente, que quando voltam para seus países são tratados como inimigos, e com razão. Eles se recusaram a carregar o destino que foi e é difícil.

Quando trabalho com um cliente assim, não amo apenas ele, mas também ainda outros, por exemplo, aqueles que ficaram. Vejo o indivíduo como membro de seu grupo, e eles têm a minha especial compaixão, aqueles que carregam o destino, não aqueles que fogem dele.

O que disse é válido somente com muitas restrições, mas devemos prestar atenção a isso.

A bênção

É próprio do ser humano aprender através de erros. De certa forma, nossos erros são convenientes a outros, porque estes também aprendem através deles. Frequentemente pensamos ter cometido um grande erro, mas depois verificamos que foi uma bênção.

A nova vida depois de uma salvação

Quando alguém foi salvo de um extremo perigo de vida, então a sua vida começa de novo. A anterior passou, teria quase terminado e, então, muitos reagem comportando-se como se tivessem morrido naquele momento. Principalmente quando muitos outros morreram ao mesmo tempo nessa situação.

É importante que o terapeuta volte com o cliente até essa situação e que o cliente tome aí, humildemente, a vida e a salvação como um presente. E que ele a conserve, também face aos outros que morreram. Quando se trata de situações de guerra, essa é uma intervenção significativa, uma imagem significativa com a qual os terapeutas podem ajudar, algumas vezes.

Quando se seguem as reações dos atingidos, vê-se que para eles frequentemente é mais fácil - teria sido mais fácil morrer do que sobreviver. A questão é se o terapeuta, por assim dizer, tem o direito de trazê-lo de volta ou se ele não se coloca contra um movimento interno da alma do cliente. Não sei, mas levem isso em consideração. Nessas situações é de ajuda quando se colocam os mortos. A partir de suas

reações na constelação, frequentemente fica evidente o que é apropriado.

PARTICIPANTE Me toca muito o que você diz sobre a salvação. Algumas vezes é assim: a gente deve a vida a alguém e essa pessoa pensa, então, que a vida salva pertence a ele. Qual é aqui a ordem, de forma que se possa agradecer e que, apesar disso, a vida pertença à própria pessoa?

HELLINGER A maioria dos salvamentos acontece instintivamente. Quando uma criança cai na água, uma pessoa salta logo atrás dela. Faz isso de forma totalmente instintiva. Aqui, instinto significa que a gente é tomada a serviço por forças superiores.

O agradecimento

Quando alguém esteve em perigo de vida e foi salvo, frequentemente, trata o destino ou aquilo que está por trás do destino como um oponente. Normalmente, num relacionamento, por exemplo, entre homem e mulher, quando um dá e o outro toma, aquele que tomou fica sob pressão até que também dê algo. Portanto, a necessidade de compensação é irresistível e nos relacionamentos serve ao intercâmbio. Sem essa necessidade de equilíbrio não existiria nenhum intercâmbio em nossos relacionamentos.

Mas acontece, frequentemente, que essa necessidade de equilíbrio é transferida para uma dimensão onde a compensação é tanto impossível quanto inadmissível, isto é, ao destino e a Deus. Quer dizer que, quando alguém foi salvo de um perigo de vida, por exemplo, se alguém sofreu um acidente e saiu com vida, então se comporta, frequentemente, como se tivesse sido escolhido pelo destino ou por Deus. Então, talvez fique orgulhoso e diga: “Consegui” ou algo semelhante. Quem se comporta assim encontra-se em perigo.

Outros se comportam como se tivessem que pagar ao destino. Limitam- se em suas vidas e vivem menos do que antes. A solução para eles seria que tomassem a salvação como um grande e imerecido presente. Eles também ficam sob pressão, mas essa pressão, em vez de incitá-los a equilibrar a salvação através de uma limitação e um sacrifício, lhes dá a força para fazer algo de bom e bonito.

O equilíbrio

Os sistemas têm uma profunda necessidade de compensação interna. Essa necessidade ultrapassa frequentemente os limites estabelecidos. A necessidade de equilíbrio serve ao relacionamento. Quando, por exemplo, na família o homem faz algo de bom para a sua mulher, ela fica sob a pressão da compensação. Com isso, ela lhe faz também algo de bom e, porque o ama, faz um pouco mais do bom para ele do que ele para ela. Então, ele fica sob pressão e lhe dá um pouco mais do bom e, assim, a união da necessidade de compensação e do amor conduz a um intercâmbio crescente. Isso é a base da felicidade num relacionamento. Por isso, a necessidade de compensação é tão importante.

Essa necessidade tem, entretanto, seu sentido somente dentro de determinados limites. Quando, por exemplo, alguém é salvo da morte, então tem, via-de-regra, a necessidade de compensação. Isso significa que começa a pagar pela salvação, por exemplo, com uma nova doença. Algumas vezes, alguém paga até se suicidando. Então, o destino é tratado como se fosse uma pessoa com a qual se concorda condescendentemente e para a qual se paga.

Muitas pessoas fazem isso também com Deus. Muitas religiões se baseiam na ideia de que algo deve ser compensado; somente quando foi compensado, fica bom. Que ideia de Deus está por trás disso, que precisamos pagar para que Deus faça algo! Isso é totalmente absurdo.

Algo semelhante acontece na compensação através das gerações. Quando, por exemplo, os pais cometeram um crime, as crianças começam a pagar por isso, embora não seja absolutamente culpa deles. Ou outros exigem que as crianças comecem a pagar pelos pais, como se pudessem fazer isso. Portanto, aqui precisam ser estabelecidos limites, e a compensação deve terminar depois de um certo tempo.

Muitas guerras resultam de que mais tarde, frequentemente depois de séculos, algo ainda deva ser compensado, uma espécie de injustiça que aconteceu antes e então vem uma outra injustiça e assim por diante. A paz é promovida quando o passado pode ficar passado.

Isso e também um ponto importante aqui, nas constelações familiares. Nós levantamos o passado para liberá-lo. Então, não se pode

mais reportar a isso. Alguns olham de novo para o problema quando têm a solução nas mãos. Com isso coloca-se facilmente em jogo a solução.

O esquecimento

Quando se é salvo, então se deixa atrás de si o que foi mau. Esquece-se isso. O esquecer é uma arte bem sublime e é uma disciplina espiritual sublime. Depois de um certo tempo a gente esquece e olha para as pequenas coisas que estão em frente aos nossos olhos e aos nossos pés.

Não se pode ficar também com os mortos, mas se volta ao trivial.

Ouvi uma vez que uma mulher tinha fundado uma instituição para doentes incuráveis. Era estranho, nessa instituição havia uma alegria contínua. Tinha, na realidade, uma regra: nunca se falava de doenças. Há algo de verdade nisso.

PARTICIPANTE Num de seus livros, o senhor fala sobre o esquecimento espiritual. Isso é um conceito com o qual me ocupo muito e me pergunto, qual é o caminho, como faço isso?

HELLINGER Tudo aquilo que é espiritual é graça. Também o esquecimento.

O presente

Cada dia é um presente e lida-se com ele como se fosse um presente, mesmo em face da morte. Isso é humilde e disso vem força. Do agradecimento, desse tomar como um presente - como um presente imerecido, vem a força.

O ser e o tempo

Parece que as coisas recebem uma qualidade especial através do tempo. Aquilo que durou mais tem precedência sobre aquilo que durou menos. O anterior recebe, através do tempo, uma certa plenitude. Isso, na verdade, contradiz o *Zeitgeisí,* mas vou explicar isso numa história. A história se chama “A plenitude”.

A plenitude

Um jovem perguntou a um velho:
“O que distingue você, que quase já era, de mim, que ainda serei?”

O velho respondeu: “Eu fui mais”.

Sem dúvida, o novo dia que nasce parece ser mais do que o velho, pois este já foi antes dele.

Contudo, só pode ser o que já foi,
embora esteja nascendo, e também será mais quanto mais tiver sido.

Como outrora, o velho
no começo também sobe
a prumo para o meio-dia;
atinge o zênite antes do pleno calor,
e, ao que parece, permanece
algum tempo nas alturas
até que,
quanto mais longamente tanto mais
como se o seu peso crescente o puxasse,
inclina-se profundamente
para a noite
e se completa
quando,
como o velho,
tiver sido plenamente.

Porém, o que já foi não passou; permanece Por ter sido, atua,
embora tenha sido, e através do novo que o sucede torna-se mais.

Pois, como uma gota redonda de uma nuvem que passou, o que já foi mergulha num oceano que permanece.

Somente o que jamais pôde ter sido,
porque apenas o sonhamos,
mas não vivemos,
pensamos,
mas não fizemos,
apenas rejeitamos,
mas não pagamos
como preço por aquilo que escolhemos,

isso passou: dele nada resta.

O Deus do momento oportuno nos aparece, assim, como um jovem que tem na frente um cabelo encaracolado e atrás é calvo.
De frente, podemos agarrá-lo pelo cabelo; por trás, agarramos o vazio”.

O jovem perguntou:
“Que devo fazer para vir a ser o que você foi?”

O velho respondeu:
“Seja!”

Homens e mulheres

Introdução

Este capítulo contém muitas afirmações básicas sobre o relacionamento de casal, por isso pode ser lido como um compêndio sobre as ordens do amor entre o homem e a mulher. Está na mesma linha dos outros dois livros para casais Para que o amor dê certo - O trabalho terapêutico de Bert Hellinger com casais, editado por Johannes Neuhauser[14] e Wir gehen nach vorne - Ein Kurs für Paare in *Krisen*[15].

Livro publicado no Brasil, pela editora Cultrix (NT)
Nós vamos para frente - Um curso para casais em crise (NT)

Homem e mulher

A base do relacionamento de casal é a diferença entre o homem e a mulher. A mulher, para se tornar mulher, precisa de um homem. E o homem, para se tornar homem, precisa de uma mulher. Pois somente tem sentido ser homem quando existe também uma mulher. E somente tem sentido ser mulher quando existe também um homem e quando ambos se completam. Um homem quer uma mulher, porque para ele como homem lhe falta a mulher. E uma mulher quer um homem, porque para ela como mulher lhe falta o homem. Assim, um bom relacionamento de casal começa com o reconhecimento de que um precisa do outro. A partir desse reconhecimento um se deixa presentear pelo outro com aquilo que lhe falta. O homem deixa-se presentear pela mulher com aquilo que lhe falta como homem. E a mulher deixa-se presentear pelo homem com aquilo que lhe falta como mulher. Por isso, a consumação do amor dá certo no seu sentido elementar, quando se parte do reconhecimento recíproco da necessidade e da prontidão de presentear ao outro com o que lhe falta e de tomar dele o que falta para si próprio. Essa é a base de todos os relacionamentos de casal.

Esse intercâmbio fica em perigo quando um faz de conta que não está carente e, por assim dizer, não faz caso do outro, dizendo, por exemplo: vamos ver do que você precisa, talvez dê isso a você. Isso destrói o relacionamento de casal, porque essa é, aliás, a ferida mais profunda, quando um se aproxima com as suas necessidades e o outro faz de conta que não tem nenhuma necessidade.

O baixo-contínuo no concerto barroco do amor soa na profundeza sempre assim: eu te amo, eu te tomo; eu te tomo como homem e me dou como mulher; eu te tomo como mulher e me dou como homem. Esse ato é muito humilde. Sobre essa base é que se constrói qualquer outra ação e qualquer outro intercâmbio.

O dar e o tomar no relacionamento de casal

Os relacionamentos de casal obtêm sucesso quando o homem e a mulher reconhecem que são diferentes, mas equivalentes. Quando se defrontam como iguais.

E o relacionamento obtém sucesso através do intercâmbio entre o dar e o tomar. Quando um dá, o outro toma, e através de seu amor acrescenta algo àquilo que recebeu e devolve. E o outro acrescenta algo mais, porque ama e torna a devolver. E, assim, o relacionamento de casal, no intercâmbio, dá certo onde existe uma contínua compensação com algum acréscimo.

Mas, se num relacionamento de casal um deve dar mais porque lhe é exigido que dê mais do que recebe, então esse relacionamento fica em perigo. O amor esfria com isso. Se, por exemplo, num casamento um dos parceiros foi casado anteriormente, tem filhos do primeiro casamento, os traz para o novo casamento e agora espera que o outro cuide dos filhos, mesmo que não sejam os seus próprios, então este precisa dar mais do que recebe. Espera-se dele que dê mais do que recebe. Com isso, a igualdade e o equilíbrio ficam perturbados. Aqui só existe um caminho; o equilíbrio tem que ser restaurado. Esse e restaurado quando aquele que exigiu mais honra o que o outro dá e abre mão da reivindicação; "Você me deve isso" e, pelo contrário, reconhece: "Eu devo a você". E quando honra isso com amor, pode levar a um equilíbrio.

No relacionamento de casal é necessária a compensação também no mau. Portanto, não é somente no bom que temos a necessidade de compensação, mas também no mau. Se um fere o outro, quaisquer que sejam as razões, então o outro tem a necessidade de feri-lo também. E ele precisa ferir, senão o equilíbrio fica perturbado. Mas se fere com amor, isto é, ele fere um pouco menos do que o outro, aí o equilíbrio positivo pode recomeçar. Esses seriam pequenos segredos para um relacionamento com êxito.

O intercâmbio e o amor

O intercâmbio entre um casal baseia-se em duas necessidades. Uma é a necessidade pela compensação, a outra é a necessidade pelo amor. Portanto, se um parceiro dá ao outro algo com amor, então o outro toma isso. Porque este tem uma necessidade de compensação, dá ao outro algo de mesmo valor. Mas porque também o ama, devolve um pouco mais do que recebeu. Com o outro acontece o mesmo. Devolve, mas por amor, um pouco mais. Assim o intercâmbio e a felicidade aumentam através da união das duas necessidades de compensação e de amor. Esse é o

princípio básico da felicidade.

O futuro

Hoje de manhã um amigo me contou que Joseph Campbell disse que quando um homem ou uma mulher encontra o parceiro certo, então ele ou ela sabe imediatamente: Agora encontrei o meu futuro. Esta é uma linda frase.

O futuro é o que vem inevitavelmente ao nosso encontro. Quem alcançou o futuro está vinculado. Ele nos aprisiona.

Animus e anima

Uma mulher que tomou sua mãe não precisa de um animus. Ela toma um homem. Um homem que tomou seu pai não precisa de uma anima. Ele toma uma mulher.

O masculino e o feminino

O homem que segue o masculino sente-se bem. Mas, para o feminino, talvez pareça ser anormal e estranho. Se o homem seguisse o feminino, isso pareceria uma traição a si mesmo e uma culpa. Entretanto, para o feminino parece bom e inocente. O homem que segue o feminino fica alienado de si mesmo, mas sem o feminino fica solitário e dividido.

A consciência masculina é diferente da consciência feminina e culpa e inocência masculina são diferentes da culpa e inocência feminina. O que é bom para o feminino talvez seja prejudicial para o masculino. Quando o masculino não pode se afirmar, precisa se separar ou resignar. Mas pode também concordar com o limite e através da renúncia fica unido a algo maior e, através disso, eficaz.

A força total

Gostaria de dizer algo sobre a força. Quando uma criança olha para seus pais, apenas para eles - e é isso que ela comumente faz - sente-se fraca. Quaisquer que sejam as exigências que os pais tenham em relação a criança, ela se sente totalmente dependente deles. Com os pais é o contrário. Quando só se veem a si próprios e olham, então, para a criança, sentem-se fracos. Eles se sentem pequenos.

Quando a criança vê atrás dos pais os avós, os bisavós, os trisavós e olha mais além, para lá, ao longe, de onde flui a vida, então vê os pais conectados em algo maior. Então, seja lá o que for que vier dos pais a criança pode tomar, porque não toma somente dos pais, toma de muito longe, de onde vem. Então não importa como eles sejam. Aquilo que flui dos pais é sempre claro e limpo, grande e completo.

Quando os pais olham para trás e veem de onde provém a vida, de muito longe e se veem nessa corrente, então são fortes perante as crianças, mas não no sentido de precisar fazer algo ou querer fazer algo, mas se sentem ligados a essa corrente. Então, a criança pode tomar tudo dos pais mais facilmente, porque também se sentem ligados a uma corrente.

Quando então a criança cresce, sente a necessidade de um relacionamento íntimo, quer se casar e então olha somente para o parceiro, sente-se fraca e desamparada. E esse parceiro, quando só olha para o seu outro parceiro, também se sente fraco e desamparado. Mas, se cada um deles vê que ele e ela estão ligados a essa grande corrente e, como o desejo por um parceiro está relacionado à corrente da vida, ainda sentem que esta flui através de si e eles se olham, então não olham somente para si mesmos. Eles não se olham apenas como homem e mulher com a ideia: agora vamos fazer a nossa felicidade. O que é isso? Quando veem que estão dentro dessa corrente, ultrapassam a si mesmos. Então é relativamente insignificante como é o parceiro. Ambos estão na corrente da vida. Então, não se olha mais somente nos olhos, olha-se sem distinção, em direção à amplidão e sente-se carregado. Assim, o que quer que aconteça no relacionamento de casal, eles suportam.

O beijo

Pode-se lidar com as desigualdades de duas formas. Como o que nos relata o conto de fadas do rei sapo. O sapo é repugnante, mas é um rei secreto. Pode-se então arremessar o sapo contra a parede como no conto de fadas, aí a maioria dos sapos morre. Ou pode-se beijar o sapo como o Papageno, na Zauberflöte (Flauta mágica) faz com a aparentemente feia Papagena. O beijo torna tanto o homem como a mulher lindos.

Unidade e diversidade

A palavra unidade é somente compreensível, se existe algo diverso. Sem algo diferente não existe unidade, pois a unidade é aquilo que sintetiza e une coisas diferentes. A imagem mais linda da unidade de coisas diferentes é o casal. Não se pode imaginar uma coisa tão diferente como um homem e uma mulher. Eles são diferentes sob todos os aspectos, mas mesmo assim relacionados um ao outro.

Essa é uma imagem, creio eu, para a completude da natureza, que a diversidade atua conjuntamente para uma unidade, para algo maior. O universo, a terra ou a natureza são uma unidade de coisas diferentes. Quando se tem isto em vista pode se ver daí como é que em um relacionamento o amor pode dar certo: quando o diferente continua sendo diferente e mesmo assim se funde numa unidade. O reconhecimento da diversidade produz essa profunda unidade e é justamente a diferença e também o contraditório vivenciado que atuam de modo criativo.

Tão logo se nivelem as diferenças e diversidades não se tem unidade, mas a monotonia. Mas isso tem pouca força criativa. Somente esse contraste e a sua tensão produz o novo e o terceiro. Por isso, no relacionamento a dois é importante que o homem permaneça homem, mesmo que algumas vezes não agrade à mulher que os homens sejam diferentes. E, ao contrário, que a mulher permaneça mulher, mesmo que algumas vezes não agrade aos homens que as mulheres sejam como elas são.

Porque o homem é diferente da mulher e a mulher diferente do homem, existe em alguns relacionamentos o empenho de nivelar as diferenças depois de algum tempo, que o homem queira puxar a mulher para o seu lado, para que ela se torne como ele é ou que a mulher queira puxar o homem para o seu lado, para que ele se torne como ela é. Por um lado, isso é mais cômodo, mas depois de um certo tempo faltam ao relacionamento tensão e força. Por isso, sou defensor da manutenção da diversidade e do cultivo das diferenças.

Para que o amor dê certo

O amor dá certo de muitas formas, e essas formas dependem umas das outras. A base para que o amor entre o homem e a mulher dê certo é o

amor da criança pelos pais e dos pais pela criança. Quando existem dificuldades no relacionamento a dois, isto frequentemente está ligado ao fato de que aquilo que antecede o amor entre o casal ainda precisa de uma solução. Isto porque no relacionamento a dois queremos alcançar algo que talvez não tenhamos conseguido no amor pelos nossos pais. Mas isso não dá certo sem que, primeiramente, o amor pelos pais comece a fluir.

Algo mais precisa ser observado para que o amor dê certo. O amor dá certo preliminarmente. É uma fase em um todo maior e aspira a uma completude. A completude do amor é a despedida no final. O amor entre o casal é - nas desilusões que algumas vezes traz, nas crises que algumas vezes traz - uma preparação para a despedida. Quando a despedida no amor é vivenciada desde o começo, o amor recebe, face à despedida, algo precioso. Exatamente porque é limitado. Isso também tem que ser considerado.

Por isso, olhamos para as crises num relacionamento de casal com calma e serenidade e tratamos delas com calma e serenidade. Nesse sentido, espero que encontremos boas soluções, tanto no que se refere ao relacionamento entre homem e mulher, entre pais e filhos e em relação ao todo maior, no qual o amor está inserido e no qual, também, mais tarde se completa.

Olhar para um terceiro

Quando o relacionamento de casal começa, o homem e a mulher olham um para o outro. Estão ligados um ao outro. Mas, com o tempo, não basta somente olhar um para o outro. É preciso que olhem juntos para uma outra coisa, para algo que ultrapasse o relacionamento, de maneira que empreendam algo juntos. A maior coisa que o casal consegue fazer são naturalmente os filhos. Os filhos completam o relacionamento a dois. Onde isso não é possível, o que há em comum se dirige também a algo criativo e produtivo. O olhar juntos para frente faz também crescer o relacionamento de um para com o outro.

O relacionamento a dois está inserido na realização da vida, do vivo, no desenvolvimento do vivo, e está a seu serviço. Então, o casal pode tomar com calma todas as exigências que vêm ao seu encontro.

O que, em geral, descrevemos como felicidade é,

frequentemente, algo conhecido que se repete. Orienta-se por uma ideia. A outra felicidade vem da sintonia e pode também estar ligada a um grande sofrimento, a esforço, à crise, à decepção. Entretanto, tem na profundeza algo bem calmo, tranquilo e grande. O que começa, superficialmente, com uma felicidade é, passo a passo, conduzido através das circunstâncias para essa outra felicidade.

Em nossa sociedade existem frequentemente observações depreciativas, que o casal depois de um certo tempo perde o entusiasmo do princípio. Mas, o que realmente acontece é que eles se aproximam mais da realidade, se afastam dos sonhos e crescem na realidade, crescem internamente. Isso tem outra força, diferente da ideia que o casal teve quando começou o seu relacionamento.

O relacionamento de casal tem precedência à paternidade e à maternidade

O relacionamento de casal tem precedência à paternidade e à maternidade. Na verdade o relacionamento a dois está direcionado à paternidade e à maternidade, mas a paternidade e a maternidade são a continuação do relacionamento a dois. Por isso o homem tira a força para ser pai do amor pela mulher. E se ama os filhos, ama também a sua mulher em seus filhos - e vice-versa.

A mulher tem a força de ser mãe porque sabe que o homem está ao seu lado e toma dele a força para se dedicar aos filhos. Isso dá certo quando ela ama o marido nos filhos, quando o seu amor por eles é a continuação de seu amor pelo marido. E os filhos ficam felizes, quando seus pais se amam mutuamente neles. Os filhos nunca são tão felizes como quando vivenciam seus pais como par. Então são realmente felizes - e se sentem confortados.

Mas essa não é a única fonte de força que possibilita aos pais estarem aí para os seus filhos. Uma outra é a necessidade de passar para diante o que receberam de seus pais. Em vez de devolver isso a seus pais - o que na verdade não conseguem - eles dão aos seus filhos.

Ordens numa família mista

PARTICIPANTE Então qual é a ordem quando um dos parceiros ou

ambos já foram casados anteriormente e existem filhos de um relacionamento anterior? HELLINGER O parceiro anterior precisa, em primeiro lugar, ser respeitado. As razões que se dão para a separação, por exemplo, que o marido era excêntrico, são naturalmente superficiais. Via-de-regra, são desculpas que se diz a si mesmo. Pois, se a mulher não tivesse amado o homem não teria se casado com ele. O que realmente leva à separação, na maioria das vezes, está oculto.

Não importa qual tenha sido o motivo da separação, a solução exige que o parceiro anterior seja respeitado. Porque todos os seres humanos são igualmente bons, mesmo que isso soe estranho. Embora muitos afirmem isso continuamente, na prática parece que é muito difícil entender. Todas as pessoas são igualmente boas. São diferentes, mas igualmente boas.

Alguns que se separam, dizem: sou melhor, e o homem ou a mulher não é tão bom ou tão boa. Este é o primeiro grande erro. Eles são, na realidade, diferentes, mas de igual valor na forma que representam. Cada um representa algo especial, o qual não tem o poder de mudar.

Muitos casais tentam puxar o outro para o seu lado, fazer com que o outro seja do mesmo jeito que ele é. Isso não dá, está condenado ao fracasso. Casou-se com ele porque ele é do jeito que é. Por isso, deve-se deixá-lo do jeito que é. Somente se ele for como ele é, puder ser do jeito que é, ele pode também desenvolver o seu potencial, seu dom especial, seu destino especial que ele dá de presente ao outro. Essa é a base do desenvolvimento.

Numa separação é preciso que se chegue a este reconhecimento: “Respeito você como você é e assim você me convinha; eu amei você assim e sempre o amarei”. Qualquer que tenha sido a razão para a separação, não pode ser deslocado para o contexto da culpa, nem com o parceiro nem consigo mesmo. Porque, o que leva à separação é, muito frequentemente, um mistério que não podemos desvendar. Tem muito a ver com o passado. Quando se sabe dessas relações e se pode reconhecer isso, os filhos se sentem também respeitados. Pois, quem rejeita o homem ou a mulher, rejeita nos filhos também o homem ou a mulher. Isso é muito deprimente para os filhos. Aqui também é válido que se reconheça: “Seu pai e eu somos para vocês igualmente bons e igualmente certos, cada um de seu jeito especial”. Então os filhos podem concordar com os seus dons

especiais e também com os seus destinos, e ganham força com isso. Também para o marido é importante que ele reconheça que os filhos são certos, porque têm esse pai e essa mãe, também dessa forma especial. Nesse momento, todos ficam aliviados.

Quando se começa um segundo relacionamento o que não foi solucionado no anterior será retomado pelos filhos no segundo relacionamento e tentada uma solução. Mas essa solução é instintiva e cega. Consiste na imitação do parceiro anterior através de uma criança, sem que a mesma perceba isso.

Quando, por exemplo, um filho de um segundo relacionamento precisa imitar o parceiro anterior da mãe, então ele não é para a mãe o filho, mas o parceiro. Também para o marido, não é um filho, e sim um rival. Apenas depois que o parceiro anterior é respeitado, o filho pode sair desse emaranhamento e ficar novamente criança. Por isso, é também importante que o marido diga para ele: "Você pertence, eu sou o pai aqui. Nós, os pais, vamos resolver as outras coisas. Você não tem nada a ver com isso". Então a criança fica aliviada.

Essas são algumas leis que devem ser observadas, a fim de que um segundo ou terceiro relacionamento possa dar certo.

Existe um ideal bem difundido: o casamento é algo vitalício e precisa durar a vida toda. É algo grande quando se consegue isso, não existem sombras de dúvida quanto a isso. Merece o nosso respeito. Mas hoje temos tantas possibilidades de olhar para a profundeza, para ver o que se passa na profundeza das almas e também muito mais compreensão pelo que acontece lá, que não é preciso lamentar a atual situação. Não nos compete lamentar, tomar o outro como medida e talvez julgar. Isso não dá.

Mais uma coisa a ser observada: a criança que representa um parceiro anterior tende algumas vezes a desenvolver neurodermite ou também asma. Isso tem a ver com o fato de que precisa da bênção do parceiro anterior. Essa bênção vem automaticamente quando o parceiro anterior é respeitado. Isso com relação às ordens em famílias complexas.

PARTICIPANTE O senhor falou que filhos do segundo casamento podem representar parceiros anteriores. Em que medida é também possível que um filho de um primeiro casamento que é levado para o

segundo relacionamento possa assumir esse papel?

HELLINGER Naturalmente. Essa criança representa o pai ou a mãe excluído. Quando, por exemplo, a criança foi atribuída à mulher, então ela representa no novo relacionamento o pai e vice-versa. A solução é bem simples: o parceiro precisa respeitar na criança o parceiro anterior. Então a criança se sente bem e não precisa representá-lo. Ela o representa, quando ele não é respeitado.

Bem profundamente na alma existe uma necessidade irresistível de respeitar cada um do jeito que é. Essa é uma ordem do amor que atua na profundeza. Quanto mais as entendemos, tanto mais facilmente podemos encontrar a solução.

Parceiros anteriores são representados no casamento pelos filhos

PARTICIPANTE No início você sempre pergunta: “Existem relacionamentos dos pais antes do casamento, existem filhos ilegítimos ou algo semelhante?” Mas existem outros relacionamentos do casal também durante o casamento, eles não têm importância?

HELLINGER Têm uma certa importância, mas para a dinâmica familiar, os relacionamentos anteriores ao casamento desempenham o papel mais importante. Através da consumação do amor, resulta do relacionamento um vínculo que é indissolúvel. Por isso, um segundo vínculo só pode dar certo quando o primeiro é reconhecido. Se o primeiro vínculo não é reconhecido, o marido anterior ou a mulher anterior será representado por uma criança, sem que alguém perceba e sem que alguém force a criança a isso. Por isso, aqui ninguém é culpado. Mas esse parceiro anterior é automaticamente representado por uma criança.

Se essa criança é um menino e representa o marido anterior da mãe, fica em posição de rivalidade com o pai. Se uma filha precisa representar a namorada anterior do pai, ela se torna rival da mãe. Então, não pode tomar a sua mãe como mãe. No primeiro caso, esse menino precisa dizer para a mãe: “Não tenho nada a ver com o outro homem, este é o meu pai”. Então, pode ser novamente filho. E essa filha precisa dizer para seu pai: “Não tenho nada a ver com a outra mulher, esta é a minha mãe”. Então, pode ser novamente filha.

Não vi até hoje nenhuma exceção com relação a essa lei de que um parceiro anterior seja representado por uma criança na relação posterior. Por essa razão pergunto isso.

PARTICIPANTE A criança precisa ser do mesmo sexo do parceiro anterior? Pode ser também que essa criança tenha um outro sexo, e o que significa isso para a criança?

HELLINGER Normalmente um parceiro anterior é representado por uma criança do mesmo sexo. Mas se não existe tal criança, então uma outra precisa representá-lo. Essa criança se torna algumas vezes homossexual, porque está identificada com uma pessoa de um outro sexo. Isso também pode levar a psicoses. Mas só o fato de que uma criança precise representar um parceiro anterior já pesa sobre ela.

Quando, por exemplo, a mãe se comporta perante o filho como se ele fosse o noivo anterior, essa criança não pode se desenvolver por si mesma ou estar bem consigo mesma. Então ela fica perturbada.

PARTICIPANTE O senhor disse que o relacionamento anterior precisa ser reconhecido. Reconhecido por quem? Pela própria pessoa ou pelo parceiro? O que o senhor quer dizer com isso?

HELLINGER Por ambos os parceiros. O segundo marido, por exemplo, precisa reconhecer que é o segundo e que a mulher ainda está ligada ao primeiro. Se reconhecer isso, pode tomar a mulher como parceira. Então, ele precisa, via-de-regra, se colocar entre o parceiro anterior e a mulher numa constelação familiar. Com isso, demonstra que toma a mulher como sua parceira. Mas porque isso está ligado a sentimentos de culpa, alguns não fazem isso. Também pode-se observar que, quando o segundo marido se sente melhor do que o primeiro, então secretamente, quer tornar-se como o outro. Isso significa que vai se esforçar para também perder a mulher. Isso vale também para a mulher. Quando a segunda mulher se sente superior à primeira, então vai se esforçar também para perder o marido.

PARTICIPANTE O que significa isso: reconhecimento?

HELLINGER Isso significa que se reconhece que o outro deu lugar. Portanto, o segundo marido reconhece que o primeiro deu lugar, que tem a mulher agora às suas custas e que é o segundo. O mesmo é válido,

inversamente, para a mulher. Ela reconhece que a mulher anterior deu lugar, que tem o marido agora às suas custas e que é a segunda. Isso é reconhecimento.

A solução é que o segundo marido diga ao primeiro marido. “Eu respeito você por ter dado lugar. Entretanto, tomo-a como minha mulher. Agora sou o marido dela ’. Isso é muito difícil para ele, porque se sente culpado. O bom aqui só pode ser feito com sentimentos de culpa.

PARTICIPANTE É preciso dizer isso pessoalmente para o marido?

HELLINGER Não. Essa é uma imagem e se faz isso imaginando o outro. Pode- se solucionar tudo na própria alma.

Relacionamentos anteriores não conhecidos também influenciam os filhos

PARTICIPANTE Dá no mesmo se a existência de um relacionamento anterior é fato conhecido ou não, ou faz alguma diferença, por exemplo, para o primeiro filho?

HELLINGER Não faz nenhuma diferença. Na alma esse fato é conhecido. Numa constelação familiar vem à luz que esse fato é conhecido.

Casamento entre parceiros de países diferentes

Quando existem casamentos entre parceiros de países diferentes, a regra é que a mulher segue o mando ao seu país. Os filhos também pertencem à patna do pai. Mas apenas por um lado. Os filhos tem, na verdade, duas patnas, a do pai e a da mãe. Mas, via-de-regra, a do pai tem precedência. É mera observação. Pode-se, de vez em quando, colocar as duas pátrias, a do pai e a da mãe e então se vê para onde os filhos se sentem atraídos. A regra é que os filhos seguem o pai em sua pátria, em sua língua e em sua cultura. E eles respeitam a pátria da mãe, aprendem também a língua da mãe - isso é bem importante - e ali também têm as suas raízes. Mas a pátria do pai tem precedência. Os filhos não precisam se decidir entre as duas pátrias. Eles podem ter as duas. Não uma ou a outra, mas tanto uma quanto a outra, com uma certa precedência da pátria do pai.

Existem situações em que alguém deixa a pátria de uma maneira especial. Um exemplo: uma americana tinha deixado a sua pátria para se

casar com um austríaco. Ela veio para um aconselhamento e para mim ficou imediatamente claro: ela tinha deixado os Estados Unidos indevidamente. Eu disse a ela: você precisa voltar para os Estados Unidos, isso é adequado, mas os filhos precisam ficar com o marido. Depois de seis semanas o mando me telefonou e disse que a mulher tinha ido embora para os Estados Unidos com os filhos, o que ele devia fazer? Eu disse para ele: nada, só precisava esperar. Depois de um ano os filhos estavam de volta e a mulher tinha ficado nos Estados Unidos.

HELLINGER *para uma participante* Não digo isso para você como uma regra - isso é importante. Mas na constelação havia um movimento muito forte de sua mulher para voltar aos Estados Unidos - quaisquer que sejam os motivos. Não conheço os mesmos. Você os conhece melhor. Você precisa levar a sério essa imagem. Mas quando tal imagem emerge, isso não significa que se deva segui-la. Se ela agora simplesmente fosse para os Estados Unidos, poderia dizer: ele disse que eu precisava ir para os Estados Unidos - e nada resultaria daí. Isso não dá.

para a cliente Trata-se de que você tenha uma imagem de que está em ordem, se você fizer isso. Tem a sua justificativa. Mas se você fizer isso e se estiver de acordo com as circunstâncias, você verá isso após algum tempo. Então decidirá o que é certo. A imagem é só uma orientação. É também uma orientação no sentido de que a pátria tenha, em você, seu lugar e sua dignidade. Então, talvez não seja preciso realizar o que a imagem mostra, mas ela atua como força benéfica, mesmo que você fique aqui.

Casamentos com um gêmeo

Quando se casa com um gêmeo deve-se ter em conta que não se pode casar com um gêmeo assim como se casa com alguém que cresceu sem ter irmão gêmeo. O parceiro precisa reconhecer que gêmeos são inseparáveis, que existe uma ligação bem profunda entre eles. Por isso, o parceiro precisa frequentemente ocupar o segundo lugar depois do gêmeo. Então dá certo. Se o parceiro não fizer isso, algumas vezes o gêmeo procura fora do casamento um substituto para o outro. Ele tem, por exemplo, um outro namorado ou uma outra namorada, que na alma representa o gêmeo.

É preciso coragem para a felicidade maior

É preciso realmente coragem para a felicidade maior. A grande conquista é segurar o fácil e claro e olhar adiante, deixando para trás todo o anterior. Toda tentativa de voltar atrás é uma fuga do peso da felicidade. Pois sim, que a felicidade é fácil! Aliás precisa de uma grande coragem porque, no final, essa felicidade maior só pode ser conservada como um presente não merecido, para o qual não se pode e nem se deve pagar nada. Isso é humildade.

Quando essa felicidade se mostra, alguns dizem: tenho ainda um problema que não está totalmente resolvido. Eles se afastam da felicidade que já tem nas mãos. Com isso a felicidade maior fica destruída; é novamente pequena e nós nos encontramos novamente na infelicidade habitual. Isso faz a maioria das pessoas ficarem felizes. Porque não é preciso fazer mais nada, ela vem por si só - por assim dizer.

HELLINGER *para um participante* Mas para ter a felicidade precisa-se olhar para a mulher com amor. De ontem para hoje ela se transformou, e é maravilhoso ver isso. Uma felicidade assim cai em seu colo, sem que você tenha feito algo. Mas você deve tomá-la e conservá-la.

Infelicidade e felicidade

A infelicidade tem, assim como a doença, uma necessidade, e é preciso ceder a ela. Isto é, tem a necessidade de acabar.

A felicidade tem também uma necessidade. Tem a necessidade de crescer. Descobri algo mais sobre a felicidade. Ela corre atrás.

Deixar o amor crescer

O amor une e o estar junto traz felicidade quando realmente une. Algumas vezes, há algo que se opõe a esse encontro. Gostaria de olhar com vocês para aquilo que talvez impeça. Então, vamos trazê-lo à luz e olhar se existe uma boa solução. A boa solução é encontrada através do amor. Tratando o parceiro com amor, respeitando o seu destino, respeitando também o seu emaranhamento, respeitando a sua vida especial e olhando junto com ele, com simpatia, para uma solução.

Algumas vezes existe algo que se opõe a esse afeto, por exemplo, a curiosidade. A curiosidade fere o amor, é contra o respeito. Pertence ao

amor deixar a alguém um espaço no qual a sua alma encontra seu caminho. Por isso, algumas vezes é ruim quando alguém interfere com uma interpretação ou com uma dúvida. Isso é como veneno que vertemos sobre uma planta. Com isso ela não pode mais se desenvolver. Em vez disso, pode-se expor a planta ao sol, ao sol do amor e do afeto e, de vez em quando, regá-la com água fresca. Então ela cresce.

O verdadeiro valor

Quando um homem e uma mulher vivem juntos muito tempo, mas não se casam, isto é, não dão o próximo passo decisivo, transmitem ao outro: ainda estou esperando por um melhor ou uma melhor. Isso fere o parceiro bem profundamente. Quando finalmente se casam, de vez em quando carregam ainda essa ferida. Mas pode-se felizmente reparar isso, também não é assim. Os parceiros podem se olhar nos olhos e dizer: "Agora reconheço o seu verdadeiro valor".

Imagens do amor

Os casais lidam com o amor de diversas maneiras. Alguns escolheram o amor cômodo. Portanto, eles ficam à margem de um rio com um ponto de vista sobre o amor e a corrente do amor ou a corrente caudalosa flui diante deles.

Outros não tem princípios sobre o amor. Pulam na corrente e aprendem a nadar. De repente, são carregados por ela. Esse amor chega de mansinho à sua meta.

Alguns casais se encontram em margens opostas, olham um para o outro com seus pontos-de-vista sobre o amor. Eles apenas podem se unir quando ambos pulam no rio. Aí eles podem se segurar um no outro e a corrente os carrega bem mais seguramente.

Essas são somente imagens. O amor real ultrapassa isso.

Medo e nostalgia

Na filosofia da religião e na psicologia da religião existe o conceito de *fascinosum e tremendum,* isto é, aquilo que ao mesmo tempo atrai e difunde medo. São sentimentos que se tem quando se encontra o divino - e o grande amor.

Vivenciamos a mesma coisa em relação a ambos: *fascinosum* e *tremendum.* O amor não é possível sem medo e sem nostalgia. Tanto um quanto o outro.

HELLINGER *para uma cliente* De acordo?

quando a cliente não se atreve a olhar para ele Olhe para cá. Para conservar o medo é preciso que usemos um truque importante. E preciso fechar os olhos. Só se pode ter um grande medo com os olhos fechados ou quando se desvia o olhar. Pois ao olhar talvez sintamos um pouco de amor. Nós nos protegemos desviando o olhar. Então, denominamos isso de olhar casto.

O medo do amor

Medo do amor tem aquele que não ama. No próprio amor esquecemos o medo. É como na guerra. Os que estão atrás têm medo. Os que estão na linha de combate não têm medo. Vá até a primeira linha.

Mais algo sobre o medo: o medo nasce de uma ideia. Para ter medo do amor é preciso desviar o olhar da mulher. Se você olhar, o medo desaparece imediatamente. Portanto, o medo é a pequena felicidade.

O íntimo

O terapeuta que pergunta algo íntimo sobre os pais de um cliente não pode mais trabalhar com ele. O cliente ou a cliente nunca mais vai poder perdoar-lhe. O íntimo é um segredo entre aqueles que o vivenciaram juntos. Não pode ser divulgado. Ninguém deve saber disso. É, aliás, o segredo mais pessoal. Quando os pais falam com as crianças sobre suas coisas íntimas, a criança irá se castigar duramente pelo seu conhecimento. Não pode se defender contra isso. Mas pode esquecer. Se a criança ama ambos os pais, ela esquece e então fica livre.

Se um homem fala sobre o relacionamento íntimo com a sua mulher, mesmo que seja para o terapeuta, o relacionamento se rompe. E se um homem pergunta a uma mulher como foram os seus relacionamentos íntimos anteriores e ela conta para ele, o relacionamento se rompe. A simples pergunta já faz romper o relacionamento. O íntimo é algo sagrado e deve ser protegido como tal.

O maternal e o paternal entre homem e mulher

Quando, num relacionamento a dois, o cuidado maternal por parte da mulher e a proteção paternal por parte do homem são excluídos através da acentuação unilateral da equiparação adulta, o relacionamento empobrece.

Mas se um dos parceiros encontra o outro pronunciadamente como pai ou mãe, por exemplo, quando ele lhe possibilita os estudos, então o presenteado se sente como uma criança perante seus pais. E como uma criança que nunca conseguirá compensar, e por isso quer se separar de seus pais para finalmente ser independente. Assim o parceiro presenteado se separa para ficar livre da pressão da obrigação. Mas como à semelhança do que acontece quando a criança se separa dos pais, essa separação tem também algo de adolescente.

Ouvir e ver no relacionamento de casal

Para alguns parceiros é importante que vejam e sejam vistos, e para o outro é importante que ouça e seja ouvido. Um diz para o outro: “Você não me vê”, e o outro diz então: “Você não me ouve”. Essa separação é muito frequente. Assim, aquele que vê precisa aprender a ouvir e aquele que ouve precisa aprender a ver.

Opinar e perceber

Há ainda algo importante nas discussões entre um casal. Eles se acirram frequentemente por causa de opiniões diferentes. Mas todas as opiniões são erradas, inclusive a própria. Não são percepções, mas apenas opiniões. Por isso, não existe entendimento sobre opiniões. Mas sobre percepções, sobre aquilo que cada um pode observar existe um entendimento. Que o chão aqui é preto, isso não se pode discutir. Sobre isso, não existem opiniões. Por isso dirige-se a conversação e a fala para o que é perceptível, ao invés daquilo que se pensa. Quem ganha nessa chamada troca de ideias, perdeu. Ele perdeu o outro. Quem ganhou numa discussão, pode ser que ande por aí de peito estufado, mas perdeu o outro. A questão é se valeu à pena pagar esse preço.

Triunfo e ciúme

Quem quer o triunfo, quer a perda. E quem quer o poder, quer a perda.

Uma pessoa não é ciumenta porque quer ficar com a outra. Muito pelo contrário: o ciúme é um ato para se livrar do parceiro e, na verdade, sem assumir a própria culpa Assim pode-se empurrar a culpa no outro pelo fracasso. Quando se olha exatamente para isso, fica claro.

Vingança e amor

Feridas num relacionamento de casal são conservadas vivas através da recordação. Parece que essas fendas encobrem algo anterior. Não se teria começado o relacionamento se não tivesse existido algo atraente e uma linda felicidade. Isso também é uma recordação. Poder-se-ia, então, evocar a recordação que está antes da ferida assim como a posterior à ferida.

Com relação à ferida existe um certo obstáculo, que é o esquecer, isto é, a necessidade de compensação. Se num relacionamento um parceiro feriu o outro, se ele o ofendeu em sua dignidade, o outro parceiro tem a necessidade de compensação. Então, vai também ofende-lo para que o equilíbrio seja restabelecido. E como aquele que foi ofendido, sente-se no direito e ofende o outro um pouquinho mais. Com isso, a vingança alcança o seu clímax. Porque o outro foi ofendido um pouco mais, pensa de novo numa compensação e faz exatamente o mesmo. Assim, o intercâmbio das ofensas cresce e une os dois, porque não existe solução.

O segredo da solução é então que se dose a vingança. A vingança tem que existir, é bem claro. Mas a vingança com amor, isto é uma grande arte. Então, uma pessoa fere a outra. Isso tem que ser retribuído, senão não se respeitaria o outro. Se apenas se perdoasse, isso seria ruim. É preciso que se faça algo de mau para o outro em memória à sua fenda, algo que lhe doa - mas um pouco menos, apenas um pouco menos. Este “um pouco menos” permite um novo começo depois da vingança. Após isso, o intercâmbio no bom pode recomeçar.

O novo começo

Existe um segredo, como é que um relacionamento a dois pode continuar bem, depois de uma crise. É um passo bem simples: a gente se permite mutuamente um novo começo - com amor. Para o novo começo é preciso que não se volte mais ao anterior. Se foi uma crise muito grave, começa-

se de novo com apaixonar- se, ficar noivo, casar-se e com o brilho do primeiro amor. Pode-se buscá-lo de novo.

Vou trazer um exemplo de um outro contexto. O marido de uma mulher faleceu. Depois disso ela murchou, ficou bem magra e estava sempre chorando. Disse para ela que se precisasse de ajuda podia vir a mim. Mas ela ficou sofrendo ainda um ano inteiro, até me procurar. Então ela se colocou em frente a minha porta e me disse: “Agora preciso de sua ajuda”. Pedi que ela entrasse e se sentasse. Então disse a ela: feche os olhos por uns instantes e volte ao lugar onde a senhora encontrou o seu marido pela primeira vez. Lembre-se do primeiro amor. Depois de um certo tempo a sua face se iluminou e eu disse a ela: foi isso. Ela se levantou e se foi, tornou a desabrochar e ficar resoluta A recordação tornou isso possível.

Eu me disse: quando o sol se põe, ele nasce de novo.

Após cada crise num relacionamento, é necessário um novo começo. Novo começo significa que o difícil agora passou e que não se retorna ao anterior. Nem mesmo em pensamentos. Com isso o modelo ruim rompe.

O soltar

O relacionamento de casal se desenvolve através do soltar, de soltar os sonhos. A felicidade almejada não tem o mesmo valor. O primeiro sonho que deve ser deixado é o seguinte: agora encontrei o que me faltou quando criança. É o sonho da criança que, finalmente, encontrou a mãe, que preenche tudo. Isso é válido tanto para os homens quanto para as mulheres.

O apaixonar-se começa quando a criança no homem ou na mulher imagina no parceiro a mãe ideal. Por isso também é cego pois, no apaixonar-se, o outro não é visto como a pessoa que ele ou ela é. Depois é que se aprende lentamente a ver o outro como ele é e a amá-lo como ele é. Isto é, de um lado, um processo de morte.

O relacionamento de casal é sempre um exercício para a morte, para o soltar. É, na verdade, a experiência mais intensa de unidade, mas permanece sempre incompleta, porque atrás disso espera uma outra unidade, uma maior, para a qual nós nos desenvolvemos. Eu a denomino algumas vezes de origem. É a base da qual a vida emerge. Homens e

mulheres emergem juntos daí, mas de modo diverso, mergulham de novo para ele e lá se tornam um. O relacionamento se desenvolve para uma unidade maior, e isto é tanto um processo doloroso quanto de realização.

As crises que acontecem nos relacionamentos a dois são partes desse processo de morrer. Mas a morte é um processo da vida, pode-se ver assim. Algumas vezes é assim: se morre cedo ou se solta muito cedo. Isso tira a plenitude desse processo. Portanto, tudo no seu tempo.

A separação

Uma boa separação dá certo quando os parceiros dizem um para o outro: “Eu amei muito você. O que dei para você, dei com muito prazer. Você também me deu muito, vou guardar isso com honra. Assumo a minha parte da responsabilidade pelo que não deu certo conosco e deixo a sua com você. E agora deixo você em paz.” Então, separa-se e cada um segue o seu caminho.

A separação humilde

PARTICIPANTE Você disse: quando um casal se separa, o que realmente levou à separação é um segredo. O segredo deve ser desvendado ou deve permanecer um segredo?

HELLINGER Gostaria de explicar-lhe o pano de fundo. Quando existe uma separação, procura-se frequentemente o motivo. Quando se procura o motivo tem-se a ideia: se tivesse sabido o motivo, poderia ter impedido a separação. Dessa forma, a procura do motivo é dominada por uma ideia de poder.

Quando renuncio a procurar o motivo, sou obrigado a me submeter a um destino que não compreendo. Se faço isso, tenho uma outra possibilidade de me expor à separação, e também de me expor ao parceiro, do qual me separo. Aí não existem mais discussões. Reconhece-se: aconteceu algo e não está em meu poder mudar isso.

Quando houve uma culpa que levou à separação, o que levou à culpa, também não está em nosso poder. Então se acabam essas diferenciações e isso promove a paz. E o que quero dizer quando falo de um segredo e isso deve ser reconhecido.

A dor da separação

Quando um relacionamento se dissolve está ligado sempre a uma profunda dor. É importante que ambos os parceiros cedam à dor. Muitos parceiros se esquivam da dor ao invés de ceder a ela. Por exemplo, através de censuras ou procura da culpa. Quem é o culpado? Sou eu ou o outro? Por trás da procura de uma culpa ou das censuras, atua a ideia de que poderia ter sido diferente ou poderia ser revertido. Mas a corrente da vida flui para frente - não para trás.

Quando se trabalha com um casal que se divorciou, então ajuda-se aos dois na tristeza. Os dois se amaram muito, senão não teriam se casado. Deixa-se que os dois vejam de novo o começo e o amor bem profundo que tiveram, e como lhes dói a separação. Então talvez comecem a chorar. A dor não suprime a separação, mas depois não existirão mais censuras. Então há respeito, e o casal, embora tenha se separado, fica unido como pais de seus filhos.

Felicidade e grandeza

Aquilo que consideramos como felicidade frequentemente é o cômodo. Mas a grandeza não é alcançada pelo caminho confortável. Tampouco profundidade e realização se alcançam pelo caminho confortável. São dois níveis diferentes. Por isso vejo com serenidade quando um casal se separa. Ou quando vejo que um relacionamento acabou. Não faço nenhuma tentativa de encobrir algo. Dessa maneira, os parceiros conservam a sua dignidade.

Esterilização e relacionamento de casal

PARTICIPANTE Quando alguém faz uma esterilização, como é que isso atua no relacionamento existente? E é possível um segundo, terceiro ou simplesmente um relacionamento posterior?

HELLINGER Quando um parceiro fez uma esterilização, ele não pode começar nenhuma ligação nova. Por isso esses relacionamentos posteriores são sem compromisso. Pode-se começar como um relacionamento amoroso, mas não se origina nenhum vínculo. Assim, quando se separa posteriormente, existe pouco sentimento de culpa e pouca dor.

Existe também a esterilização num casamento depois de um certo tempo. É uma espécie de anticoncepcional. Quando isso acontece com o consentimento mútuo, o relacionamento não se interrompe. Mas o parceiro que não se esterilizou precisa respeitar aquele que se deixou esterilizar. Isso é importante. Assim o vínculo permanece.

A vida plena

O vínculo entre um casal, principalmente quando se tornam pais, é muito profundo. É o vínculo do casal que dá também aos pais a força para cuidar dos filhos.

A vida plena ou a grande vida é aquela em que o casal se encontra, tem filhos e se expõe ao esforço total, ao risco total, à felicidade total e ao sofrimento na família. Essa é a verdadeira grandeza humana. E é a vida mais trivial de todas. A maioria vive essa vida trivial.

Todo outro estilo de vida, por exemplo, o esotérico, não pode alcançar, via-de-regra, essa grandeza. Muitas pessoas esotéricas não cuidam de sua família. Recusam o esforço trivial. Através dessa recusa se elevam e se consideram iluminadas ou melhores. Mas têm pouco peso e pouca força, comparados a essa vida bem trivial. Por isso trabalho aqui sempre com grande respeito e grande consideração pelos pais, por aquilo que lhes vem de encontro e por aquilo que estão dispostos a assumir.

Contudo, existem pessoas que pensam que os pais fazem coisas erradas e que foram chamadas para ajudá-los a fazer melhor. É estranho que frequentemente sejam solteiros, que não tenham filhos e interfiram em outras famílias para ajudar, aí, as “pobres” crianças a ir contra seus pais maldosos.

Existe isso, e é bem ruim o que provocam. Antes de tudo têm a ilusão de que os filhos ficam agradecidos, como se não fossem ficar do lado dos pais para o que der e vier. Essa é a grandeza dos filhos, que são leais aos pais com um profundo amor.

Aqueles que têm um problema conseguem, via-de-regra, também resolvê-lo. Eles têm a força para isso. Aqueles que pensam que precisam ajudar, são, via-de-regra, fracos. Nunca iriam assumir o todo. Dão talvez bons conselhos, mas quando a coisa fica séria, por exemplo, como cuidar de três filhos por um longo tempo, anos a fio, então se retiram. Aqueles

que têm o problema e o carregam, conseguem fazê-lo e não precisam dos outros. Precisam, talvez, algumas vezes, de um pouco de apoio, mas nada mais. Principalmente não precisam de nenhuma compaixão. Nós os rebaixamos com a compaixão.

Existem até mesmo pessoas que discutem se não se deveria abolir a família Estranho. Nesse caso, viríamos a ser provavelmente um enorme manicômio.

Amor em nossa época

Nota preliminar:

A seguinte entrevista foi registrada para a emissora austríaca ORF.

Johannes Kaup fez as perguntas.

Amor e ordem

Senhor Hellinger, o amor, em nossa época, parece ser um bem muito restrito, um bem muito oprimido, algo que na verdade é almejado, mas que quase não é realizado. Quando se olha para a duração, a média de duração dos relacionamentos e a mobilidade que existe em nosso mundo dos relacionamentos, tem-se a impressão de que, com o amor, as coisas não vão muito bem. É assim ou as pessoas procuram hoje em dia com mais precisão aquilo que as carreguem?

Se entendi direito a sua pergunta, trata, principalmente do relacionamento amoroso entre o homem e a mulher. Esse relacionamento amoroso, em nossa época atual, é observado muito frequentemente do ponto de vista do “eu”. Portanto, o que irá me realizar ou me estimular nesse relacionamento amoroso. Procuram, então, um parceiro que lhes promete isso e supõem que ele vá oferecer o que esperam. Isso é recíproco. Ambos os parceiros procuram isso.

Contudo, o relacionamento entre o homem e a mulher está inserido num contexto maior. Pela sua natureza está direcionado aos filhos, à formação de uma família, à continuação da vida. O relacionamento de casal como tal é o primeiro passo nessa direção. Contudo, se perdermos de vista o contexto total, o amor definha, porque negligenciamos esse contexto. Essa seria a primeira coisa.

A segunda, é que o amor ou o relacionamento amoroso tem sempre consequências. Algumas pessoas pensam que podem ter o amor assim como quando se vai ao supermercado, compra-se algo doce e come. Quando não apetece mais, procura-se um próximo, compra-se e come. Mas a experiência, ou melhor, a observação é - isso pode ser visto claramente - que através da consumação do amor no seu sentido total, isto é, através do ato sexual com todos os seus riscos, nasce um vínculo entre o casal que não os deixa mais se separar. No efeito é que se vê que nasce esse vínculo. Eles não conseguem se separar sem dor e sem a sensação de falha e culpa.

Portanto, no amor atua ainda algo que o ultrapassa: de um lado, a meta para a qual está direcionado e, por outro, através de uma ordem dentro da qual pode se desenvolver. Quando essa ordem é menosprezada ou ainda renegada, atua de volta no amor.

O vínculo à família de origem

Portanto, o senhor fala de uma ordem que, como uma ordem natural, está na base de tudo. Contudo, tivemos também a experiência de que em um relacionamento imaturo, que Jürg Willi descreveria como um conluio, onde se entra em um relacionamento de dependências entrelaçadas, no qual não se pode viver satisfatoriamente, enquanto esse conluio não for solucionado. Algumas vezes, ele precisa ser dissolvido por uma separação. O senhor sublinharia isso ou diria que toda separação já é mesmo uma catástrofe?

O conluio começa porque ambos os parceiros estão ligados à sua família de origem e não conseguem se desligar dela. Por isso, pertence também à ordem, que se desliguem da família de origem. Agora, se isso for visto de modo superficial - somente que duas pessoas não se dão bem, sem levar em consideração que isso está ligado à família de origem, a separação do casal nunca trará solução. A solução é alcançada quando se consegue a separação da família de origem e a libertação dos emaranhamentos nos destinos da família de origem. Portanto, em vez de reduzir isso apenas ao relacionamento de casal, tenho também aqui, em meu campo de visão, um horizonte mais amplo. Em primeiro lugar, iria ver como o casal, como os parceiros, individualmente, podem se libertar de uma boa maneira de sua. família de origem. E quando se olharem, conseguirem o que antes lhes era negado.

Amor e alma

Quando duas pessoas se encontram e se apaixonam, atua aqui algo maior do que aquilo que conscientemente sentem, ou poder-se-ia dizer: sim, o seu corpo, o seu aspecto simplesmente me fascinam - e não quero mais nada além disso? O que é que impele os seres humanos uns para os outros? Na sua opinião existe aí algo maior ou pode ser algo também muito superficial?

Alguns cavalgam um jumento e quando ele não quer prosseguir, colocam uma cenoura na sua frente. O jumento corre atrás da cenoura e continuamos a cavalgar. A cenoura incita o jumento de modo que continue o seu caminho, e este nem percebe o peso que carrega consigo. De vez em quando aqui é assim também. Existem aqui ilusões em jogo que desconhecemos: quem é que cavalga o outro e para onde é que o outro realmente o conduz. Então, de vez em quando, há um despertar e isso é o que cura. Quando duas pessoas estão tão fascinadas uma pela outra, aí seguramente atuam muitas forças secretas, que não conhecemos. Isso ultrapassa a atração imediata. Aí emergem as mais diversas recordações.

Por exemplo, um casal era casado e feliz e foi maravilhoso por muito tempo. Aí a mulher comprou um novo livro de receitas e começou a cozinhar diferente do que antes. Mais tarde, ficou provado que o que ligava o homem à mulher era que ela cozinhava como ele conhecia da casa de sua mãe. Essa pequena mudança teve um efeito decisivo. Rimos quando acontece algo assim. Mas são coisas variadas que atuam simultaneamente.

No fundo é bem simples para um casal. Quando se olham nos olhos, realmente se olham nos olhos, veem somente a alma. Quando as almas se encontram, então é possível o amor. Mas essas almas se encontram de forma que não permite ao indivíduo possuir a outra alma. Ele não a possui, somente a vê. Mas existe, então, nessas almas um vínculo que é profundo, fiel e firme, com poucas ilusões. Ele não é tão estreito, porque a outra alma é respeitada continuamente, no entanto, pode mantê-los.

Mas isso significa então que o senhor faz mesmo uma diferença entre aquilo que atrai duas pessoas e entre o amor que é possível, mas não necessário. Pois, teoricamente é possível construir relacionamentos com pessoas bem diferentes.

Frequentemente na nossa vida sentimo-nos atraídos por pessoas as mais diferentes possíveis e talvez escolhamos uma ou talvez não. Isto é, deveria ser possível construir um relacionamento de alma totalmente único com pessoas bem diferentes.

Todo relacionamento é único. Tão logo me envolva com um parceiro na consumação do amor estou ligado, e a liberdade de escolha para nesse momento. A ideia de que se poderia ter um e o outro, engana.

Por que é que isso não é possível?

Vou explicar. O parceiro com o qual me envolvo se toma uma parte da vida. Não posso mais me retirar. Tornamo-nos, por assim dizer, parte de uma alma comum. O parceiro coloca algo em movimento, que somente é possível com esse parceiro. E exclui algo, que depois não é mais possível. Portanto, a liberdade de escolha termina consideravelmente nesse momento. Mas isso não é nenhuma desvantagem. Se realmente me envolvo com essa pessoa, justamente porque essas limitações existem, nascem daí desafios e forças que ultrapassam de longe aquilo que se pensa poder alcançar com a liberdade de escolha. Na verdade, não é o muito que realiza a pessoa, mas o essencial.

O enamoramento e o amor

Li, no título de um de seus livros que o enamoramento faz as pessoas cegas e o amor faz ver. Pode se dizer isso dessa forma? O enamoramento ou o êxtase não é algo que, na verdade, pertence originariamente ao ser humano? Algo que almeja também num relacionamento duradouro talvez com essa pessoa, algo que vive sempre almejando e onde poder-se-ia dizer: esses são os pontos culminantes de um relacionamento, onde essa visão em comum, esse enamorar-se de novo sempre podem subir à superfície ? De fato, frequentemente temos a experiência de que isso não é possível ou de que a trivialidade, o hábito do dia-a-dia, o peso de um relacionamento e as reclamações pressionam, então, as costas. Mas voltando: o enamoramento e o amor são mesmo opostos que devem ser separados?

Sim. No enamoramento tenho uma imagem do outro sem que o conheça. Eu ainda não o vejo. Vejo um ideal, num duplo sentido. Quando se torna realidade, vê-se lentamente o outro, do jeito que ele é. Concordar com isso, com o outro como ele é, com sua grandeza e suas fraquezas, isso é

amor. No enamoramento concordo com o outro do jeito que eu o imagino, não como ele é. Por isso o despertar do enamoramento é uma condição prévia para o amor.

O que o senhor disse, que se pode lembrar do início, é naturalmente bom. Fecunda o amor através da felicidade do começo. Quando agora se une isso a ver o outro como ele é, ao assentimento para com o outro, do jeito que é, com a recordação da felicidade anterior, então, isso tem um efeito estimulante e é benéfico.

Soluções

Quais são então os problemas centrais que o senhor encontra em sua terapia de casal? Quando duas pessoas se encontraram e estão juntas por alguns anos, mas talvez despertem assustadas e o golpe na nuca é: "Nunca imaginei você desse jeito, na verdade, assim não quero viver com você". Isso pode ser uma catástrofe. Esse casal vem procurá-lo. O senhor poderia contar alguns exemplos de como é isso, e o que pode ser feito terapeuticamente, quais as ordens que devem ser expostas aqui?

As soluções estão sempre além do imediato. Quando olho para o outro somente como um indivíduo, existe então esse despertar. Quando vejo como está conectado com a sua família e sei algo sobre emaranhamentos, então vejo que ele não pode ser de outro jeito.

Mesmo assim, repito a pergunta: como é que o senhor descreveria a dinâmica necessária quando alguém o procura e diz: queremos fazer algo para o nosso casamento, mas não conseguimos, não sabemos o quê. Na verdade, ficou claro para nós que nosso relacionamento foi construído na base do enamoramento, de uma imagem. Não conseguimos nos suportar ou eu não suporto minha mulher ou a mulher não suporta o marido. Existe uma solução, além da separação?

Depende. Se um fez algo de grave para o outro, por exemplo, se o homem tenta induzir a mulher a abortar um filho comum, e ela não quer isso, isso é tão grave que a separação é praticamente inevitável.

Isso tem a ver com o quê?

É uma ferida que não pode ser mais curada. Existem atos que têm consequências que não podem ser mais revertidos. É preciso reconhecer isso. Naturalmente, vai contra a ideia largamente difundida de que se pode e é permitido solucionar tudo.

Por outro lado, algumas vezes é necessário saber do emaranhamento. A separação é inevitável quando não existe esse reconhecimento e onde não existe a disposição de procurar um possível emaranhamento e, talvez, trazê-lo à luz. Mas a separação não é nenhuma solução, porque isso continua no relacionamento seguinte. A separação é, portanto, uma fuga daquilo que no final das contas a vida exige de cada um de nós.

A completude

Por que é assim, por que essa dinâmica continua no relacionamento seguinte?

O relacionamento tem um aspecto muito importante. É, na verdade, uma encenação contra a morte. Isso tudo serve para a conservação da vida. Tão logo haja filhos, foi atingido a finalidade e o sentido do relacionamento. Aqueles que têm filhos ou querem ter filhos mostram, com isso, que estão conscientes de que se aproximam do fim. Esse olhar para o fim é muito importante. Então, despedem- se lentamente.

Vou dar um exemplo. Num curso havia um casal bem idoso, e a mulher disse que o marido tinha câncer e já estava com metástases. Estava bem claro que não ia viver mais por muito tempo. Tinha mais de setenta anos. Então fiz com que os dois se sentassem um ao lado do outro e se olhassem nos olhos e disse: está bem claro, agora é a hora da despedida. Todo relacionamento se dirige ao fim. Depois disso, os dois se olharam ternamente e a mulher chorou. Fiz com que a mulher dissesse ao marido: “Eu fico com você o tempo que me for permitido” - e com que o marido dissesse para a mulher: “Eu fico com você o tempo que me for permitido”. Havia um amor íntimo inacreditável entre os dois, em face da despedida e da morte.

Isso tem uma grandeza que vai muito além do que possa alcançar alguém que diz: “Vou procurar agora um novo relacionamento e começo tudo de novo”. Alguém assim não compreende que tudo se dirige a um fim.

Por que o senhor dá ênfase à perspectiva da morte e do fim nos relacionamentos? Mesmo que façam isso, o que significa a morte? É um fim irreparável do amor, onde o amor termina? Ou o amor é algo através do qual pode-se pelo menos esperar e desejar que supere a morte?

É uma ilusão que o amor supere a morte. A gente vê, por exemplo, nos casais que se suicidam juntos porque pensam que o relacionamento continua depois. Para mim isso é totalmente ilusório. A morte precisa ser levada a sério como completude da vida e também como completude do relacionamento. Somente aí é que ficamos plenos e completos.

O senhor não fala da vida como algo que encerra o seu fim, mas da completude. Aqui existe uma diferença.

Sim, algo fica pleno e completo. Não sabemos o que está atrás disso. Mas cada um de nós alcança com isso a completude. É assim a roda da vida. Toda vida nova está baseada em que outros cederam lugar. É preciso ver isso. Mesmo aquilo que parece estar orientado para ser duradouro como um relacionamento amoroso, é, face à morte, passageiro. O que há depois, permanece.

Amor e respeito

Gostaria ainda de chamar a sua atenção e fazer perguntas quanto a isso, para uma forma de amor onde ocorrem sempre grandes feridas. O senhor trabalha isso também em seus seminários. O amor entre pais e filhos que pode existir, mas que também pode permanecer perturbado e pode ter seus efeitos até uma idade avançada. O que o senhor diria: qual é, na verdade, a essência do amor entre pais e filhos, um amor saudável entre pais e filhos? De que se trata realmente? Pode ser comparado com o amor que tenho por um animal doméstico e que levo para passear? Onde está a grande diferença?

Aqui fica evidente que somente se olha para o que acontece entre essas pessoas, ou seja, entre esses pais e a criança ou entre essa criança e seus pais. Mas isso só pode ser entendido se for visto num contexto maior. Se, por exemplo, a mãe rejeita sua própria mãe e não quer saber nada dela, então a sua filha vai representar para ela a sua mãe. O relacionamento não resolvido, da mãe com a sua mãe, será transferido para o relacionamento da mãe com a filha. Isso se denomina parentificação. Não existirá nenhuma solução entre a mãe e sua filha antes que a mãe olhe para sua mãe, faça uma reverência e a honre como sua mãe. E antes que tome o que a sua própria mãe lhe deu, honre-o e deixe que se desenvolva dentro de si e presenteie a filha com isso. A filha fica imediatamente aliviada, quando a mãe realiza esse ato perante a própria mãe.

Mas isso é extremamente difícil para algumas pessoas, porque possivelmente a

mãe não reconhece que deva honrar a própria mãe. Não pode reconhecê-lo, principalmente, porque talvez tenha apanhado dela ou tenha sido menosprezada ou não aceita a própria feminilidade e, por assim dizer, a sua própria história de culpa se baseia numa história de uma culpa.

O senhor reconduz a um relacionamento a dois. Não é um relacionamento a dois. Nem nas famílias nem nos casais existe um relacionamento a dois. São sempre relacionamentos entre sistemas. Se permaneço fixado no relacionamento a dois, não há solução. Todo bom conselho para a mãe e todo bom conselho para a filha não levaria a nada, aqui.

Vou dar um exemplo. Uma mulher, que nem conheço, me escreveu uma carta. É a segunda mulher de seu mando, e eles têm uma filha em comum, uma filha que não queria saber mais nada de seus pais. Ela tinha interrompido totalmente o contato. Então ocorreu à mulher que talvez algo tivesse que ser colocado em ordem com relação à primeira mulher do marido e com relação ao pai dele. Ambos menosprezados e excluídos. Então, à noite, acendeu uma vela, fez uma reverência profunda para a primeira mulher do marido e disse: "Agora eu a reverencio". Na noite seguinte fez o mesmo com o pai do marido. Acendeu uma vela, fez uma reverência profunda e lhe disse: "Eu o reverencio". Alguns dias depois a filha telefonou: Mamãe, eu estou chegando". Ela veio, estava radiante, não parava de falar como era bom estar em casa. Assim tudo ficou em ordem.

Gostaria de perguntar aqui para o senhor: o que significa reverenciar, honrar alguém? Pois isso não se faz somente dizendo uma frase: "Eu honro você".

Isso é barato.

Isso é barato. Isso também é quase teatral. O que acontece quando reverencio alguém? O que atua aí, realmente?

Reverenciar significa que reconheço que o outro pertence. No exemplo que acabei de dar, significa que a mãe fale para a primeira mulher do marido: 'Você tem precedência; você é a primeira mulher, eu sou a segunda". E que ela diga ao pai do marido: "Você tem precedência; através de você, tenho este marido; reconheço isso; agora lhe dou um lugar em meu coração, um lugar de honra". Nesse momento, o outro pode se voltar, olhar com carinho e todo o sistema ganha força com isso. Então isso atua. Mas apenas dizer: "Eu reverencio você", não - não pode ser tão

barato assim. É um processo de transformação que a alma completa em seu íntimo.

Nesse processo de transformação e nessa reverência que os filhos devem prestar aos seus pais há também lugar para uma emoção como o ódio? Existe isso também? Pois isso tampouco acontece tão depressa assim, não é? Essas são, na verdade, soluções das quais o senhor fala. Mas também no processo - no processo emocional - aparecem, frequentemente muita agressividade, raiva, ódio e muitos outros sentimentos diversos que, de vez em quando, são simplesmente necessários. Eles não precisam ser desativados, mas pelos menos precisam ser vistos.

Ainda não vi isso. Essas são ideias. São descritas ou divulgadas, sem que eu as tenha visto um dia. A criança ama os seus pais de uma forma bem profunda. Pode-se contar totalmente com isso. Mas o que acontece é: quando o acesso da criança à mãe ou ao pai foi impedido bem cedo, por exemplo, quando precisou ficar muito tempo completamente sozinha em um hospital, então a dor é tão grande que em seguida se expressa como agressividade. Mas isso é somente o outro lado da perda sofrida e somente o outro lado do amor. O importante seria que essa situação anterior fosse revivida, que o movimento interrompido em direção à mãe ou ao pai fosse levado a termo. Este é um processo muito doloroso. Quando é bem sucedido, tudo aquilo que se deu como motivo para o ódio fica totalmente irrelevante. Não tem mais importância nenhuma.

Mas o senhor conhece a experiência de que apenas se pode odiar realmente aquele que também se pode amar. Creio talvez que não posso odiar alguém tanto como minha própria mulher. E talvez amar tanto quanto a amo.

Esse ódio é um sentimento infantil. Adultos não odeiam nesse sentido. Odeiam somente quando se sentem como crianças, e, aliás, impotentes como crianças. Por isso um homem, como homem, não pode odiar a sua mulher. Pode transferir algo de sua infância para ela. Isso é algo totalmente diferente. Mas reduzir isso somente a comportamentos não é possível.

A solução simples entre pais e filhos é que os filhos reconheçam: Recebi a vida de vocês. Você são meus pais, e eu os tomo agora como vocês são, como os pais certos para mim”. Então a criança fica em paz consigo mesma. Pode, então, tomar os pais e as outras coisas que

oferecem.

Temos frequentemente a ideia maluca de que poderíamos ter outros pais ou de que os pais deveriam ser diferentes do que são. Nesse momento, a criança fica totalmente desnorteada. No fundo, fica louca. Muita reivindicação que é feita

aos pais é, na verdade, uma reivindicação maluca que os pais nunca poderão preencher. Mesmo que tentassem preencher essa reivindicação, o filho não a tomaria, porque essa reivindicação vem de uma outra camada. Nesse sentido, a criança não quer absolutamente nada dos pais, aí atua uma outra dinâmica totalmente diferente.

O que ainda é importante com relação ao que o senhor disse antes sobre o ódio pelos pais: uma criança que odeia os pais irá castigar-se severamente. Pois a profundeza da alma nunca permite isso. É uma tal violação da ordem que não é possível. E é tipicamente ocidental. Nunca vi, por exemplo, entre os zulus que alguém tenha falado de modo depreciativo sobre seus pais. Isso era impensável. Eles ainda podiam ver o que significa receber a vida dos pais.

O amor e o ser

Já falamos muitas vezes sobre ordens. São sistemas de ordem que o senhor encontra ou o senhor colocaria isso num contexto maior? Quando o senhor diz, por exemplo, que a alma tem uma ordem e que os seres humanos devem viver segundo essa ordem, isso soa como um sistema bem arcaico, quase como uma cosmologia. É assim que o senhor entende isso ou o senhor encontra isso simplesmente assim e fica postado à sua frente e admirado.

A palavra ordem está sobrecarregada. Mas uma árvore, quando cresce, cresce segundo uma ordem preestabelecida. Não pode desviar isso. Ela se desenvolve exatamente porque está em concordância com o preestabelecido. Contudo, cada árvore cresce em ambientes diferentes. Por isso, cada uma é diferente e nenhuma é igual à outra. Contudo, todas seguem a mesma ordem, segundo a qual podem se desenvolver.

Para os seres humanos é válido algo semelhante. Por exemplo, a simples ordem de que todo ser humano tem um pai e uma mãe. Hoje em dia, algumas vezes as mulheres imaginam que podem ter filhos sem um homem ou sem um pai. Isso é louco. Ou os filhos imaginam que podem

ter as suas vidas sem seus pais. Se esses simples fatos forem reconhecidos: que tenho pais, e que são os únicos certos, que se os pais fossem diferentes eu também seria diferente, e que não posso estar em harmonia comigo mesmo se rejeito os meus pais, pois com isso rejeito a mim mesmo - quando reconheço essas coisas bem simples, então já ganhei muito.

Para concluirmos, o senhor poderia dizer que o amor é algo diferente de um sentimento, não importa se amo um parceiro ou pais ou filhos, que o amor é algo como entrar em sintonia e oscilar com uma corrente básica de toda nossa existência que nos carrega?

Exatamente. O senhor falou muito bem. Esse oscilar com a corrente básica está ligado ao amor que segue uma ordem. Ordem e amor se completam. E, aliás, a ordem vem primeiro. O amor está a serviço dessa ordem maior. Quando nos submetemos a ela, podemos nos desenvolver dentro dela, também, da melhor forma possível.

Agradeço por essa entrevista!

Ordens na família

Introdução

Quem conhece as ordens existentes na família pode se desenvolver em sua família de origem. Pode também se separar dela, no tempo certo, criar a sua própria família e assumir responsabilidades por ela. Este capítulo apresenta as ordens do amor e mostra como a família, conhecendo essas ordens, pode se expor com serenidade a situações difíceis e a golpes do destino.

Escrevi sobre as ordens na família em todos os meus livros, principalmente em Ordens do amor e No centro sentimos leveza.

O direito à pertinência

Gostaria ainda de dizer algo sobre a ordem na família. No sistema familiar reina, na profundeza, uma lei fundamental. Podemos ver o que ela exige através dos seus efeitos. Essa lei diz: todos aqueles que pertencem têm o mesmo direito à pertinência. Todos, também os mortos. Na verdade, os mortos não estão fora do sistema, estão presentes de uma forma especial. Quando os mortos que foram excluídos ou esquecidos são reinseridos na família, os outros vivenciam isso como completude. Quando todos estão lá, os vivos se sentem completos e, ao mesmo tempo, livres.

Quem pertence ao sistema familiar?

Quero dizer quem pertence ao sistema familiar, isto é, a quem se aplica a completude. Pertencem à família os irmãos vivos e mortos, os pais e seus irmãos, também os vivos e os mortos. Pertencem também os avós, algumas vezes ainda um ou outro dos bisavós, mas isso raramente. Se uma bisavó morreu no parto ou por consequência deste, ela sempre vai pertencer ao sistema. A ele pertencem também todos aqueles que deram lugar para um outro, por exemplo, um marido anterior ou uma mulher anterior dos pais ou avós.

Sinto-me pleno e completo se todos forem reconhecidos, e eu lhes der um lugar de honra em meu coração. Ao mesmo tempo fico livre dos emaranhamentos do sistema. Nada que estava pendente me prende mais. Os membros da família me acompanham como uma boa força e não estou ligado mais a coisas ruins. Então, posso me erguer.

Frequentemente, alguém se sente ainda ligado, por exemplo, a outros companheiros de infortúnio que morreram. Quando isso ocorre, é preciso que ele lhes dê um lugar no coração. Isso pode ser visto nos sobreviventes do holocausto em relação àqueles que morreram, nos soldados perante os camaradas e os inimigos tombados. E ainda em assassinos perante suas vítimas.

Os bons e os maus na família

Algo mais deve ser observado. Alguns são excluídos de um sistema porque se diz que não são dignos dele. Por exemplo, porque são

jogadores, alcoólatras, homossexuais ou criminosos. Sempre que alguém é excluído e outros membros da família dizem “tenho maior direito de pertencer do que ele”, o sistema fica perturbado e, então, pressiona para o restabelecimento e reparação. Assim, aquele que foi excluído ou deixado de lado dessa maneira é representado mais tarde por um descendente, sem que esse perceba isso. Ele se sente como o excluído, comporta- se como ele e, frequentemente, tem o mesmo destino.

Aqui só existe uma solução. É preciso reinserir no sistema essa denominada pessoa “má”, que foi excluída, reconhecendo que tem o mesmo direito de pertencer que os outros. E é preciso dizer a ela: “Nós cometemos uma injustiça com você e sentimos muito”. Então, pode-se ver que justamente dessa pessoa que foi excluída vem uma grande e boa força para os descendentes. Fica sendo um protetor para eles.

Nas constelações familiares pude fazer também uma estranha observação, com relação ao bom e ao mau. Na maioria das vezes é o contrário do que se apresenta. Quem se apresenta como o bom se revela frequentemente como o mau e quem é colocado como o mau se revela como o bom, e é de onde vem a força. Por isso, só se pode fazer terapia sistêmica quando incluímos os excluídos e maus no coração, tratando-os com respeito. O estranho é que no momento em que faço isso, ganho a confiança de todos os outros do sistema. Instintivamente passam a confiar em mim. Mas se apoio a perseguição e digo a um cliente: agora diga para seu pai ou seu tio que ele é um patife ou pari o pai que abusou de você que ele é um mau caráter, então, todos no sistema perdem a confiança no terapeuta. Só existem soluções através do amor. Quando se compreende essas dinâmicas não se consegue fazer outra coisa senão trabalhar, respeitando esse amor.

A perfeição

A perfeição é um conceito importante na teologia, no ensino da virtude e na espiritualidade. Mas descobri algo bem trivial sobre a perfeição: ela começa de maneira bem simples.

Em primeiro lugar, pode-se ver que alguém que rejeita ou menospreza internamente um de seus pais não está bem consigo mesmo. Está dividido e se sente vazio. Quem toma seus pais e lhes dá a honra que lhes compete e um lugar em seu coração está bem consigo mesmo. Como

é possível que alguém esteja bem consigo mesmo se rejeita um de seus pais? Ele é seus pais.

Esse é o princípio da perfeição. Mas isso ainda não basta. Precisamos dar um lugar no coração também para aqueles que pertencem à nossa família e ao nosso clã, como os mortos, os excluídos e os esquecidos. Só assim somos perfeitos e realmente livres - livres para o nosso futuro.

Essa perfeição encerra o passado. Os mortos e excluídos encontram a paz, porque têm um lugar dentro de mim. Eles me deixam em paz porque têm um lugar dentro de mim. Posso deixá-los em paz, e eles continuam a atuar dentro de mim, mesmo estando mortos.

Tomar os pais

Uma criança só pode estar bem consigo mesma quando tomou seus pais. Tomou, é o que eu disse. Isto é, eu os tomo do jeito que são e os respeito do jeito que são, sem querer ou desejar algo diferente. Exatamente do jeito que são, eles são certos. Quem toma os pais dessa forma está em paz consigo mesmo, sente-se completo. Seus pais estão presentes dentro dele com toda a força.

Alguns pensam que quando tomam seus pais, tomam também as suas qualidades negativas. Nunca vi isso. Quem toma seus pais tem sempre a força total e o que dá medo no destino dos pais, por exemplo, que a mãe seja doente, não é mais importante. Isso desaparece. Os pais não podem escolher o que dão aos seus filhos, e os filhos não podem escolher o que tomam de seus pais. Não podem tirar algo daquilo que foi dado pelos pais nem acrescentar nada, porque os filhos são seus pais. Quem reconhece isso está em sintonia com algo maior.

A reverência aos pais

A reverência aos pais é o assentimento à vida como a recebi, pelo preço que a recebi, e ao destino que me é predeterminado. A reverência ultrapassa os pais. É o assentimento ao próprio destino, às suas chances e aos seus limites.

Essa reverência é também um ato religioso. Quem a faz, de repente, fica livre. Antes talvez precise se defender porque ainda tem uma

reivindicação ou uma censura em relação aos pais. Quem se defende contra algo precisa sempre tê-lo à vista e acabará ficando como aquilo contra o qual se defende. Se, por exemplo, uma mãe afasta seu filho do pai, ele vai ficar como o pai. Justamente quando quero afastar alguém de outra pessoa, afastá-lo de algo, ele vai tornar-se e fazer o que se quer evitar.

A paz através da humildade

PARTICIPANTE Hoje vi como podemos nos reconciliar com falecidos ou mortos. Como podemos fazer isso com os vivos? Basta reconciliarmos com eles no coração ou devemos fazer isso junto com eles?

HELLINGER De quem se trata?

PARTICIPANTE Do pai.

HELLINGER Qual é o conflito?

PARTICIPANTE Tenho a sensação de que me intrometi num certo tema que, na verdade, é somente da conta de meus pais. Não era da minha conta. Foi um conflito terrível, como nunca houvera antes e tampouco houve depois. Quando refleti hoje sobre isso, tive a sensação de ter me reconciliado com meu pai.

HELLINGER Não, você perdeu o seu pai.

PARTICIPANTE Agora eu...

HELLINGER Você perdeu o seu pai. Aceite isso e diga-lhe internamente: “Eu perdi você. Sinto muito pelo que fiz, mas agora eu o reverencio como meu pai”. Sem esse conhecimento da perda, não existe reconciliação.

PARTICIPANTE Devo dizer-lhe isso pessoalmente?

HELLINGER Não, nada mais deve ser dito. Quero dizer com isso que você perdeu a chance. Mas você pode fazer isso internamente. Então, você ficará em paz consigo mesmo. Contudo, externamente não se pode colocar isso em ordem. Não se pode pretender ainda que o pai coloque isso em ordem para você, se você for conversar com ele sobre isso. Você mesmo é que carrega as consequências. Está bem?

PARTICIPANTE Sim.

Pai e criança

O pai está sempre presente na criança. Quando eu rejeito o pai, rejeito também a criança. A criança sente isso e fica dividida. Não pode ficar completa.

A vida é maior do que os pais

Quando alguém trata a mãe ou o pai como se fossem eles que dão a vida, surgem muitas dificuldades. Como se estivesse nas mãos dos pais darem a vida que têm. Na verdade, essa é uma ideia maluca. Frequentemente isso impede o soltar-se dos pais.

Olhar para longe, para lá de onde vem a vida, tira o poder dos pais. Por um lado, libera o filho para tomar totalmente a vida assim como vem até ele, através deles. Por outro lado, os pais recebem através disso uma dignidade maior, porque estão conectados a uma longa corrente de gerações passadas. Isso libera ambos, tanto os pais quanto o filho.

Esse tomar a vida é um ato religioso. É como fazer uma reverência e então tomá-la. Nesse momento, renuncio a qualquer censura contra meus pais, já não é mais relevante se houve culpa ou não. Na postura básica de respeito pelo mistério da vida é que esses atos profundos dão resultado. Mas se censuro meus pais, trato a vida como se pudesse lidar com ela a meu bel-prazer ou pagar por isso, por exemplo, através de uma doença. A terapia não pode ajudar quando recusamos essa forma de entrega à grandeza da vida. Ela gira, então, em círculos.

Culpa e presunção

Existe na alma uma profunda necessidade de livrar-se da culpa. Uma necessidade muito profunda. Muitos problemas surgem quando pensamos que seria possível nos esquivarmos à culpa. Mas isso não é possível. Começa com algo bem simples, por exemplo, reconhecendo que se vive à custa de outros.

Pensem sobre o que nossos pais fizeram por nós, começando com a gravidez da mãe, o nascimento e os riscos que assumiu, nesse cuidado e preocupação anos a fio, não é fácil encarar e ver o que isso tudo significa para cada um de nós. Então, alguns se esquivam da culpa, aqui, no sentido de transformar a culpa em obrigação do outro e se tornam

duros perante os pais. Fazem reivindicações e talvez se sintam grandes e superiores. Isso tudo é defesa contra essa culpa.

Contudo, grande é aquele que encara essa culpa, olha para seus pais nos olhos e vê tudo aquilo que fizeram por ele. E quando ainda vê atrás deles os avós com o seu amor e cuidado e diz: “Sim, eu tomo isso agora; agora sou criança, agora sou neto; tomo tudo e também tomo pelo preço total que lhes custou”, assim a alma fica ampla e grande e, principalmente, plena de força.

Entretanto, não se pode ficar com essa força consigo, é preciso passá-la adiante. Os filhos fazem isso se tornando pais; passando para adiante a seus próprios filhos ou a outros. E quando essa culpa é reconhecida, vem dela uma bênção para muitos. Esse é um dos pontos.

Outro ponto é que vivemos à custa de outros e, aliás, só podemos viver desse modo. E também precisamos saber que outros vivem à nossa custa de várias maneiras e que também estamos enredados aí, em seus emaranhamentos e, ainda, que se exige de nós que soframos por algo pelo qual, no fundo, não somos culpados. Isto é, que soframos por algo que os outros nos infligiram, e estes se tornam culpados em relação a nós.

Entretanto, quando temos isso em vista e tudo aquilo que vem ao nosso encontro - o de estarmos emaranhados nessa alternância de culpa e inocência, de dar e receber, de ser exigido - então podemos nos submeter a isso da maneira que der e vier.

Naturalmente existem situações em que alguém através de uma leviandade provoca algo terrível e por medo não diz que foi o culpado ou que partiu dele. Então, alguém precisa sofrer por isso, como nesse caso, o pai. Quando um dos descendentes sente essa culpa e pensa que no final das contas é responsável por tudo isso, é um engano. Ele não pode fazer isso e não compete a ele.

Embora, algumas vezes, aparentemente pareçamos ser ofensores, existimos num contexto maior no qual atuam outras forças que também tomam os culpados a seu serviço, sem que os alivie de sua culpa. Pudemos observar aqui que o pai não fazia nenhuma censura em relação ao filho. Os mortos percebem que aí atua outra coisa. Então, cessam todas as ideias: “Se ele não tivesse feito isso, então não seria assim”. A realidade como foi, pode ser vista e deixada em paz. Os mortos ficam,

então, entre eles.

Ordens do amor entre pais e filhos

Gostaria de dizer algo sobre as ordens do amor entre pais e filhos. A criança recebe a vida de seus pais, toma seus pais e a vida que vem deles com amor. Essa é a ordem.

Aqui, neste exemplo em que os pais permitiram que seus pais proibissem o casamento, vemos que eles estão evidentemente ligados à suas famílias de origem. Por isso não cuidam do próprio filho e não estão disponíveis para ele. Aqui a culpa é dos pais da criança e eles devem carregar isso. Um filho não deve se intrometer aí.

HELLINGER *para a cliente* É isso o que significa quando você diz ao pai e à mãe: “Deixo vocês partirem”. Com isso, a responsabilidade toda fica com eles. Você recebeu deles o essencial. Foram outros que cuidaram de você, por exemplo, o marido posterior de sua mãe e seus irmãos. Alinhe-se entre eles. É uma grande dádiva para você que eles estejam aí. Entregue seus pais ao seu destino. Com isso você mostra também o seu respeito por eles. Então você fica livre.

Se você se sentir bem, isso alivia seus pais. Isso seria mais um sinal de amor por eles, que você fique bem, por exemplo, tornando-se saudável outra vez, sentindo- se melhor. Então os pais não precisam mais ter consciência pesada.

O amor infantil

PARTICIPANTE Tenho problemas com o amor. O seu conceito é diferente daquele a que estou acostumado. É mais abrangente, sinto isso e me fascina. Mas também me torna cético. Talvez também me dê medo, não sei exatamente.

HELLINGER Trata-se aqui do amor infantil, e é um amor através do vínculo. A criança se une à sua família por amor para o que der e vier. Não importa o que seja exigido aí, a criança o preenche com amor, mesmo que isso custe a felicidade e a vida. Esse é o amor original, poderíamos denominá-lo assim.

Alguns pensam que a principal necessidade da criança é ser amada. A principal necessidade de uma criança é amar e mostrar esse

amor. Os pais precisam ajustar-se a isso e permitir à criança que mostre o seu amor. Algumas vezes, isso toma estranhas formas. Certa vez, disse num grupo: “Existem somente crianças amorosas”. Um participante disse então: “Não concordo com isso. Na verdade, sou contra tudo”. Eu lhe perguntei: “Quem mais?” Ele respondeu: “Meu pai”.

Tornei claro o conceito do amor que tem um papel importante aqui? Não é um mero sentimento. Ele tem força.

Amor e poder

Mas quero ainda revelar um segredo. A criança pensa que o seu amor é todo- poderoso. Se ela amar o suficiente, isso trará felicidade para a outra pessoa. Se ela se sacrificar o suficiente, forçará a felicidade a ir para essa pessoa. Essa é uma postura mágica, como se tivesse em suas mãos a felicidade do outro.

Frequentemente, os pais têm em relação aos filhos essa mesma postura. Pensam que se amarem o filho o suficiente, tudo dará certo para ele. Atrás disso atua a ideia de que o amor teria poder. Mas esse amor é sentido ao mesmo tempo como impotência total. Por isso, esse amor é tão doloroso e frequentemente escondido, por exemplo, através de comportamentos ásperos e negativos.

Amor e impotência

Muitos querem salvar seus pais através do amor ou os pais querem salvar o seu filho ou seja lá quem for. Isso não é possível. O sentimento mais doloroso que uma pessoa pode vivenciar é quando o amor aflora. Quando o amor mais profundo aflora é, ao mesmo tempo, o sentimento mais profundo e doloroso. E é sempre ligado à experiência de total impotência. Então, cessa a preocupação superficial e é preciso confiar tudo a uma força maior que não conhecemos. Isso seria aqui a solução. Ela se realiza num nível superior.

Lutas pelo poder

Sempre que existem lutas pelo poder não se olha para os mais fracos. Na política, onde existem lutas pelo poder, algumas vezes, o bem-estar de um povo inteiro é destruído. É sacrificado à luta pelo poder. Quando num casamento entre homem e mulher está em jogo o poder, as crianças são

sacrificadas sem escrúpulos à luta pelo poder. Por exemplo, nos processos de divórcio.

A vitória numa luta pelo poder está ligada a uma sensação de triunfo: agora lhe dei uma. Onde quer que exista esse triunfo, algo foi destruído. O homem que triunfa sobre a mulher perdeu a mulher. A mulher que triunfa sobre o marido perdeu o marido. A mãe que triunfa sobre o marido perdeu a criança. A criança que triunfa sobre os pais perde os pais. Esse é o caminho soberbo e arrogante.

O contrário é o caminho humilde que vê o outro e o reconhece. Ele renuncia ao triunfo e ao exercício do poder, mas tem um grande efeito. Aqui as forças que curam e promovem a paz podem agir. Uma outra força assume aqui a liderança. Pois, bem no fundo da alma, atua uma força que dirige todo o sistema para a reconciliação, para o respeito e reconhecimento mútuos - e, na realidade, por si mesma, se confiamos nela e nos recolhemos. Denomino isso de procedimento fenomenológico. Isto é, ganho compreensão através da renúncia do querer saber. E ganho força e influência através da renúncia ao poder.

A bênção

PARTICIPANTE Quando você diz: “bênção”, como você preenche isso? HELLINGER A bênção é um bom desejo. A bênção só pode vir dos pais ou dos avós. Vem somente dos que nasceram antes. Naturalmente, a palavra “bênção” tem também um significado religioso.

Talvez possa ser visto assim. A vida é algo que os próprios pais receberam e passaram para seus filhos. Uma bênção é sempre um dar a vida, vai na mesma direção de dar a vida. Por isso, compete aos pais dar uma bênção. Mas não é a sua bênção pessoal. É a bênção dentro do grande movimento da vida, que vem de bem longe e segue fluindo através dos pais. Os pais estão nesse movimento e o passam adiante para os filhos.

O cuidado pelos pais idosos

PARTICIPANTE Assumo o cuidado pelos meus pais idosos de uma forma que não me faz bem.

HELLINGER Você tem irmãos?

PARTICIPANTE Sim, tenho um irmão mais novo.

HELLINGER Então, entrem em acordo e cuidem juntos da mãe do jeito que ela precisa, com amor.

A dificuldade consiste em que um filho que cuida de seus pais se sente como se tivesse cinco anos de idade, e os pais também o tratam como se ele tivesse essa idade. Precisamos nos libertar dessa imagem. Então, nós crescemos internamente e olhamos para os pais e os ajudamos da forma que é certa. O filho decide o que é certo.

Crianças que faleceram precocemente

O destino de uma criança que morre cedo dá medo aos vivos. Talvez porque sintam que outros querem segui-la. Então, coloca-se de lado essa criança. Entretanto, a criança precisa ter um lugar na família, como se ainda estivesse viva. Isto é, pensa-se na criança, por exemplo, colocando-se uma fotografia dela em casa. Assim os vivos incluem a criança morta em suas vidas.

Muitos têm a ideia de que os mortos desaparecem. Mas para onde é que devem ir? De certo modo, estão ausentes. Mesmo assim, permanecem presentes. Na lembrança precisam ter um lugar na família e então os mortos, ao invés de causarem medo, atuam benevolamente. Incentivam a vida ao invés de tirá-la dos outros como alguns pensam.

Contudo, a criança falecida precocemente deve poder partir depois de um certo tempo. Quanto mais ela é respeitada, tanto mais fácil pode-se fazê-lo. Quando os vivos a acolheram em seu meio, podem deixá-la partir depois de algum tempo e precisam deixá-la partir para que o passado possa ser passado. Sem essa lembrança, os mortos se apegam algumas vezes aos vivos e pesam sobre eles como se tivessem ainda uma reivindicação perante eles, que deve ser preenchida antes que possam partir.

Vivos e mortos

O poder de irmãos falecidos precocemente e seu significado para o sistema não pode ser subestimado. Ele é, aliás, a maior força. Frequentemente, existe uma estranha arrogância dos vivos. Pensam que

ganharam e não reconhecem que os mortos estão aí. Vê-se, no efeito, que estão aí. Se não estivessem aí não poderiam exercer tal influência.

De vez em quando, imaginamos que os mortos se foram e nós estamos aqui. Não, eles estão aqui e nos apoiam. O movimento interno para a solução é renunciar à arrogância de estar vivo e se solidarizar com os mortos. A fórmula mágica para isso é: “Você está morto, eu viverei mais um pouco e então irei também”. Aí cessa a arrogância. E a vida não é mais uma presunção perante os mortos, mas vivo conectado, em harmonia e familiarizado com eles. Isso dá força para a vida e para a cura.

Alguns tratam a vida como algo que um tem e o outro não. Contudo, nas famílias existe um princípio de ordem bem profundo que se chama: quem está aí pode pertencer. Quem está aí pertence e, na verdade, está em pé de igualdade com todos os outros. Ou: quem esteve aí, ainda pertence.

Frequentemente, o medo dos mortos impede que reconheçamos isso. Mas aquele que se expõe a eles e a esse medo também se expõe ao seu próprio e limitado destino. Quem se expõe a isso, vivência que os mortos são benévolos.

A morte de crianças

Quando acontece numa família que muitas crianças morrem uma atrás da outra ou nascem mortas, dá-se frequentemente uma separação entre os pais. Talvez existam entre os pais censuras secretas de que um deles seja culpado. Em vez de carregar juntos a morte das crianças, isso os separa. Isso é muito mau. A solução seria que os pais se olhassem nos olhos e assegurassem um ao outro que carregam isso juntos. Se o luto for permitido, então o amor flui. Quando não conseguimos nos expor à dor, isso separa não somente os pais, mas também os filhos Ter filhos e perdê-los e, mesmo assim, permanecer juntos mostra algo da grandeza da paternidade.

Censura como substituto para o luto

Quando uma criança morre, os pais frequentemente se censuram como se eles ou outros fossem culpados por isso. Isso leva à separação do casal. A solução seria que os pais dissessem: nós o suportamos juntos. A procura pela culpa ou por causas tem origem na necessidade de fugir da

dor do luto. É substituto para o luto.

Quando trabalho com esses pais, eu os conduzo para o luto. Em que medida isso desfaz uma separação é uma outra questão. Mas é, em todo caso, um processo de cura para ambos.

Quando alguém se censura ou censura um outro, atrás disso se esconde um outro sentimento. Quando, por exemplo, em um acidente uma criança é atropelada por imprudência, a raiva da família fica direcionada contra aquele que a atropelou. Por trás desses sentimentos atua o pensamento de que isso poderia ter sido evitado, poderia ter sido diferente ou que alguém tivesse tido o poder de evitar isso. Então, não preciso mais me expor à força do destino. Não preciso me submeter a ele. Esse submeter-se é adequado, tanto quando alguém teve culpa no acidente, como dizemos, ou se simplesmente aconteceu. É assim, assim é o destino. Quando nos submetemos a ele como destino, então podemos ficar de luto. No luto a criança é vista. Quando se fazem censuras, não é vista. Quando a criança é vista, o amor pode fluir de modo totalmente diferente e, então, de certa maneira, pode continuar viva na família. Senão será colocada de lado.

A idealização como substituto para o luto

PARTICIPANTE Quando uma criança morreu precocemente, muitas vezes não é excluída, mas se torna o centro da família, a família se fixa nessa criança e com isso fica paralisada.

HELLINGER Quando a família fica tão fixada na criança, isso também é uma forma de exclusão. A idealização também é uma forma de exclusão. Se as fotos dos mortos estão penduradas por toda parte, isso é também uma forma de exclusão. Isso acontece quando nos sentimos culpados em relação a ele.

Por exemplo, quando os pais se sentem culpados perante uma criança que morreu precocemente, algumas vezes existe uma forma de superação através da idealização. Essa idealização impede o luto.

Luto arrogante e humilde

Existe um luto que é arrogante. O luto longo, por exemplo, é arrogante. É um querer segurar. O luto total, por outro lado, dói muito, mas libera e possibilita coisas novas. Esse luto é humilde. Certa vez, uma escritora

escreveu com relação à morte de sua filha: meu luto nunca chegará ao fim. Isso é arrogante.

Os nomes dos mortos

Quando uma criança recebe o nome de um irmão que morreu, a criança que morreu fica, com isso, excluída da família. Não possui nem mesmo o seu próprio nome. Isso é bem ruim.

PARTICIPANTE Quando se recebeu o nome de um tio que morreu na guerra tem também um efeito semelhante? Ou é apenas uma recordação?

HELLINGER Quando se recebe o nome de um tio que morreu na guerra, isso pode ter um mau efeito se, por exemplo, não se fez luto por ele. Se ele, por exemplo, é idolatrado como um herói, não se fez luto por ele. Mas, se realmente se fez luto, uma criança pode receber seu nome. Pode-se, então, confiar a criança ao tio morto para que ele vele pela vida do sobrinho. Você tem o nome de um tio assim?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Você precisa olhar para o tio e dizer: “Olhe para mim e respeite a minha vida”. Isso seria aqui a boa dinâmica.

Mortos que foram excluídos

PARTICIPANTE O senhor diferencia dois tipos de morte, uma morte natural ou precoce ou uma morte violenta. Isso tem um significado? De uma maneira ou de outra, todos nós vamos morrer.

HELLINGER Trata-se dos mortos que foram excluídos. Isso é bem frequente. Por exemplo, muitas vezes, uma criança que morreu precocemente nem é mais mencionada ou alguém morreu na guerra e não é mais mencionado pela família. Então, é importante que seja reinserido na família, pois se ele não for respeitado será representado por um outro membro da mesma. Por isso, isso é importante. Não a morte como tal é ruim, mas que alguém tenha sido excluído.

Crianças que não nasceram

Crianças que não nasceram, isto é, abortos espontâneos ou provocados não têm na família o mesmo efeito que tem uma criança que nasceu. Isto é, seus irmãos não são facilmente envolvidos nos seus destinos, embora

aqui haja também exceções.

Crianças abortadas têm sempre um efeito especial para seus pais. Elas são sempre importantes para os pais. Nisso existe, frequentemente, a dinâmica de que a mãe ou o pai dessa criança abortada queira segui-la, também, na morte. Ou expiam, quando mais tarde não se permitem estar bem, por exemplo, não têm ou não encontram mais um outro companheiro. Ou, se têm um relacionamento, se separam. Isso seria muito pior para a criança abortada se soubesse do efeito do seu destino.

A solução seria que os pais de tais crianças lhes dessem um lugar em seus corações. Isso so pode acontecer se ela for vista por eles. Em primeiro lugar, precisa ser vista por seus pais. E eles dizem a ela com amor: “Minha querida criança”. Quando então a dor pela criança aflora nos pais, isso a honra e então flui o amor entre os pais e a criança. Isso reconcilia.

A dor e o amor reconciliam a criança com o seu destino.

E é importante que a força que vem da culpa possa fluir para algo bom, em homenagem a essa criança, por exemplo, no cuidar generosamente de outros. Isso atua de volta na criança. Então a criança não se foi. É acolhida novamente pelos seus pais, participa de sua vida e fica reconciliada. Isso seria uma boa solução para todos.

Algumas vezes, os pais também podem fazer isso com crianças que foram vítimas de aborto espontâneo. Mas para as crianças vivas de uma família, esses “irmãos”, via-de-regra, quando muito, têm pouco significado.

A criança abortada e seus irmãos

PARTICIPANTE Tinha entendido que crianças abortadas não atuam sobre os irmãos, agora achei diferente. Tinha entendido que só atuam no casal e não nos irmãos. É diferente ou é novo?

HELLINGER Isso acontece quando nos fixamos em tal coisa. Aqui não se tratava da criança abortada, mas da dor reprimida do pai. A criança tinha assumido essa dor.

PARTICIPANTE Assim entendo bem.

Crianças dadas

Há situações em que os pais dão a sua criança e se subtraem do cuidado por ela. Isso acontece frequentemente com filhos ilegítimos. Aqui são principalmente os pais que se subtraem. Quem se retira assim perdeu o seu direito. Mais ainda, no fundo, é um crime grave. A alma reage a isso como se fosse um grande crime. Na alma daquele que não cuida de seu filho, isso atua assim. Mas não somente na sua alma. Atua dessa forma na alma da família à qual ele pertence. Quando não reconhece que é um grande crime, algumas vezes um outro morre.

Quando alguém deixa a sua família levianamente - "levianamente", isso é aqui muito importante, muitas vezes no sentido de "eu vou me autorrealizar" - às vezes uma criança morre ou se suicida.

Não acho que, nesse caso, se possa acusar alguém de culpado pela morte, isso seria naturalmente muito ruim. Seria arrogância vinda de fora. Somente observo os movimentos da alma. Estranhamente, esses tipos de pais se tornam algumas vezes esotéricos. Eles seguem, então, um chamado caminho espiritual e abandonam seus filhos.

Crianças que ficam nessa situação encontram, frequentemente, apoio nos seus pais adotivos ou pais de criação. Também em orfanatos ou outras instituições. Mas essas crianças têm dificuldades de tomar o presente oferecido pelos pais adotivos ou pais de criação ou de uma instituição desse tipo. Esperam ainda que os pais venham e as acolham.

Para tal criança o movimento que cura seria olhar para seus pais e tomar a vida que eles lhe presentearam. Esse é o maior bem. Ela toma a vida em seu coração e dá o espaço total à vida saudável. E então se despede de seus pais, de coração, dizendo-lhes: "Agora deixo vocês partirem. Agora renuncio a vocês para sempre". Essa é a frase decisiva: para sempre. Isso é inacreditavelmente doloroso. Mas é uma dor que cura. Para a criança é como se seus pais estivessem mortos. Só aí é que ela pode se voltar para seus pais adotivos ou pais de criação ou para aqueles que cuidam dela. Assim, a vida que recebeu dos pais pode se desenvolver.

Frequentemente, tal criança procura ou visita mais tarde seus pais. Com isso tem a esperança de que possa reverter o fato de ter sido dada.

Mas isso, via-de-regra, não acontece. Isso acontece somente em casos excepcionais. Na verdade, os pais se sentem culpados. Talvez queiram convencer a criança de como fora difícil para eles. Então ficam como pequenas crianças que se deixam cuidar pelos seus filhos como se esses fossem os pais para eles. Como se não tivessem sido eles os grandes, e a criança a pobrezinha que não pôde se defender.

O fato de dar uma criança pode ser comparado a um aborto provocado. É um dar para sempre. A criança tem que reconhecer isso. Pode fazer isso quando adulta, quando criança, não. Também não se pode exigir isso dela. Isso não é possível. O reconhecimento dessa realidade tem então uma chance, quando a falsa esperança se vai. O famoso Dante escreveu uma comédia, até mesmo uma divina comédia. Nela ele descreve a entrada para o inferno, - ou é até mesmo sobre a entrada para o céu? - esta é a frase: quem entrar aqui abandone toda esperança. Porque essa esperança é falsa.

A expiação

PARTICIPANTE Como é que você chegou à conclusão de que a mãe tinha sido culpada da morte? Vem do fato de que deu a criança? Para mim isso não explicaria totalmente.

HELLINGER O filho dela tinha o mesmo nome da criança dada. A alma não perdoa quando uma mãe dá uma criança. O sistema também não perdoa isso. Então existe uma necessidade de expiação. Naturalmente que a mãe tem necessidade de expiação. Mas o outro filho, que recebeu o nome da criança dada, ele mesmo foi embora como a criança dada. Minha imagem foi essa. Que fez isso pela mãe. O olhar da mãe dirigido para o céu foi o decisivo. Foi o sinal pelo qual me orientei nesse momento.

Segredos de família

PARTICIPANTE Há pouco foi feita uma alusão a segredos de família. Gostaria muito que o senhor ainda dissesse algo sobre isso.

HELLINGER Com relação aos segredos de família?

PARTICIPANTE É, como se deve proceder nesses casos?

HELLINGER Existem segredos familiares que precisam ser preservados.

Não são da conta dos filhos. Tudo aquilo que toca o relacionamento íntimo dos pais ou alguma culpa deles não é da conta dos filhos. Por exemplo, os filhos não devem investigar o que os pais fizeram. Para que fazer? Se descobrirem algo, o que dirão? Vão perguntar aos pais: o que é que vocês fizeram? E se colocam numa posição de grandes como se tivessem direito a isso. O terapeuta preserva tais segredos dos filhos. Não se deixa envolver nisso.

Existem segredos de família que precisam vir à luz. Por exemplo, pessoas que pertencem à família mas não foram respeitadas e reconhecidas ou foram esquecidas, como irmãos que faleceram cedo. A criança pode saber disso, precisa saber disso. Quando se traz isso à luz tem um efeito que cura.

A primeira pergunta que um terapeuta se faz no trabalho com as constelações familiares é a seguinte: quem está faltando e quem deve ser incluído. Quando os representantes dos membros da família são posicionados, pode-se ver frequentemente que alguém está faltando. Quando, por exemplo, todos olham em uma direção, alguém está faltando na frente deles. Então se procura quem é e quando essa pessoa é colocada na frente deles, eles encontram a paz.

Pessoas deficientes na família

Uma criança deficiente

Quando os pais têm uma criança deficiente, esse fato muitas vezes tem o mesmo efeito que o falecimento precoce de filhos. Os pais então se separam e se afastam porque secretamente se censuram ou censuram o outro por causa dessa deficiência, como se fossem culpados. A solução aqui é que os pais olhem um para o outro e digam: “É nosso filho e juntos vamos cuidar dele do modo que necessitar de nós como pais”. Assim os pais podem se aproximar, se apoiar e se fortalecer reciprocamente nos cuidados à criança deficiente. Esse é o primeiro passo.

Irmãos deficientes

Isso tem também um efeito bem profundo nos irmãos, porque as crianças que são saudáveis não têm a coragem de conservar a sua saúde e tomar as suas vidas na sua totalidade. Pois, secretamente se sentem culpadas perante a criança deficiente, porque esta se encontra em desvantagem,

enquanto elas têm uma vantagem. Assim, querem compensar. É semelhante ao que se dá nos relacionamentos humanos normais. Quando alguém recebeu algo, quer dividir ou devolver algo para aquele do qual recebeu, para que se restabeleça o equilíbrio. Essa experiência básica da necessidade de compensação também é transferida para tais situações. Mas aqui tem um efeito especial. A pessoa se sente melhor quando não está bem, porque essa necessidade de compensação existe e é atendida.

A solução aqui está num nível superior. A criança saudável diz para a criança deficiente: "Você é deficiente, e eu sou saudável. Tomo a minha saúde como a recebi e respeito-a como um presente. Mas deixo você participar dela. Se você precisar de mim estarei sempre ao seu lado". Então, a criança saudável pode ficar com a sua vantagem e ao mesmo tempo deixar a criança deficiente participar dela. Essa é uma compensação num outro nível. Isso deveria ser considerado aqui.

PARTICIPANTE Me pareceu que o senhor trata a existência de uma criança deficiente na família como um caso de morte ou como um golpe do destino. Está correta a minha impressão ou como o senhor vê a deficiência com relação a outros acontecimentos?

HELLINGER A sua impressão está certa. Trato isso quase assim, mas não totalmente. É que através do desnível entre os ganhos e perdas ou vantagem e desvantagem nasce um sentimento de culpa naqueles que têm vantagem.

Se existe uma criança deficiente numa família, via-de-regra, os outros irmãos não têm coragem de tomar a sua vida e seu destino em sua plenitude. Tentam compensar limitando as suas vidas. Se observarmos isso exatamente, adicionam um peso para a criança deficiente porque ela é, por assim dizer, culpada de que os outros se limitem.

A solução é que digam ao irmão deficiente: "Eu me curvo perante o seu destino e perante você que o carrega. E eu me curvo perante o meu destino. Respeito o seu e o meu. Tomo a minha vida como ela me foi dada e deixo a sua como lhe foi dada. Mas sempre serei seu irmão ou sempre serei sua irmã. Pode contar comigo sempre que precisar." Então a criança deficiente fica livre para se desenvolver.

A criança saudável também pode fazer do seguinte modo: desenvolver-se, ao mesmo tempo, com o irmão deficiente ao seu lado.

Faz isso, por assim dizer, conectado com esse irmão e tira a força dessa ligação. A criança deficiente tem então participação na boa vida de seu irmão saudável e em seus bons atos.

Crianças vítimas da talidomida

PARTICIPANTE Com relação às crianças cujas mães ingeriram talidomida é muito mais difícil a censura. Continua válido o que o senhor disse, de maneira geral, sobre deficiências?

HELLINGER Se a mãe estivesse consciente do efeito da talidomida e mesmo assim a tivesse ingerido, então a censura seria justificada. Mas se não, isso não vem ao caso. Toma-se isso como destino. Todos tomam isso como destino. A criança deficiente diz: "Tomo a minha vida por esse preço". E os pais podem dizer à criança: "Demos-lhe a vida e você pode tê-la por esse preço". Isso promove a paz na família.

Um companheiro deficiente

PARTICIPANTE Quais as consequências de uma deficiência que aparece no decorrer de um relacionamento?

HELLINGER Depende se apareceu bem no início do casamento ou se manifestou mais tarde. Por exemplo, quando se constata que um dos cônjuges não pode ter filhos e o outro quer tê-los, então aquele que não pode ter filhos não pode segurar o outro. Precisa liberá-lo.

Se for uma deficiência, por exemplo, que sobrevêm após um acidente de automóvel, então é apropriado que aquele que tem saúde assegure ao outro: "Fico com você". Nisso existe força. Isso é parte do contrato: nós pertencemos um ao outro e ficamos juntos também em tempos difíceis. Isso é o certo.

Se a deficiência é tão grande que não é mais possível o casamento, então podem se separar. Um exemplo que vivenciei foi o seguinte: o marido acidentou- se, caindo de um cavalo e sofreu uma lesão cerebral, tendo que ficar permanentemente internado e não estava mais em pleno gozo de suas faculdades mentais. Aconselhei a mulher a dizer ao marido: "Eu te amei muito e te respeito, e você será sempre o pai de nossos filhos, contudo agora considero terminado o nosso casamento e vou me dedicar a um novo parceiro". Ela fez isso. Nesse momento, a fisionomia do marido se iluminou, embora não estivesse plenamente consciente. Para

ele era adequado que não segurasse a sua mulher, porque não poderia haver mais nada em comum aí. Portanto, existem situações diversas. É preciso considerar o que é certo.

Pais deficientes

PARTICIPANTE Qual é o efeito que pode ter para os filhos quando a deficiência sobrevêm durante o relacionamento?

HELLINGER Uma família sempre carrega junto o destino de seus membros. Isso é o adequado. Às vezes existem maus exemplos: o marido voltou da guerra, levou um tiro na cabeça e não regula bem. A mãe o rejeita e tenta se livrar dele. Mais tarde, isso terá nos filhos efeitos terríveis. Internamente permanecem fiéis ao pai e talvez imitem o seu comportamento mais tarde.

Portanto, concorda-se com isso. No momento em que concordamos com isso, não é tão ruim. Pode se conciliar muita coisa.

PARTICIPANTE Minha mãe perdeu uma perna quando eu tinha quatorze anos. Como é que os filhos devem lidar com isso?

HELLINGER Acariciar o coto da mãe ou da avó. É uma linda imagem.

A força que provém de uma deficiência

Frequentemente a sociedade, o meio em que vivemos, compadece-se dos pais que têm um filho deficiente, como se tivessem tido uma má sorte. Mas quando se olha uma família que lida com uma criança deficiente e vê as forças que são liberadas nessa família, amor, brandura e também disciplina, então se vê que essa criança deficiente significa algo especial para essa família. É semelhante ao que, muitas vezes, uma doença significa para nós mesmos quando a tomamos. Uma família com uma criança deficiente ilumina ao seu redor. Muitas ilusões que se tem a propósito da felicidade e da vida são então atenuadas e dão lugar a um profundo apego à vida, tal como é, também com suas restrições e suas limitações.

para uma cliente Você pode ver assim a sua doença, aceitar e respeitar a assistência que os outros lhe dão. Isso é muito importante: reconhecer como uma dádiva a assistência que os outros lhe dão. Essa gratidão é para os outros uma compensação, o reconhecimento daquilo que fazem por você. Então, é mais fácil para eles fazer isso por você. Se você fizesse

reivindicações, não poderiam mais fazer isso de coração. Isso seria ruim. Então, isso não é importante somente para você, mas para aqueles que cuidam de você. Algumas vezes pode também ficar um pouco melhor.

A ordem de origem

Quando a ordem de origem não é reconhecida, por exemplo, a sequência dos irmãos, pode-se originar uma grande desordem e, algumas vezes, esquizofrenia. Quando uma criança toma o lugar que lhe cabe, ela se sente em ordem. Não se sente menor se antes tiver tomado uma posição superior, mas simplesmente certa. Os irmãos mais velhos tampouco são maiores em seus lugares, mas eles têm uma precedência na ordem.

A criança possuída

PARTICIPANTE Conheço alguém que teve alguns surtos psicóticos e tinha a tendência de se ocupar com imagens de diabos. Ele dizia: “Alguém incorpora o mal”. Nisso se referia aos ensinamentos da igreja católica. O que se poderia dizer aqui?

HELLINGER Descobri algo sobre o diabo. Em um grupo de terapeutas para crianças foi relatado que um garoto se comportava de maneira que fazia suspeitar estar possuído pelo diabo. Não se podia explicar de outro jeito. Eu disse a eles que o diabo é, na maioria das vezes, alguém da própria família. Nós procuramos pelo diabo nessa família.

O jovem tinha sido adotado por uma mulher que havia abortado sete crianças só para irritar o marido. Em vez de ter compaixão pela criança, os terapeutas tinham pena da mãe e achavam que precisavam e poderiam ajudá-la. Olhei para o jovem, o meu coração estava com ele. Com relação à mulher, estava claro: deveria deixá-la com o seu destino e as consequências de seus atos. E não podia deixar a criança com ela. Ela precisava sair daí.

Portanto, quando se acha que o diabo está fazendo as suas, geralmente uma pessoa assim chamada boa ou coitada que é a má. E quando se procura pelo diabo o encontramos geralmente com os anjos. As pessoas mais cruéis se apresentam frequentemente como as mais piedosas ou as mais piedosas são frequentemente as mais cruéis. Elas têm pouco coração.

Espancamento em substituição

PARTICIPANTE Gostaria somente de perguntar como é que o senhor disse imediatamente: quem foi espancado pelo pai, a criança ou a mulher? Como foi que o senhor reconheceu isso de imediato? Na configuração ou qualquer coisa que seja?

HELLINGER Acho que o velho Freud já disse: quando o marido espanca a criança, quer frequentemente espancar a mulher. Ou a mulher quando quer espancar o marido espanca a criança. Isso pode ser visto frequentemente.

Richard Wagner descreveu, por exemplo, em *Canto dos Nibelungos.* Aqui se vê que Wotan tinha brigado com a sua mulher Fricka e a mulher, por vingança ao marido, mata seu filho, e Wotan, por vingança à sua mulher, mata aquele que tinha matado seu filho. Eles se vingam, por assim dizer, nos pequenos.

Então Wotan fica com raiva de Brünhild, sua filha. Isso é mais fácil. Em vez de ficar com raiva de sua mulher, fica com raiva de Brünhild. Essa dinâmica familiar está expressa em *Canto dos Nibelungos*, de uma forma magnífica.

Quando é que um pai está disposto a cuidar de seus filhos depois do divórcio?

PARTICIPANTE O que significa isso: você diz que a criança pertence evidentemente ao pai? Mas como é, quando a criança luta anos a fio para ir para o pai, mas o pai não quer isso? Ela também não quer mais ficar com a mãe.

HELLINGER Posso revelar um segredo, como é que se pode levar o pai a tomar o seu filho. Devo fazer isso? - Quando a mãe o respeita.

PARTICIPANTE A mãe respeita o pai?

HELLINGER Sim. E quando respeita o pai em seu filho ou em sua filha.

Honrar os pais

Nunca é demais honrar. Como liberta, honrar os pais. E como é de pouco valor quando nos aproximamos desses vínculos profundos com

julgamentos morais. Quão pouca justiça é feita à realidade.

Honrar ou se submeter

PARTICIPANTE Como é com a reverência e a submissão? Onde começa uma coisa e onde termina a outra? Onde estão as correlações e como se deve lidar com isso?

HELLINGER Muitas vezes o câncer ou também a obesidade se origina no momento em que uma mulher se recusa a se curvar perante a mãe. Então, essa mulher anda de cabeça erguida. Aqui, honrar e se submeter seria a mesma coisa. Quando é uma submissão com amor, então, isso é honrar.

Frequentemente a submissão é vivenciada da seguinte forma: quando alguém quer algo de mim e eu dou, preciso renunciar à minha dignidade. Mas aqui se trata de que alguém, finalmente, concorde com o seu destino assim como é. Em grande parte, o nosso destino é determinado através de nossos pais. De nossos pais temos o que somos e também o que nos falta. Os pais nos deixam um caminho livre e também nos limitam através deles mesmos, pelos seus destinos e sua origem, seja lá como for. Nesse sentido, quando nos submetemos com amor e concordamos com o destino, com todas as suas consequências, esta é uma forma de submissão. Pode-se dizer também que é uma entrega. Essa é uma palavra totalmente diferente. Dessa entrega vem a grandeza. Quando alguém consegue honrar seus pais dessa forma, pode-se colocar ao lado deles no mesmo nível e, ao mesmo tempo, libertar-se. Portanto, na prática é justamente o contrário daquilo que tememos que possa acontecer quando nos submetemos.

OUTRA PARTICIPANTE Tenho ainda uma pergunta adicional: é também da mesma forma para o homem, que deva se curvar perante o pai?

HELLINGER A reverência principal é sempre perante a mãe.

PARTICIPANTE Também para o homem?

HELLINGER Também para o homem. Honrar a mãe, isso é o mais difícil e o maior. Mas é claro que uma criança precisa se curvar também perante seu pai. Mas a reverência principal, a reverência necessária é perante a própria mãe.

Ordem e amor

PARTICIPANTE Venho de uma família na qual não havia ordem nem amor em excesso. Mas, em todo caso, a ordem era mais importante.

OUTRA PARTICIPANTE Na minha família atual o amor é mais importante, mas nos permitimos muita desordem ou todo dia temos uma nova ordem.

HELLINGER Quando aqui se fala em ordem não se trata de regras ou leis, mas de uma realidade percebida. Por isso, tampouco podemos escolhê-la. Ela atua por si só.

O amor é uma parte da ordem. Algumas pessoas pensam poder sobrepujar as ordens com o amor. Isso não é possível. O amor precisa se submeter à ordem para poder se desenvolver. As ordens de que falamos aqui não são abandonadas à arbitrariedade.

Essas ordens são cheias de mistério. Não se pode compreendê-las exatamente, somente pode-se observar o jeito como atuam. Elas atuam sempre de forma diferente, sempre de uma forma nova.

Amor e vida

Quando os pais partem e querem partir ou precisam sair da vinculação de seu destino, querem que os filhos fiquem bem ainda assim. Pôde-se ver isso aqui. Quando os filhos então interferem e querem carregar isso pelos pais, é ruim para estes. Os filhos não vão poder fazer com que os pais fiquem. Mas podem tomar a sua bênção.

Na Bíblia, existe um famoso dito: “O amor é tão forte quanto a morte”. Mas existe ainda um amor mais forte. Assim, ele poderia também dizer: “O amor é tão forte quanto a vida”. Esse é o amor maior - e o mais difícil.

Quando o pai ou a mãe faleceu cedo

A criança precisa de seus pais para poder viver e, quando o pai ou a mãe morre cedo, aquele que morreu deve ter um lugar na família. Por exemplo, quando se coloca uma fotografia dele na parede e também quando o outro cônjuge torna a se casar. A primeira mulher ou o primeiro marido é a mãe ou o pai da criança e precisa ter um lugar de honra e a

criança pode expressar o seu amor pelo pai falecido. Aquele que sobreviveu ou mesmo a nova mulher ou o novo marido conduzem a criança ao genitor falecido e a confiam a ele. Assim, a separação não é tão difícil de suportar. É sempre um destino difícil para uma criança, mas dessa forma pode atuar aí uma força curativa. Pode-se dizer também para a criança que os mortos ainda estão presentes e olham por ela. A criança sente isso imediatamente e dessa forma pode-se lidar com isso muito bem.

O leão

PARTICIPANTE O senhor acabou de dizer que se um sistema está carregado, por exemplo, aquele do pai, então os filhos devem ir para a esfera de influência da mãe. O que acontece quando ambos os pais estão bem carregados, para onde os filhos devem ir então?

HELLINGER Então, muitas vezes, devem tornar-se independentes.

PARTICIPANTE Mas a partir de que idade os filhos conseguem fazer isso? E se eles forem ainda pequenos?

HELLINGER Em casos concretos encontra-se uma solução, porque não existem somente os pais, mas também avós, tios e tias.

Recentemente, uma terapeuta que trabalha principalmente com recém- nascidos e crianças pequenas contou-me de uma criança cujos pais queriam se divorciar. A criança tinha um comportamento muito estranho. Ela deixou a criança constelar a sua família com bichinhos de pelúcia. Ele colocou o pai e a mãe bem separados um do outro e ele em algum lugar no meio, como coelhinho. Havia também outros animais aí e a terapeuta perguntou o que queria fazer com eles. Ele disse: “Esse animal coloco ao lado da mamãe e esse coloco agora ao lado do papai”. E o que significa isso? “Quem está com a mamãe é a sua irmã, que faleceu cedo e do lado do papai está o seu pai, que faleceu cedo”.

Ainda havia um leão que estava sobrando. A terapeuta perguntou: Quem é o leão? É o meu tio, eu vou para ele. Era o tio que tinha ficado com a criança e estava cuidando dela.

Como se honra os pais que faleceram

PARTICIPANTE Como é que se pode honrar os pais que faleceram? Em

que medida é possível o gesto: “Eu honro você” perante o túmulo?

HELLINGER Nós somos os nossos pais. Nós os carregamos dentro de nós. Por isso a maior honra aos pais é quando alguém honra seus pais em si mesmo. Quando honrou os pais em si, sente-se bem consigo mesmo. Ele não precisa de um golpe de libertação. Está em paz consigo.

Uma maneira de se lidar com isso é que a criança, cujos pais faleceram, diga: “Querido papai ou querida mamãe, você continua a viver em mim, e vou viver de forma que você possa se alegrar com isso”. Isso significa “honrar”. Para a criança isso atua de maneira benéfica. E para os pais mortos é como se existisse paz.

Ofensas

Apelar a ofensas serve frequentemente para justificar o estar zangado. A pessoa ofendida toma o direito de poder censurar o outro. Isso é pior para todos os envolvidos. Principalmente o ofendido não precisa agradecer ao outro por aquilo que realmente recebeu, por exemplo, um filho perante seus pais. É difícil renunciar ao triunfo que deriva da ofensa. O sucesso, em contraposição, renuncia a qualquer triunfo.

Frequentemente, o ofendido expressa a sua dor através da censura. Então, ela não é realmente uma dor. A grande dor não tem censura. É a dor que cura. A outra é empregada como arma e somente traz ofensas para todos.

A arrogância

HELLINGER Um filho que se confronta com o pai castigar-se-á muito por isso. É uma tremenda arrogância, quando um posterior tem pretensão perante um anterior, revoltando-se contra ele, como se tivesse direito a isso. Essa *hybris* é a base de todas as tragédias.

A dor da separação

As lágrimas da compaixão por si mesmo não comovem o destino. Com respeito ao luto é diferente. Quando existe uma separação e uma perda, por exemplo, quando o marido morre ou uma criança ou quando os pais morrem, então existe uma dor da separação. Quem se expõe a essa dor pode suportar a perda e a separação. A dor o ajuda a superar a separação quando ele se expõe a ela. A dor à qual nos expomos é bem profunda e

muito pungente. Essa dor queima. Quem se abandona a essa dor tem a impressão de que é infinita. Entretanto, a experiência mostra que quando alguém se abandona totalmente a essa dor, vivência que a separação será logo superada.

Mas aquele que somente olha para si sente compaixão por si mesmo, sente uma dor infinita. Essa dor é superficial e pode durar toda uma vida. Uma pessoa assim não será mais capaz de uma coisa nova. Quem vivenciou a dor da separação na sua totalidade está pronto para algo novo. Para ele, a vida continua.

Uma dor também se torna infinita, quando estou zangado com alguém do qual fui separado. O luto esconde ou encobre o rancor daquele que está zangado com a pessoa que perdeu.

A despedida

Quando alguém se censura por causa da morte de familiares e diz: “Se tivesse tomado mais cuidado, isso não teria acontecido” ou quando se sente culpado porque sobreviveu, enquanto outros morreram, então não pode vivenciar a força do destino e estar de luto de forma condizente. Ou quando censura os responsáveis e se indigna, dizendo interiormente: “Poderia ter sido diferente se isso ou aquilo não tivesse sido assim”. Não se dá conta de que o destino atua de maneira diversa. Ele atua também através dos envolvidos. Eles também são tomados a serviço pelo destino. Por isso, não importa o que aconteça nesse sentido, para os atingidos é o adequado. Não pode ser diferente e não poderia ter sido diferente. Então nos submetemos ao destino tanto no bom quanto no mau, com a mesma postura. Somente assim é que os sobreviventes podem se despedir dos mortos, tornando- se livres para as suas próprias vidas.

A ordem em harmonia

Há muito tempo deixei de fazer reflexões sobre ordens. Elas vêm à luz, passo a passo. Vêm à luz em seu efeito. Que as coisas fiquem em ordem, em harmonia com algo que carrega é o que denomino ordem. Mas não fica nítido o que ela é, nós sempre a percebemos apenas de modo aproximado.

O que causa as doenças
e o que as cura

Introdução

O conhecimento da causa de doenças nas famílias e de sua cura provêm das constelações familiares. Através delas foi possível entender que muitas doenças estão relacionadas com problemas familiares não solucionados e com emaranhamentos nos destinos de outros membros da família. Este capítulo traz importantes referências e exemplos a esse respeito.

Muitos de meus livros tratam das razões ocultas no contexto histórico-familiar para doenças graves, acidentes e suicídio. Para esse efeito, é essencial a orientação dada no capítulo "Do céu, que faz adoecer e da Terra, que cura" no livro Ordens do amor *(na edição revista e complementada, este capítulo se chama "Céu e Terra ").*

Amor que faz adoecer e amor que cura

Doenças graves como, por exemplo, o câncer, estão relacionadas com um emaranhamento no destino de membros de nossa família, que viveram antes de nós, sem que o reconheçamos. Existem, portanto, laços de destino. Se, por exemplo, a mãe morreu cedo, então as crianças dessa família têm uma necessidade ardente de seguir a mãe na morte. Este é um amor intrínseco bem profundo. Este amor profundo liga, portanto, a criança ao destino da mãe.

Às vezes, esta ânsia de seguir a mãe é somente um sentimento que não será realmente consumado. Entretanto, frequentemente tal criança adoece também mais tarde, quando adulto. Doenças mortais podem estar relacionadas com esse amor. Por assim dizer, a doença transforma-se no meio que permite expressá-lo. Isto também é válido para acidentes graves ou suicídio. Também o vício pode estar relacionado a isso.

Então, quando uma criança, que perdeu muito cedo a sua mãe, tem a própria família e os seus próprios filhos, esses últimos talvez percebam que a mãe ou o pai querem partir, que desejam seguir a sua falecida mãe. Então a criança diz: “Não, eu faço isso por você”. Isso também é um laço do destino, um amor profundo que aí se expressa, e esse amor também se manifesta, por vezes, em uma doença grave, como câncer ou em acidentes e suicídio.

Existe também uma outra dinâmica que faz adoecer, isto é, quando alguém se fez culpado. Quando, por exemplo, uma criança foi abortada ou quando foi entregue para adoção, muitas vezes os pais sentem a necessidade de compartilhar o destino dessa criança e têm a tendência de segui-la, mas, nesse caso, tendo em segundo plano a ideia de expiação. Tanto o amor como a expiação agem por trás disso. Isto também pode levar a doenças graves, acidentes e suicídio.

Todos esses movimentos têm algo em comum. Eles não consideram a outra pessoa. O amor que aí se expressa é cego. A criança que, por exemplo, perdeu a sua mãe e a quer seguir na morte, não fita a mãe nos olhos. Ela o faz, por assim dizer, cegamente. Esse é um amor cego. Pois, quando a criança fita a mãe nos olhos e lhe diz então em seu íntimo a frase: “Eu sigo você na morte”, percebe que já não pode dizer

essa frase porque, de repente, torna-se claro que a mãe ama com o mesmo amor que ela. Então, esse amor já não pode atingir o seu objetivo de maneira que faça adoecer. Ela teria de encontrar agora um outro caminho, que dignifique a mãe. Por exemplo, quando a criança diz à mãe: “Senti muito a sua falta. Sem você quase não conseguia viver. Mas agora eu estou olhando para você.

Tomo a minha vida pelo preço que você pagou. Agora farei algo dela. Ver-me deverá ser agora uma alegria para você”. Então o infortúnio da mãe torna-se para a criança uma força para uma vida plena, para uma grande vida. Com isso, ela honra a mãe de um modo totalmente diferente do que morrendo.

Com esse exemplo indiquei o caminho pelo qual talvez possam ser atenuados laços que fazem adoecer, para que o destino transforme-se no que é bom. Que, portanto, dali não atuem influências que façam adoecer, e sim, influências que levem ao que é bom, a um bom resultado final. Para mim, o método com o qual se pode alcançar isso com a maior probabilidade é o das constelações familiares.

Pois bem, não é assim que agora esse método seja um remédio, que uma vez tendo sido aplicado a enfermidade desaparece. Isso seria ingênuo. O corpo está doente e necessita ainda de algo mais, por exemplo, de um médico.

Nem sempre é válido que devamos combater a doença a qualquer preço. Pois, por trás disso age uma ideia singular, ou seja, de que a vida é o principal, que a saúde e a vida sejam o principal e devam ser preservadas a qualquer preço. Eu acho isso muito estranho. A vida não pode, de modo algum, ser o principal, já que ela emerge de algo e torna a imergir nesse algo. Esse algo do qual a vida emerge é maior do que a vida, muito maior. A vida é sempre algo transitório e efêmero, quando comparada com o algo do qual emerge. A vida tem o seu movimento e força plena somente quando em consonância com esse movimento de emergir e imergir, tanto um como o outro. Então, está-se em harmonia com algo maior que a vida e isso é o que conta. Quem está em harmonia com isso, toma vida e morte, saúde e doença como equivalentes, cada evento em seu significado. A partir dessa harmonia ele pode suportar e realizar tanto um como o outro, crescendo com isso.

Uma vez resumi em um aforismo o que revela, de certo modo, a opinião de que a saúde seja o principal. É um aforismo bastante simples que diz:

Felicidade dual

A felicidade procurada pelo eu
nos escapa facilmente.
Crescemos quando ela se vai.
A felicidade da alma
chega e permanece.
E cresce conosco.

De acordo com o que vi até agora, existem, sobretudo, três dinâmicas básicas que induzem a doenças graves ou a acidentes ou a suicídio nas famílias.

Primeiro, quando alguém diz: "Eu sigo você". Quando, por exemplo, a mãe ou o pai morreu prematuramente, então um filho tem a necessidade de segui-lo na morte e em seu destino. Ele então diz: "Eu o sigo na morte".

Faz pouco tempo, li uma história na revista *Spiegel.* Há algum tempo atrás havia um famoso piloto de corridas que se chamava Campbell. Com um carro de corridas, ele bateu recordes de velocidade em um lago salgado[16]. Mais tarde ele passou aos *powerboats.* Um dia o seu *powerboat* empinou, capotou e ele morreu. Então, a sua filha começou a participar de corridas de *powerboat.* Um dia, também a sua lancha empinou e capotou. Mas ela sobreviveu. Alguém lhe perguntou o que tinha pensado naquele momento. Ela disse: "Eu só tinha um pensamento: papai, estou chegando". Esta é a dinâmica "Eu sigo você".

Assim, quando tal criança torna-se adulta e tem os próprios filhos e esses filhos notam que o pai ou a mãe têm a necessidade de seguir alguém na morte, a criança diz: "Melhor eu do que você, eu o faço por você". Esta é a segunda dinâmica, que induz a doenças graves, acidentes e suicídio.

---

[16] Lago seco, onde só restou o sal. (NT)

A terceira dinâmica é a expiação de uma culpa. Seja de uma culpa pessoal ou em substituição pela culpa de outro, por exemplo, dos pais. No caso da expiação, atua a ideia de que através do próprio sofrimento pode-se evitar um outro sofrimento. Ou paga-se com o próprio sofrimento, com a própria morte para compensar alguma outra coisa. Essa é uma ideia mágica. Quem deseja expiar não olha para aquele que foi objeto de sua culpa ou da culpa de outros. A saber, quando alguém quer expiar - por exemplo, uma mulher deu uma criança para adoção e essa criança morreu cedo, então ela, secretamente, para expiar, quer morrer ou suicidar-se - ela somente pode fazê-lo quando não olha para a criança. Se ela olha a criança nos olhos, se ela imagina que olha a criança nos olhos e diz: "Suicido-me como expiação, ela não pode dizê-lo. Só se pode expiar quando se fecha os olhos e se renuncia à relação. Tão logo exista relacionamento com aquele perante o qual me fiz culpado e eu o fito, realmente, nos olhos, eu não posso dizer isso.

Então, a compensação tem que ter lugar em um outro nível, em um nível mais elevado.

Chego a esse nível mais elevado quando reconheço que sou culpado ou que tenho uma vantagem pela qual outro tem de pagar e, através da força da culpa, faço algo que cura, algo bom do qual outros participem. Então, isto atua de maneira reconciliadora para aqueles que pagaram.

Alguns falam aqui de psicossomática sistêmica, como se a atenção estivesse dirigida para as doenças. Mas eu não me oriento pelas doenças, nem tampouco se alguém será curado ou não. Trabalho com o sistema. Olho se em uma família atuam forças que fazem adoecer. Trago-as à luz. Ou, dizendo de maneira mais drástica, olho se há pessoas que fazem adoecer, porque não são dignificadas. Trago-as de volta à família. Quando entram, atuam curando. Para mim já não é importante o que resulta com relação à doença. Trabalho somente nessa área sistêmica.

Desejo ainda dizer algo de uma outra maneira sobre as dinâmicas básicas que são importantes, quando se trata de doenças graves ou suicido ou acidentes graves.

A primeira dinâmica se chama: "Eu sigo você". Isto tem a ver com amor e com vínculo. O grupo originário sente-se como uma

comunidade de destino, na qual cada um é responsável pelo outro e, quando um se vai, o outro frequentemente também quer ir. Uma criança quer ir quando um dos pais se vai ou quando um dos irmãos se vai. Aí atua um amor arcaico. O que acontece nessa dinâmica é que aquele que quer ir não pode fitar o outro nos olhos. Ou seja, tão logo ele o fite nos olhos, não pode mais dizer: “Eu sigo você”. Isto porque no momento em que ele o fita nos olhos e diz, nota que o outro não quer que faça isso. Percebe que não só ele ama, mas o outro também ama e não quer que ele faça isso.

Há pouco tempo, tive uma constelação familiar com uma mulher cujo pai ficou soterrado no tempo da guerra tornando-se, depois, muito perturbado. Eu fiz com que o pai se deitasse no chão e essa mulher ao seu lado. Então pedi que ela olhasse o pai e dissesse: “Eu me deito ao seu lado e assumo o seu destino”. Esta frase era inteiramente natural para ela. Entretanto, quando estava fitando o pai nos olhos tornou-se difícil dizê-la. O pai disse a ela: “É o meu destino e eu o carrego sozinho. Por mim, você está livre”. Esta seria a solução na dinâmica: “Eu sigo você”.

Quando um dos pais sente essa dinâmica “Eu sigo você” e quer segui-la, uma criança diz: “Melhor eu do que você. Eu o faço em seu lugar”. Esta é a segunda dinâmica. Quando uma criança, por exemplo, diz isso fitando a mãe nos olhos, de repente, a mãe cresce e diz: “Não”. A criança tampouco é capaz de dizer essa frase.

Aqui a solução mais simples foi trazer à constelação a pessoa que a mãe desejava seguir, a sua irmã gêmea falecida. Então, para a mãe, a frase “Eu sigo você” perdeu o poder. Através disso ficou automaticamente suprimida para a sua filha a frase “Antes eu do que você”.

Portanto, essas são duas dinâmicas importantes que, às vezes, atuam por trás de doenças graves. Quando são trazidas à luz e desfeitas, entram em jogo forças benéficas, que frequentemente têm efeito favorável sobre a doença.

Uma terceira dinâmica é a expiação, na verdade, em variados aspectos. Um deles é a expiação por culpa pessoal. Pode ser verificada em mulheres que abortaram uma criança e nos pais dessas crianças, que expiam pelo aborto, por exemplo, restringindo-se ou ficando doentes.

Há pouco tempo atrás, um homem que tinha câncer constelou a sua família. Mostrou-se que ele havia tido antes um relacionamento com uma mulher, que estava esperando um filho seu e este foi abortado. Constelei essa mulher e ainda a criança. A mulher estava muito comovida, mas ele não. Então, uma de suas filhas foi acometida de sentimentos intensos. Expressava em lugar de seu pai a dor que ele deveria ter sentido. Então, pedi que o pai dissesse a essa filha: "É minha responsabilidade. Eu a carrego, você é só minha filha". Quando disse isso, ele mesmo chegou ao sentimento de tristeza e dor, pois agora já não havia ninguém que o assumisse por ele. Ele mesmo pôde assumi-lo e a filha ficou livre.

Portanto, também a expiação influi nos casos de doenças graves ou acidentes e suicídio. Ela é uma forma encoberta de amor. Nisso, a alma age diferentemente daquilo que nós pensamos. Pois, às vezes, temos justificação para atos com mau desfecho. Precisamente em relação a abortos, justifica-se muito de uma ou de outra maneira. O que é dito, frequentemente soa como bastante plausível. Mas a alma não escuta isso. É isso aí. Portanto, a questão é se um argumento alcança a alma. Somente se ele alcança a alma pode ter algum efeito.

Uma ajuda em tal situação é o pai ou a mãe ou ambos dirigirem o olhar para a criança, como seu filho e dizerem: "Eu sou seu pai, eu sou sua mãe". Essa é a realidade e ninguém pode abalá-la. Quando se torna consciente "Eu sou pai, eu sou mãe e este é o nosso filho" a situação adquire uma outra importância. Então, frequentemente, desenvolve-se no casal uma dor profunda e podem dizer à criança: "Agora tomo você como meu filho. Agora você pode ter-me como seu pai, como sua mãe. Eu tomo como uma dádiva você ter dado lugar e o reconheço". Então, a criança é respeitada. A alma escuta tais frases. Elas têm, na mesma, um efeito benéfico.

Na expiação é exatamente como nas outras dinâmicas. Aquele que expia não pode fitar nos olhos daquele pelo qual quer expiar. Se o fitar nos olhos e disser, por exemplo: "Agora me mato porque o feri", isto é muito ruim para o outro.

Suponhamos que alguém tenha sido atropelado por imprudência e morre, enquanto aquele que o atropelou sobrevive. Se este quiser dizer ao outro: "Vou me suicidar porque o atropelei e matei" não pode dizê-lo,

fitando a vítima nos olhos. Pois então vê, de repente, que assim lhe impõe uma carga adicional, já que ainda o faz responsável pela sua morte. Isso não pode ser. Mas ele pode dizer: “Eu carrego isso como uma culpa que nunca terá fim e, com a força que vem dessa culpa, faço algo de bom em sua memória”. Aí a alma vibra. Através disso a culpa, na verdade, não será suprimida, mas através dela algo bom põe-se em movimento. Essa seria a solução para a expiação de culpa pessoal.

Dou ainda outro exemplo de expiação, onde a culpa não é vista ou é negada. Quando alguém despreza seus pais, às vezes, expia por desprezá-los, adquirindo uma enfermidade ou morrendo. No caso do câncer, pode-se ver algumas vezes que os enfermos dizem em seu íntimo à sua mãe: “Prefiro morrer a honrá- la”. Tais clientes ficam então totalmente rígidos. Ficam parados com a cabeça levantada e não conseguem curvar-se diante de sua mãe ou de seu pai e dizer-lhes: “Eu lhe dou a honra”. Visto assim, a doença também é uma expiação pela recusa da honra. Pois abrandar o coração para que alguém chegue a se curvar diante de seus pais com respeito é muito difícil. Então, às vezes, tem-se que reconhecer que aqui a expiação é adequada.

Esta dinâmica, aliás, pode ser vista também em pessoas obesas. Em vez de dar lugar em sua alma a uma pessoa que rejeitam ou negam, ingerem algo que faz engordar e adoecer. Por assim dizer, dão a essas pessoas um lugar em sua gordura em vez de dá-lo em seu coração.

Quando se olha para famílias pode-se ver que a maioria de suas dificuldades e doenças graves são condicionadas através do amor, a partir da tentativa secreta de salvar os outros com o amor ou a eles vincular-se. A doença e a morte são frequentemente somente um meio de dar expressão a esse amor. Quando reconhecemos isso podemos olhar essas dificuldades e doenças de maneira completamente diferente, ou seja, com simpatia e compreensão muito profundas.

O mais curioso é que aí se trata do amor de uma criança que, na verdade, não entende muito do que é o mundo. Por isso, depende de mostrar à criança que ama dessa maneira que ela pode amar melhor ainda para que, através desse mesmo amor que a faz adoecer, adquira saúde e que, com esse amor, os outros membros da família se sintam melhor do que com um amor através do qual ela se coloca em dificuldades.

Caminhos para nova orientação

Esses movimentos: “Eu sigo você” ou “Melhor eu do que você” confundem-se frequentemente. No resultado final não há diferença. Esses movimentos alcançam, às vezes, várias gerações passadas, portanto, não somente duas ou três, às vezes, até quatro ou cinco nas quais ainda têm efeito.

O que se deve ver é que na alma esses movimentos não são absolutamente vivenciados como ruins. Por isso, é importante que o terapeuta tampouco os vivencie como ruins, no sentido de que ele ache que deva intervir agora e fazê-los parar. Ele não pode pará-los. Mas pode indicar caminhos através dos quais a alma talvez possa reorientar-se e encontrar novos rumos, justamente em memória aos mortos. Eles sentem-se melhores quando os vivos continuam em vida do que quando esses morrem muito cedo, antes do tempo.

Psicoterapia e medicina

Quando se fala de doenças psicossomáticas, pode existir o perigo de que se pense poder curar uma doença somente com meios psíquicos, usando assim a psicoterapia como um medicamento que é engolido e então tudo fica bem. Esse é um sério mal-entendido. Ele também é muito difundido entre certos psicoterapeutas e está implicado num desprezo pela medicina clássica.

Em especial quanto aos psiquiatras, diz-se frequentemente que só enchem os pacientes de medicamentos e nada mais fazem por eles. Eu considero isso muito ruim. Muitos remédios ajudam realmente e somente devem ser aplicados convenientemente. Com frequência, só é possível uma psicoterapia se são tomados também os medicamentos receitados pelo psiquiatra. A psicoterapia deve apoiar o médico, mas não deve ser colocada em seu lugar. Pois as doenças são também condicionadas pelo soma ou até podem ser de natureza puramente somática.

Por outro lado, quando são consteladas famílias de doentes vê-se que sempre que existem doenças crônicas graves ou psicoses atuam na família graves destinos. Existe, portanto, conexão entre doenças graves e emaranhamentos nos destinos de membros da família. Quando se pode criar uma ordem na mesma, que traga paz e reconciliação, partindo da

alma, isso também tem um efeito atenuante ou favorável e frequentemente até curativo sobre a doença, isso, entretanto, em ação conjunta com muitas outras medidas, principalmente aquelas da medicina. Por isso, sou favorável a uma estreita colaboração e, a saber, com uma colaboração a serviço da psicoterapia com a medicina.

Frequentemente diz-se a um doente que a sua enfermidade é de origem psicológica. Isso é facilmente vivenciado pelo paciente como uma depreciação, pois com isso diz-se que se ele quisesse que fosse diferente, seria diferente. Mas não é assim, porque os emaranhamentos que agem por trás disso são inconscientes. O impulso através do qual alguém talvez se comporte de maneira destrutiva é totalmente inconsciente. Somente quando o emaranhamento que age em segundo plano vem à luz, pode-se mudar alguma coisa.

Às vezes, uma doença também pode ser benéfica para a alma. Então, não se pode tentar logo afastá-la sem que o doente tenha suportado e, para formular de maneira paradoxal, sem que a doença tenha desenvolvido o seu efeito curativo. Somente então ela pode ir embora.

Doença e ordem

Às vezes, através de uma doença manifesta-se algo que o doente não quer reconhecer, por exemplo: uma pessoa, uma culpa, um limite, seu corpo, sua alma, uma tarefa e um caminho que deve seguir.

A doença obriga a uma mudança. Por isso, o terapeuta alia-se ao motivo e ao objetivo da doença, por exemplo, com a pessoa excluída, com a culpa refutada, com o corpo desprezado, com a alma abandonada, com a misericórdia e a chance que se revelam na doença.

Quando isso é colocado em ordem, o doente pode viver melhor. E ele também pode morrer melhor, quando chegar a hora.

Doenças como processos de cura para a alma

Em doentes com câncer trata-se frequentemente de que se exponham à gravidade da situação. A gravidade é, naturalmente, de que se trata de uma doença mortal e que se tem que encarar a morte. Frequentemente, os doentes desejam que o câncer seja vencido. Mas isso não se pode, isso é ilusório.

Na maioria das vezes, as doenças são vistas como algo mau, do qual queremos nos livrar. Mas, ao mesmo tempo, doenças também são processos de cura, principalmente para a alma. Não se pode simplesmente colocá-las de lado. Pode-se ver frequentemente que, quando se admite que uma doença possa servir a uma causa, talvez mais elevada, então ela pode retirar-se. Ela cumpriu o seu dever. Mas deve ficar presente, não pode ser jogada fora. Então, às vezes, ela se retira.

Câncer

Há pouco tempo atrás, o diretor de uma clínica psicossomática contou-me que o seu assistente direto, que conheço há vinte anos, tinha contraído um tumor cerebral. Eu perguntei: "Como está ele?" Ele disse: "Está feliz". Curioso, diríamos. Pois, quando estou com doentes de câncer observo muito frequentemente que, em primeiro plano, lutam contra a doença e, em segundo plano, têm uma profunda ânsia de chegar à morte através da mesma. Portanto, isso mostraria que para os doentes de câncer a doença e a morte não são nada de mau. É algo pelo qual anseiam. Pois bem, naturalmente investiguei como é que algo assim pode ser possível.

O método, com o qual trabalho, prevalentemente, traz à luz tais encadeamentos encobertos. Esse método chama-se *Constelações Familiares* e desejo aqui explicar sucintamente de que se trata. Um cliente escolhe, dentre um grupo de pessoas presentes, representantes para as pessoas importantes de sua família. Pode ser a família atual, portanto ele como o homem ou ela como a mulher e adicionalmente as crianças. Ou, pode ser a família de origem, portanto o próprio pai, a própria mãe e ele ou ela mesmos na série de irmãos.

Pois então, quando o cliente, centrado e sem ter objetivos predeterminados distribui essas pessoas no espaço, repentinamente, ficará surpreendido com o que vem à luz. Nisso, o curioso é: as pessoas que ele escolheu sentem como as pessoas que representam, sem que tenham qualquer ideia das mesmas. Elas sentem até os seus sintomas ou, de repente, mudam de voz, que soa semelhante àquela das pessoas representadas. Portanto, através da constelação familiar vem à luz algo oculto, que até então não era conhecido.

Não posso explicar esse processo. Ele mostra que não somente o próprio cliente, mas também pessoas totalmente estranhas, tão logo

estejam na constelação, ficam conectadas a um campo mais amplo e compartilham um conhecimento que está presente nesse campo que, com a sua ajuda, vem à luz. Portanto, assim decorre uma constelação familiar. Às vezes, abrevio uma constelação. Por exemplo, uma doente de câncer disse: “Pois bem, agora a doença está aí e eu luto contra ela”. Eu sugeri: “Constelamos duas pessoas, uma representante para você e um representante para o câncer”. Ela o fez. A sua representante e o câncer estavam um em frente ao outro. De repente, mostrou-se entre os dois um amor incrivelmente profundo. A representante da cliente foi irresistivelmente atraída pelo câncer e ambos se abraçaram efusivamente.

Quando consideramos os nossos conceitos normais sobre doença, isso nos parece muito curioso. Eu perguntei à cliente: “Quando você olha isso, quem é, na verdade, a pessoa que você colocou para representar o câncer?” Ela disse: “É o meu pai”. O seu pai tinha morrido cedo. Mostrou-se, portanto, nessa constelação que ela tinha uma profunda ânsia de reencontrar o seu pai e estar unida a ele na morte. O câncer tinha o significado e o objetivo de reuni-la ao seu pai. Muitas psicoterapias de outros tipos e somente os cuidados médicos podem ter pouco efeito nesse contexto, enquanto essa ânsia profunda não tenha vindo à luz e não tenhamos encontrado para ela uma solução.

Portanto, nesse contexto a dinâmica seria que a cliente dissesse internamente ao seu pai: “Eu sigo você na morte; tenho tanta saudade, que prefiro morrer a seguir vivendo sem você”. Aqui se expressa um amor incrivelmente profundo. Nem o câncer ou tampouco a morte a assustam.

Então nos perguntamos: como se pode ajudar a tal doente, para que essa dinâmica perca o poder, para que ela possa abrir-se mais rapidamente para um tratamento psicoterapêutico e, principalmente, para o tratamento médico? No âmbito da constelação familiar deixo a própria cliente ficar em frente ao pai, fitá-lo abertamente nos olhos e dizer: “Eu o amo tanto, que quero morrer para estar unida a você”. Ela deve fitá-lo firmemente nos olhos. Se ela o fizer, fitá-lo realmente nos olhos e disser: “Quero morrer por amor a você”, notará que isso o faz sofrer. Pois os pais desejam que as crianças às quais presentearam a vida também fiquem em vida, tanto quanto lhes é permitido. Por isso, a cliente, se ama o pai, deve amá-lo de outra maneira. Por exemplo, pode fitá-lo nos olhos e dizer: “Eu

conservo o que me você me deu, tanto quanto me for permitido. Somente quando chegar a minha hora, o seguirei. Por favor, abençoe-me se fico na vida". Assim, o mesmo amor que antes levava à doença, agora, depois que ela volta a enxergar, transforma- se em um meio que a mantém na vida.

Nesse contexto existe ainda uma outra dinâmica. Suponhamos que o pai da mãe dessa cliente tenha morrido cedo e sua mãe sinta uma profunda ânsia de seguir o seu pai. A criança vê que sua mãe secretamente quer morrer e então lhe diz: "Mamãe, eu faço isso em seu lugar, eu morro para que você fique na vida". Essa dinâmica possivelmente não se limita ao câncer. Ela tem o seu papel em muitas doenças graves ou também na ânsia de suicidar-se ou em acidentes frequentes.

Volto agora, mais uma vez, ao primeiro exemplo. Ainda antes de seu curso de medicina, aquele médico que agora tem um tumor cerebral esteve em um de meus cursos. Na época ficou claro que corria risco de suicidar-se. Aprofundei- me no caso e perguntei o que havia acontecido em sua família. Lembrou-se que, quando tinha três anos de idade, havia dito ao seu avô paterno: "Vovô, quando é que você finalmente vai morrer e dar lugar?" Pode uma criança de três anos imaginar e dizer tal coisa? Não. Essa é uma frase que já existia antes na família num âmbito mais amplo. Ela se expressou nessa criança que era indefesa contra ela. Foi dita por ela com todas as consequências de sentimento de culpa e posterior expiação vinculada à mesma. Portanto, investigamos o que havia acontecido antes na família.

O outro avô, o pai de sua mãe, era um dentista. Ele tinha começado um relacionamento com a sua assistente. Durante esse relacionamento a sua esposa adoeceu gravemente e morreu. Então a gente tem de imaginar: o marido tem um relacionamento com uma outra mulher e sua esposa adoece. Qual pensamento lhe vem à cabeça? "Quando é que você finalmente vai morrer e dar lugar?" Talvez ele nem tenha expressado esse pensamento, talvez nem desejado, mas essa frase aflorou a partir da situação. Certamente isso foi negado e não mencionado, porém essa frase emergiu no neto.

Ainda um detalhe à margem. Depois que a esposa morreu, o filho mais velho raptou a assistente e começou com ela um relacionamento.

Vocês riem disso, mas eu digo: “Que amor!” O filho respeitava a sua mãe e evitou que seu pai tirasse vantagem de sua morte.

Naquela época pudemos solucionar isso para o neto. Ele estudou medicina, casou-se, teve um filho e era feliz. Entretanto, agora foi atingido pelo câncer e sua reação mostra que ele ainda está emaranhado.

Desejo aqui mencionar um segredo e o ilustrarei com uma comparação. Quando alguém tem saúde, sente-se bem. Se tiver boa consciência também se sente bem e em harmonia com o que o cerca. Saúde quer dizer que estamos em harmonia com tudo o que pertence ao nosso corpo e com o que está à nossa volta. Uma boa consciência também significa o mesmo. Quer dizer principalmente: eu sinto que me é permitido pertencer à minha família.

A má consciência, que experimentamos como oposta à boa consciência, não é por si só má, somente a sentimos como má. Pois, porque a temos como má, ela nos obriga a modificar o nosso comportamento de maneira que nos seja permitido pertencer outra vez. Podemos dizer algo semelhante da doença. Quando alguém fica doente, a dor e o sofrimento o obrigam a fazer tudo para tornar a ficar sadio. A dor da doença o obriga a preocupar-se com a sua saúde. Nisso, a saúde e a enfermidade estão numa relação semelhante à da boa e da má consciência.

Pois então, pudemos ver no exemplo que eu apresentei que esse médico está doente com boa consciência. Senão, não poderia estar tão feliz. Portanto, nessa felicidade ele se sente ligado a alguém pelo amor, com os mortos de sua família e, talvez, com a sua avó, que morreu cedo. Aqui se mostra um amor profundo e esse amor é sentido como uma boa consciência.

Portanto, nesse contexto é a boa consciência que colabora para causar a doença, que a condiciona e a mantém. Se ele agora se voltasse contra a doença e fizesse tudo para voltar a ter saúde, talvez não se sentisse mais tão profundamente ligado à sua avó como através da enfermidade. Quer dizer: a saúde seria para ele ligada à má consciência. Então, para tornar-se sadio, ele deveria ultrapassar as fronteiras de sua consciência. Entretanto, isso exige um desenvolvimento pessoal radical.

Aqui fiz uma exposição sucinta para que vocês, quando estiverem

doentes ou trabalharem com doentes também considerem essa dimensão e possam contribuir de maneira mais abrangente para uma boa solução.

Anorexia e bulimia

Quando anoréxicos estão melhores tornam-se, às vezes, bulímicos. Quer dizer, eles comem e vomitam a comida. Esse é o conflito interno entre ir e ficar. Portanto, quando a despedida da anorexia ainda não foi levada a cabo completamente, então comem. Eles dizem internamente: “Eu fico”. Então vomitam a comida e isso significa que dizem internamente: “Eu vou”. A solução é que a criança, quando quiser vomitar a comida, diga ao pai: “Eu fico” e coma.

No caso da bulimia *(comer e em seguida vomitar)* existem diferentes dinâmicas. Por exemplo, chega-se à bulimia quando a mãe diz às crianças: “O que vem do pai de vocês não serve para nada, vocês só podem tomar de mim”. Então a criança toma da mãe e vomita a comida em honra ao pai. Essa é uma dinâmica. Essa bulimia é curada quando a criança toma de ambos os genitores, principalmente do pai.

Entretanto, do mesmo modo, a anorexia muito frequentemente converte- se em uma bulimia. Então a dinâmica é uma outra. Aqui anorexia quer dizer: “Eu quero morrer”. E comer aqui quer dizer: “Eu quero viver”. Quando a bulímica come, diz: “Eu quero viver”. Quando ela vomita a comida, diz: “Eu quero morrer”. O vômito é então uma continuação da anorexia. Aqui a solução para a bulímica seria dizer: “Eu fico”. Assim, bem simplesmente. E os pais dizerem, por exemplo, o pai: “Eu fico”.

Comer e jejuar

Comer quer dizer, eu fico. Jejuar que dizer, eu vou. Alguns comem mais do que necessitam, porque têm medo de ter que ir. Quando então querem comer mais, dizem internamente: “Eu fico”. Então, talvez comam somente o tanto quanto necessitam.

Às vezes o comer excessivo é um substituto para o tomar a uma pessoa, por exemplo, a mãe rejeitada ou um irmão falecido, que foi esquecido pela família. Quando alguém toma a pessoa rejeitada ou esquecida em seu coração, cessa a ânsia por muita comida.

Compulsão alimentar

PARTICIPANTE Eu desejo dizer algo sobre compulsão alimentar, pois antes tinha esse mal. Eu gostaria de dizê-lo às outras mulheres com compulsão alimentar aqui presentes. Um dia, li em um livro que pode fazer bem imaginar que o pai me toma no colo e me dá de comer. Meu pai nunca fez isso por mim e então pensei que gostaria muito de ter um pai, no colo do qual pudesse sentar-me e que me desse de comer. Eu o imaginei e isso me fez muito bem. Não tenho mais compulsão alimentar.

Quando digo isso aos outros no grupo de autoajuda, então eles dizem que não pode ser, pois quem é viciado, será sempre viciado. Entretanto, eu sei disso há anos, eu não sou mais viciada. Já não é mais um problema para mim. Foi simplesmente lindo alguém ter me dado esse conselho: "Imagine que você está sentada no colo de seu pai à mesa de jantar, todos estão presentes e ele lhe dá de comer".

Alergias

Eu tenho uma hipótese sobre as causas sistêmicas por trás de alergias. Que as alergias estão amplamente ligadas a um movimento interrompido, a um movimento prematuramente interrompido ou em direção à mãe - na maioria das vezes em direção à mãe - e, às vezes, em direção ao pai.

Asma

HELLINGER *para um cliente* Fidelidade à mãe provoca asma.

CLIENTE Mas isso também pode ser do pai. Eu não sei.

HELLINGER Vem da mãe. No seu caso a fidelidade é para com a mãe e a cura vem do pai.

PARTICIPANTE Isso você vê exatamente tanto em meninas com asma como em meninos?

HELLINGER O que eu disse não é uma regra geral. Referia-me exatamente a esse sistema. A asma é frequentemente consequência de um movimento interrompido. Aqueles que têm asma não podem expirar. Não podem mover-se em direção a alguém. Por isso eu olho: "O movimento está interrompido em direção a quem?" *para o cliente* O seu movimento em direção ao pai estava claramente interrompido.

Depressões

HELLINGER Via-de-regra, as depressões se estabelecem quando um dos pais está excluído. Quando um dos pais não tem lugar. Aqui a mãe está excluída, porque ela é doente. A criança cuida da mãe em vez de tomá-la. Assim a criança não tem a força da mãe atuante em seu coração. A depressão sempre é um sentimento de vazio, não de tristeza. Ela é vazio. Ela é o lugar vazio que não está preenchido. Aqui seria preenchido pela mãe.

para a cliente Está claro para você como se cura a depressão?

CLIENTE Sabendo onde pertenço.

HELLINGER Você tem que tomar a mãe no coração e com a mãe em seu coração, dedicar-se ao seu marido e aos seus filhos. Essa é a solução. A mãe preenche o vazio. Tome-a como ela é, com a sua doença, como um todo.

CLIENTE Obrigada.

HELLINGER Agora incline um pouco a sua cabeça. Assim. Diga a ela: "Eu tomo você como minha mãe".

CLIENTE Eu tomo você como minha mãe.

HELLINGER "Você é a certa".

CLIENTE Você é a certa.

HELLINGER "A única certa".

CLIENTE A única certa.

HELLINGER "E a melhor".

CLIENTE E a melhor.

HELLINGER Como é isso?

CLIENTE Aliviador.

HELLINGER Exatamente. Portanto, isso é cura de depressão, que o seu genitor excluído receba um lugar em seu coração. Quando um dos pais está doente, quando a mãe tem problemas tão graves, então uma criança tem medo de tomar a mãe, pois ela acha que toma para si as doenças e os

problemas também. Mas os pais são somente um homem e uma mulher que entregam o que vem de longe. Eles somente o passam adiante. Aquilo que vem dos pais passa para os filhos. Se os filhos o tomam como um todo, assim como vem, então a experiência singular é que o que temem fica do lado de fora.

Isso é diferente no caso de doenças hereditárias. Aí incorporamos o grave. Então a doença é o preço pela vida. Então, concordamos tanto com a vida como com o seu preço. Mas frequentemente, quando tomamos os pais realmente como um todo, algo vigoroso flui para dentro de nós e o outro fica do lado de fora. É que alguém não se torna pai ou mãe porque ele é bom ou mau, sadio ou doente e sim porque se permite, juntamente com o parceiro, a consumação decisiva. Através disso, torna-se pai ou mãe. E aí não há nada de doença ou outra coisa qualquer. É a consumação da vida. Quando alguém toma assim a seus pais, na verdade, somente pode terminar bem para ele. Esse tomar é humilde. Aí, curvamos bem levemente a cabeça.

para a cliente Curve-a mais um pouquinho. Assim mesmo. Exatamente.

Dinâmica familiar em psicoses

Quase simultaneamente a este livro foi publicada uma documentação sobre o meu trabalho com pacientes psicóticos sob o título Liebe am Abgrund[17]. *Na introdução, resumo as minhas últimas experiências relacionadas a esse tema. Aqui apresento em excertos esse texto importante para mim.*

Nos últimos anos ganhei progressivamente conhecimentos da dinâmica familiar nas psicoses e a examinei em um curso exclusivamente dedicado a esse tema. Foram aplicados principalmente dois tipos de procedimento.

A constelação familiar

O primeiro procedimento foi o da constelação familiar, com o qual já venho ganhando experiência há vinte anos. Na constelação familiar os membros importantes da família do cliente são representados por outras pessoas. Nos representantes tornam-se presentes tanto o ausente como o passado, de modo que não somente os membros da família que estão vivos, mas também os mortos tornam-se presentes e a história de seu

---

17 Amor à beira do abismo (NT)

destino vem à luz. Já antes que o terapeuta pergunte a cada um como se sente, o quadro inicial da constelação revela relações que até então não estavam conscientes para o cliente. Se, por exemplo, um dos representantes olha para o chão, pode-se supor que esteja olhando para um morto. Quando todos os representantes olham na mesma direção, isso indica que alguém foi excluído da família ou esquecido. Com base no quadro inicial, pode-se encontrar, através de mudanças de posição e complementações, o quadro com a solução para a família, no qual todos os membros sintam-se bem e em ordem. Adicionalmente a esse quadro, às vezes, a solução é apoiada e aprofundada através de rituais ou de frases importantes que o terapeuta pede que o cliente diga. A esses rituais pertence uma profunda reverência ou, como foi frequentemente necessário durante este curso, o recuar e o voltar-se para o outro lado, deixando para trás o passado e o agravante. Via-de-regra, o afastar-se só é possível quando aqueles membros da família que tiveram um destino difícil puderam expor-se e reconciliar- se com o mesmo. Ou quando aqueles membros da família que se tornaram culpados de maneira especial encararam a sua culpa e suas consequências.

Movimentos da alma

A segunda maneira de proceder chamo de movimentos da alma. Observei que representantes, quando estão totalmente centrados, de repente, iniciam um movimento que não está sob seu controle. Isso se torna possível quando o terapeuta se contém por tempo suficiente e se confia às forças profundas da alma. Em algumas constelações, portanto, o terapeuta não necessita dizer nada, porque dos movimentos dos representantes vem à luz algo oculto que, no final, leva a soluções que não eram previstas por nenhum dos participantes. A atenção aos movimentos da alma e o confiar-se a eles desenvolveram-se, no decorrer do tempo, a partir das constelações familiares. As constelações familiares foram consolidadas e aprofundadas pelos mesmos. Ambos, as constelações familiares e os movimentos da alma se completam e implicam um no outro.

O trabalho com os movimentos da alma exige profunda atenção e concentração, a despedida das ideias habituais, a renúncia à orientação externa, a disposição de se deixar conduzir pelo que é visível no momento e confiar-se ao desconhecido. Quer dizer, exige-se do terapeuta e dos

representantes uma contenção muito maior que nas constelações familiares. Por outro lado, um desvio dessa contenção pode perturbar substancialmente o decurso. Portanto, frente ao cliente, cabe aos representantes uma responsabilidade nitidamente maior do que nas constelações familiares.

Os representantes deixam para trás as experiências e as recordações de constelações anteriores e renunciam a qualquer interpretação do que notam em si. Se para eles a verdade da constelação é importante, eles mostram e expressam somente o que se impõe como essencial. Frequentemente o representante sente prontamente uma leve excitação ou comoção, às vezes já quando é escolhido como representante. Ele não pode seguir logo esses movimentos. Deve ainda esperar, até que o impulso torne-se irresistível. Então cede a ele.

Posso imaginar que esse procedimento primeiro irrita a muitos, porque dá lugar a mal-entendidos. Não é tanto o próprio procedimento, senão as interpretações e conclusões que parecem resultar do que vem à luz através dos movimentos da alma. As conclusões precisam de constante controle no efeito que mostram. Por conseguinte, o que, em caso concreto, foi deduzido dos movimentos da alma só pode ser entendido como uma imagem, cujas dimensões profundas permanecem necessariamente misteriosas. O que aqui vem à luz permite, talvez, também outras interpretações. Evidentemente, quem é levado a outras interpretações deveria examinar igualmente o seu efeito sobre os interessados.

O amor

O que, em especial, veio à luz no trabalho com pacientes psicóticos foi a sua fidelidade e amor à família e sua disposição em tomar para si as consequências de duros destinos e graves culpas de gerações anteriores. Como esse amor abarca a todos - também aqueles que na família se defrontam de maneira irreconciliável como, por exemplo, agressores e vítimas - o seu amor por um dos membros da família entra necessariamente em conflito com o seu amor pelo outro. Este é um dos motivos do seu distúrbio.

A solução

Para escapar a essa desorientação é bom passar a um outro, a um plano

mais elevado, no qual o irreconciliável se reconcilia. Já em nosso comportamento diário experimentamos contradições que permanecem irreconciliáveis. Para mim, a contradição mais profunda existe entre a ação da consciência pessoal consciente e a ação da consciência coletiva inconsciente. Pois, segundo nossa consciência pessoal, diferenciamos quem pode pertencer e quem não pode. A consciência pessoal dá o direito de pertencer àqueles que se comportam de acordo com as normas da família e por isso podem ter uma boa consciência. Por outro lado, exclui do direito de pertencer aqueles que infringem essas normas e, portanto, devem ter uma má consciência. Entretanto, ao mesmo tempo, a consciência coletiva proíbe a exclusão de um membro da família. Por isso, se sob o impulso da consciência pessoal negamos a pertinência a alguém e nisso nos sentimos inocentes, seremos culpados frente à consciência coletiva.

Não sentimos essa culpa como má consciência. Ao contrário, sob a pressão da consciência coletiva inconsciente nos comportamos de uma maneira que faz fracassar o nosso esforço de permanecermos inocentes. Essas contradições são as razões por trás de cada tragédia, tanto na literatura como também na família. A tragédia tem para o observador algo conturbador, pois o comportamento do herói é experimentado pelo espectador como louco e cego. A solução do enredamento trágico só pode ser que, através do discernimento da ação da consciência coletiva inconsciente, se conceda a essa consciência precedência frente à consciência pessoal consciente. Quer dizer, devemos sacrificar a inocência da consciência pessoal à consciência coletiva. Dessa maneira, aqueles que foram excluídos sob a influência da consciência pessoal voltam a ser acolhidos e aqueles que, sob a influência da consciência pessoal se consideravam melhores, inserem-se em uma ordem superior na qual a sua inocência mostrou ser ingênua e sem força.

Mas também a consciência coletiva marginaliza. Ela marginaliza dos antepassados aqueles que nasceram depois, quando estes se elevam acima dos que vieram antes. Por exemplo, quando esses últimos querem alterar o seu destino ou expiar a sua culpa. Por isso, o amor de pacientes psicóticos fracassa, pois o que querem alcançar com esse amor é frustrado pela consciência coletiva. Isso é parte de seu mal.

Para encontrar também aqui uma solução, é necessário ir a um

nível que ultrapassa as duas consciências. Nesse nível comandam os movimentos da alma. Nesse nível todos se sentem como carregados por uma alma em comum, os bons e os maus, os agressores e as vítimas, jovens e velhos. Essa alma os faz servir aos desígnios de algo maior, independente de seus méritos pessoais ou de culpa pessoal e, além de tudo, do que a consciência pessoal ou coletiva exige ou consente. Nesse nível cada um está individualizado, apesar de estar ligado a tudo. Da harmonia com essa alma comum a todos, cada um pode deixar a cada um dos outros o seu destino. Cada um necessita tomar e cumprir o seu próprio destino, sem com isso sobrecarregar outros para além da habitual medida humana.

Algo mais deve ser observado aqui. Essa alma em comum abarca os vivos e os mortos da mesma maneira. Quer dizer, não somente os vivos necessitam assumir individualmente o seu destino. Os mortos também necessitam fazê-lo. Se os vivos deixam aos mortos o seu destino, se deixam a eles a sua culpa, se deixam a eles a sua resistência contra o estar mortos, estes já não podem ficar aderidos aos vivos, como se mostra frequentemente nos pacientes psicóticos. Consegue-se essa separação entre os vivos e os mortos quando os vivos honram os mortos e se curvam com eles perante algo maior, ao qual ambos estão sujeitos, vivos e mortos.

Eu admito: essas são afirmações ousadas. Mas se essas afirmações contribuem para encontrar soluções para pacientes psicóticos - e não só para eles, talvez também para nós - esse risco não é grande demais para mim.

A interrupção do movimento em direção à mãe ou ao pai

O movimento em direção aos pais, interrompido em tenra idade, é o fundamento da neurose. Essa é uma afirmação muito ousada. Mas no ponto em que um movimento em direção à mãe é interrompido em tenra idade, a criança fica com medo e fica zangada. Este rancor é o outro lado do amor. Se ela não amasse, também não poderia ter rancor. Ela fica zangada porque ama e tanto necessita da mãe. Quando então a mãe, após a separação, quer dirigir-se à criança, essa a repele porque está brava com ela. Assim, o movimento continua interrompido, não é levado a termo.

Quando alguém cujo movimento em direção à mãe ou ao pai foi interrompido muito precocemente, mais tarde deseja ir em direção a outras pessoas, principalmente em direção a um parceiro, então surge no corpo a lembrança da interrupção precoce e a dor aflora. Em vez de essa pessoa ir para o outro, ela inicia um movimento circular. No ponto em que poderia seguir em frente ela vira à direita ou à esquerda e volta ao ponto de partida. Lá ela torna a sentir medo, desvia outra vez e retorna ao mesmo ponto. Esse movimento giratório caracteriza o comportamento neurótico.

Por isso, a solução para neuroses desse tipo é fazer com que o movimento interrompido alcance posteriormente o seu destino. Com crianças pequenas os próprios pais podem fazê-lo, se estiverem informados. Eles seguram a criança com amor até que cesse a resistência e ela fique tranquila. Adultos podem fazer isso no âmbito de uma terapia, quando encontrarem um terapeuta ou uma terapeuta que o entendam e o conheçam. Às vezes, alguém consegue fazê-lo também por si mesmo, se regressa interiormente à situação anterior e, como a criança daquele tempo dirige-se em direção à mãe ou ao pai daquele tempo, até que chegue em seus braços, ao destino e à paz.

O que leva a neuroses?

No momento da interrupção há, por exemplo, raiva ou desespero. Quem chega a esse ponto tem medo de seguir adiante e, ao invés disso, inicia um movimento em círculo até que chega ao mesmo ponto. Essa é a neurose. Ela é um movimento circular.

A solução é quando se segue adiante no ponto de interrupção até alcançar o destino, principalmente até que se alcance a mãe, em vez de debater-se com um problema neurótico. Senão, fica-se quase sempre somente dando voltas com o cliente. Por isso, a simples solução, quando se ajuda alguém nesse ponto, é que essa pessoa como a criança daquele tempo encontre o caminho para a mãe daquele tempo ou para o pai daquele tempo. Então cessam os problemas neuróticos.

A morte no puerpério

HELLINGER Quando uma mulher morre no puerpério há no seio da família uma fantasia muito frequente: o homem teria matado a mulher

porque não pôde se conter. A sua morte é vivenciada como um assassinato, pelo qual outro ou outros têm que expiar ou morrer. Então, às vezes, há por gerações afora suicídios e acidentes, principalmente entre os homens. Em uma constelação familiar, entretanto, pode-se ver que uma mulher que morreu no puerpério não faz acusações contra o seu marido. Ela está consciente de sua dignidade e ela está consciente de que na consumação do amor concordou com o risco e suporta as consequências. Quando isso é reconhecido, a morte no puerpério já não provoca medo nos descendentes. Então, eles podem se curvar perante a mulher morta e recebem, dela, força.

para uma cliente Assim como você agora. Um belo exercício teria sido se você tivesse se apoiado nela com as costas. Você pode imaginar que então vem força dela?

CLIENTE Eu, na verdade, não a conheci. Mas pensava muito nela, sem tê-la conhecido.

HELLINGER Está bem assim. E agora pense nela como alguém que lhe é amigável, se você se sente bem e se você permanecer aqui. De acordo?

CLIENTE Sim.

PARTICIPANTE Observei hoje aqui que no caso de morte no puerpério a criança sobrevivente tem fortes sentimentos de culpa. Já é assim na sociedade, o homem sobrevivente é visto como assassino, mas como é com a criança sobrevivente? HELLINGER Para a criança sobrevivente é muito difícil. Ajudaria se tal criança tomasse a sua vida pelo preço pago pela mãe. Mas, por tão alto preço são poucos os que ousam fazê-lo. Talvez um terapeuta possa intervir e estar ao lado da criança, ajudando-a. Essa é uma das coisas.

A outra é que essas crianças frequentemente querem seguir a mãe na morte, por exemplo, ficando doentes ou pensando em suicídio. Então, faço essa criança imaginar como se sentiria a mãe, se ela morresse agora por querer segui-la. Como se sentiria a mãe, se o soubesse? Então a criança vê que o que a mãe presenteou a ela, pagando com a sua vida, teria sido em vão. Mas se a criança, por ter recebido a vida por um tão alto preço, toma-a por esse preço, fica sujeita a enorme pressão para compensá-lo. Mas em vez de procurar a compensação no negativo, a criança faz disso algo grande. Isso ela pode fazer também através da força

que vem da recordação de sua mãe. Se ela o fizer, a mãe pode estar em paz com a sua morte. Pode-se, pelo menos, imaginar assim, porque ela vê que a criança faz disso algo grande. Através disso, a mãe toma parte na vida de sua criança e no bom que ela realiza.

Amor mágico e amor ciente

Em uma constelação pode-se ver o que provoca - pode provocar - doenças e quais são as forças benéficas na família. Na cura há uma transição de um nível arcaico do sentir e do pensar para um nível ciente. No nível arcaico, a criança ama de acordo com o lema: "Amar quer dizer tornar-me como você" ou "Eu o faço por você". Nível mágico também quer dizer: "Só sofrer já é suficiente. Aí, não é necessário fazer nada. Somente através do sofrimento e da morte outros serão salvos e redimidos". Por assim dizer, aí se paga ao destino pelo mau com o mau, na esperança de que disso se origine algo bom. Esse é pensamento mágico.

Na solução trabalha o mesmo amor. Só que ele agora é sapiente. Ele ultrapassa o mágico. Ele toma a todos sob seu olhar. Aqui, amor quer dizer: "Cada um pode ficar, cada um tem um direito à pertinência" e "Pode melhorar, porque os antepassados e os mortos são respeitados".

PARTICIPANTE Eu teria mais algumas perguntas. Você diz que a criança morre no lugar da mãe. A criança morre como criança ou como adulto, pois para os pais é sempre a criança. Quando escuto que a criança morre, penso, morre com oito ou dez anos ou como lactente. Ou morre como adulto?

HELLINGER Sim, essa é uma pergunta complicada e importante. Já Freud descobriu que o inconsciente não conhece o tempo. A criança morre, também como adulto, como criança. Tampouco os mortos estão mortos para a criança em nós e para o inconsciente. Por isso, às vezes, uma criança quer salvar seu pai, para que não morra, também quando este já morreu há muito tempo. Na anorexia nervosa vê-se, às vezes, que a anoréxica, que já tem dezesseis anos e cujo pai morreu quando ela tinha três anos, diz-lhe internamente: "Prefiro desaparecer em seu lugar, meu querido papai". Pois a criança dentro dela não conhece o tempo e, para ela, o pai continua vivendo para além do tempo de sua morte.

Respeito pelo limite

Em famílias existe a dinâmica de que um carrega algo para um outro. Quando ele se livra de sua carga, frequentemente, outro membro da família a assume. Mas aquele que se livrou num bom sentido não pode ajudar o outro, pelo contrário, tem que confiar que seja dado ao outro discernimento semelhante ao dele. Portanto, toma sua a própria solução com humildade. Então se espera e tem-se a esperança de que também para o outro flua algo bom. Dessa contenção será possível mais para o outro do que quando a gente se intromete.

Em geral, existe a experiência: se eu quiser ajudar um outro de qualquer maneira e sinto-me aliviado quando o ajudo, então isso torna o outro fraco e faz malograr a solução. Se, pelo contrário, resisto a esse impulso que me aliviaria e me contenho, mesmo que conter-me custe muita força, então a força que me custa reverte a favor do outro. Essa contenção tem um efeito curativo, pois ela é uma contenção benévola, com amor e com força.

Certa vez, um homem disse em um grupo que estava preocupado com seu filho, pois até agora este não tinha conseguido relacionar-se com uma mulher. Eu pedi que examinasse em sua alma se o filho, através de sua preocupação, tinha maior força e maior coragem para travar uma relação ou menor. Então ele notou quanto a sua preocupação estorvava o seu filho e quanto o enfraquecia.

O vínculo

Crianças estão ligadas a seus pais por um amor muito profundo. Elas se entregam totalmente ao que vem de seus pais e ao que é exigido por eles. Quando uma criança percebe que os pais estarão melhores se ela partir, então a criança parte com amor. E quando se toma claro que os pais querem expiar por algo, seja o que for, a criança o assume com prazer para seus pais, mesmo que isso lhe custe a vida.

Assim é que, frequentemente, pais ou outras pessoas em geral têm a ideia de que possam dispor de sua vida. Teriam a sorte em suas mãos de fazer uma vez de uma maneira e, então, de outra. Ou que uma mulher pense que poderia ter a sua filha somente para si, que ela a recebe ou possa tê-la sozinha. Ou que ela se separa do homem e diz: “Isso é o certo

para mim, eu o faço por mim, pois não aguento mais” e que imponha isso ao marido, como se pudesse fazê-lo sem consequências para si mesma. Com isso, negamos estar integrados em uma rede, na qual cada um tem o mesmo tamanho e cada um tem o mesmo direito, e que ninguém pode dispor sobre uma outra pessoa dizendo: “O que acontece com você não é da minha conta, eu procuro a minha realização.” Isso não é possível. Isso tem más consequências e, na verdade, de tal maneira que as crianças expiam por isso. Frequentemente, os pais ficam muito bem, mas as crianças assumem para os pais a culpa e a expiação.

Para o terapeuta, então, é importante que seu coração bata em uníssono com o das crianças e não com o dos pais. Assim ele age com toda a seriedade. Trago em um exemplo o quanto devem ser levados a sério esses vínculos.

Crianças altamente deficientes

Há algum tempo, teve lugar em Heidelberg um congresso sobre fundamentalismo e arbitrariedade. Para esse congresso foi convidado também um bioético da Austrália, que defendia a tese de que se deveria possibilitar, também ativamente, a morte de crianças sem condições de vida, pois agora o nosso senso de justiça nos permitiria fazê-lo. Eu cheguei a esse evento um dia depois e estava em frente ao pavilhão de congressos. Então, alguém me dirigiu a palavra dizendo que era da televisão e que queria perguntar-me se faria uma declaração sobre essa controvérsia.

Eu respondi: “Sim, faço”. Então eu disse: “Em toda essa discussão não se tem presente que uma criança que aí está é um membro da família e que se a criança é eliminada isso tem influência sobre toda a família, principalmente sobre as outras crianças. Elas sentem então um impulso de seguir esse irmão morto e expiar por ter sido ele excluído ou eliminado. Eu já sou da opinião de que uma criança que não pode viver não deva ser mantida em vida artificialmente, pelo contrário, que se permita que morra. Mas no círculo da família, com toda a família em volta do leito. Então, aí está toda a seriedade e todo o amor por todos, e a dor total”.

No ano passado, uma mulher que esteve em um de meus cursos tinha um linfoma não-Hodgkin, um tipo de câncer. Ela contou que tinha

tido uma irmã 100% deficiente. Ela tinha dez deficiências, por exemplo, um dia após o nascimento os seus olhos se extinguiram. A sua mãe viu a criança somente depois do nascimento. Então esta foi levada a um asilo e morreu lá, depois de nove meses.

Quando essa mulher recebeu o diagnóstico de câncer, o seu primeiro pensamento foi: eu não quero ser enterrada ao lado do meu marido. Esse é um pensamento muito curioso. O câncer em si não a havia amedrontado absolutamente. Ela imaginou que morria e procurava para si um túmulo. Primeiro pensou em um cemitério ao redor de uma igreja, pois as pessoas vão lá aos domingos e regam as sepulturas. Se ela fosse enterrada lá, então, às vezes, alguém regaria também o seu túmulo. Portanto, ela não queria ser enterrada longe de outras pessoas.

Primeiro, queria comprar um túmulo com uma amiga. Então a sua mãe veio visitá-la e ela lhe disse que queria ser enterrada no sepulcro da família. A mãe lhe negou isso, alegando que na cruz do sepulcro não havia lugar para o seu nome.

Eu perguntei a essa mulher: “Para quem não há lugar na sepultura?” Ela disse: “Para mim”. Eu repeti a minha pergunta: “Para quem não há lugar?” Ela disse: “Para mim não há lugar”. Eu lhe disse: “Para a sua irmã não há lugar”. Então, de uma vez, ficou claro que estava procurando um túmulo para a sua irmã.

Assim, pedi que dissesse à sua falecida irmã: “Querida irmã, eu me deito ao seu lado”. Ela estava profundamente emocionada e pôde dar agora à sua irmã um lugar em seu coração. O seu amor alcançou assim o seu destino. Isso atua dessa forma nas famílias, quando nelas se nega um lugar para uma criança deficiente. Isso deve ser tratado com muito cuidado.

Doença e compensação

HELLINGER Gostaria de dizer algo sobre o bom e o mau:

Bom quer dizer: eu tenho mais direitos que você.

Mau quer dizer: você tem menos direitos que eu.

Inocente quer dizer: eu tenho mais direitos que você. Culpado quer dizer: você tem menos direitos que eu.

Sistemas familiares atuam num plano muito profundo de igualdade e, sempre onde um se eleva acima de outro, se eleva acima de sua dor ou quando acha que pode tomar a sua vida em suas mãos, sem levar em consideração e respeitar a do outro, a sua alma se levanta contra isso e providencia a compensação. Por isso, a cura sempre começa com a dignificação do outro, ao qual fiz algo ou o qual expulsei da minha vida, apesar de ele pertencer a ela. Dando-lhe a honra que lhe cabe, a igualdade volta a vibrar e então o bom pode desenvolver-se.

Incesto

HELLINGER No incesto entre o padrasto e a enteada existe frequentemente a dinâmica de que uma compensação não teve lugar. Portanto, a mulher casa com um homem, traz uma filha para o casamento e espera então do homem que ele seja pai para a filha, apesar de não sê-lo. E quando ele cuida da filha, ela não reconhece que, na verdade, ele não precisa fazê-lo, que ele não é obrigado a isso, pois a criança tem um outro pai. Portanto, o homem tem que dar mais do que recebe. Então existe uma dinâmica secreta para a compensação e ela se dá através do incesto e, com efeito, sob a instigação da mãe. Mas isso se passa inconscientemente, não que a mulher o deseje. Mas a mulher sempre sabe disso e não intervém, pois é uma necessidade secreta. A filha concorda também secretamente.

CLIENTE Eu sempre me opus, mas a minha mãe não me apoiou.

HELLINGER Exatamente, ela não apoiou você. A solução seria que a filha dissesse: “Mamãe, eu sei que é necessário”. Então isso é deslocado para ela. A criança já não tem que carregá-lo.

para a representante da cliente Diga-o a ela.

REPRESENTANTE DA CLIENTE Mamãe, eu sei que é necessário.
HELLINGER “E eu assumo isso com prazer”.

REPRESENTANTE DA CLIENTE E eu assumo isso com prazer.

HELLINGER “Para você”.

REPRESENTANTE DA CLIENTE Para você.

HELLINGER *para a representante da mãe* Como é isso?

REPRESENTANTE DA MAE É difícil para mim. Isso dói. Mas eu o tomo agradecida.

HELLINGER Diga a ela: “Agora eu assumo a responsabilidade”.

REPRESENTANTE DA MÃE Agora eu assumo a responsabilidade.

HELLINGER “Pelas consequências”.

REPRESENTANTE DA MÃE Pelas consequências.

HELLINGER “E você está livre”.

REPRESENTANTE DA MÃE E você está livre.

HELLINGER *para o representante do padrasto* E você diz a ela isso também: “Eu cometi uma injustiça em relação a você”.

REPRESENTANTE DO PADRASTO Eu cometi uma injustiça em relação a você.

HELLINGER “Aqui você era somente a criança”.

REPRESENTANTE DO PADRASTO Aqui você era somente a criança.

HELLINGER “Eu assumo a responsabilidade”.

REPRESENTANTE DO PADRASTO Eu assumo a responsabilidade.

HELLINGER “E a culpa”.

REPRESENTANTE DO PADRASTO E a culpa.

HELLINGER “Qualquer que tenha sido o emaranhamento”.

REPRESENTANTE DO PADRASTO Qualquer que tenha sido o emaranhamento.

HELLINGER “Por mim você está livre”.

REPRESENTANTE DO PADRASTO Por mim você está livre.

HELLINGER Como é isso para você?

REPRESENTANTE DO PADRASTO Bom. Tenho por mim mesmo a tendência de me retirar.

HELLINGER Faça-o e diga também: “Agora eu me retiro”.

REPRESENTANTE DO PADRASTO Eu me retiro.

Quando ele se retira, mãe e filha se aproximam. A mãe coloca o braço em torno da filha.

HELLINGER *para a cliente* O que você diz disso?

CLIENTE Isso faz bem. Também porque a minha mãe ainda está viva e eu posso encontrá-la.

HELLINGER Você não pode dizer nada disso a ela. Isso é importante.

Há algo mais em caso de incesto. Origina-se um vínculo entre você e o padrasto. Então a mulher tem dificuldades em dedicar-se a um outro homem, por causa do vínculo. Ela tem de reconhecer o vínculo. Se ela o reconhece, pode desatá-lo. Enquanto você estiver brava com ele, isso fortalece o vínculo. Portanto, você também deveria dizer-lhe: "Eu devo muito a você. Eu o tomo e agora deixo você partir". Essa seria a solução: "Eu deixo você partir".

PARTICIPANTE Na verdade, quanto é importante a confrontação entre agressores e vítimas, que o agressor se desculpe realmente perante à vítima com contato visual?

HELLINGER Que agressor?

PARTICIPANTE Incesto, por exemplo.

HELLINGER Bem, a desculpa é absolutamente impossível, pois, senão, a solução fica dependendo da vítima. Através disso ela fica comprometida. A vítima deverá então desculpar o agressor. Isso não é possível. Ela também não pode desculpá-lo.

Portanto, o agressor diz: "Sinto muito". Ele reconhece a culpa. Ele diz também: "Fui injusto com você". E ele diz: "A culpa está comigo. Quanto a mim você está livre, e eu me retiro". Assim como fizemos aqui. Essa seria a solução.

PARTICIPANTE Você pode dizer algo mais sobre esta relação incestuosa? Eu percebi que a filha estava ambivalente: em direção ao pai e para longe do pai. Você a apoiou para que ficasse perto dele. Mas provavelmente o outro movimento também é importante, ir embora dessa ligação estreita. Você pode dizer algo mais sobre isso?

HELLINGER Sim. O movimento de afastamento tem êxito quando o movimento em direção ao pai é reconhecido. Se a filha somente tivesse

ido embora zangada, o que isso teria trazido para a sua alma? Não teria trazido nada. Ela ficaria na resistência, na raiva e na dor, talvez toda uma vida. Frequentemente a dor é tão grande, que ela encobre o que está por trás dela. Ainda mais doloroso é o amor que está por detrás. Eu tentei deixar que esse amor aflorasse à superfície. Ela se sentiu melhor depois.

Como terapeuta não se pode reagir a exteriorizações ostensivas de sentimentos. Alguns ficam com medo quando veem algo assim. Eu sei que o amor se esconde por trás disso. Eu só tenho que esperar o tempo suficiente, então ele vem à tona. Foi o que fiz aqui. Quando ela consentiu o amor, ela pôde se liberar e o pai pôde deixá-la ir. Então isso é suficiente. Para ela é o suficiente para fazer algo de sua vida. Ela não necessita de ação penal para sentir-se bem. Ela agora está livre.

Soluções para as futuras gerações

PARTICIPANTE Quando o sistema está errado, portanto, quando a ordem não está certa e um segue a outro, como estarão as coisas na próxima geração? O erro é, então, transmitido? Ou está em equilíbrio quando um seguiu um outro ou ficou doente? O sistema está então satisfeito?

HELLINGER Não, o sistema não está satisfeito. Quando algo não é solucionado, o infortúnio seguirá atuando de geração a geração. Quando, por exemplo, em uma família o pai quer seguir seu pai na morte e o faz, então na próxima geração alguém o seguirá na morte. Ou, se ele não seguiu, mas só desejou fazê-lo, então uma criança diz: “Eu o faço para você”.

Entretanto, se isso foi solucionado por alguém, se alguém viu: “Agora eu quero seguir meu pai na morte” e diz: “Pai, abençoe-me se eu ficar”, então está solucionado e isso não será deslocado para as próximas gerações.

Respeito em vez de expiação

HELLINGER Os mortos não querem expiação, mas sim respeito. Isso é o importante. O que cura é o respeito. A reverência é uma expressão desse respeito. E o pedido de bênção é uma expressão desse respeito.

PARTICIPANTE O que vivenciei aqui traz-me muito à memória a

vingança de morte, a *vendetta*[18]. Em verdade, a *vendetta* voluntária, executada por si mesmo. Sua solução é um se opor com amor a esse ter que se vingar.

HELLINGER A dinâmica da *vendetta* expressa exatamente o arcaico, que vemos em famílias. Para cada perda de um lado, um outro tem que sofrer a mesma perda. Isso segue interminavelmente, sem que se encontre uma solução. Na profundeza isso age também em nós. Isso pode ser visto nas constelações familiares. A solução que eu mostro sobrepuja o padrão arcaico. Ela é, na verdade, uma solução espiritual, em um nível muitíssimo mais alto. Ela necessita discernimento e coragem. Ela não se dá a partir de uma necessidade instintiva por compensação. É necessário esforço para dirigir-se a esse plano e suportá-lo.

Morrer em lugar de outro

Dos laços de destino existentes no seio de um clã resulta a ideia de que um possa morrer por outro. Mais frequentemente, crianças querem morrer pelos seus pais. Isso existe também entre casais, onde um morre no lugar do outro. Isso é totalmente inconsciente, isso tudo fica no escuro. Aí atuam leis arcaicas singulares, um amor obscuro e um vínculo que vai muito além do que nós podemos efetuar conscientemente. Ele vai também muito além de esforços morais e além da vontade ética. Como esta parece fraca comparada com essas outras forças!

Entretanto, pode-se trabalhar com essas forças trazendo-as à luz. Aqui foi esse o caso. Elas vieram à luz e agora não atuam mais obscuramente, mas sim, podem ser elevadas ao consciente. Agora é possível uma nova ação e isto é, na verdade, uma consumação espiritual.

O que ela fez aqui no final é algo que renuncia a este arcaico. É, ao mesmo tempo, um caminho para a solidão, para uma certa solidão. Curiosamente, também para uma culpa, pois isso também é vivenciado assim. É também uma conquista se alguém pode fazê-lo. É também um trabalho espiritual, um elevadíssimo trabalho humano. Muitos recuam frente a esse esforço e submergem novamente no padrão arcaico. Por isso, tampouco se pode manipulá-lo ou alcançá-lo com quaisquer

---

[18] Forma de vingança onde membros da família de uma vítima que foi assassinada, buscam assassinar membros da família do assassino. (NT)

métodos. Quando acontece, é vivenciado como graça. O terapeuta o vivencia assim e os participantes também.

O ponto final

PARTICIPANTE Você disse que coloca a criança na esfera de influência do genitor menos comprometido. Quando a família de ambos os genitores é muito comprometida, que é que se faz?

HELLINGER Então a gente se vira, se afasta de ambos os genitores e se apoia totalmente sobre a própria força. Então a solução é o ponto final, no sentido de Agora tudo pode estar terminado”. O contínuo remexer no passado tem um efeito enfraquecedor. Muitas guerras, a nível pessoal e de povos, originam-se porque algo passado não pode ser passado. A renúncia ao processamento do passado causa uma purificação da alma. Portanto, às vezes, deve-se colocar ponto final, também na psicoterapia. O efeito é benéfico quando o passado pode ser passado. Então se junta força para ir adiante.

As constelações familiares e os movimentos da alma

Introdução

As referências a seguir sobre as constelações familiares e os movimentos da alma são abrangentes: todos os aspectos essenciais para mim são aqui tratados, evidentemente, não como teoria ou maneira detalhada de proceder, senão mais como exercício das atitudes básicas e da consumação interna.

Outras referências sobre as constelações familiares e o que se deve saber sobre elas, para aplicá-las bem, são encontradas em todas as minhas documentações dos cursos, principalmente no livro Ordens do amor.

As constelações familiares

Desejo dizer algo geral sobre as constelações familiares. No decorrer das mesmas o cliente escolhe, dentre os participantes, representantes para os membros de sua família que são importantes, portanto, para o pai, a mãe, os irmãos etc. Então, concentrado e a partir de seu sentimento interno coloca-os, uns em relação aos outros. Antes o cliente deve preparar-se para fazê-lo concentrado e também se expor internamente à dor, à tristeza e ao desafio que se originam do trabalho. Isso é muito importante.

Às vezes alguém está impedido de fazê-lo, porque talvez, lhe falte uma permissão de sua família. Ele tem que sentir internamente se os membros de sua família podem concordar que ele o faça. Eles concordam com mais facilidade quanto mais ele puder assegurar-lhes internamente que o faz com respeito perante eles e que procura uma boa solução para todos, para toda a família. Então, ele pode entregar-se com mais facilidade.

Os representantes que forem escolhidos colocam-se à disposição. Isso é um serviço para o cliente. Não é nada fácil. Pois, tão logo os representantes estejam na constelação, sentem como as pessoas que representam. Pode ser que até de maneira dramática. Em parte, sentem até sintomas físicos. Portanto, é necessária uma certa coragem para entregar-se a isso. Mas é um serviço de amor. E, naturalmente, aprende-se muito quando a gente se entrega a isso. Porque, então, sente-se quanta força repousa nessas constelações familiares.

Como terapeuta, sei que a constelação não depende de mim, mas de que algo venha à luz através da mesma, e eu me exponho àquilo que vem à luz, assim como é. É, portanto, fundamentalmente um método muito comedido. Eu trabalho com o que se mostra. Mas, então, com engajamento total. Para tanto, assumo também a minha parte da responsabilidade.

Daquilo que vem à luz resulta, então, cada passo para uma solução, quando existe uma solução. Trabalho com as forças que se mostram no sistema, na família, com as forças positivas. Tento mobilizá-las e torná-las úteis para o cliente.

Então, depende do cliente estar preparado e também ser capaz de

aderir a esse movimento e completar aquilo que se mostra como solução. Isso é, às vezes, muito difícil. Provavelmente tem a ver com o fato de que uma família é um campo de força.

Rupert Sheldrake fala de campos morfogenéticos. Isso quer dizer que nesse campo de força continuam agindo, como compulsão, certos padrões que estavam ali antes, de maneira que eles se repetem. Ele vê, por exemplo, as leis da natureza como recordações do princípio, quando algo se formou. Essa recordação tem uma ressonância e continua agindo e se repetindo. Provavelmente também é assim nas famílias que certos padrões se repetem. Da força do campo não existe nenhum impulso que rompa isso. Para rompê-lo, necessita-se poder sair desse campo, talvez penetrar em um nível mais elevado e dali iniciar o novo e expor-se a ele corajosamente.

Portanto, é importante que o cliente saiba que aqui se trata de um processo vivo, no qual se exige dele um passo de crescimento. Por isso, depende também de que ele seja suficientemente forte e corajoso para expor-se a isso. Essa transição a um nível mais elevado tem algo de religioso, no sentido de que nisso me entrego a algo maior. Desprendo-me de algo estreito, passo a algo mais amplo e confio em que este me oriente.

O que advém da constelação familiar

Quando se constela uma família, pode-se descobrir os emaranhamentos em que estão envolvidos os seus membros. Com representantes escolhidos dentre um grupo, uma pessoa constela a sua família de origem ou a sua família atual. Nisso, podemos observar que os representantes, quando se entregam ao que acontece, sentem, de repente, como as pessoas que representam. Eles sentem, às vezes, até os seus sintomas. Isso é bem curioso, eu não posso explicá-lo.

Com a ajuda da constelação pode-se ver, também, se alguém foi excluído da família e se alguém quer desaparecer ou morrer. Então, com a ajuda dessa constelação procura-se uma solução. Nisso torna-se claro que as mesmas forças que levam à enfermidade também levam à solução. Quer dizer que o mesmo amor, que enquanto estiver ofuscado leva à doença, também pode levar à solução quando se torna sensato.

O que deve ser observado nas constelações familiares

As constelações familiares causaram desorientação em inúmeras pessoas, porque contradizem muitas suposições existentes até agora. Nas constelações familiares,

o profundo emerge à superfície de maneira muito simples. Com o amor que se torna visível, podemos, então, encontrar soluções através das quais pode ser realizada a cura na alma. Simplesmente através de uma realidade que se torna visível.

O decisivo nesse tipo de trabalho é que o terapeuta não é muito importante, pois o que age ou ocasiona algo não é o terapeuta. É uma realidade que se tornou visível. Por isso, este aqui é, também, um trabalho muito humilde. E é um trabalho e tipo de procedimento no qual não se necessita crer. Olha-se e vê, assim é.

A alma indica o caminho

As constelações familiares são resultados da atitude fenomenológica. Vista a partir da filosofia, atitude fenomenológica significa que alguém se retrai e que está sem intenção, sem medo e sem amor, no sentido de que queira ajudar alguém de qualquer maneira. O acontecimento em si fica fora do terapeuta, acontece algo fora dele. Retraindo-se, ele não intervém no que acontece. Esse tipo de reserva cria o espaço no qual podem vir à luz os movimentos decisivos. Os representantes movem-se sob o impulso da alma e encontram soluções que estão além da influência do terapeuta. Na verdade, o terapeuta não precisa fazer absolutamente nada. Mas ele não é passivo. Em sua reserva ele está totalmente desperto. Às vezes, ele vê que talvez deva intervir, e então, também o faz. Mas é sem qualquer método. Por isso, essa atitude fenomenológica tem êxito somente quando, de certa maneira, a gente também esquece o que sabe sobre as constelações familiares. Retirando-se disso e dando totalmente espaço ao que, por assim dizer, decorre por si mesmo.

O que é apresentado nos meus vídeos e livros é valioso. Mas não devemos nos fixar através dos mesmos, como se fossem a medida das coisas, pois, com isso, não se dá qualquer chance ao futuro.

As imagens que aparecem nas constelações familiares são complexas. Se quisermos fixar isso a algo bem determinado, a imagem, como tal, já não pode mais atuar. Portanto, os participantes deixam atuar sobre si as constelações que aqui vivenciam. Entretanto, quando eles mesmos são confrontados com uma situação semelhante, é melhor dar atenção à própria alma e não ao que decorreu aqui. Então, talvez se encontre a solução adequada através da própria alma. O que acontece nas constelações é impressionante. Mostra as forças que atuam na alma de cada um. Se eu der mais atenção à minha alma e não olhar tanto para um terapeuta que talvez me ajude, então a alma tem mais possibilidades de se desenvolver e de encontrar o caminho adequado para ela. Então, pode ser que encontre, também mais rápido, o terapeuta ou o amigo adequado que continue ajudando.

Quando se confia na alma, muitas coisas movimentam-se por si mesmas. Ao contrário, quem diz que tudo depende de que possa colocar a sua constelação familiar, nesse momento está alienado de sua própria alma. E com aquele que me importuna, não posso trabalhar. Ele espera demais de mim. Assim fico numa posição na qual me é vedado ser humano, com os seus limites e também com o seu fracasso. Não posso entregar-me a isso. Não posso por causa de minha própria alma.

Quanto ao procedimento nas constelações familiares

As constelações familiares são, na verdade, um método simples. Escolhemos representantes para as pessoas de referências importantes e as colocamos umas em relação às outras ou deixamos que as coloquem umas em relação às outras. De repente, aparece algo oculto, que vem à luz simplesmente através da constelação, sem que aquele que constela a família logo note o que, na verdade, através dela vem à luz. Esse é o lado externo. Isso é fácil. Agora, se eu compreendo o que diz a imagem e o que indica, isso é uma outra coisa.

O oculto que aí vem à luz deve ser respeitado. Essa imagem pode atuar somente quando existe uma harmonia entre aquilo que vem à luz e a alma daqueles que constelam e daqueles que são constelados e, naturalmente, também do terapeuta. Uma dinâmica desenvolve-se totalmente por si mesma, sem que se intervenha. É necessária uma

disposição de entregar-se ao inesperado e, na verdade, por parte de todos os que participam: daquele que constela, daqueles que são constelados e do terapeuta. Aqui existem certas regras de como se origina uma ordem e quando a gente as conhece, pode-se conduzir um pouco a constelação.

Para a constelação familiar devem-se ter algumas informações. Na lista está incluída a pergunta: alguém é casado ou tem filhos? Então eu também sei se devo constelar a família atual ou não. Quando trabalho com isso, pergunto pela família de origem, o que ocorreu nela. Nisso, trata-se sempre de acontecimentos externos incisivos, por exemplo, casos de morte, pessoas que morreram precocemente, também experiências traumatizantes na infância, por exemplo, durante o nascimento. Com isso tenho, na verdade, todas as informações de que necessito para começar.

Coloco tão poucas pessoas quanto possível. Por isso, começo com as pessoas mais importantes. Feito isso, emerge uma nova informação a partir da imagem e daquilo que a mesma desencadeou no cliente. Então, coloco outras pessoas, também não mais que o necessário. Experimento o que causam essas novas pessoas. Disso resulta se uma solução é possível ou não.

Portanto, coloco uma situação fundamental e, a partir da situação inicial, vejo para onde os movimentos se dirigem: para a ruína, para a morte ou para uma solução. Frequentemente, vou primeiro com o movimento negativo, por exemplo, com o movimento para a morte, sem temor. Vou com o cliente ao limite extremo, para que fique claro para onde vai realmente o movimento interno. No limite extremo há, às vezes, uma reviravolta. Então, retorno com ele. Às vezes, no limite não há reviravolta. Então, não retorno com ele. Deixo o cliente ficar no limite.

Nisso não me oriento por reflexões tais como: isso está certo ou está errado assim? Isso seria muito fácil. Examino o que faço pelo efeito em minha alma. Oriento-me de acordo com isso. Portanto, prender-se a regras fixas não faz justiça à plenitude do que acontece. Realmente, tenho certas imagens de como poderia ser, certas imagens de ordens, mas na prática cada constelação é diferente. Não existe nenhuma constelação que se assemelhe a uma outra. Isso também é válido quanto às intervenções. Não há uma intervenção que se assemelhe a uma anterior. Por isso, nesse trabalho deve-se ficar sempre aberto para o novo e para o insólito.

Importante nesse trabalho é a desdramatização. Tanto quanto possível, guio o que acontece de volta ao habitual. Isso é o que cura, antes de tudo.

As perguntas básicas

PARTICIPANTE Quando é que você para de pedir informações?

HELLINGER Eu tenho perguntas básicas. Pergunto se alguém é casado, se tem filhos, se houve um antigo parceiro. Também pergunto se alguém morreu, se morreu uma criança ou se nasceu morta. Assim tenho, mais ou menos, as informações mais importantes sobre a família atual. Eu necessito somente destes acontecimentos externos. Por exemplo, não necessito saber se o pai bebe ou se é bom ou mau, se é dominante ou submisso. Isso não tem importância aqui. Aqui só conta o que é público.

Então, pergunto pela família de origem, se houve lá algo especial. Mas também aqui somente por acontecimentos externos. Portanto, quantas crianças havia, se alguém havia sido casado anteriormente, quem morreu e como morreu. Na verdade, isso é tudo pelo qual pergunto. Se alguém quiser me dar mais informações, eu o freio, porque não as necessito para a constelação familiar. Quando então constelo a família, recebo daí outras informações e pergunto mais alguma coisa. Essa seria a lista de minhas perguntas básicas.

A seriedade

Antes de uma constelação familiar, é muito importante que se leve a pessoa a encarar com seriedade o trabalho. Não se pode fazê-lo levianamente, senão ele se volta contra o terapeuta. Ele é como uma consumação religiosa que atinge a profundeza. Não se pode fazê-lo numa feira anual. Tampouco por curiosidade ou de maneira superficial. Por isso, preparo os clientes para a seriedade. Às vezes também com uma interrupção.

O procedimento sistêmico

Nas constelações familiares procede-se sistemicamente. Por isso, terapeutas que já estavam acostumados a tratar de pessoas têm certas dificuldades de adaptação. No procedimento sistêmico trata-se de conseguir enxergar o completo e o todo. Por isso, olho primeiro para

aqueles que estão excluídos do sistema, para os membros da família aos quais é negado o reconhecimento ou para aqueles aos quais é negado o amor. O meu coração pertence imediatamente a eles. E porque o meu coração pertence a eles, posso fazê-los entrar. Portanto, aqui não se solicita tomar partido por indivíduos, mas tomar partido pelo todo. Pois, colocando-me ao lado desses excluídos, os outros têm de se reorientar. Portanto, tomando partido pelo todo, os outros também entram em contato com os excluídos.

Permanecer no essencial

A planta inteira está contida na raiz. Nela está concentrada a força. Entretanto, a raiz é pequena e somente toma pouco espaço. Quando, a partir da raiz, desenvolveu- se a árvore inteira, a força está expandida e esgotada. Se eu, nas constelações familiares, desejo olhar para todos os detalhes e desejo entender tudo, como se olhasse para a árvore inteira com todas as suas hastes e folhas, então a força se vai. Na raiz, entretanto, está ainda inteira e concentrada.

Por isso, aqui trabalho de acordo com o princípio de somente constelar o imediatamente necessário. Então, aí há muito mais energia e força. Por essa razão, é importante que o terapeuta perceba bem no início o que é essencial.

Este é um trabalho muito condensado. Condensado quer dizer que existe um extenso contorno que permanece desconhecido, mas que também atua. Quem quiser incluir todo o contorno tira desse trabalho a densidade e a força.

O campo de força

Através da constelação familiar origina-se um campo de força. Quem entra nesse campo de força, como representante de um membro da família, comporta-se e sente como alguém que pertence a esse campo de força. Isso existe também em outros contextos. Alguns passam pela experiência de que quando entram em um outro grupo, de repente, pensam totalmente diferente do que fora desse grupo e também sentem de maneira diferente do que em seu ambiente habitual. Percebemos imediatamente o campo de força no qual se entra e nos adaptamos a ele. Rupert Sheldrake chama-o de campo morfogenético. Por isso, em uma

constelação familiar, via-de-regra, posso confiar em que alguém sinta o essencial e o expresse.

Naturalmente, cada um também traz algo de si, porém mais de sentido humano em geral, de forma que isso não atrapalha. E muito raro que isso atrapalhe. Se um representante permanece completamente preso em seu próprio sentimento, não pode entrar no campo de força. Isso se nota imediatamente. Então o trocamos. Portanto, via-de-regra, confio naquilo que decorre aqui.

Também o terapeuta entra nesse campo de força e se deixa guiar por ele. Desse campo de força emergem os conhecimentos de que necessita para uma solução.

Confiar no campo de força

Esse campo de força está em conexão com outros campos de força, por exemplo, com a família verdadeira. Por isso, os representantes, quando aí penetram, sentem como as pessoas reais. O terapeuta penetra junto nesse campo de força. Mas ele não pode mexer nele, nem permanecer muito tempo ali. Ele sempre deve tornar a sair, para não perturbá-lo. Mas penetrando nele, liga-se com todo o campo de força, portanto, com todo o sistema que a ele pertence, principalmente com aqueles que estão excluídos, com os fracos e os pecadores.

Quando ele entra dessa forma, o sistema o presenteia com uma visão da solução. Isso vem bem de repente, como um raio. Ele compreende de uma só vez o essencial. Isso ele não concebe, isso lhe é presenteado. Isso ele apreende. Mas deve confiar nesse campo. Se indaga: “De onde vem isso?”, então não está mais em contato. Esse conhecimento tem algo bastante despretensioso. Ele emerge repentinamente, é aplicado e tem efeito imediato. A emoção entre os atingidos é o sinal de que algo essencial foi tocado. As ordens que aí vêm à luz têm, de fato, uma certa regularidade, mas existem sempre divergências. Por isso, não se pode transportar algo de um exemplo anterior, sem que seja reobservado.

Depois o terapeuta se retira e deixa à família o seu próprio campo e a sua própria alma. Isso é muito importante. O terapeuta está voltado para o sistema, está voltado para todos. Mas é como alguém que

acompanha a família só brevemente e torna a retirar-se imediatamente. Nesse sentido, ele também pode aguentar e se responsabilizar, porque não permanece tanto tempo ali. Ele permanece em uma posição inferior, apesar de parecer diretivo. Mas não é assim. Ele trabalha a serviço da alma, que ali atua.

Minha sugestão a terapeutas que aplicam isso é que se acostumem lentamente ou se exercitem nessa atitude. Quanto mais eles o fizerem, mais facilmente podem trabalhar com isso.

Consertar ou deixar crescer

Algo mais deve ser observado aqui. Trata-se de processos de crescimento. Através desse trabalho algo começou a crescer. Esse crescimento necessita de tempo. Nele não se intervém precipitadamente.

A outra imagem de terapia é aquela de um conserto. Nela cada pedaço deve ser consertado e deve estar em seu lugar, só então o devolvemos. Essa é uma imagem válida no caso de muitos bons trabalhos. Mas onde se trata de crescimento, devemo-nos despedir da imagem do conserto. Portanto, depende muito de qual imagem o terapeuta e o cliente partem.

O terapeuta que trabalha com a imagem do conserto atrai a energia para si. Ela é retirada do cliente. E assim nos terapeutas que querem estudar e pesquisar como isso continuará. E o *seu* interesse e não tanto o interesse do cliente. Essa intervenção externa perturba o processo de crescimento. Aqui seria necessário repensar a atitude fundamental com que nos aproximamos da terapia.

Nesse tipo de trabalho devem-se diferenciar bem claramente duas imagens. Muita psicoterapia procede de acordo com a imagem do conserto. Por isso, o terapeuta tem então de concluir algo, para que funcione. Essa imagem do conserto não cabe aqui. Aqui são dados impulsos, impulsos de crescimento. Depois o crescimento continua. Na verdade, deve-se contar com uma demora de dois anos até que o impulso atinja seu objetivo. Qualquer tentativa precipitada de intervir, de acelerar isso - outra vez a partir da imagem do conserto: de que isso tenha que ser colocado depressa em ordem -, perturba o processo de crescimento.

A cura como dádiva

Muitos clientes têm interesse em uma cura rápida e transferem o resultado para algo externo, por exemplo, encontrar um terapeuta ou um médico que os cure. Eles transferem a responsabilidade da cura a alguém que está fora. E alguns que vêm para um curso, para aprender algo, fazem o aprendizado dependente de sentar-se na primeira fila. Aqueles que fazem o seu aprendizado dependente disso aprendem menos. E os clientes que esperam a sua cura do terapeuta, de que ele, por assim dizer, faça isso para ele têm a menor chance de cura.

Cura é uma dádiva. Onde ela dá certo ou onde o alívio é alcançado, é uma dádiva. Onde ela dá certo é, tanto para o cliente quanto também para o terapeuta, como um milagre que não se tem na mão.

Em certos tipos de psicoterapia pode-se planejar com exatidão como, por exemplo, na terapia comportamental. Lá se trata preponderantemente de sintomas, de fobias etc. Mas onde se trata dos grandes destinos, de vida ou morte ou de emaranhamentos e culpa, aí não se pode ir de acordo com um plano. Não se pode, tampouco, alcançar o resultado procedendo de acordo com um padrão. Aqui, onde a cura e solução têm êxito, existem forças em ação que vão além do individual. Sujeitamo-nos a essas forças.

O mesmo é válido para a compreensão. Ela não é dependente da primeira fila. Quando vem, é uma dádiva. Quem se retrai, portanto, quem não faz com que isso dependa de tais superficialidades tem a maior chance para a compreensão, para a compreensão profunda.

Prudência em controles de sucesso

Sei que esse trabalho tem ação sobre doenças, mas eu não acompanho o seu desenvolvimento. É importante que eu não o acompanhe. A saber, só posso então trabalhar dessa maneira quando penetro em um sistema ou em um campo de força, sem certas intenções. O cliente vem a mim, eu recebo informações e, de repente, me encontro em um campo de força. Então, uso a minha percepção ou também o meu conhecimento para pôr em movimento no sistema algo reconciliante ou algo curativo.

Feito isso, torno a sair desse campo de força, pois se eu ficasse lá dentro mais do que esse tempo, perturbaria o processo. Portanto, se eu, em seguida, me informasse como é que isso continuou, reentraria nesse

campo de força e, de fato, como alguém que tivesse feito algo com o seu próprio empenho e que, por assim dizer, faz um controle do sucesso, como se o resultado dependesse dele. Então, as imagens não podem mais atuar, pois a imagem adequada ficaria distorcida. Por isso, não o faço.

Não me importo com os esclarecimentos que alguém dá, quando está melhor. Ê suficiente se me disser que está melhor. Na maioria das vezes, os esclarecimentos são inexatos.

Coragem para a verdade, como ela se mostra

Às vezes o terapeuta diz algo que soa terrível, apesar de todos os participantes perceberem que corresponde à realidade. Então, alguns terapeutas temem dizer também o que perceberam, apesar de estar visível para todos. Mas é terrível somente para o terapeuta, que acha que os clientes acreditam nele em tudo, que eles não pensam e decidem por si mesmos e que ele é, portanto, responsável por eles em todos os sentidos. Quando a percepção de algo que está à luz é comunicada, também parecendo ser ameaçadora, o cliente começa, por si mesmo, a olhar claramente para ela. Então, vê a gravidade e, de repente, tem força.

Mas se o terapeuta acha que deveria poupar o cliente e, portanto, nada dizer do que percebe, o cliente fica com medo do terapeuta. E com razão, pois esse terapeuta o engana. Seria um amor que engana, como se pudéssemos chamar isso de amor. Frequentemente, é simples covardia.

A clareza somente se apresenta para alguém que dominou o temor, como Castañeda descreve muito bem em um de seus livros sobre o xamã Don Juan. O grande temor que os terapeutas têm é: “O que acontece se eu disser o que sei?” ou “O que dirão os meus colegas se eu disser o que sei?” Então, há uma comunidade conspirativa de covardes. Mas isso é um desrespeito à grandeza da realidade e à grandeza do destino e da alma de todos os interessados.

Quando o terapeuta mantém uma clara posição quanto à sua percepção, o cliente tem um oposto e uma orientação. Ele não necessita aderir a essa percepção, pode ser também contra ela. Mas, tem uma orientação. Entretanto, se o terapeuta não se coloca frente a ele como oposto, o cliente não tem nenhuma orientação.

PARTICIPANTE E como é quando você se engana?

HELLINGER Existe um contexto no qual digo algo. Se me engano, frequentemente vem um outro do grupo e me corrige. Também o cliente corrige isso. Então, existe um movimento contrário que o ajusta. Mas nem sempre. Por isso, sempre permanece um risco.

Os erros atuam como corretivo. Quando se quer evitá-los, evita-se também o correto. Por isso, tenho dificuldades em exprimir advertências.

A curiosidade tira a dignidade

Não são permitidas perguntas indiscretas. Elas atraem a energia do cliente para aquele que pergunta e isso tem um mau efeito. Por isso, sou tão reservado, vocês percebem: não pergunto quase nada, quero saber pouco e, entretanto, posso trabalhar. Eu não atraio a energia para mim, eu a deixo lá onde está - com as pessoas importantes. Os clientes já sabem. Se eu perguntar por curiosidade, são arrancados de sua concentração, pois precisam se ocupar de mim. Por assim dizer, eles devem se justificar perante mim, porque algo é assim. Isso tem um mau efeito.

Tocar o amor na alma

Quero voltar ainda a uma pergunta que rejeitei tão duramente. De repente, foram dadas interpretações para doenças que são totalmente inadmissíveis e destroem algo na alma. Então, sou bem duro. Eu sempre protejo o cliente contra tais interpretações.

Eu tenho um princípio segundo o qual procedo. Esse é todo o segredo desse procedimento. Quer dizer: “Tocar o amor na alma”. É esse. Nessa pergunta nada tocou no amor, pelo contrário. Quando isso é ameaçado, o amor e a alma, sou bem duro.

Os limites das constelações familiares

Com a ajuda das constelações familiares encontramos frequentemente belas soluções. Pudemos ver isso aqui com frequência. Então, às vezes, consolida-se em nossas mentes uma imagem, como se pudéssemos, com a ajuda das constelações familiares, solucionar um problema difícil, mesmo quando se vê que na alma do cliente não existe ressonância para isso. Então, talvez nos digamos: eu só tenho que continuar, então a

solução ainda será alcançada. Com isso, procede-se contra a percepção imediata. Quer-se pregar-lhe uma peça.

Proceder contra o percebido destrói a própria alma. Por trás disso, age uma pretensão de poder, totalmente inversa à humildade, que é necessária para esse trabalho.

Nesse trabalho não vou além do que posso. Quando me sinto impotente, paro. Há pouco, senti-me impotente na constelação com uma cliente. Por isso, parei. Mas então chegou dela uma indicação e pude continuar. Sem essa indicação, sem o que veio dela e me deu, por assim dizer, permissão e apoio, não poderia ter feito nada.

Os vivos e os mortos

Para mim fica sempre mais claro que nós não podemos permanecer nas revelações superficiais das constelações familiares. Que temos que incluir ainda outras coisas, muito mais abrangentes para chegar a uma solução. Vê-se, então, a grandeza dos mortos, e que o reino dos mortos nada tem de amedrontador, absolutamente nada amedrontador. Ele é perfeito e grande. Os mortos são o grande reino, os vivos são algo transitório. No reino dos mortos repousa algo que é consumado. Os vivos chegam a esse reino mais tarde. Quando os vivos o desejam antes do tempo, perturbam os mortos. O direito a ele só existe na hora certa, não antes.

O saber através da participação em uma alma em comum

O que acontece nas constelações familiares é misterioso. Como é possível que pessoas inteiramente estranhas, que não têm a mínima ideia da família ou da pessoa que representam, de repente, reajam como essa pessoa e assumam os seus sentimentos, tipo de comportamento e até os seus sintomas físicos. Creio que aí temos que modificar algo em nossa concepção do mundo.

Também na teoria filosófica do conhecimento ou na teoria da comunicação existe a ideia de que o saber baseia-se em informação. Entretanto, aqui vemos que existe também um outro saber, que não se baseia em comunicação, mas sim em participação. A pergunta é: o que é

isso do qual participamos?

Eu refleti muito sobre isso e o que me parece mais aproximado é que tenhamos participação em uma alma em comum. Que aquilo que designamos como nossa alma não podemos designar assim, pois nossa alma nos liga à nossa família e, para além da família, com a “grande alma”, como a denomino. Nela, todos estão ligados entre si e, com efeito, cientes. Daí temos esse saber participativo.

Nas constelações familiares, esse saber tem efeito nos participantes e principalmente no terapeuta, se ele o permitir. Isso é o importante. Se o terapeuta ainda está preso à filosofia de que o saber se baseia em comunicação e acha que deve primeiro fazer muitas perguntas a cada um dos indivíduos, antes de começar a atuar, então perdeu o contato com essa “grande alma”.

Por isso, o terapeuta renuncia a muitas dessas perguntas, desde o início. À medida em que o terapeuta se introduz nesse campo de força, chegam-lhe os conhecimentos de que ele necessita. Esse trabalho exige do terapeuta uma total reconsideração.

Mas, se agora o terapeuta permanecer na ideia de que primeiro tem de perguntar tudo e só então sabe o que tem a fazer, estorva o campo de força no qual se encontra. Então, ele tampouco recebe dos participantes a comunicação da inteira verdade, o que é importante. Portanto, o mais importante é que primeiro o terapeuta se retraia, tente compreender o grande, confie na providência da grande alma, deixe-se guiar por ela e então fique tão inserido no que acontece que algo pode vir à luz passo-a-passo.

Por isso, o terapeuta também não sabe o que se mostrará no fim. Ele sempre acompanha os passos, assim como resultam. Às vezes, eles são extremamente grandes, de tal forma que ele pode ficar com medo, por exemplo, de o cliente morrer realmente. Mas o terapeuta também não tem medo disso.

Quando ele acompanha totalmente este movimento, às vezes, esse se altera e traz uma solução. Mas somente quando acompanha totalmente esse impulso, sem freá-lo. Por exemplo, por compaixão, porque acha: “Ah! Vamos tentar encontrar ainda uma boa solução”, apesar de não existir nenhuma e querer agir, sem estar em contato total com a realidade

da situação.

Ajudar em harmonia

Na constelação familiar o terapeuta renuncia à liderança. Ele se submete a um contexto maior e entra em consonância com a família, com cujos membros ele trabalha. Assim que ele entra como terapeuta numa constelação familiar, está em harmonia com um outro sistema, às vezes mais, às vezes menos.

Essa harmonia funciona quando ele renuncia a qualquer intenção pessoal, também à intenção de curar e à intenção de mudar um destino. Ele reconhece o que vem à luz e acontece naquele momento, sem intenção e sem temor. É permitido ser exatamente assim como é, isto é muito importante. Por isso, o terapeuta vai de encontro ao que emerge sem temor, mesmo que pareça mau, por exemplo, quando alguém está em perigo de vida ou alguém não queira mais viver. Ele olha para isso e não quer mudá-lo. Está em harmonia e está de acordo com o destino do outro, seja ele qual for.

Para o terapeuta, isso significa um purificar-se internamente de intenções e também de ideias de poder. É um processo muito humilde. Entretanto, tão logo ele se introduz, vê para onde algo conduz - isso emerge de repente, como um raio - e talvez ele veja uma solução e uma saída. Ele diz assim o que emerge, mas sem a intenção de que isso também se realize. E que nesses processos profundos, onde se trata de vida ou morte, pode-se ver que a solução, com efeito, se apresenta e que o cliente também a aceita, talvez por algum tempo, mas pode ser que ele volte para o seu destino habitual.

Portanto, aqui a atitude do terapeuta é bem diferente da atitude no caso de uma terapia com controle de resultado. Nessa, tem-se a intenção de controlar e pondera-se como se pode alcançar um determinado resultado. Naquela, o terapeuta se comporta de maneira exatamente inversa. Quando alguém recai em seu destino, então ele, como terapeuta, está de acordo. Agora, isso não tem absolutamente nada a ver com reflexões sobre a qualidade de seu trabalho. Ele está em harmonia com isso, seja como for que acabe. É que ele não sabe se o destino que o indivíduo escolhe ou ao qual se submete não é, apesar de tudo, o adequado para ele. Que há nisso tudo uma grandeza oculta, a qual

não compreende e, portanto, não se arroga a julgar se isso é bom ou mau.

Nesse caso, o processo interno é retrairmo-nos da multiplicidade dos fenômenos e de tudo o que sabemos para um centro vazio. Quanto mais dramático algo parece, quanto mais se trata de vida e morte, tanto mais é necessário que o terapeuta se recolha a esse centro vazio. Quanto mais profundamente ele o puder fazer, tanto mais ímpeto tem aqui o que diz. O que vem desse centro tem um efeito direto, pois vem da harmonia com os poderes que sustentam.

Quem se entrega às constelações familiares, no decorrer do tempo se aprofunda sempre mais nessa atitude. Fazendo esse trabalho e entregando-se a ele, será levado, pelo próprio trabalho, a este centro. Por isso, para o terapeuta, ele tem necessariamente um efeito purificador e enriquecedor. Ele está sem intenção e sem temor, em harmonia com o transitório e também com o assentimento em relação à morte. Aqui a morte não o amedronta, pois para ele a vida é uma das partes do ser. Portanto, a vida não é o maior, senão o ser, do qual a vida emerge e no que torna a submergir. O terapeuta está em harmonia com esse ser e assim pode trabalhar.

Por trás da procura por uma causa existe muitas vezes a ideia de que se poderia manobrar algo posteriormente. Mesmo onde há um emaranhamento sistêmico, existe frequentemente a ideia de que quando é trazido à luz, o cliente será, com certeza, curado através disso. Mas isso não é certo. Aqui, em primeiro plano, isso não interessa. Na constelação familiar não tenho nenhuma intenção, a não ser colocar algo em harmonia. Estar em harmonia, isso tem às vezes um efeito curativo ou paliativo. Entretanto, quando eu constelo a família para que o cliente fique curado, não estou em harmonia. Pois não sei, de modo algum, se isso corresponde ao movimento de sua alma.

Sentimentos próprios e alheios

PARTICIPANTE Eu imagino que se tivesse que representar alguém, não poderia diferenciar. Acho que eu, na verdade, seria sempre eu mesma. Mas talvez isso não tenha importância.

HELLINGER Quando entramos em uma constelação e o fazemos centrados, sentimos como as pessoas desconhecidas. O próprio

sentimento não está completamente desligado, mas pode-se partir do princípio de que, na constelação, nos sentimos como as pessoas reais. Às vezes, alguém fica também com os seus próprios sintomas, enquanto está lá dentro. Por isso, pode-se confiar em que sentimos como os outros.

Ao contrário, quando alguém vivenciou tais sentimentos em uma constelação, não pode aplicá-los em si mesmo e dizer: comigo é assim. Ele tem de diferenciar realmente entre este outro sistema e o seu próprio. É importante que, através desse trabalho, se reconheça como os sentimentos são efêmeros e quão pouco têm a ver com a gente e quanto têm a ver com o lugar que se ocupa em uma família.

Até que ponto os representantes são autênticos?

PARTICIPANTE Como é que essas pessoas escolhidas arbitrariamente podem reproduzir uma situação que corresponde ao mundo emocional dos interessados?

HELLINGER Já me pergunto, há anos, como isso é possível. Para mim é um segredo.

Temos que nos despedir de um conceito muito difundido, também de uma teoria do conhecimento muito difundida, de que nosso saber, paralelamente à observação, se baseia em comunicação. Portanto, de que uma criança só sabe sobre a sua família aquilo que lhe foi dito e que poder-se-ia ocultar algo de uma criança no sentido de: se não contarmos nada, então ela tampouco o saberá. Entretanto, isso se revela ser uma falsa suposição.

Por trás desse tipo de conceito existe uma imagem da alma. Isto é, que a alma está aprisionada em mim, que a alma do outro também está aprisionada nele e que nós não podemos nos comunicar, sem que eu diga algo à sua alma e ele diga algo à minha. Como se nós nada soubéssemos um do outro, se não tivermos conversado um com o outro. Mas vemos que esse não é o caso.

A alma é algo no qual nós estamos, do qual participamos. A psicologia opera amplamente com o conceito de que algo apenas acontece através de comunicação. Por isso, o terapeuta teria que perguntar primeiro ao cliente, interrogar tudo e só quando tiver interrogado tudo está informado. Pouco antes, olhei para aquele cliente e

vi imediatamente: é uma criança pequena. Então, não necessito perguntar nada mais. A anamnese posterior não teria trazido absolutamente nada adicional ao simples olhar: essa é uma criança pequena em sua tristeza.

Mas, abstraindo-se totalmente disso, vimos, a saber: fazemos parte de algo grande. Isso não é acessível através da psicologia usual. Mas é acessível, quando esqueço o que me propus, quais são os meus conceitos e minhas intenções. Então, me exponho a um grande contexto e dele emerge, de uma só vez, o saber imediato e, na verdade, o saber vivenciado, como nós podemos ver aqui. Nesse plano absolutamente diferente acontece então a informação, a experiência, a solução. O que cada um traz de individual é ínfimo comparado com esse geral. Por isso, o individual, via-de-regra, estorva a constelação, com bem poucas exceções. Portanto, para mim, o conceito de individualidade é, por assim dizer, escrito em letras pequenas.

Representação e eu

PARTICIPANTE Como é que podemos nos delimitar, quando estivemos em um papel. Como é que tornamos a nos livrar da energia?

HELLINGER Nunca se está completamente em si mesmo. Na própria família, nunca se está completamente em si mesmo e, quando temos que representar um dos membros de uma família desconhecida, também não se está completamente em si mesmo. Às vezes é bom, quando depois de uma constelação, ainda se fica algum tempo no papel de representante, porque através disso se experimenta como nos deveríamos sentir em uma outra família e como são lábeis nossos sentimentos. O que consideramos estável em nós mesmos experimentamos então, apenas como lábil. Vê-se, pois, como os sentimentos mudam rapidamente nas diferentes constelações familiares. Quando nos ajustamos a esse flutuar, a esse fluir para cá e para lá, de repente, estamos em casa em todas as partes.

Em uma constelação familiar existem também papéis que são perigosos. Deve-se sair rapidamente desses papéis. Então, o que ajuda é imaginarmos que traçamos um círculo “mágico” em torno de nós mesmos, do qual nada pode sair e no qual nada pode penetrar. Quando se estava fora desse círculo, por ter sido representante volta-se, em seguida, a esse círculo mágico.

Porém, existem ainda métodos mais simples para isso. Recolhemo-nos ao centro vazio. Lá se está tanto ligado como separado. Esse centro sente-se com leveza.

A precedência do grande

Nas famílias existem, às vezes, acontecimentos que são significativos por si mesmos. Mas quando existe algo muito incisivo, por exemplo, quando uma mulher morreu no puerpério, então outros acontecimentos traumáticos ou, de outro modo, significantes, perdem peso. Um grande encobre o outro. Por isso, também não necessito procurar por completude, mas sim permaneço naquilo que parece significante, em primeiro plano.

Deve-se diferenciar, também, se algo se deve à vivência pessoal ou se tem a ver com a dinâmica sistêmica. Quando alguém, por exemplo, teve que ficar no hospital quando criança pequena e ficou longe de sua mãe por longo tempo, então esse é um acontecimento pessoal. Os acontecimentos pessoais são, via-de-regra, secundários em relação aos sistêmicos. Portanto, eu olho primeiro para a família como um todo, se existem lá emaranhamentos e se algo não está solucionado. Se é assim, trabalho primeiro com a família e só depois com o trauma pessoal.

Quando existe um trauma pessoal muito proeminente, não começo com a família. Isso seria desviar. Então, trabalho primeiro com o trauma. Nota-se o que deve vir primeiro. Não se podem solucionar acontecimentos traumáticos com a dinâmica do sistema e vice-versa. Nisso deve existir uma certa harmonização.

Os emaranhamentos mais incisivos são os sistêmicos. Eles também são, em sua maioria, inconscientes. As dificuldades pessoais são mais fáceis de ser trabalhadas do que os emaranhamentos sistêmicos.

Uma das realidades

PARTICIPANTE Você disse que o terapeuta se coloca entre a realidade e o cliente. É a realidade ou a realidade do cliente? Perguntando de outra maneira: entre irmãos, é inteiramente possível ter realidades diversas de uma e mesma família e, portanto, também imagens internas diferentes?

HELLINGER A família é uma realidade. Mas, dentro da família, cada

um dos membros tem funções diferentes e, a partir de diferentes funções, percebem a realidade diferentemente.

Por exemplo, quem possui a função de vítima, percebe a realidade da família de outra maneira do que um que está livre de tal função. Mas a imagem geral é mais ou menos igual. Não se pode diferenciar se uma das imagens é mais objetiva do que a outra. Pois, quem tem uma imagem objetiva? Isso tem somente aquele que se construiu uma imagem. Portanto, essa pergunta é irrelevante. A verdadeira pergunta é: o que é que tem um efeito limitante ou que faz adoecer e o que é que tem efeito curativo. Isso pode ser visto durante a constelação.

Naturalmente existem diferenças. Se um homem e uma mulher constelam, os dois, o seu sistema atual, cada um constela algo diferente. Porém, então tenho uma comparação. É frequente que um dos dois esteja mais próximo da realidade. Digamos, ele é mais corajoso, ele encara mais a realidade. Comparando-se as duas constelações, pode-se ver quem foi e quem não foi corajoso.

Entretanto, pode-se ver, também, que mesmo quando ambos constelam completamente diferente, as reações dos participantes são iguais, apesar da família ter sido constelada diferentemente. O terapeuta vai com a dinâmica que ajuda melhor. Também quando a família foi constelada de maneira incompleta, os representantes dão informações suficientes para que se possa ver onde está o problema e onde se pode procurar pela solução. Nesse ponto, isso tem algo fluido. Tem uma relação de incerteza, às vezes, até uma bem grande, mas é suficiente para a solução.

Certa vez escutei uma frase de Wemer Heisenberg, que me impressionou muito. Ele perguntou: qual é o contrário da clareza? E o grande Heisenberg respondeu: “O contrário da clareza é a exatidão”. Um belo dito. Com efeito, aqui trabalhamos com clareza, mas sem exatidão.

Interpretações restringem

PARTICIPANTE Uma constelação familiar permite uma interpretação ou devo simplesmente deixar assim como está?

HELLINGER Uma constelação familiar permite diferentes interpretações. Mas, em sua maior parte, para prejuízo do cliente. Uma

interpretação restringe. A constelação familiar é um acontecimento complexo e, se não o interpretarmos, tem mais chances de atuar.

Na física ficou demonstrado que, com referência a partículas subatômicas, se observarmos exatamente determinadas propriedades, então outras ficam despercebidas. Isso vai até ao ponto de que as partículas, das quais se observa uma determinada propriedade, não mostrem mais as outras. Analogamente, isso é válido também para a psicoterapia. Assim que se observa algo exatamente ou se define ou se interpreta, tira-se sua receptividade e a possibilidade de desenvolvimento posterior. Por isso, na psicoterapia, diagnósticos podem ser perigosos.

Por exemplo, aqui não deixo ninguém descrever detalhadamente ou esclarecer a sua doença ou seu problema. A descrição e o esclarecimento do problema o reforçam. Não devemos agora entender isso como instrução de não fazer absolutamente nenhum diagnóstico, mas vale a pena refletir sobre isso.

O efeito sobre membros ausentes da família

Aquilo que as constelações familiares causam nos representantes que sentem como as pessoas que representam, atua também na outra direção. O que acontece aqui reage sobre os membros ausentes da família.

Quando se interrompe?

O terapeuta renuncia ao supérfluo. Esse é um princípio importante nesse trabalho.

Há algum tempo, alguém me escreveu uma carta e nela comparava a constelação familiar com uma obra de arte. Quando um pintor pinta um quadro, ele sabe quando está pronto, e cada pincelada adicional estragaria a pintura. Ela lhe toma força e também a profundidade.

Sabe-se quando a imagem da família está pronta, isto é, no momento em que se sente a maior energia. Então, se interrompe. Se ainda “falta” algo, o cliente sabe. Ele pode, pela primeira vez, dedicar-se à nova imagem de sua família. Nesse dedicar-se, a sua alma encontra, depois de algum tempo, o caminho a seguir.

Olhar para frente com os pais às costas

Quando se colocou uma constelação familiar e a reconciliação com os pais teve êxito, os filhos se viram e os pais ficam em pé atrás deles. Os filhos podem ir para frente tranquilamente, os pais os seguem com os olhos. Este é um movimento muito bonito.

O respeito

Após a constelação, deve-se deixar o cliente em paz. Por exemplo, não se pode perguntar como foi. Isso serve à própria curiosidade e, com isso, se interfere na alma daquele que trabalhou. Acho ruim quando se faz isso. Alguns terapeutas acham que o que faço aqui é mau. Dever-se-ia melhorá-lo e ainda aperfeiçoá-lo. Eu acho que isso é honesto, não quero fazer acusações. Mas, frequentemente, os clientes ficam muito exasperados e o processo, que decorre na alma, é perturbado por isso. Dever-se-ia levar isso em consideração.

Minimalismo

PARTICIPANTE Qual é o motivo pelo qual, em algumas famílias, os emaranhamentos se tornam sintomáticos e em outras não?

HELLINGER Isso eu não sei. Se eles têm efeito e eu trabalho com isso, então eu vejo e procuro uma solução. Quanto aos outros, não me preocupo.

Este aqui é um trabalho bem modesto, que se envolve com o que está próximo e deixa fora de sua atenção aquilo que o ultrapassa, não constrói teorias e não faz grandes exigências, tanto de natureza moral como terapêutica. Eu faço um trabalho despretensioso e então me retiro. Isso, na verdade, é tudo. Eu o chamo de minimalismo. Exatamente porque é tão mínimo e tem um efeito profundo, sem qualquer alarido. Por isso, esse trabalho é humilde, bem humilde, na verdade.

A ação segue a alma

PARTICIPANTE As constelações familiares também necessitam de um trabalho posterior?

HELLINGER A pergunta implica em que o terapeuta tenha o resultado na mão e que tem de tê-lo na mão. Pois então, pensa no trabalho posterior

para levar algo ao fim. Entretanto, ele não o tem na mão. Também não o tenho na mão durante uma constelação familiar. Se tiver sorte, chega-se a uma solução. Somente quando se desiste de querer ter o resultado na mão as soluções se mostram como por si mesmas. Então, na constelação decorre algo, sem que o terapeuta tenha que intervir. Isso pudemos ver aqui com frequência.

Eu o chamo de psicoterapia fenomenológica. Ela se serve do método filosófico fenomenológico. Quer dizer que nos expomos aos fenômenos e a um contexto, sem intervir. Por exemplo, isso pressupõe que se esqueça do que se sabe. Que se esqueça também, amplamente, das próprias experiências e que se espere centrado até que do contexto se mostre, como por si mesmo, um resultado ou uma solução. Isso não pode ser concebido. Esse conhecimento vem de outras profundezas e é presenteado.

Se eu sigo esse conhecimento, então algo se move de maneira especial. Mas eu não o tenho na mão. Sou carregado por uma outra força da qual faço parte. Essa força chamo de alma. Quem não está em ligação com essa alma, acha que tem que trabalhar posteriormente. Às vezes, da harmonia com a alma, tanto da alma do cliente como também da própria alma, resulta a necessidade de um trabalho posterior. Então é adequado.

Quando digo certas coisas, elas soam frequentemente como uma instrução de procedimento. Algo vem à luz e, em relação àquilo que vem à luz, digo algo como uma instrução de procedimento. Quando alguém segue essa instrução, porque eu a disse, não está em contato com a sua alma, e sim, comigo. Isso dá errado facilmente.

Deve-se tomar tal instrução como uma imagem. Deixa-se que ela imerja na própria alma, então se espera um tempo, até que a alma a tome de sua maneira. Somente então chega da própria alma a instrução certa. Ela pode diferir bastante do que eu disse. Isso não tem a mínima importância, pois eu somente dei um impulso para que a alma se ocupasse disso.

Deixar para trás a imagem da constelação

O segredo do caminho consiste em que se progrida deixando para trás tudo o que foi até então. Isso é válido principalmente ao nível da

espiritualidade. Sempre que se queira fixar algo, ele se perde. Se, por exemplo, alguém tem um sonho significativo e diz “isso tenho que registrar” e o escreve, então toma sua força. Isso também é válido para a constelação familiar. A imagem da família em uma constelação continua agindo quando a deixamos para trás. É parte de um movimento, e esse movimento deve continuar. Também o que aparece nela como solução é somente um passo inicial. Principalmente, ainda não se mostra a solução exata, pois, nessa imagem, ainda age a influência da alma do terapeuta. Somente quando o envolvido também deixa isso para trás, a sua alma começa a encontrar o que realmente está em conformidade com ele.

Agir sem atuar

O terapeuta que se contém, trabalha com a mais alta força. Ele não é inativo. Age sem atuar. Esse efeito se dá, não porque ele não faça nada, mas porque fica centrado.

Pode-se observar isso. Quando eu, como terapeuta, acho que deveria fazer algo e me contenho, centrado, mas de maneira que mantenha à vista o cliente ou que eu o esqueça - isso também acontece - , então ele recebe a força que custa para conter-me.

Quando interfiro, porque não suporto aquilo que lá acontece, então fico aliviado, mas o cliente, não, pois, então, o cliente perde a força que lá emprego.

O centro vazio

PARTICIPANTE Tenho a sensação de que sempre que existe uma doença realmente grave e você fala com a pessoa, que você primeiro se retrai, como se você perguntasse à sua intuição ou algo assim ou estivesse à procura de uma imagem. Poderia dizer algo sobre isso?

HELLINGER Sim, quando não sei como devo proceder, me retraio, isso é verdade e, com efeito, a uma área que está vazia. Minha cabeça não se agita, pelo contrário. Eu me recolho a uma área vazia e espero. Então, chega-me, talvez, uma indicação ou uma imagem, e então começo. Depois me chega, talvez, uma imagem para o próximo passo etc. Estou consciente de que o que faço aí é enigmático para mim. Também não estou certo se ajudou. Eu experimento algo de acordo com a imagem que emergiu em mim e então torno a retirar-me.

Eu confio em que na alma do cliente algo se coloque em movimento, talvez também através de meu recolhimento. Às vezes, algo importante põe-se em movimento quando o terapeuta falha. Por isso, também encaro tranquilamente o falhar. Assim o terapeuta e o cliente ficam no chão e algo curativo pode se desenvolver a partir da alma.

O decisivo emerge quando se espera por ele. Primeiro se mostra indistinto, às vezes, claro, e a isso acompanhamos. Então, volta a desaparecer e deve-se deixá- lo partir. Se o seguramos, torna-se algo que impede ver o imediato, que emerge. Portanto, o mais importante nesse trabalho é que nele entremos e nos deixemos levar e confiemos no que vem. Então, sente-se também onde há mais e onde há menos força.

Como se faz para chegar depressa aonde se quer? Quem pensa em tudo o que pode ou deve fazer não encontra o essencial. Quando alguém olha uma árvore e a quer ver bem exatamente, vê talvez somente uma única folha. Se ele se concentra nessa única folha, a árvore lhe escapa. Existe, portanto, um tipo de atenção que se dirige ao exato e ao imediato.

Mas existe também um tipo de atenção que vai à amplidão. Em vez de olhar para o indivíduo, tem o todo em vista. Esse é o tipo de atenção necessária. Aqueles que já leram alguns de meus livros devem ter notado que, para muitas situações que emergiram nesse curso, não se encontra ajuda nos livros. O que está nos livros é como cada folha da árvore. O todo é muito maior.

Portanto, é necessário um especial tipo de atenção para encontrar o essencial. Eu o chamo de procedimento fenomenológico. Descrevo agora o que se passa comigo quando trabalho com alguém. Ele me contou algo e eu escutei sem prestar atenção. Não queria escutar exatamente o que dizia. Eu não queria saber exatamente o que ele dizia. Portanto, eu não escuto assim concentrado, mas de maneira que, ao mesmo tempo, olho para algo maior. E, de repente, ele diz uma palavra e então me desperto. A palavra aqui foi guerra civil, o pai na guerra civil. De repente, entre tudo o que ele disse, existe uma palavra que me atinge. Nessa palavra está a energia. E, sem que eu saiba exatamente o que fazer com isso, sei, porém: agora faço algo aqui. Então, quando deixo essa palavra agir em mim, sinto quais as pessoas de que necessito para a constelação. Para mim, a energia estava somente com uma pessoa e era o seu pai. Eu lhe pedi para constelar o pai. Mas não sabia o que sairia disso. Só sabia:

o pai é importante. Então, ele o constelou. Depois, esperei pelo que iria acontecer. Então vi os movimentos do pai e quando me expus a isso, sabia que ainda outros precisavam ser constelados. Mas eu não sabia exatamente quem eles deveriam representar. Mas eram soldados. Eu os constelei, mas não sabia como ia continuar.

Então sucedeu algo entre eles e quando isso terminou, veio-me, de repente: também o cliente deve entrar na constelação. Somente então pensei nisso, não antes. Então, quando o tomei pelo braço, não sabia onde colocá-lo. Porém, quando eu o segurava pelo braço, senti que ele tinha que ficar à vista do pai. Portanto, o coloquei à sua vista. Entretanto, tampouco aqui sabia o que dali surgiria. Depois, o pai começou com um movimento. E quando o cliente estava com o seu pai, ele olhava para os mortos. Senti em mim: o que acontece, se ele olha para os mortos. Lá existe ou não uma solução para ele. Senti, lá não existe solução para ele. Com certa impetuosidade, virei a sua cabeça em direção oposta aos mortos - então veio a solução. A sugestão mais importante veio do pai. Ele sentiu que queria curvar-se com seu filho perante os outros. Eu próprio não tinha pensado nisso. A sugestão veio dele. Veio da sintonia com o todo.

Esse procedimento é sempre como andar no escuro, mas em consonância com aquilo que se mostra, de onde vêm os impulsos e a força que faz prosseguir.

E agora, vocês imaginem se eu, em seguida, tivesse perguntado aos representantes como tinham se sentido. Teria trazido força ou teria enfraquecido? Teria enfraquecido. Eu não quis saber o que realmente se passou. Assim manteve- se a força. Quando se procede assim, necessita-se saber somente pouco - e se quer saber somente pouco, somente aquilo de que se necessita para a solução. Isso tem o efeito de que o que decorreu não pode pesar sobre o terapeuta. Ele não sabe disso e nem quer saber. Mas, tão logo ele queira saber, pode pesar sobre ele. Portanto, esse trabalho implica sempre uma reserva extrema e uma profunda confiança em um movimento da alma na profundeza, que leva à solução.

Às vezes, também não vai adiante. Não chega nenhum sinal de força. Então, é o mais difícil, o terapeuta reconhecer e admitir que não pode prosseguir. Ele para, em harmonia com a alma, também quando fica mal perante os outros. Isso, sobre o procedimento. Por isso, esse trabalho

aprende-se melhor quando se toma parte nele aberto, quando se experimenta as forças que estão em ação, quando se confia nessa força, liberando-se a si mesmo.

O momento sustenta

PARTICIPANTE É muito pessoal perguntar o que o sustenta assim em seu trabalho? É isso um motivo religioso ou uma experiência religiosa?

HELLINGER O momento me sustenta. Isso é tudo. Isso é também o segredo do procedimento fenomenológico. Não sei como termina. Se dá errado, também estou preparado.

PARTICIPANTE E como se pode aprender que somente o momento sustenta alguém?

HELLINGER O momento seguinte o mostra.

Soluções como fruta madura

Soluções são uma fruta madura. Chegam no outono, não já na primavera. Por isso, também se deve deixar na alma tempo para a solução. Na constelação familiar é mostrada uma imagem, que primeiro tem ainda que desenvolver na alma a sua força de crescimento. Por isso, grava-se a imagem, sem que se fale sobre ela, sem que se reflita sobre ela - somente a gravamos. Nós a tomamos como um remédio e esperamos pelo efeito.

Quando a solução se mostra é bem clara. Quando não se mostra nada de claro, associações não ajudam. Então, somente nos desorientamos e perdemos a intuição imediata. Quando nada ajuda, ainda sempre ajuda que o terapeuta confie o cliente à sua boa alma. Nada é melhor do que a própria boa alma. Cada um é dirigido de uma determinada maneira. Quando o cliente dá atenção à sua alma e se une a ela, então resultam soluções depois de algum tempo.

Solução e renúncia

As soluções são a parte difícil desse trabalho. Muitos veem a solução, sentem a força e vão com ela por algum tempo. Mas, então, tornam a imergir no antigo vínculo. A solução, de certa forma, toma solitário aquele que a suporta. Temos que renunciar à intimidade do vínculo vivenciado no problema e no emaranhamento. Através da solução

estamos, com efeito, ligados a muitos, porém, de uma outra maneira, não com a mesma intimidade de antes. Essa outra intimidade tem algo mais leve, algo tranquilo. É uma intimidade com distância. Por isso, alguns tornam a imergir no antigo vínculo. Para eles é como uma volta ao seio materno. Devemos saber disso. O terapeuta deve saber. Se vê algo assim, não tenta intervir. Deixa acontecer. No fim, tudo leva ao mesmo.

Solução através do deixar

PARTICIPANTE Você sempre traz à luz que estamos metidos em certas lealdades no seio de nossa família. Tem-se, nesse ponto, aonde essas lealdades vem à luz, uma chance de se liberar delas, quando se reconhece que não são boas para si?

HELLINGER Nem sempre. Às vezes, a lealdade é tão forte que a solução não é possível. A solução exige uma despedida da família e a disposição de ser independente. Isso está ligado a um sentimento de solidão. Por isso, o passo é tão grande. É necessária, portanto, uma transformação interna, um processo de amadurecimento, frequentemente, também algo assim como uma consumação espiritual em direção a algo maior. Então, isso tem êxito. Quem não tem antenas para isso, quem, por exemplo, quer fazê-lo mecanicamente, não tem êxito. Funciona melhor quando se olha aquilo que vem à luz, concorda-se com isso assim como é e, então, deixa-se que a própria alma dirija, sem ser muito ativo. Confia-se em um movimento interno da alma. Essa é, em si, uma nova maneira de ocupar-se da realidade. Em vez de controlá-la, nos inserimos em um movimento. Dessa maneira, a solução tem melhor êxito.

Frases de solução

As frases de solução são algo que vai além da constelação. São um passo próprio, pois são elas que trazem o verdadeiro resultado. Por um lado, elas têm a ver sempre com reconciliação e, por outro, com respeito.

Como é que o terapeuta chega a essas frases? Ele não pode concebê-las. Quando uma família é constelada, origina-se um campo de força que está presente nessa família. O terapeuta entra nesse campo de força. Entrando nesse campo de força e estando ligado a ele, esse campo fornece o que leva à solução. Ele não poderia encontrar as frases de solução se ficasse fora desse campo de força. Essas frases são sempre

bem simples e dirigem-se diretamente à alma. Elas se modificam de acordo com a situação. Portanto, não se pode simplesmente escrevê-las e utilizá-las como um repertório, mas sim, correspondem exatamente à situação, como ela é. São resultados de uma atitude interna, de uma atitude de respeito por todos os envolvidos. Então, as encontramos.

As frases de solução que, às vezes, utilizamos nesse trabalho, não são inventadas por mim. Eu as apreendo do contato com a alma do outro e com o campo de força no qual ele se move. Elas vêm da ressonância e, então, eu digo o que apreendo dessa ressonância. Por isso, não se pode usar essas frases como estereótipo, ao contrário, deve-se sempre deduzi-las de acordo com a situação, sempre tornar a se compenetrar e, então, expressá-las. Se chegarem a alguém, vivem, por assim dizer, em alguém. Elas se transformam também de acordo com a vibração da alma. Então, estão certas e são belas.

Mas, no fim, algo totalmente diferente ainda atua ativamente. Isso está além da constelação familiar. Quando o terapeuta entra nesse campo de força - de fato, é realmente um campo de força de um tipo especial - ele escuta o que diz a alma. Por exemplo, “eu sou sua irmã”. Essa foi uma sentença. O terapeuta a escuta, de repente, quando está ligado ao campo de força. Ele não pode concebê-la. Então, escuta frases de solução e as diz. Quando estão certas, existe ressonância imediata. Pode-se ver isso muito bem naquela cliente, quando disse: “Agora, fico ainda um pouco com meu marido”. Como o seu rosto mudou. Mas o terapeuta tem de escutar. Não pode adivinhar o que poderia ser. Tão logo comece a conjecturar, não está em contato. Então, é melhor que não diga nada do que presumir. Senão, surge nos outros uma irritação e o fluxo, que leva à solução, é interrompido de repente. E necessária uma certa prática, também nos clientes, até que eles possam se envolver em tal coisa e, naturalmente, isso é válido também para o terapeuta.

Na verdade, esse trabalho é bem simples. Une-se o que estava separado. Mas o que se torna nítido, além disso, é que esse trabalho vai muito além da constelação familiar. Se somente constelamos, podemos, de fato, receber uma certa informação, também uma certa solução. Mas o que liberta a alma na profundeza, o que cura na profundeza ainda aumenta. É o “estabelecer ligação” com palavras curativas.

O terapeuta escuta essas palavras. Ele escuta a alma e então escuta

essas palavras ou as vê, conforme o caso. Ele diz essas palavras. Se são as palavras certas, têm um efeito imediato. Se alguém as imaginasse no sentido de “agora, poderíamos testar essa frase”, então estaria experimentando. Nesse momento, perdeu o contato com a alma e o cliente se fecha. Então, ele tem de escutar essas palavras. Além disso, tem que penetrar na situação. Quando está completamente dentro da situação, se encontra num campo de força do qual lhe fluem as frases.

O terapeuta que está numa constelação e nela se move tem uma percepção diferente do que, por exemplo, os espectadores. Portanto, também só se pode experimentar isso quando nós mesmos trabalhamos, não apenas observando. O terapeuta também precisa de um coração cheio de amor por todos os envolvidos. Portanto, o terapeuta trabalha com um bom coração e a serviço da paz.

As profundezas da alma

Trabalhamos aqui com forças ocultas, que frequentemente não nos são acessíveis. Por exemplo, como é possível que em uma família, durante gerações, destinos se repitam sem que nós o saibamos? Como é possível, em um curso de constelações familiares, ver que existem soluções para as quais a alma nos conduz, sem que possamos prever para onde nos conduzem finalmente?

Está bem claro que a alma tem várias profundezas, uma mais superficial e evidente e uma muito mais profunda, na qual fica suprimido o que vivenciamos como antagonismos, por exemplo, o antagonismo entre bom e mau. Na qual, também o antagonismo entre vida e morte ou entre saúde e doença fica diluído em algo muito maior. E não se pode prever como vai terminar e em que profundezas nós ainda seremos conduzidos, passo-a-passo, através desse tipo de trabalho. Vivencio de curso para curso, como isso se aprofunda. Não posso nem manobrar, nem prever.

Quando, então, aqui falo da alma, quero dizer algo diferente do que, habitualmente, caracterizamos como alma. Não é algo que temos ou possuímos. É algo que nos une como comunidade e, de fato, em círculos sempre maiores. Os membros de nosso corpo, uma família, um clã, um povo e para além disso ainda, outros diferentes círculos, nos quais atua algo em comum. Dirige-se no sentido de suprimir os antagonismos,

quanto mais nos confiamos a esse movimento, de maneira que os limites entre mim e outras pessoas se desvanecem. Portanto, algo nos une a um saber em comum e parece-me que também a um alvo em comum. Essa camada mais profunda chamo de “grande alma”.

Mas temos que ser cautelosos, para não usar essa palavra alma como algo que tenhamos entendido e que possamos influenciar. Fica em aberto e somente porque não encontro nome melhor para isso, chamo-o de “a grande alma”. Por isso, trato disso com a maior devoção e veneração. Quando trabalho com alguém, tento, então, articular-me naquilo que nos une no nível da alma. Devo sentir se a sua alma se articula comigo e se eu me articulo com ele. Se essa articulação não é possível, não posso trabalhar com ele. Não posso nem devo intervir de fora, se não se harmoniza com o movimento da alma, quer dizer, nem com a sua alma nem com a minha ou com a “grande alma”. Se, agora, vocês assim se ajustarem a esse tipo de trabalho e a esse tipo de vibração, podemos nos relacionar melhor.

Ainda desejo chamar atenção para algo importante. Muitos estão presos em sua família de tal maneira que não lhes é permitido saber o que lá aconteceu ou acontece. Por exemplo, não lhes é permitido conhecer certas pessoas de sua família. Não lhes é permitido saber certos acontecimentos. Assim, estão ligados à alma da família somente de maneira superficial, mas separados da alma mais profunda, da “grande alma”.

Quando alguém tem medo de olhar o que é, e quando alguém tem medo de exprimir o que é verdade na família fica preso a essa camada superficial e, com isso, a solução é obstruída, não somente para ele como também para a família. Portanto, quando alguém sente que está em tal situação pode, por assim dizer, confiar-se à “grande alma”. E ele pode, não somente confiar a si mesmo à “grande alma”, mas também toda a família, com todos que a ela pertencem. Quando então alcança essa camada pode, com respeito por todos, fazer o certo, o curativo e o que soluciona.

“Ainda fico um pouco”

PARTICIPANTE Eu queria perguntar por que você às vezes faz dizer: “Ainda fico um pouco”. O pouco tem, de alguma forma, um significado?

HELLINGER Sim, tem um grande significado, é também uma pergunta importante. Nas famílias existe uma necessidade irresistível de compensação entre o ganho e a perda. Por exemplo, quando alguém sofreu uma perda porque a sua irmã morreu cedo, então a sobrevivente não tem coragem de tomar completamente a vida. Ela sente uma necessidade de compensação. Na sua imaginação, a compensação total seria morrer como a sua irmã. Essa seria a compensação segundo o pensamento mágico. Portanto, na terapia se trata então de dissolver e aliviar o sentimento de culpa da sobrevivente em relação à irmã morta. A frase: 'Você está morta, eu vivo ainda um pouco, então também morro", permite à sobrevivente deixar de ver sua vida como uma usurpação, mas sim como algo que ainda levará ao fim, como uma dádiva. Agora, isso não acontece em oposição aos mortos. No momento em que diz essa frase, ela se torna solidária com os mortos e isso tem efeito curativo.

Essas frases são frases de força. Entretanto, têm que ser modificadas um pouco de situação para situação, exatamente de acordo com a impressão no momento. Não se deve tomá-las como um remédio que simplesmente se engole e então age por si mesmo. É necessário usar de sensibilidade em cada nova situação.

O habitual e o leve

Nas constelações familiares fica claro, quão poderosas são as forças que atuam nas famílias. Frequentemente, damos uma explicação barata, - por exemplo, quando alguém se suicida -, porque não compreendemos o que atua na profundeza como sucção. As constelações mostram também que estamos ligados a toda espécie de destinos, dos quais, em parte, nada sabemos. Isso remonta ainda a muito mais longe, pois temos também participação no sofrimento da humanidade. Frequentemente, existe uma sucção para nos unir a esse sofrimento. Eu imagino que muitas psicoses também estejam relacionadas a isso, que alguém penetre nesse grande sofrimento, nesses destinos profundos e complexos, e deles participe.

Na verdade, aí existe para mim somente uma solução, que é emergir em algo bem habitual, rotineiro e leve. O indivíduo não suporta submergir nesse sofrimento. Isso é grande demais. Nosso equilíbrio psíquico é muito lábil. Nós não podemos suportar ver tudo isso. Isso vai além de nossas forças. Então, no fim, fica somente uma consumação

silenciosa. Algo bem simples, homem, mulher e filhos, jogo e lazer, felicidade e sofrimento, como quer que venha. Então, mantém- se a leveza da alma. A leveza da alma tem a maior força. O bem forte é, ao mesmo tempo, o mais leve. Querendo, pode-se exercitar este ir para a leveza. Isso acontece principalmente na consumação habitual.

A cura da alma da família

PARTICIPANTE Pode acontecer que a alma da família qualquer dia cure-se a si mesma, que exista alguém na família dotado de restabelecer a paz na mesma, que a alma da família encontre a paz por si mesma?

HELLINGER A alma tem muitas dimensões. Algumas são restritas e outras são mais amplas. Posso observar a alma sob o ponto de vista do corpo, então ela é restrita e limitada. Ou posso observá-la do ponto de vista da família e do clã. Lá ela é mais ampla, mas ainda limitada, porque abarca somente determinadas pessoas. Tanto dentro do corpo como também dentro da família e do clã, a alma tem, por um lado, a tendência de manter completude, o que no grupo significaria manter todos os membros, por outro lado, entretanto, também tem a tendência de repelir algo doente, quando isso ameaça o todo. É assim no corpo e é exatamente assim na família. Os assassinos, por exemplo, ameaçam o sistema familiar e, por isso, têm de sair do mesmo. A família tem que mandá-los embora.

Então, existe ainda uma outra dimensão da alma que abarca o todo. Na grande alma todos estão reunidos outra vez, também os assassinos com suas famílias e com suas vítimas. Isso também deve ser visto. Depende em qual nível se trabalha. Quando se trabalha somente ao nível de família, então os assassinos têm de sair. Se incluirmos o nível mais elevado, então todos tornam a ser um. Os membros da família podem se reconciliar com os assassinos em seu meio e com os assassinos de seus familiares, vendo os excluídos juntos nesse nível mais elevado, acolhendo-os e lá encontrando o sossego e a paz.

O raio

PARTICIPANTE O país está cheio de terapeutas que trabalham com constelações familiares, em parte, por muito dinheiro. Pode ser que alguém também cause danos, se não trabalhar com cuidado e

competência suficientes?

HELLINGER O raio atinge aquele que levanta a mão. É necessário muito engenho para infligir danos a alguém. Aqui têm de atuar dois ao mesmo tempo. Quem diz que lhe foram infligidos danos, sempre está livre para deixar isso para trás e seguir vivendo bem. Quando se censura o terapeuta por ter causado dano a alguém, então há, por parte do cliente, uma recusa em tomar a sua vida nas próprias mãos.

O velho Freud, de Viena, fez uma curiosa observação, ou seja, de que os principiantes, que ainda não sabem muito, têm mais sucesso que aqueles que já sabem muito. Isso tem a ver com o fato de que a alma do cliente aí é mais reivindicada e ela mesma faz o resto.

Como a constelação familiar dá certo: uma visão geral[19]

O caminho do conhecimento

Dois movimentos conduzem ao conhecimento. Um se estende e quer abranger algo desconhecido até então, até que o possua e ele esteja à sua disposição. O esforço científico é desse tipo e nós sabemos quanto transformou, assegurou e enriqueceu nosso mundo e nossa vida.

O segundo movimento se origina quando nos detemos durante o esforço de extensão e dirigimos o olhar, não mais para algo palpável, mas sim para um todo. Portanto, o olhar está pronto a captar ao mesmo tempo o muito que está à sua frente. Se nos deixarmos levar por esse movimento, por exemplo, diante de uma paisagem ou de uma tarefa ou problema, notamos como nosso olhar, ao mesmo tempo, fica pleno e vazio. Pois, só podemos nos expor à plenitude e suportá-la quando primeiro prescindimos do individual. Nisso, nos detemos no movimento de extensão e nos retraímos um pouco até alcançar aquele vazio que pode resistir à plenitude e à diversidade.

A esse movimento, primeiro de detenção e depois de retração, chamo de fenomenológico. Ele conduz a conhecimentos diferentes daqueles do movimento de conhecimento extensivo. Entretanto, ambos

---

[19] Essa conferência está à venda em fita-cassete sob o título “Einsicht durch Verzicht” (A compreensão através da renúncia) na editora Carl-Auer-Systeme Verlag, Heidelbeig.

se completam. Pois, também no movimento de conhecimento extensivo, científico, temos, às vezes, que nos deter e dirigir nosso olhar do restrito ao amplo e do próximo ao distante. E também o conhecimento ganho de modo fenomenológico necessita ser verificado no individual e no próximo.

O processo

No caminho fenomenológico do conhecimento nos expomos dentro de um horizonte à diversidade dos fenômenos, sem escolhê-los ou avaliá-los. Esse caminho do conhecimento exige, portanto, um tornar-se vazio, tanto com referência às ideias habituais, como também com referência aos movimentos internos, sejam estes da esfera do sentimento, da vontade ou do julgamento. Nesse processo, a atenção está, ao mesmo tempo, dirigida e não dirigida, centrada e vazia.

A atitude fenomenológica exige atenta disposição à ação, entretanto, sem consumação. Através dessa tensão nos tornamos altamente capazes e prontos à percepção. Quem suportar essa tensão, percebe, depois de algum tempo, como o muito dentro desse horizonte se dispõe em torno de um centro e, reconhece, de repente, uma conexão, talvez uma ordem, uma verdade ou o passo que leva adiante. Esse conhecimento vem ao mesmo tempo de fora, é vivenciado como dádiva e é, via-de-regra, limitado.

A constelação familiar

O que o procedimento fenomenológico possibilita e requer pode ser experimentado e descrito de maneira especialmente expressiva na constelação familiar. Pois, por um lado, a própria constelação familiar é resultado de um caminho fenomenológico do conhecimento e, por outro, o procedimento fenomenológico dá certo quando se trata de algo essencial, com reserva e tendo confiança na experiência e conhecimento possibilitados por ele.

O cliente

O que acontece quando um cliente constela a sua família na psicoterapia? Primeiro, ele escolhe, dentre um grupo, os representantes para os membros de sua família, portanto, para o pai, a mãe, os irmãos e também para si mesmo. Nisso, não é importante quem ele escolhe para os

diferentes membros. É até melhor quando escolher esses representantes independente de aparências externas e sem uma determinada intenção, pois isso já é o primeiro passo em direção à contenção e à renúncia de intenções e velhas imagens. Quem escolhe segundo pontos-de-vista exteriores, por exemplo, segundo idade e características físicas, não se encontra na atitude de abertura para o essencial e invisível. Ele limita o poder de expressão da constelação através de considerações exteriores e, assim, para ele, a constelação familiar talvez já esteja condenada ao fracasso. Por isso, também não importa e, às vezes, é até melhor que o terapeuta escolha os representantes e deixe o cliente constelar a sua família com eles. A única característica que tem de ser observada é o sexo, portanto, que para homens sejam escolhidos homens e para mulheres escolhidas, mulheres.

Estando escolhidos os representantes, o cliente os coloca no espaço em relação uns aos outros. Nisso ajuda se ele os tomar pelos ombros com as duas mãos e, conectado com eles, os colocar em seus lugares. Enquanto estiver colocando os representantes, ele fica centrado, dá atenção ao seu movimento interno, seguindo-o até sentir que o lugar para onde conduziu o representante seja o certo. Durante esse processo, ele não somente está em contato com o representante e consigo mesmo, mas também com um contexto e daí também recebe sinais que o fazem encontrar o lugar certo para essa pessoa. Assim, ele faz também com os outros representantes, até que todos estejam em seus lugares. Nisso, o cliente está, por assim dizer, esquecido de si mesmo. Ele desperta desse estado quando todos estão constelados. Às vezes, é de ajuda quando, em seguida, se move em redor do grupo constelado e corrige o que sente não estar certo. Então se senta.

Percebe-se imediatamente quando alguém não se encontra em atitude de autoesquecimento e de recolhimento. Por exemplo, se ele quer prescrever aos diversos representantes uma determinada postura no sentido de uma escultura ou quando ele constela muito depressa, assim como se estivesse seguindo uma imagem preconcebida ou quando esquece de constelar uma pessoa; ou quando declara, sem constelar centrado, que uma pessoa já está no seu lugar certo. Uma constelação que não decorre de maneira centrada termina frequentemente num beco sem saída ou em confusão.

O terapeuta

Para que uma constelação familiar dê certo, o terapeuta também tem que se libertar de suas intenções e imagens. Recuando e expondo-se centrado à constelação, reconhece imediatamente quando o cliente quer influenciá-la através de imagens preconcebidas ou esquivando-se daquilo que começa a aparecer. Então, ele ajuda o cliente a se concentrar e decidir a expor-se aos acontecimentos ou, se isso não é possível, ele interrompe a constelação.

Os representantes

Exige-se também dos representantes o recolhimento interno das próprias ideias, intenções e medos. Quer dizer que, enquanto estiverem sendo colocados, devem observar, exatamente, as mudanças que se manifestam fisicamente e em seus sentimentos. Por exemplo, que o coração bate mais depressa, que querem olhar para o chão e que, de repente, se sentem pesados ou leves ou zangados ou tristes. E também é de grande ajuda que observem as imagens que emergem e que ouçam ruídos internos ou palavras que se impõem.

Por exemplo, um americano que aprendia justamente alemão, durante uma constelação, na qual representava um pai, ouvia sem parar a frase em alemão: “Diga Albert”. Mais tarde ele perguntou ao cliente se o nome Albert significava algo para ele. “Mas claro”, foi a resposta, “assim se chamavam meu pai e meu avô e Albert é o meu segundo prenome”.

Um outro representante, que numa constelação representava alguém cujo pai havia morrido na queda de um helicóptero, escutava sem parar o ruído de um rotor. Certa vez, esse filho pilotava um helicóptero e juntamente com seu pai sofreu um acidente, mas ambos haviam sobrevivido.

Naturalmente, é necessária muita intuição e uma alta prontidão a abstrair- se de suas próprias ideias até que algo assim dê certo. O terapeuta tem de ser cauteloso, para que os representantes não interpretem possíveis fantasias como sendo percepções. Tanto o terapeuta como os representantes podem escapar desse perigo mais facilmente, quanto menos informações prévias tiverem sobre a família.

As perguntas

A percepção fenomenológica tem melhor êxito quando se pergunta apenas o mais necessário, diretamente antes da constelação. As perguntas necessárias são:

1. Quem pertence à família?

2. Existem na família natimortos ou pessoas que morreram cedo e existiram na família destinos especiais, por exemplo, uma deficiência?

3. Um dos pais ou dos avós já esteve antes em uma relação firme, ou seja, noivo, casado ou de qualquer outra maneira em um relacionamento longo e importante?

Via-de-regra, uma anamnese mais ampla dificulta a percepção fenomenológica, tanto para o terapeuta como também para os representantes. Por isso, o terapeuta recusa conversas prévias ou questionários que ultrapassem as perguntas mencionadas. Pelo mesmo motivo, os clientes não devem dizer nada durante a constelação, nem os representantes devem fazer qualquer pergunta ao cliente.

A concentração

Alguns representantes são tentados a interpretar o que sentem mais da imagem da constelação do que observar a sua percepção física e a sensação interna imediata.

Por exemplo, o representante de um pai disse que se sentia confrontado pelos filhos, porque estes haviam sido colocados à sua frente. Entretanto, quando observou a sensação interna imediata, notou que se sentia bem. Através da imagem externa havia-se deixado desviar da sensação imediata.

Às vezes, quando um representante sente algo que lhe parece chocante, ele se cala, por exemplo, quando percebe, como pai, uma atração erótica pela filha. Ou uma representante não tem coragem de dizer que ela, como mãe, se sente melhor quando um de seus filhos quer seguir um membro da família na morte.

O terapeuta observa, portanto, os leves sinais físicos, por exemplo, um sorriso ou um endireitar-se ou uma aproximação involuntária de pessoas. Quando comunica tais percepções, os representantes podem verificar novamente as suas próprias.

Alguns representantes também fazem declarações amáveis porque acham que assim ajudariam ou confortariam o cliente. Tais representantes já não estão mais em contato com o que acontece e o terapeuta tem que substituí-los imediatamente.

Os sinais

Um terapeuta que não permanece continuamente centrado, sem medo e sem intenção, na percepção da situação global é frequentemente atraído por declarações superficiais de representantes para uma pista errada ou para um beco-sem-saída. Com isso, os outros representantes também ficam inseguros.

Existe um sinal infalível se uma constelação está no caminho certo ou errado. Quando se nota inquietação no grupo de observadores e a atenção diminui, a constelação já não tem chance. Quanto mais depressa o terapeuta interrompe, tanto melhor. A interrupção possibilita a todos os envolvidos concentrar-se novamente e, depois de algum tempo, começar tudo outra vez. Às vezes, também vem do grupo que observa uma indicação que leva adiante. Entretanto, deve se tratar de uma observação. Quando somente é adivinhação ou interpretação, piora a confusão. Então, o terapeuta também tem que parar a discussão e reconduzir o grupo à concentração e à seriedade.

A receptividade

Tratei detalhadamente esse procedimento e os obstáculos que podem surgir, com o fim de estabelecer limites às constelações familiares levianas. Senão, a constelação familiar pode cair facilmente em descrédito.

Alguns também procedem diferentemente na constelação familiar. Se isso acontecer a partir de uma atenção concentrada, pode ter muito sucesso. Entretanto, se acontecer a partir de uma necessidade por definição ou prestígio, então a receptividade fenomenológica ficará limitada por intenções. A melhor forma de se valorizar é através de novas percepções, que se confirmam no resultado e nas quais se deixa que outros tomem parte.

Mas se a definição seguir mais conceitos teóricos ou for influenciada por intenções e medos, que negam o consentimento à

realidade como ela aparece, isso leva a uma perda da prontidão fenomenológica para a percepção, com as respectivas consequências para o efeito terapêutico.

Também, se a constelação familiar serve mais à curiosidade, perde a sua seriedade e sua força. Então, do fogo talvez fiquem somente as cinzas e do manto somente a cauda.

O começo

Mas, agora, voltando à constelação. A questão que o terapeuta decide primeiro é: vai ser constelada a família atual ou a família de origem? Demonstrou-se ser bom quando se começa com a família atual. Então, pode-se colocar, mais tarde, aquelas pessoas da família de origem que ainda afetam fortemente a família atual, obtendo assim uma imagem na qual as influências agravantes e curativas ficam visíveis e sensíveis através de várias gerações. Somente quando os destinos na família de origem são especialmente duros, começa-se com a família de origem.

A próxima pergunta é: com quais pessoas deve começar a constelação? Começa-se com o núcleo familiar, portanto, pai, mãe e os filhos. Se uma criança nasceu morta ou morreu cedo, a colocamos mais tarde, para que se possa ver qual efeito ela tem sobre a família, quando é colocada à vista. A regra é: começa-se com poucas pessoas e deixa-se, a partir delas, que a constelação se desenvolva passo-a- passo.

O procedimento

Quando a primeira imagem está constelada, dá-se ao cliente e aos representantes um pouco de tempo, para expor-se à imagem e deixá-la agir. Frequentemente, os representantes começam a reagir espontaneamente, por exemplo, começam a tremer ou a chorar ou abaixam a cabeça, respiram com dificuldade ou olham interessados ou apaixonados para alguém.

Alguns terapeutas perguntam depressa demais aos representantes como se sentem e dificultam ou interrompem assim esse processo. Quem interroga depressa demais os representantes usa isso facilmente como substituto para a própria percepção e, com isso, também faz com que os representantes se sintam inseguros.

Primeiro, o terapeuta deixa a imagem atuar também sobre si

mesmo. Frequentemente, vê imediatamente qual pessoa está mais carregada ou ameaçada. Se, por exemplo, essa pessoa foi colocada voltada para fora ou apartada dos outros, ele vê que ela quer ir embora ou morrer. Então, sem perguntar antes a alguém, ele precisa somente levá-la alguns passos mais na direção em que olha e observar o efeito que essa mudança provoca nela e nos outros representantes.

Ou quando todos os representantes olham na mesma direção, ele sabe imediatamente que em frente a eles deve estar uma pessoa que foi esquecida ou excluída, por exemplo, uma criança que morreu prematuramente ou um antigo noivo da mãe, morto na guerra. Então, pergunta ao cliente quem poderia ser e coloca a pessoa no quadro antes que qualquer dos representantes tenha dito algo.

Ou quando a mãe está rodeada por seus filhos de tal maneira que dá a impressão de que estes desejam impedi-la de ir, o terapeuta pergunta imediatamente ao cliente: o que aconteceu na família de origem da mãe que poderia explicar essa sucção? Então, primeiro procura um alívio e uma solução para a mãe antes de continuar a trabalhar com os outros representantes.

O terapeuta desenvolve, portanto, os próximos passos da constelação inicial e pede informações adicionais ao cliente para o próximo passo, sem fazer ou perguntar mais do que necessita para o mesmo. Assim, a constelação familiar mantém a sua concentração no essencial e sua especial densidade e tensão. Cada passo desnecessário, cada pergunta desnecessária, cada pessoa adicional não necessária para a solução diminui a tensão e desvia das pessoas e acontecimentos importantes.

Constelações condensadas

Às vezes, já é suficiente colocar somente dois representantes, por exemplo, uma mãe e o seu filho com Aids. Então o terapeuta nem necessita dar maiores instruções. Ele entrega os representantes aos sentimentos e movimentos que resultam do campo de força entre eles, entretanto, sem que eles digam algo nesse momento. Então, decorre um drama sem palavras, no qual não somente os sentimentos das pessoas envolvidas vêm à luz, mas também se origina um movimento que mostra quais passos ainda são possíveis e adequados para ambos.

O espaço

Aqui se mostra o efeito mais surpreendente da atitude e do procedimento fenomenológicos. A reserva concentrada do terapeuta e o grupo envolvido criam o espaço no qual relações e emaranhamentos vêm à luz e se movem em direção a uma solução, que faz com que os representantes pareçam ser movidos como por uma força poderosa que age de fora. Essa força se serve deles e deixa muitas hipóteses psicológicas e filosóficas usuais parecerem insuficientes e falhas.

A participação

Primeiro, fica demonstrado que existe obviamente um saber através de participação. Os representantes, em uma constelação, se comportam e sentem como as pessoas que representam, apesar de que nem eles ou ainda o terapeuta tenham informações prévias sobre as mesmas, que ultrapassem os fatos e acontecimentos externos mencionados anteriormente. Frequentemente, o cliente fica perplexo que os representantes se expressem da mesma maneira que ele conhece das pessoas reais ou que eles mostrem os mesmos sentimentos e sintomas que têm as pessoas reais. Isso permite concluir que também os verdadeiros membros da família possuam esse saber através de participação, assim sendo que nada que seja significante em sua família fica oculto de sua alma.

Há pouco tempo, uma conhecida relatou acerca de uma mulher, cujo pai era judeu, mas que havia ocultado isso de seus filhos, deixando também com que

todos fossem batizados. Ela soube isso através dele pouco antes de sua morte. Ao mesmo tempo, ficou sabendo também que seu pai havia tido ainda duas irmãs, que haviam morrido em um campo de concentração. Essa mulher tinha tido várias profissões, uma após a outra. Primeiro, foi camponesa e, então, havia restaurado móveis antigos antes de escolher a sua atual profissão terapêutica. Quando, então, investigou para saber mais sobre as condições de vida de suas falecidas tias, veio à luz que uma administrava uma fazenda e a outra uma loja de antiguidades. Sem saber disso, havia seguido ambas em suas profissões e assim havia se ligado a elas.

O campo de força

Isso continua sendo inexplicável. Rupert Sheldrake comprovou, através de muitas observações e experiências, que cachorros mostram, através de seu comportamento, que sentem imediatamente quando o seu dono ou sua dona ausente toma o caminho de casa e que também notam imediatamente quando a volta para casa se interrompe. Eles sentem isso, às vezes, até através de continentes. Portanto, deve existir um campo de força através do qual ambos estão diretamente ligados.

Os mortos

Nas constelações familiares, a partir do comportamento dos representantes e, com isso, também naturalmente a partir do comportamento e dos destinos dos verdadeiros membros da família, ainda fica claro que eles estão ligados a pessoas, que já morreram há muito tempo. Senão, como se pode explicar que em uma família, durante os últimos cem anos, três homens de diferentes gerações se suicidaram com vinte e sete anos no dia trinta e um de dezembro e que investigações mostraram que o primeiro marido da bisavó morreu com vinte e sete anos no dia trinta e um de dezembro e provavelmente tenha sido envenenado pela bisavó e seu futuro marido?

A alma

Aqui atua mais do que um campo de força. Aqui atua uma alma em comum, que não somente une os vivos, mas também os membros falecidos da família. Essa alma envolve somente certos membros da família e vemos, pelo alcance de sua ação, quais os membros que abarca e são colocados a seu serviço. Começando com os últimos, são eles:

1. os filhos, inclusive os natimortos e falecidos,
2. os pais e seus irmãos,
3. os avós,
4. às vezes ainda um ou outro dos bisavós e até antepassados ainda mais longínquos,
5. todos - e isso é especialmente significativo -, que cederam lugar em beneficio dos membros citados até agora, principalmente parceiros anteriores dos pais ou dos avós, e todos que através de sua desventura

ou morte fizeram com que a família tivesse vantagens ou benefícios,

6. As vítimas de violência ou assassinato através de antigos membros dessa família.

Sobre os últimos dois grupos desejo informar algo que somente foi trazido à luz através de experiências dos últimos tempos. Em constelações com descendentes de pessoas que acumularam grandes riquezas, chamou-me a atenção que os netos e bisnetos tinham maus destinos, que não eram compreensíveis somente a partir de acontecimentos no seio da família. Somente quando as vítimas, cuja morte ou desventura representaram o preço dessa riqueza, foram colocadas na constelação, veio à luz a extensão com que os seus destinos continuavam a atuar nessas famílias.

Exemplos para isso eram trabalhadores que morreram na construção de uma linha férrea ou em sondagens de petróleo, sem que a sua contribuição para a riqueza e a prosperidade de suas empresas tenha sido reconhecida.

Em muitas constelações com descendentes de assassinos, por exemplo, de membros da SS durante o Terceiro Reich, mostrou-se que os seus netos e bisnetos queriam deitar-se ao lado das vítimas e assim estavam extremamente ameaçados de suicídio.

A solução para os dois grupos foi a mesma. As vítimas têm de ser olhadas e reconhecidas por todos os membros da família. Todos eles têm que se curvar perante elas e manifestar o seu pesar. Depois disso, os vencedores e agressores originais têm de se deitar ao lado das vítimas e os demais membros da família têm de deixá-los ir para lá. Somente então os descendentes ficam desobrigados.

Aqui fica claro que estes membros da família se comportam como se tivessem uma alma em comum e como se tivessem sido tomados a serviço por uma instância superior em comum e como se essa instância servisse a certas ordens e perseguisse determinados objetivos.

O amor

Primeiro vemos que essa alma une os membros da família uns aos outros. Isso vai tão longe, que uma criança sente o anseio de seguir na morte o pai ou a mãe mortos prematuramente. Também pais ou avós querem, às

vezes, seguir na morte um filho ou neto falecido, e observamos esse anseio também entre parceiros. Quando um morre, frequentemente o outro também não quer mais viver.

O equilíbrio

Em segundo lugar, vemos que em uma família existe uma necessidade de equilíbrio entre ganho e perda através de gerações. Quer dizer, os ganhadores à custa de outros pagam com uma perda e assim equilibram. Ou, quando no caso dos ganhadores se trata de agressores, na maioria das vezes estes não pagam, quem paga são os seus descendentes. Esses são convocados pela alma da família a restaurar o equilíbrio em lugar de seus antepassados, frequentemente sem que tenham consciência disso.

A precedência dos anteriores

A alma da família dá primazia aos anteriores frente aos posteriores e isso é o terceiro movimento ou ordem seguida pela alma da família. Um posterior está disposto a morrer por um anterior quando acha que pode assim evitar a sua morte. Ou ele está disposto a expiar pela culpa pendente de um anterior. Ou uma filha representa a antiga mulher de seu pai e se comporta em relação ao pai como sua companheira e em relação à mãe como uma rival. Se a antiga companheira sofreu injustiça, então a filha mostra frente aos pais os sentimentos dessa mulher.

A completude

Aqui se torna visível também o quarto movimento ou ordem seguida pela alma da família. Ela dá atenção à completude da família e a restabelece, em substituição, com a ajuda de posteriores membros da mesma.

Aqui somente resumi sucintamente os movimentos da alma da família e as leis e ordens que ela segue. Eu os descrevo detalhadamente em meu livro *No centro sentimos leveza*, nos capítulos “Culpa e inocência nos sistemas”, “Os limites da consciência” e “Corpo e alma, vida e morte”, assim como em meu livro *Ordens do amor*, no capítulo “Céu e Terra”.

As soluções

A pergunta é: como é que o terapeuta encontra uma solução para os clientes? O que é aqui o procedimento fenomenológico?

Ele vai do próximo ao distante e do restrito ao amplo. Quer dizer, em vez de olhar somente para o cliente, o terapeuta olha também para a sua família e, em vez de olhar somente para o cliente e sua família, olha para além de ambos, para o campo de força e a alma que os envolve. Pois, sabe-se que o indivíduo e sua família estão envolvidos e ligados em um campo de força maior e em uma alma maior e que por eles são utilizados para além de si mesmos e tomados a serviço. Do mesmo modo que a compreensão do problema e as suas possíveis soluções frequentemente só resultam da ligação com algo sempre maior.

Portanto, se quero ajudar a alma do cliente, eu a vejo governada pela alma da família. Entretanto, se aqui também olhar apenas para o cliente e sua família, reconheço talvez as ordens e leis que levam aos emaranhamentos. Mas, só compreendo onde estão as soluções quando encontro um acesso para o campo de força e para as dimensões da alma que ultrapassam o indivíduo e sua família.

Essas dimensões da alma não podem ser influenciadas por nós, somente podemos nos abrir a elas. Pois, quando se trata do decisivo, a compreensão das imagens, frases e passos para a solução e a cura nos são presenteados por essa alma. O terapeuta se abre para a ação dessa grande alma através da total retração de sua intenção e pelo seu respeito por aquilo que ele talvez tema, inclusive o medo de fracassar. Então, de repente, chega-lhe uma imagem ou uma palavra ou uma frase que lhe permite o próximo passo. Entretanto, é sempre um passo no escuro. Somente no fim mostra-se que foi o passo certo, que reverte o perigo. Portanto, entramos em contato com essas dimensões da alma através da atitude fenomenológica. Isso quer dizer mais através do não-agir centrado do que através do agir.

Através de sua presença centrada, o terapeuta ajuda também o cliente a chegar a essa atitude e à compreensão e força daí decorrentes. Frequentemente o cliente não pode suportar essa compreensão e torna a se fechar a ela. O terapeuta também concorda com isso através de sua reserva. Também aqui não se deixa envolver no destino do cliente e de sua família, nem através de pretensão interna ou externa. Isso pode parecer duro, mas é consequência da experiência que cada uma dessas compreensões presenteadas dessa maneira é incompleta e temporária, tanto para o terapeuta como também para o cliente.

Para finalizar, retorno ao início, à diferença entre o caminho do conhecimento científico e fenomenológico. Eu a resumi, já há alguns anos, em uma história. Ela se chama:

Duas maneiras de saber

Um erudito perguntou a um sábio como as partes se unem em um todo e como o saber sobre as muitas partes se diferencia do saber sobre a plenitude.

O sábio respondeu:
"O disperso se une em um todo quando encontra seu centro
e atua concentrado.
Pois somente através de um centro, o muito torna-se essencial e efetivo,
e sua plenitude se nos revela então como simples, quase como pouco,
como força serena dirigida ao que se segue, que tem peso
e está contígua ao que sustenta.

Assim, para conhecer
ou transmitir a plenitude,
não preciso, portanto,
saber
dizer
ter
fazer
tudo em detalhe.

Quem deseja entrar na cidade, passa por uma única porta.

Quem dá uma badalada em um sino

faz retinir, com esse único tom, muitos outros.

E quem colhe a maçã madura não precisa averiguar a sua origem.

Ele a segura na mão e a come".

O erudito objetou: quem quer a verdade, tem que conhecer também todos os detalhes.

O sábio, porém, contestou.

Sabe-se muito somente sobre a verdade que nos foi legada. Verdade que

leva adiante é nova e ousada.

Pois ela contém seu fim

assim como uma semente a árvore.

Portanto, aquele que ainda hesita em agir, porque quer saber mais do que lhe permite o próximo passo, não aproveita o que atua.

Ele toma a moeda pela mercadoria, e transforma em lenha as árvores.

O erudito acha

que essa só pode ser uma parte da resposta e lhe pede

ainda um pouco mais.

Mas o sábio se recusa,

pois plenitude é, no princípio, como um barril de mosto: doce e turvo.

E precisa fermentação e tempo suficiente, até ficar claro.

Então, aquele que o sorve em vez de degustá-lo, passa a cambalear embriagado.

As constelações familiares e os movimentos da alma

Nota preliminar

A entrevista a seguir foi gravada em Washington D.C. As perguntas foram feitas por Harald Hohnen.[17]

Minha sugestão seria propor a você alguns assuntos e fazer algumas perguntas. Minha imagem é que muitos somente ligam você às constelações familiares e às ordens do amor. Com efeito, isso é ainda o conteúdo essencial do seu trabalho, mas para além disso também cresceu algo que traz à luz o significado dos "movimentos da alma ". Gostaria de conversar com você sobre isso e fazer perguntas sobre o estado momentâneo de suas experiências.

Acompanho você já há algum tempo. Se me recordo, às vezes você constela uma ou duas ou também três pessoas e não lhes diz absolutamente nada, de forma que essas pessoas podem se orientar totalmente de acordo com os seus movimentos internos. Eu me recordo aqui da constelação de um homem em Freiburg, cuja mulher estava em coma vigil e, nesse estado, havia dado à luz uma criança, Além disso, houve constelações semelhantes na Espanha.

Olhando para trás, como é que você descreveria a transição das constelações familiares para os movimentos da alma?

Antes de entrar em detalhes e falar dos movimentos da alma, desejo voltar ao que conduziu aos conhecimentos sobre as ordens do amor. Foram as compreensões sobre a consciência. A diferenciação entre a consciência pessoal sentida e a consciência coletiva inconsciente, portanto não sentida, facilita aqui o caminho. Quem não pode fazer essa diferenciação não entende o que acontece nas constelações familiares. Principalmente, não entende o que são soluções adequadas.

As ordens da consciência coletiva

Dentre os dois tipos de consciência, a consciência coletiva inconsciente é, evidentemente, a original, a arcaica. Por assim dizer, ela se originou antes que o indivíduo pudesse se diferenciar e seguir uma consciência pessoal. É a consciência [20] de um grupo. Esse grupo é mantido unido através de uma instancia em comum, que zela para que nessa coletividade sejam mantidas certas ordens, para que a violação dessas ordens seja expiada e assim tenta anular a violação ou, pelo menos, que sejam trazidos à memória aqueles que sofreram injustiça, fazendo com que seu destino seja repetido por outros.

Essa coletividade é claramente delimitada. Ela abarca os filhos, os pais, os irmãos dos pais, os avós, um ou outro dos bisavós e abarca aqueles que foram excluídos dessa coletividade, portanto, aqueles que não são lembrados. Estes são frequentemente os de morte prematura ou aqueles que foram expulsos por outros motivos, na maioria das vezes, por motivos morais. A esta coletividade pertencem também aqueles aos quais nos tornamos devedores de maneira especial e que excluímos, por exemplo, a primeira mulher de um homem. E também pertencem aqueles que excluímos porque fizeram algo aos membros de nossa família e com os quais estamos zangados, portanto, os agressores e, principalmente, os assassinos. Parece que essa consciência coletiva não admite que mesmo esses sejam excluídos.

Nesse último caso, não tenho certeza absoluta. Pode ser que a pertinência dos agressores venha à luz somente através dos movimentos

---

[20] Esta entrevista está à venda em vídeo sob o título "Bewegungen der Seele" (Movimentos da alma) em: Movements of the Soul - Video Productions. c/o Harald Hohnen, Uhlandstr. 161, 10719 - Berlim.

da alma e ainda não tenha a ver com as ordens da consciência coletiva. Entretanto, eu o menciono aqui, para que não seja esquecido.

Essa consciência coletiva cuida para que a coletividade, portanto, o sistema que dirige fique intacto e que ninguém seja excluído, ninguém seja expulso e que ninguém fique esquecido. Se isso acontecer, essa consciência coletiva escolhe então um outro membro dessa família, para que substitua esse membro excluído. Aqui atua uma compulsão coletiva de repetição, com a qual se tenta restaurar a perfeição, mesmo que na prática não tenha êxito dessa maneira. Aqui há, portanto, uma tentativa de compensação em andamento, para que ninguém dos que pertencem seja perdido.

Estranho é que essa consciência coletiva não diferencia entre o bom e o mau. As diferenciações morais que fazemos com a consciência pessoal são desconhecidas dessa consciência. Portanto, ela é pré-moral ou amoral, assim como quisermos denominar. Ela reconhece, de maneira especial, cada membro como igualmente importante. Naturalmente, com isso, é também uma grande consciência.

Essa consciência impõe uma hierarquia que nós, aliás, não conhecemos ou para a qual se perdeu o significado. Essa hierarquia está em conformidade com o tempo. Quer dizer que antigos membros têm precedência em relação àqueles que vêm mais tarde. Quando, portanto, um membro anterior é excluído, membros posteriores têm de substituí-lo. Com efeito, dessa maneira, exerce-se, em certo sentido, justiça perante os anteriores, mas não perante os posteriores. Os posteriores são sacrificados sem escrúpulos à justiça perante os anteriores. Todas as outras vítimas, por exemplo, nas religiões, estão relacionadas com o fato de que, para expiação de injustiça anterior, os posteriores são sacrificados. Evidentemente, os posteriores assim sacrificados serão, para aqueles que vêm depois deles, os anteriores. Se, por essa razão, o destino dos assim sacrificados causa medo a outros membros da família ou se ela os despreza, exclui ou esquece, também o seu destino será repetido por posteriores e, assim, também se rende justiça a eles, no sentido dessa consciência.

As ordens da consciência pessoal

Obviamente, mais tarde se desenvolveu a consciência, que agora

percebemos e sentimos como pessoal. Somos cientes dessa consciência. Nós a percebemos sentindo culpa e inocência. Através desses sentimentos opostos sentimos o que essa consciência exige de nós e também percebemos se somos conformes a essa consciência ou não. Se a seguimos, sentimo-nos inocentes, se não a seguimos, sentimo-nos culpados.

Nesse contexto, culpa e inocência são vivenciadas em múltiplas variações. Primeiro, com relação à pertinência, pois essa consciência cuida para que também continuemos pertencendo ao grupo ao qual pertencemos. Por um lado é, na verdade, um órgão do saber, com o qual notamos imediatamente se estamos ligados a esse grupo ou não.

Assim ela é comparável ao senso de equilíbrio. Este é também um sentido sapiente. Assim que seguimos esse sentido, sentimo-nos em equilíbrio e, quando não o seguimos, sentimos vertigens. Essa sensação nos obriga a recuperar o equilíbrio e reconquistar o nosso estado.

Todavia, ninguém dirá que o senso de equilíbrio é algo espiritual. Ele é algo físico, no mínimo tem a ver com o corpo. É algo instintivo, baseado em nossa natureza e nos possibilita manter o equilíbrio. O senso de equilíbrio também é próprio de outros seres vivos, mesmo das plantas.

O mesmo vale então para essa consciência. Frequentemente é espiritualizada, como se fosse a voz de Deus em nossa alma. Mas é somente um instinto com cuja ajuda percebemos instintivamente se pertencemos ou não. A pertinência depende de que entendamos o que é considerado importante no grupo e ao que devemos corresponder para que possamos pertencer. Por exemplo, temos para isso que adotar a crença desse grupo. Essa pode ser uma crença religiosa ou política ou, de qualquer modo, uma crença. Quem se dedica a essa crença e corresponde às suas exigências sente-se pertencente. E se sente inocente, independentemente do fato dessas exigências serem aceitáveis e sensatas, se olhadas objetivamente ou em um contexto amplo.

O sentimento de culpa que serve a essa função da consciência é vivenciado por nós como medo de perder a pertinência. É o sentimento de culpa que mais fortemente experimentamos, aliás, talvez até o sentimento mais forte. Ele nos obriga a mudar o nosso comportamento, para podermos assegurar ou recuperar a nossa pertinência. Nesse

contexto, a inocência é experimentada como o direito de podermos pertencer. Essa inocência é, talvez, o mais profundo sentimento de felicidade e é o fundamento dos piores emaranhamentos, porque devido à necessidade de pertinência, fazemos tudo, também aquilo que nos prejudica, para que possamos manter este sentimento.

Entretanto, para que possamos nos desenvolver, essa consciência e as funções de culpa e inocência têm de ser compreendidas. Portanto, é necessário um esclarecimento que desmascare a mistificação dessa consciência e nos possibilite sobrepujá-la.

Essa consciência pessoal vigia também o equilíbrio entre o dar e o tomar, isto é, a necessidade de compensação é uma necessidade da consciência. Quem dá, espera receber algo; quem recebe algo, sente-se no dever de dar algo. Essa necessidade de compensação possibilita e fomenta o intercâmbio em um grupo.

Em conexão com essa necessidade, a culpa é vivenciada como dever de dar, e inocência aqui é vivenciada como liberdade do dever ou como direito, depois que eu tenha dado algo a outrem.

Essa consciência também é importante com relação à ordem do convívio, mas aqui isso não me é tão significante, eu apenas o menciono.

Movimentos opostos das duas consciências

O desenvolvimento de nosso convívio, evidentemente, ainda não está concluído com o desenvolvimento da consciência coletiva e da consciência pessoal. Isso se mostra no fato de que essas duas consciências seguem objetivos opostos e que a sua harmonia está perturbada. Está perturbada, principalmente, porque não reconhecemos o que a consciência inconsciente exige de nós. Na verdade, isso só vem à luz através das constelações familiares. Somente quando entendemos as necessidades e as ordens dessa consciência podemos governar os movimentos da consciência coletiva de tal maneira que suas necessidades possam ser satisfeitas, sem que sejam causados danos aos que vêm mais tarde. Portanto, para que não seja feita justiça somente aos anteriores, mas também aos posteriores.

Por outro lado, às vezes, a consciência pessoal nos obriga a fazer algo que contradiz a consciência coletiva. Por exemplo, nos obriga a que,

por amor, assumamos algo para alguém que esteve lá antes, por exemplo, quando uma criança assume uma culpa por seus pais. Mas, porque isso contradiz a ordem de precedência e a hierarquia de acordo com o tempo, somos impulsionados pela consciência pessoal e fazemos algo que, mais tarde, será vingado em nós pela consciência coletiva inconsciente. Muita desventura se origina do antagonismo entre as duas consciências. Portanto, deve-se entender que tanto as necessidades da consciência consciente como também as necessidades da consciência coletiva, às vezes, agem contra uma solução, que é certa para todos e serve à felicidade de todos os envolvidos.

Quando entendemos isso, vemos que o caminho para soluções mais abrangentes exige de nós uma purificação e a ultrapassagem de limites tanto da consciência pessoal quanto da coletiva, mas de maneira que satisfaça e una as necessidades dessas duas consciências em plano mais elevado.

Os movimentos da alma

O movimento que nos possibilita escapar da pressão das duas consciências é um movimento da alma. Isto é, quando nos libertamos da pressão dessas duas consciências, sem desrespeitá-las, mas respeitando-as de maneira mais elevada que antes, algo em nós se põe em movimento, um movimento que conduz a soluções que ultrapassam, em muito, o que nossas consciências nos possibilitam e exigem.

Esses movimentos são, evidentemente, autônomos. Esses movimentos se põem em marcha tão logo as duas consciências tenham perdido o poder nos seus maus aspectos, principalmente quando estão desapoderadas no terapeuta, de forma que ele não tenha que segui-las, podendo-se abrir a contextos mais amplos. Esses movimentos conduzem a soluções que incluem os opostos e diferentes e os dignificam da mesma maneira, que dão lugar ao todo e a ele a posição adequada e, portanto, reconciliam o que antes parecia irreconciliável.

Experiências com os movimentos da alma

Talvez traga agora alguns exemplos desses movimentos da alma em conexão com as constelações familiares.

Onde começa o movimento da alma?

Desejo agora definir e descrever isso mais exatamente. O reconhecer dos movimentos da alma está estreitamente ligado às constelações familiares.

Lembro-me de como as constelações familiares eram praticadas no início e como ainda são praticadas agora por muitos: depois de ter sido constelada a família, o terapeuta perguntava a cada um dos representantes como se sentiam. Portanto, agindo para o próximo passo, orientava-se pelas informações dos representantes. Entretanto, através disso também se fazia dependente dos mesmos e não se encontrava totalmente voltado e recolhido em si mesmo. Quando os representantes eram bons, saía tudo bem. Frequentemente, entretanto, os representantes sentem a insegurança do terapeuta e fazem declarações para ajudar. Então, a constelação perde a direção e, talvez, termine em caos. Por conseguinte, a pergunta é: o que poderia ajudar aqui?

Quando um terapeuta constela uma família, o primeiro passo seria olhar para a imagem inicial e deixá-la agir sobre si. Deixando agir assim sobre si mesmo, pode sentir qual seria o próximo passo importante, sem que tenha que perguntar aos representantes.

Entretanto, isso ainda deve ser precedido por algo, isto é, não se pode constelar qualquer família. Portanto, não se pode seguir o que um cliente denomina ser seu problema e ao que sugere como solução. Já começa que o terapeuta não se deixe levar pelas informações do cliente, mas sim observe outra coisa que lhe possibilite decidir se é certo constelar a família ou não. E também para decidir que membros da família constelam ou não.

Aqui é decisivo que eu perceba onde se localiza a força. Quando se escuta como um cliente descreve o que aconteceu em sua família, pode-se testar em si mesmo quanta força existe em cada indivíduo que ele denomina, quanta energia e força tem. As pessoas que quando mencionadas irradiam a maior força são aquelas com quem se trabalha. Elas serão escolhidas para a constelação. Se, por exemplo, um cliente diz que a sua mãe morreu prematuramente, talvez se sinta que o problema é do cliente e sua mãe. Então, constelo somente o cliente e a mãe. Através disso, faz-se de antemão uma seleção e, assim, a constelação fica condensada ao essencial, àquilo que tem força. Agora, se o cliente só colocou representantes para si e sua mãe, observo, sem perguntar a ninguém ou mesmo dizer algo, quais movimentos se verificam entre os

dois. Se a mãe olha para outro lado e para o chão, então suponho imediatamente que olha para alguém que morreu, talvez para uma criança anterior. Quando a pergunta confirma que algo assim aconteceu, faço com que um representante para essa criança se deite no chão, lá para onde a mãe olha. Portanto, do olhar da mãe resulta o próximo passo. Assim se desenrola uma constelação, do pouco para o mais, mas nunca para mais do que o necessário.

Você acaba de dizer que você observa como eles se movem. Esses já são movimentos da alma?

Já são movimentos da alma.

Quando se observa você durante o trabalho, às vezes você corrige os movimentos ou, às vezes, você já vê os movimentos, antes que o representante ceda a eles.

Frequentemente ele mostra para onde o movimento quer ir. Ele faz, por exemplo, um movimento com a mão, as mãos se movem um pouco para frente. Isso mostraria que quer ir para frente. Mas, talvez, ele vá para trás. Entretanto, eu já vi antes para onde o movimento da alma quer ir e, então, corrijo-o correspondentemente. O movimento mostrado originalmente leva adiante na constelação. Se eu permitisse o outro movimento, a constelação perderia a sua direção ou a encontraria outra vez, somente indiretamente.

Portanto, você presta atenção aos primeiros movimentos que se mostram.

Sim, principalmente também para o movimento dos olhos. Se, como no exemplo da constelação da mãe e filho, a mãe não olha para o filho, senão para outro lugar, então lá está faltando alguém. Ou se o filho olha para outro lugar, eu também o vejo. Quando se fazem essas observações, sente-se se um movimento leva adiante e se tem força ou não.

Exemplo: Mulher doente de câncer

Eu relembro a constelação com uma mulher doente de câncer, que tinha medo de morrer. Constelei a morte e a cliente frente à mesma. Ela não ousava olhar para a morte e, quando eu a exortei a olhar para a mesma, ela olhou para outro lado. Então, caiu para trás e ficou bem claro: foi um movimento como se origina quando nos negamos a encarar morte. Era claramente um movimento para fora de uma solução. Outros queriam ajudá-la imediatamente, porque pensavam que seria importante para ela.

Mas não era importante. Foi importante que tornasse a levantar e olhasse a morte nos olhos.

É esse o movimento da alma, tornar a se levantar e encarar a morte? E como você distingue isso do movimento da mulher que caiu para trás?

O cair para trás era puro medo, portanto, uma resistência ao movimento da alma. Entretanto, o verdadeiro movimento da alma não era que olhasse a morte nos olhos, isso era só o começo. Somente depois que ela olhou a morte nos olhos começou o movimento da alma. Ela se ajoelhou lentamente, abraçou os pés da morte e se deitou no chão junto a ela. Ali ela estava em harmonia com a morte e em paz. Esse foi o verdadeiro movimento da alma. Portanto, ele ultrapassou em muito o outro.

Quem apenas perguntasse: como se sente? Quem nessa situação interrogasse dessa maneira a morte, a ele escapariam esses leves movimentos da alma.

Quando se observa você nesse trabalho, a linguagem, as palavras têm sempre menos espaço.

Quando começa o movimento da alma, no fundo não se necessita dizer mais nada.

Exemplo: Israelitas e palestinos

Aqui ainda tenho em mente uma outra constelação. Em um curso em São Francisco estava presente um jovem homem judeu, que queria rodar um documentário sobre crianças israelitas e crianças palestinas. Ele havia notado, nos últimos meses, que tudo se desmoronava, que não conseguia fazer mais nada. Eu disse a ele: “Eu vou mostrar a você porque esse filme não poderá ser rodado”. Eu o convidei a constelar representantes para duas crianças israelitas e para duas crianças palestinas. Do conhecimento das relações nas famílias, sabe-se que aqui crianças nunca fariam o que os pais não permitem. Portanto, trabalhar somente com as crianças seria menosprezar as ordens que aqui estão em jogo. Por isso, coloquei os pais dessas crianças, portanto, para cada duas crianças um casal. Eu os coloquei junto às crianças e os genitores israelitas e palestinos estavam frente a frente.

O pai israelita olhava sempre para o chão e estava claro que alguém tinha que ir para lá. Ele olhava para alguém com quem tinha um

relacionamento importante. Por isso, escolhi um homem e pedi que se deitasse de costas no chão, lá entre os dois casais. O homem israelita estava muito comovido, olhou muito tempo para ele e, então, se ajoelhou e se deitou ao seu lado. Ali se acalmou e ficou em paz. Durante toda a constelação não foi dita uma palavra. Nesse momento encerrei a constelação e tampouco esclareci algo, porque o essencial estava claro.

Tampouco, por exemplo, quem era esse homem que foi colocado deitado no chão? Nesse sentido, nem isso era importante?

Estava bem claro que era uma pessoa assassinada, portanto, alguém que tinha sido assassinado por esse pai israelita ou morrido na guerra. Com isso ficou claro que não seria possível rodar um filme sobre crianças israelitas e crianças palestinas, antes que os pais tenham olhado para o que não está solucionado e expiado entre eles.

Nesse caso e, às vezes, em outros vivendo como os clientes primeiro ficam desorientados na superfície, achando não ter recebido uma resposta clara à sua pergunta. E que somente horas mais tarde, às vezes dias mais tarde e às vezes muito mais tarde se desenvolve um processo. Isso contradiz a muitos que procuram por uma solução rápida e também que querem alcançar soluções rápidas através das constelações familiares.

Exemplo: Mulher com compulsão alimentar

Tivemos em Santa Bárbara, uma mulher que pesava uns 150 kg. Primeiro disse a ela: “Quem junta tanto peso, come, consome, por assim dizer, a mãe rejeitada”. Então, pedimos que constelasse a mãe e a si mesma. A mãe se encontrava virada para um lado e olhava para frente. A filha se encontrava ao lado atrás dela, mas também virada para outro lado. Eu olhei para a mãe, para ver se fazia algum movimento, mas ela não se moveu absolutamente. Entretanto, estava bem claro para mim que ela queria cair para trás. Coloquei-me atrás dela para que não acontecesse nada. Ela caiu para trás e se desviou lateralmente da filha. Então, virei a representante da filha para que olhasse para a sua mãe. Ela não sentia amor algum pela mãe e não podia nem queria ir para ela. Nesse ponto interrompi a constelação. Eu havia mostrado à cliente a razão que estava por trás de sua compulsão alimentar, evidentemente sem alcançar uma solução.

A terapeuta dessa cliente queria consolá-la imediatamente e

estava zangada comigo. Ela disse que eu não havia trabalhado direito com a cliente. Entretanto, não vacilei e confiei essa cliente ao movimento de sua alma. Aconselhei à terapeuta para esperar se, talvez mais tarde, ainda viesse a acontecer algo curativo. Alguns dias mais tarde, ela veio a um outro curso e relatou-me que a cliente agora tinha me entendido.

Portanto, a coragem de confiar nos movimentos da alma para além da constelação é inerente ao trabalho.

Nesse sentido, os movimentos da alma não estão completos nesse trabalho. Está certo?

Exatamente. Eles são sempre movimentos iniciais e, então, seguem adiante.

Os mortos

Nesse contexto quero olhar se podemos dar mais um passo. Algumas vezes, você disse em cursos que procura por uma fórmula geral para soluções e para intervenções terapêuticas para dissolver emaranhamentos. Isso tem também algo a ver com isso?

Tem, sim. Fórmula geral quer dizer aqui que encontramos soluções sem que tenhamos que saber todos os detalhes do passado. A isso que aí experimento - ainda está longe de ser concluído - pertence a questão: o que acontece quando se colocam à vista os mortos da família? Como se entra em contato com eles? O que vem deles ao nosso encontro? O que vem deles como força ou bênção, para que possamos nos liberar deles e eles de nós? Então eles têm a sua paz e, com a sua bênção, estamos livres. Essa foi a primeira ideia que tive.

Exemplo: Mulher que morreu no puerpério

Entretanto, agora se verificou que muitos mortos são hostis aos vivos, assim como se ainda esperassem algo, como se ainda tivesse que acontecer algo. Assim, tentam atrair os vivos para si na morte. Foi impressionante em uma constelação na Itália.

Um médico, que tinha câncer, contou que sua irmã e sua mãe haviam morrido de câncer e que ainda tinha uma irmã. A mãe da mãe tinha morrido no puerpério, na época do nascimento da mãe. Tentei, de acordo com o conhecimento que tinha até então, assim como descrevi também em *Ordens do Amor*, fazer com que a avó olhasse ternamente para

a sua filha e a abençoasse para que ficasse em vida. Mas a representante da avó queria que a filha fosse para ela. Ela queria realmente puxá-la para si.

Então, coloquei a filha para o lado, para que os netos ficassem em frente à avó. A avó quis também puxar os netos para si na morte. Todas as tentativas de convencê-la de que estava morta, e que os outros ainda viviam e que ela puxava os vivos para si na morte não puderam persuadi-la a concordar em deixar os seus netos em vida. Aqui estava claro que existe também um movimento hostil à vida dos mortos para os vivos. Isso esclareceria porque muitos vivos têm medo dos mortos, que temem que os mortos não lhes sejam apenas benévolos, senão também hostis. Não hostis no sentimento, mas no sentido de que têm a necessidade de trazer para si os vivos, assim como se ainda vivessem.

A solução nesse caso foi que eu virei a avó para que olhasse para os mortos, deixando os vivos e que assim se tornasse consciente de que estava morta. Nesse momento, a sua filha pôde se voltar para os seus filhos. Então, ainda coloquei ao seu lado o seu marido. Em seguida, os filhos formaram um círculo, se abraçaram e, de repente, sentiram que agora podiam viver.

Portanto, esses movimentos devem ser mantidos em vista. Estou consciente de que para muitos isso parece estranho e que acham que poderiam levantar objeções contra tais movimentos ou observações, com razões baseadas em outros contextos. Porém, quem o faz não pode ajudar aqui.

Exemplo: Indígena cuja irmã tinha tido um acidente fatal

Observei que em constelações, às vezes, você gira as cabeças dos representantes para os mortos, para os outros mortos de gerações passadas. Também observei que você, às vezes, cerra os olhos dos representantes dos mortos ou pede para fechá-los e ainda que você coloca os mortos sob a custódia e nos braços de seus pais.

Para deixar bem claro, aqui se trata sempre de representantes de mortos, que se encontram quase sempre deitados no chão. Agora, tivemos o caso de uma indígena que dizia que a sua irmã havia morrido em um acidente e que a sua filhinha queria ir para essa tia no céu. A filha, por assim dizer, era atraída pela tia. Curiosamente, ainda outros dois membros da família

e ainda uma outra pessoa haviam sofrido um acidente fatal no mesmo lugar onde aconteceu o mencionado acidente. Isso mostra que, às vezes, também algo que atrai desgraças fica presente em um lugar, se não for feito nada que aplaque o que é hostil à vida.

Na constelação, os representantes dos quatro mortos se encontravam deitados no chão lado a lado. Essa tia, a irmã da indígena, tinha os olhos abertos e olhava para os vivos. Por experiência, aqui existe uma solução quando se viram os mortos para o lado oposto aos vivos, principalmente, quando se vira a sua cabeça para o lado oposto aos vivos, de forma que olhem para os outros mortos à sua frente. Aqui foi assim: logo que a cabeça da representante dessa tia foi virada para o lado oposto aos vivos, ela fechou os olhos. Nesse sentido estava, então, reconciliada com a sua morte. Depois, a sua sobrinha pôde desviar os olhos de sua tia, pôde deixá-la com os mortos e dedicar-se novamente à vida. Mas isso, naturalmente, teve que ser feito primeiro pela sua mãe, portanto, pela irmã dessa mulher vítima do acidente, pois no fundo ela queria segui-la, e a criança somente queria fazê-lo em seu lugar.

Às vezes, quando se quer fechar os olhos dos mortos se, por exemplo, os pais querem fechar os olhos de seus filhos mortos, estes não o fazem. Eles os abrem novamente. Vê-se que algo ainda não está solucionado. Então, procura-se o que ainda deve ser solucionado. Quando se observam atentamente esses movimentos, talvez se encontre essa solução.

Aqui se trata, evidentemente, de uma intervenção no reino dos mortos. Um terapeuta pode e tem permissão de fazê-lo, quando o faz sem presunção, a serviço tanto dos vivos como dos mortos e quando depois - e isso é muito importante -, se retira imediatamente. Não se pode ficar nesse âmbito. Não é bom para a pessoa.

Os antepassados

Quer dizer que você não se confia aos mortos?

Bem, eu me confio aos mortos de minha família. Eu os sinto atrás de mim como uma intensa força. Em uma constelação familiar, quando se coloca atrás de alguém seus antepassados paternos e maternos, fazendo-o respirar profundamente, pode- se ver que se transfere muita força a ele e curiosamente também calor. Então, muitos ficam bem quentes. Este é um

movimento benéfico dos mortos para os vivos. Muitas soluções só são possíveis quando não olhamos somente para a família direta, mas quando os indivíduos recebem a força para a solução através da bênção dos antepassados.

A morte

Quer dizer que você se confia à morte?

Em qualquer das hipóteses, à morte. Quem tem medo da morte não pode fazer esse trabalho. Quem não pode acompanhar, quando é necessário ao indivíduo, olhar a morte nos olhos, onde também é necessário reconhecer que o seu tempo passou, não pode fazer esse trabalho. Ele próprio tem que estar familiarizado com a morte, no sentido de respeito profundo e segurança. A morte é um emissário de algo grande, que ama.

Você disse nesse contexto: a morte nunca chega antes do tempo.

Sim, e vem sempre oportunamente. Isso também é inerente, pois, se origina muita confusão nas constelações e, aliás, na terapia quando atribuímos a morte de uma pessoa a uma outra pessoa, por exemplo, a um assassino e, então, estamos zangados com essa pessoa. Entretanto, muitas constelações mostraram que os mortos ou os assassinados, em geral, não veem assim. Eles ficaram sabendo que a morte está em outras mãos, de algo maior, e podem, então, aceitá-la sem que se sintam tratados injustamente e sem que sintam que morreram precocemente.

Exemplo: O medo da morte

Quando você coloca a morte nas constelações, às vezes isso se modifica. Então você diz que a morte verdadeira sempre olha, na verdade, para o seu mestre e não se move.

Não é bem assim. Em todo caso, quando a morte é constelada, verifica-se frequentemente, que alguém vê uma pessoa como a morte. Em um curso na Itália, uma mulher tinha um medo terrível de que os seus filhos pudessem morrer e que ela mesma pudesse morrer. Então, constelamos ela, seus filhos e a morte. O representante da morte sentou-se imediatamente no chão. Portanto, de repente, era uma criança.

Eu perguntei à mulher o que havia acontecido em sua família de origem. Ela disse que a sua mãe tinha abortado nove crianças e se vangloriava disso. Então, sentamos as nove crianças, entre elas também

o representante da morte, e colocamos a mãe atrás. A mãe estava profundamente comovida e se sentou junto às suas crianças abortadas. Ali encontrou paz.

Portanto, estava bem claro: aqui o medo da morte era o medo da mãe que havia abortado tantas crianças. Quando se constela a morte, às vezes, vem à luz algo oculto. Então, essa morte não é a verdadeira morte.

Às vezes, constelo também a verdadeira morte. A morte verdadeira é, via-de-regra, imóvel. Ela simplesmente fica no seu lugar, está bem claro, imóvel. E às vezes olha ao longe para o seu mestre, como você disse bem adequadamente. Naturalmente, isso varia também. Não se deve fixar tão exatamente. Mas, essa diferenciação é importante, que quando se constela a morte, deve-se ver no movimento se algo se desenvolve independentemente dela e que deva ainda ser solucionado primeiro.

O futuro

O que ainda observei é que você, no final do trabalho, cada vez mais frequentemente, faz com que os clientes se virem para o outro lado. Por assim dizer, eles olham para o futuro.

Justamente, quando se trabalha com os mortos, no fim é importante que os vivos se curvem ainda uma vez perante eles. Mas, quando os mortos encontraram a sua paz, não se deve ficar com eles. Então, a gente se retira, portanto, vai um pouco para trás, se vira e olha para o futuro. Esse é um movimento importante. Na verdade, é um movimento fundamental para soluções. Depois que algo está solucionado, deve-se deixá-lo para trás e, estando livre, olhar para frente para o próprio futuro.

Também quando filhos reencontram e reconhecem seus pais, nos últimos tempos, vivenciei que você, depois desse passo, faz com que os filhos se afastem dos pais indo para diante.

Na boa solução os pais se encontram atrás dos filhos que, deixando-os, se dirigem para o próprio futuro. Então, os pais se sentem bem. Isso não quer dizer que foi cortado o relacionamento com os pais, não mesmo. Mas justamente quando o movimento é para adiante, os pais se sentem realizados, porque veem que cumpriram o seu dever e encerraram o seu trabalho e os filhos seguem o seu próprio caminho. Entretanto, ficam

ligados a eles.

Esse movimento de partida significa também que eu não devo ter em vista o passado. Que devo esquecê-lo e não lembrar mais dele.

É necessária uma disciplina interna para realizar esse movimento para adiante. Ele implica esquecer. Esquecer no sentido: deixo o solucionado para trás.

Ajudar e resolver

Introdução

Ajudar é uma arte sublime. Este capítulo mostra como podemos ajudar em harmonia com a realidade e onde devemos nos conter, para que ao ajudar não nos excedamos.

Exemplos de como se pode ajudar facilmente e rapidamente, encontram- se nos livros O essencial é simples - Terapias breves; Finden was wirkt [21] ; Religion, Psychotherapie, Seelsorge [22] *exemplos mais detalhados em:* Ordens do amor *e em outras documentações de cursos.*

---

[21] Encontrar o que atua (NT)
[22] Religião, psicoterapia, assistência religiosa (NT)

Soluções sem problemas

HELLINGER Alguns tratam um problema como se ele fosse a causa para sua solução. Entretanto, para uma solução, não necessito de um problema. Se me ocupo de um problema de alguém, tanto ele como eu perdemos energia e então falta a força para agir. Portanto, é melhor esquecer o problema e olhar para a solução.

para uma cliente Contarei a você um segredo sobre soluções.

CLIENTE Muito bem.

HELLINGER Para soluções não se necessita de problemas. Entretanto, você associa a solução com o conhecimento de um problema.

CLIENTE Pode dizer isso outra vez?

HELLINGER Você associa a solução com o conhecimento de um problema. O problema é sempre um obstáculo para a solução. Na verdade, isso está claro. Se agora eu for examinar o problema, então construo obstáculos para a solução.

CLIENTE Posso entender.

Intuição e solução

Nesse contexto, quero revelar ainda um segredo. Intuição só atua se eu olhar para a solução. Quem olha para o problema restringe a sua visão. Ele observa detalhes e o todo se lhe escapa. Quem olha para a solução tem sempre o todo em vista e vê, nesse contexto maior, a solução. Ela acena para você de algum lugar e, então, vai- se imediatamente em sua direção.

Soluções seguem o amor

Um problema se origina ali onde alguém ama. Portanto, só posso entendê-lo e também entender o seu problema quando encontrar o lugar onde se mostra o seu amor.

Por isso, a solução tem que agir juntamente com a própria força que causou o problema, pois ela se serve do mesmo amor que conduziu ao mesmo.

Dá-se a esse amor somente uma outra direção, uma direção mais benéfica, mais feliz de fato para todos os envolvidos. Isto é, eu mostro a alguém como pode amar ainda melhor e que na solução o amor se mostra mais radiante do que no agarrar-se ao problema.

Portanto, esse é todo o segredo da psicoterapia. No entanto, é preciso ver o amor e a solução, não se pode fantasiá-los. Ela precisa estar de acordo. Por isso, ela precisa ser precedida por uma percepção. Nesse caminho, às vezes, alguém pode se enganar. Mas não faz mal, enquanto se tiver o objetivo frente aos olhos e o amor.

A descrição de um problema o mantém

Quando alguém tem um problema ou uma doença, depois de algum tempo, ele a descreve sempre da mesma maneira. Essa descrição e a descrição interna fazem com que seja quase impossível que o problema se solucione, pois a descrição do problema serve para a sua manutenção. O primeiro passo em direção à solução seria afastar-se da costumeira descrição.

Desvios servem à solução

Não trabalho com ideias e conceitos fixos. Eles não correspondem ao fluxo da vida. Existem certas ordens que podem ser observadas. Ao mesmo tempo, existem sempre desvios das mesmas. Quando nos fixamos a um conceito ou uma ideia, por exemplo, uma ideia de como se parece a ordem original, então pode também falhar. Por isso, afasto-me sempre mais desses conceitos fixos. Tento entender uma situação e colocar algo em funcionamento. Mas não sei concretamente o que se passa num cliente. Para mim, isso fica totalmente em aberto. Não tenho uma imagem do resultado de uma coisa.

Os limites das ações de ajuda

Quando se está diante de uma pessoa difícil, ajuda quando se imagina que ela tenha quatro anos de idade e a situação em que se encontrava essa criança de quatro anos, que assim se desenvolveu, como se apresenta agora como adulto à sua frente. Então, quase sempre se tem compaixão e entende-se, de repente, porque essa pessoa se comporta assim. Esse é um bom acesso.

Em segundo lugar, necessita-se de confiar na própria alma, de que ela procure e encontre o caminho da solução. Então, seguimos a própria alma, unimo-nos internamente a uma boa força e sentimos onde existem caminhos para soluções. Às vezes a alma sinaliza: “Pare!” Então nos detemos e esperamos.

Quando uma pessoa me pede para ajudá-la, primeiro examino se ela ainda tem futuro. Frequentemente, pede-me um conselho e uma ajuda e nota-se que está chegando ao fim. Ela chegou a seu limite e não tem mais futuro. Então, olho junto com ela para o limite e para o que ainda está entre ela e o mesmo e a ajudo a preencher o que ainda lhe resta. Nada mais. Portar-se como se ela ainda tivesse muito à sua frente seria trapaça.

Em outros, nota-se que ainda têm muito pela frente. Só existem certos obstáculos nos quais ficam presos. Por exemplo, um movimento amoroso precocemente interrompido os impede de seguir adiante. Então, volto com eles para o lugar e para a época onde esse movimento importante foi interrompido e realizo com eles o que ainda está por resolver. Ou vou buscar lá com eles o que deixaram para trás e agora podem e têm permissão para retomar. Depois, podem seguir sozinhos.

Entretanto, não se pode demorar muito no passado, senão o futuro é sacrificado ao passado. O trabalho no passado tem que estar em justa relação à brevidade da vida. Se para pôr em dia o passado se ocupa 80% da vida, então isso é desproporcional. A vida segue sempre adiante e continua. Somente quando no passado existe um obstáculo e algo ainda por resolver retorno com a pessoa para lá, resolvo tão rápido quanto possível e imediatamente torno a olhar com ela para frente.

Outros chegam a um limite porque estão no caminho errado. Há muito tempo decidiram desviar-se e dirigir-se para outro caminho que se evidenciou como o errado. Então, a solução seria que retornassem ao ponto onde se desviaram que, portanto, retornem todo o caminho errado e no cruzamento iniciem outra vez o verdadeiro caminho a seguir. Entretanto, quando alguém esteve muito tempo no caminho errado, via-de-regra não retorna. Então, é como se tivesse chegado a um limite e tem-se que respeitá-lo.

Frequentemente, alguém que está em uma fronteira não passa para o outro lado e eu também não posso ir com ele para o outro lado.

Então, espero com ele na fronteira e olho se do outro lado existe uma indicação ou um sinal. Ou se na pessoa se concentra uma força que possibilita o passo para além da fronteira. Então, talvez ainda vá buscar no passado, como ajuda, alguém importante que auxilie essa pessoa. Frequentemente, é alguém que era temido, pois os grandes tesouros são vigiados pelo mais maldoso dos anões. Portanto, muitas vezes é justamente a pessoa que em uma família foi a mais desdenhada a que preserva os mais preciosos tesouros e os presenteia quando é reconhecida.

Quando trabalho com um cliente na terapia, faço-me algumas perguntas.

Uma pergunta que me faço é: quanto tem ainda à sua frente? Quando vejo que só tem pouco à sua frente, então o ajudo para que encare o fim. Nada mais. Isso é adequado à situação. Então, o grave vem do fim.

Ou me pergunto: ele ainda tem um caminho à sua frente, mas foi detido? O que o detém? Existe um obstáculo que deve ser removido para que o seu caminho fique desimpedido? Então procuro por esse obstáculo, por exemplo, através de uma constelação familiar. Se deparo com um emaranhamento, desfaço- o para ele.

Uma outra pergunta é: abandonou algo no passado que ainda tem que ir buscar para que possa continuar? Talvez necessite da bênção dos pais ou um movimento amoroso interrompido deve chegar a seu objetivo, para que algo seja colocado em ordem e ele possa retomar o que deve fazer.

Uma terceira pergunta, que me faço é: está num caminho errado? Seguiu um caminho que o desvia de sua alma, de suas necessidades e de sua conduta? Então, volto com ele ao lugar onde se desviou, para que ele, partindo desse lugar, possa recomeçar no outro caminho. Evidentemente, quando alguém ficou tempo suficientemente longo no caminho errado já não o percorre de volta. Então, é assim como se estivesse no fim. Isso tem que ser reconhecido.

PARTICIPANTE Pessoas que estiveram por longo tempo no caminho errado, às vezes, experimentam um profundo abalo na vida, por exemplo, devido a um acidente, uma doença grave, através de uma separação. Então, chegam às margens da existência e, de algum modo, tornam-se sensatas. Na terapia você vê uma possibilidade de conduzi-las até às

margens da existência ou a ter o fim ao alcance dos olhos?

HELLINGER Se o entendi bem, o acidente nessa situação é um sinal de advertência. Isso me recorda o profeta *Balaão* no Velho Testamento. Ele cavalgava em seu burrico para, contra a ordem de Deus, abençoar um povo que, na verdade, devia amaldiçoar. É que havia recebido dinheiro deles. Por assim dizer, tinham pagado adiantado a terapia. Então, ele cavalgava seu burrico ao longo de uma escarpa quando, de repente, o burrico não quis mais seguir andando. Balaão o surrou, mas mesmo assim o burrico continuava não querendo prosseguir. Balaão o surrou novamente. Então, o burrico virou a cabeça para ele e disse: "Você não está vendo o anjo de Deus com a espada?" Somente então Balaão olhou para frente e viu o anjo com a espada. Por assim dizer, assim foi detido em seu caminho errado.

Isso, às vezes, também acontece conosco. Então, dá-se um abalo ou nos encontramos num beco sem saída. Talvez fiquemos doentes ou soframos um colapso e poder-se-ia dizer que, assim, somos trazidos de volta à sensatez.

Se tenho alguém assim na terapia - e isso também faço comigo mesmo - volto, então, ao ponto onde me desviei. Ou então tenho que tomar uma outra direção, a partir do ponto onde me encontro agora. Isso também existe. Assim, ajudo o outro a caminhar nessa outra direção. Nesse caso, a desventura também é uma bênção.

PARTICIPANTE Quando você vê que alguém está no caminho errado vê uma possibilidade de mostrar-lhe, praticamente, o anjo com a espada, sem censura, com meios terapêuticos?

HELLINGER E faço isso, naturalmente, e também o fiz justamente aqui. Mas, para traumas muito grandes, às vezes é preciso dar um safanão.

Há pouco tempo, um médico contou num congresso que tinha ido andar de bicicleta com sua mulher e dois filhos, quando alguém os atropelou com um Porsche em alta velocidade. Ele foi procurar pelas vítimas e encontrou somente os corpos despedaçados de sua mulher e de um filho. Ele mesmo e o outro filho sobreviveram ilesos. Era incrivelmente difícil ver como esse homem estava completamente petrificado em sua dor. Então, constelei a família, inclusive o responsável pelo atropelamento. De um lado, estava ele, a sua mulher e seus filhos e

o responsável estava à parte. O homem sentia uma raiva enorme em relação a ele. Entretanto, essa raiva impede que se veja o verdadeiro acontecimento, que se olhe a morte nos olhos.

Então, fiz com que ele olhasse outra vez para a sua mulher e para o filho morto e para o acontecimento. Depois, coloquei o filho sobrevivente a seu lado e pedi que dissesse à sua mulher e à criança falecida que ele os deixava ir com amor e que ficava em vida com a outra criança. Assim, ele encontrou a força para continuar vivendo. De repente, ficou claro que o responsável não tinha mais nenhum significado.

Isso seria uma situação na qual a gente dá um safanão em alguém. Mas foi preciso chegar realmente à seriedade total, e que ele olhasse os mortos e a morte nos olhos. Só então sentiu a profunda dor que liberta. A acusação ao culpado e a raiva ou a autocompaixão coíbem essa dor e, assim, a solução curativa.

Quando trabalho como terapeuta, às vezes, vejo que alguém está à frente de um obstáculo que deve sobrepujar para que possa continuar. Então eu, como terapeuta, sou chamado a ajudá-lo a sobrepujá-lo. Através de uma constelação familiar, por exemplo, encontro então para ele uma solução.

Entretanto, às vezes alguém se encontra no caminho errado ou em um beco sem saída. Então, talvez seja chamado a reconduzi-lo para onde o caminho continua para ele. Eu vi que, às vezes, alguém se desvia, em um certo ponto, da verdade de sua alma e de um movimento interno que sua alma, na verdade, indica. Desse modo, ele chega ao caminho errado. Se esteve por longo tempo no caminho errado, não volta. Mas, se posso, reconduzo-o ao ponto do desvio. Lá ele recomeça outra vez. Alguns insistem no caminho errado e querem que os ajude. Isso eu não faço. Quando noto que alguém quer me levar a isso, que o acompanhe no caminho errado, interrompo. Para começar, devido à minha lealdade interna, não o faço.

Então, vejo que existem pessoas que não viverão por muito tempo. Para elas, a vida está consumada.

HELLINGER *para um cliente, com o qual havia trabalhado anteriormente* Não que tenha visto isso assim em você. Em você, vi que ainda tem tempo. Mas você está em paz. Nesse sentido, o tempo está preenchido.

Mas, às vezes, vejo também que alguém tem somente pouquíssimo tempo e, apesar disso, quer fazer comigo uma constelação familiar ou, então, tudo o que é possível. Isso não faço. Eu o ponho então em contato com o fim. Em contato com ele, preenche o seu tempo com grande serenidade.

Olhar para o tempo que resta

Quando trabalho com alguém, faço uma imagem de quanto tempo ainda tem para viver. Se o tempo é limitado, me pergunto: tem sentido ir ao passado? Traz alguma coisa? Ou quando alguém ainda quer resolver algo no passado, a atenção é deslocada do real, ou seja, do fim iminente para algo secundário? O terapeuta é facilmente tentado a ainda fazer algo, porque é realmente difícil expor-se ao fim com o cliente. Frequentemente, quando alguém tem uma doença grave, é necessário olhar para o fim e ver o que é bom e essencial para ele no tempo que lhe resta.

Em harmonia com a morte

O terapeuta está em harmonia com a morte. Quando está em harmonia com a morte tem a maior força, pois então não tem temor. Quem está em harmonia com a morte tampouco pode ter temor, e isso lhe dá força. Entretanto, justamente quando se está em harmonia com a morte e não se quer ajudar mais existe ainda uma possibilidade. Mas não através de intervenção, e sim, através do não agir, através do não agir atento e concentrado. Um terapeuta que está em harmonia com a morte não é manipulável. Isso também é importante.

Vínculo e progresso

Quero dizer algo sobre o vínculo. Muita desventura está enraizada em vínculos. A criança está vinculada profundamente à sua família e, na verdade, não somente a seus pais e irmãos, mas também aos antepassados. Porque ela, através do vínculo, faz parte da alma da família, participa também nos destinos dessa família. Ela acha que mostra o seu amor participando desses destinos.

Portanto, quando alguém da família foi assassinado, ela acha que talvez possa mostrar o seu amor pela vítima, se também morrer. Ou se o

pai se suicidou, ela acha que o seu amor por ele exige que morra precocemente como ele. Eu denomino isso de dinâmica: “Eu sigo você”. Ou quando a criança vê que um dos pais quer morrer, diz: “Eu faço isso em seu lugar”. Portanto, através do amor e através do vínculo a desventura continua.

Ontem, vimos em alguns exemplos que o que se exige do indivíduo para que se libere desse vínculo é, de fato, não um amor menor, mas sim, um amor maior. Por exemplo, exige do homem que quer seguir o seu pai que se suicidou mais amor pelo seu pai se permanecer em vida do que morrendo. E que a alma da criança sente-se mais vinculada na desventura, quer dizer, sente-se inocente na desventura. Enquanto que concordando com uma solução, afastando-se da morte e voltando-se para a vida, sente-se culpada. Por isso, a solução exige da alma tanto progresso.

Portanto, solução só existe através de um desenvolvimento interno. Em alemão, solução é uma palavra ambígua. C. G. Jung a denomina individuação. Portanto, através da solução, somos isolados e, de certa maneira, mais solitários, entretanto, ao mesmo tempo, fortes e capazes de fazer algo novo.

Todo progresso que afasta da desventura, que afasta da discórdia para a paz passa pelo isolamento nesse sentido, pois, esse tipo de isolamento permite que me volte para um todo maior. A criança que quer ficar inocente em seu amor fica presa em sua própria família. Quem no isolamento progride para o maior não está somente vinculado à sua família, senão a muitas famílias, diferentes famílias, ele pode unir em si antagonismos, está ligado a um todo maior e pode, portanto, também servir a um todo maior. Por isso, quando alguém que viu uma solução torna a cair em desventura, sente-se mais inocente e menor. Quando se libera e olha para frente, sente-se culpado, mas maior.

Atitudes terapêuticas básicas

Existem duas diferentes atitudes básicas quando se trabalha com clientes. Uma delas é: “Eu sou responsável pelo resultado, ele depende do que eu fizer”. Essa atitude é muito difundida. Então, um terapeuta assume a responsabilidade pela vida e pela morte de um cliente. Isso é muito arriscado.

O meu procedimento é assim, olho o que é. Trago isso à luz tanto quanto me é possível. Quando está à luz, então, aquilo que foi trazido à luz atua, não eu. Então, me retiro.

Com esse cliente veio à luz que ele não estava pronto. Veio à luz também para vocês e veio à luz para ele. Se agora tivesse intervindo contra o que ele mostrou, então me consideraria mais importante do que a realidade trazida à luz. Com isso, talvez alcançasse justamente o contrário daquilo que quero.

PARTICIPANTE Em sua opinião, é possível uma melhora da doença através dessa constelação ou ainda são necessários cuidados posteriores? Como continuar?

HELLINGER Como posso saber? Com isso passaria à atitude: "Eu sou responsável por isso". Eu não sou. É que eu trabalho *com* os destinos, não contra eles. Entro em contato com o que é. Se, por exemplo, vejo que alguém em seu destino quer morrer, então não me coloco em seu caminho. Também, por que deveria? Mas em cada destino existe também uma oferta que o indivíduo pode aproveitar. Vou com essa oferta, enquanto me é permitido. Quando para, também paro.

PARTICIPANTE Como prossegue esse trabalho? Não está planejado, de antemão, continuar a trabalhar?

HELLINGER Aparentemente, é muito difícil tratar da diferença entre as duas atitudes básicas. Isso seria, mais uma vez, no sentido do próprio planejamento, seria, mais uma vez, no sentido de tomar para si a responsabilidade. Mas ninguém sabe melhor do que o próprio cliente o que é necessário e adequado para ele. Ninguém se sai melhor que ele. Ninguém está em maior contato com a própria alma. Se me intrometer, a sua alma não tem chance. Portanto, esse trabalho é muito despretensioso, longe de todas essas intenções de cura, desse tentar colocar algo sob controle ou de controlar os resultados. Isso que atua aqui mostra que a vida não é o máximo. Aqui atua ainda alguma outra coisa, algo que é muito maior e tenho isso em vista.

Se em um empenho para chegar a algo completo um terapeuta acha que teria que examinar tudo, então atrai a energia para si e, curiosamente, tira-a do cliente. Ele se torna a pessoa importante, todos têm, então, que olhar para ele, como ele trabalha e o que faz. Mas como

a alma do cliente ou da cliente é muito mais forte do que tudo o que o terapeuta faz, isso passa, então, ao segundo plano.

A rodada

Rodada quer dizer que cada um dos presentes pode dizer na sua vez o que o motiva e qual é o seu objetivo. Numa rodada, ninguém pode dar opinião, tanto afirmativa como negativa, nem de alguma maneira sugestiva. Portanto, tudo fica centrado no terapeuta. Com isso, cada um está seguro de que ninguém pode intervir em algo que diz. Por assim dizer, na rodada o terapeuta faz terapia individual. Através disso, cada um pode mostrar-se em suas características, sem estar exposto a qualquer juízo. Isso cria rapidamente muita confiança.

Durante a rodada, trabalho imediatamente com alguém quando nele aflora algo importante. Na rodada começa-se, na maioria das vezes, pela esquerda. A energia circula da esquerda para a direita. Ao reverso existe uma sensação completamente diferente, uma sensação perturbadora.

A rodada serve, por um lado, para que cada um possa dizer qual é a sua questão e para que, durante a mesma, possam trabalhar neste sentido. Mas, quando se trabalhou intensivamente no grupo por longo tempo, existe entre os participantes uma necessidade de comunicação. Dá-se a eles a oportunidade para tanto em uma rodada curta. Então, cada um pode dizer como se sente, como o processo atua nele e se, talvez, ainda há algo a ser acrescentado. Durante essa rodada, o terapeuta não trabalha com o indivíduo, a não ser que exista algo especial, que exija a sua intervenção.

Ajudar de duas maneiras

A morte não se preocupa com a ciência. Nem a culpa. A denominada psicoterapia científica é inadequada quando se trata de algo profundo. A psicoterapia científica tem o seu valor quando se trata de certos sintomas que podem ser tratados, portanto, onde se sabe que, dando certos passos, isso tem certos efeitos, por exemplo, quando de uma fobia. Aí, isso é perfeitamente adequado. Mas, em nível de destino, isso não é suficiente. Aqui se requer outra coisa.

O respeito

Ainda desejo dizer algo sobre a contenção. Essa extrema contenção é, naturalmente, válida também perante o cliente. Uma vez, compreendi especialmente o significado da contenção, quando um amigo psicanalista me perguntou o que deveria fazer com a sua filha que tinha enurese noturna. Eu sugeri que lhe contasse fábulas, nas quais uma torneira é fechada ou algo com vazamento é calafetado. Por exemplo, como quando Chapeuzinho Vermelho quer ir visitar a sua avó e vê que a calha sobre a entrada está gotejando. Ela pensa: vou consertar isso. Vai ao celeiro para buscar breu, conserta a calha e, então, chega à avó sem ter que molhar os pés.

Ele contou a ela alguns desses contos e isso ajudou imediatamente. A enurese desapareceu. Justamente porque é um analista, percebeu algo curioso. Antes, quando contava fábulas à sua filha e as modificava, mesmo que só um pouquinho, ela sempre protestava. Porém, dessa vez não protestou. Isso é realmente curioso. Portanto, ele disse a ela algo importante, respeitando a sua dignidade. A criança não precisava se envergonhar. Houve um profundo entendimento entre pai e filha ao nível da história, sem que o intrínseco tivesse sido mencionado. O sintoma desapareceu, sem que a criança se sentisse desmascarada.

Por exemplo, se ele tivesse dito: “Cuidado para não fazer outra vez na cama, senão você mesma tem que limpar” ou algo semelhante, teria tido o efeito oposto.

Assim se faz também com clientes. Não no sentido dos costumeiros bons conselhos, mas sim de uma maneira que respeita profundamente o cliente. Por isso, não escuto absolutamente quando alguém conta coisas negativas a seu próprio respeito ou sobre outra pessoa. Para mim, é suficiente saber algumas coisas extrínsecas. Então, tenho tudo de que necessito de importante para a solução.

Portanto, o terapeuta não pode querer saber mais do que o cliente necessita. Senão, ele faz pesquisa. E isso é algo totalmente diferente de terapia. Ou estou a serviço de uma solução ou estou curioso para saber algo. O processo que levaria à solução fica interrompido, quando entra em jogo a curiosidade. Na curiosidade não existe intuição.

Demasiada assistência ou oferta de ajuda vem de uma posição superior. Então, um é o que dá ajuda e o outro deve tomá-la. O que ajuda dá e o outro toma. Esse é um sentimento agradável. Entretanto, tais ajudantes se surpreendem, depois de algum tempo, de que o outro não deseje mais nada dele. Um santo, Vicente de Paula, revelou uma vez a um amigo um segredo. Apesar de ele ser um especialista em dar ajuda ou justamente porque o era, ele lhe aconselhou: "Se eles quiserem ajudar você, tenha cuidado". É muito arriscado ajudar, muito arriscado.

É necessária a maior força para colocar-se ao lado de um necessitado e não fazer nada, somente estar ali, por exemplo, perto de um doente ou de um moribundo ou de um deficiente. Somente estar lá sem fazer nada. Isso necessita força. Isso é respeitoso e tem bom efeito.

A contenção

Agora há pouco, uma cliente veio a mim e contou que ontem à noite estava sentada no terraço e, então, alguém se sentou a seu lado e perguntou o que ela havia vivenciado em sua constelação. Ela experimentou isso como se algo lhe houvesse sido roubado e isso a prejudicou.

Nesse trabalho terapêutico, deve ser levado em consideração, tanto pelo terapeuta como pelo cliente, que se deve deixar repousar o que penetrou na alma, sem arrastá-lo à luz nem falar sobre ele. Tem-se que tratá-lo com o maior cuidado, senão tornamos a danificá-lo.

Um terapeuta prejudica muito mais através da curiosidade. Se um cliente se deixa levar, respondendo a alguém que faz perguntas com curiosidade, perde algo que para ele é precioso.

Quando os que ajudam conservam a mais extrema reserva, ajudam com isso a sua própria alma, pois, em vez de serem curiosos, ficam centrados e, então, chegam a outros conhecimentos do que quando tomam a iniciativa e fazem algo. Pois o que tomamos na mão, muito facilmente se transforma em cinzas.

A resistência

Quando coloco o menos importante como equivalente ao lado do importante, então desvalorizo o importante. Aqui não é necessária uma

completude.

Também é o caso: o indivíduo conserva a sua dignidade, quando opõe resistência e, quanto mais o terapeuta age, tanto mais provoca resistência no cliente. Quanto mais rapidamente ele se retira, quando colocou algo em marcha, tanto mais livre é a alma do cliente para encontrar o seu próprio caminho, conservando nisso a sua dignidade.

Consequências que ficam

HELLINGER Alguns atos têm consequências que não podem ser anuladas. Não é permitido a um terapeuta intervir e tentar anulá-los, como se o pudesse. A solução seria que alguém olhasse e dissesse: "É assim e eu concordo com as consequências", por exemplo, da total solidão. Aí haveria grandeza.

PARTICIPANTE Nesse caso a grandeza seria uma força que traz a vida ou que cura?

HELLINGER Sim, seria. Grandeza está relacionada à renúncia. Quem realmente é grande, renunciou. Ele é livre pra fazer algo grande, porque renunciou.

O compadecer-se

Quando vivenciamos os destinos que algumas pessoas suportam, vindos de sua família ou de sua doença ou de sua deficiência, então somos tentados a nos compadecer. Se o fizermos, como se sente o sofredor? Ele fica intimidado em mostrar o seu sofrimento, porque vê que, com isso, envolve outros no mesmo. E os que se compadecem atraem para si algo da força que tem o sofredor. Este é um processo curioso. Ele enfraquece o sofredor e enfraquece aquele que se compadece. Ele enfraquece a ambos.

Por trás disso atua a imagem de que o sofrimento é mau. Entretanto, não sabemos se é assim. Nós o medimos com um critério externo e arbitrário. Fica- nos encoberto o que realmente é.

Portanto, aquele que ajuda necessita resguardar-se da compaixão. Senão, perde a sua força. A atitude que conserva a própria força e protege aquela do sofredor é o estar presente com respeito, sem intervir. O tranquilo estar presente e o aguentar sem sofrer. Esse é um sereno estar

junto. Dá certo quando, na profundeza, estamos em harmonia com o mundo assim como ele é, com o sofrimento que traz consigo, com a luta que traz consigo, com o fim que é dado a tudo. Dessa comunhão com a profundeza vem, às vezes, também, a capacidade de ajudar alguém. Mas não é uma capacidade daquele que ajuda, mas sim uma força que vem da harmonia conjunta. Ambos, o cliente sofredor e o que ajuda, estão em harmonia.

Destinos são revertidos quando o próprio destino o quer. Portanto, aquele que ajuda fica totalmente sereno. Qualquer que venha a ser o resultado, se agora é presenteado um progresso ao sofredor, algo curativo ou se o sofredor somente encara com mais serenidade a sua doença e seu destino.

PARTICIPANTE Se vejo algo que me faz recordar muito profundamente a minha própria história e começo a chorar, então isso é mais comigo. Então, na verdade, não choro por causa das pessoas. Tampouco lhes tiro força ou...?

HELLINGER Exatamente. Se nos comovemos com o sofrimento de outros, então somos humanos. Isso é algo bem diferente do que compaixão. Por assim dizer, estamos com ele no mesmo barco.

A completude

PARTICIPANTE O que se faz com o anseio por completude ou o que representa?

HELLINGER O anseio por completude ou por perfeição, assim se pode chamá-lo também, é um anseio muito benéfico e posso dizer a você como se alcança a perfeição, a completude. Ela é realmente algo muito simples.

Existe gente que permanece quarenta anos no deserto para alcançar a perfeição. Mas o que descobri sobre perfeição é algo muito despretensioso: quando cada um dos que pertencem à minha família, os vivos e os mortos têm um lugar em meu coração, sinto-me perfeito. Enquanto somente um deles estiver excluído, sinto-me imperfeito. O curioso na perfeição é: quando todos estão reunidos em mim, sou livre.

Psicoterapia em harmonia

Desejo dizer algo sobre esse tipo de psicoterapia. Eu a denomino de

psicoterapia fenomenológica. Pode-se dizer também com uma palavra alemã simples e seria: psicoterapia em harmonia.

O movimento no terapeuta é prescindir dos objetivos. Que ele, por assim dizer, se retraia da intenção do eu, de alcançar qualquer coisa e que ele, sem medo, exponha-se respeitosamente a um todo maior.

Por exemplo, não olho para a pessoa quando trabalho. Eu me ligo com a alma e, de fato, com a alma que se estende para além do indivíduo. Eu o percebo ligado em sua família e em um sistema maior. Estou em harmonia com esse sistema, como ele é. Sem julgamento, sem que eu queira outra coisa qualquer ou melhor do que é. Quando me abandono a essa harmonia, esse sistema, esse maior atua comigo. Ele me apoia e eu posso encontrar soluções em harmonia com esse sistema maior. Não que eu agora as procure. Elas me são presenteadas pelo sistema, presenteadas a mim e ao cliente.

Um princípio nesse trabalho é somente não fazer mais do que se pode e se tem permissão. O terapeuta não é alguém que pode reverter destinos, se o destino do cliente não o autoriza. O terapeuta pode verificar isso em si. Através de sua ação torna-se centrado ou é desviado para fora de seu centro.

Às vezes, o sistema não me consente. Então, fico parado, sem que queira mais do que o sistema me permite. Isso é psicoterapia em harmonia. Uma vez inseridos, reconhecemos que esse sistema maior obedece a certas ordens. Entretanto, elas não são tangíveis de uma forma que possamos tê-las à nossa disposição. Essas ordens mostram-se sempre novas e sempre diferentes, em infinitas variações.

Pode-se comparar com a música. Existem oito notas, porém, quanta diversidade se origina de oito notas. As suas distâncias são fixas, isso é uma ordem. Quando agora deixamos que essas notas toquem livremente e essas ordens se transformam - sempre aparece algo novo, embora obedeça a uma ordem. Assim é também com esse trabalho.

Eu não sei como esse trabalho continuará a se desenvolver. Sou carregado por uma corrente e não sei para onde ela flui. Tampouco quero saber. Não posso verificar o que ocorre lá. Existem tantas novas abordagens de diferentes colegas. Observo atentamente o que virá a ser. Primeiro não posso mais compreendê-lo intelectualmente e, depois,

tampouco posso dirigi-lo e imaginar para onde conduz. Fiz a minha parte. O resto será feito por muitos outros. Difunde-se como quando uma pedra cai na água e a água desenha círculos. A pedra não tem culpa que a água desenhe círculos. Assim também vejo o mesmo.

Religião

Introdução

É arriscado falar sobre religião, pois não sabemos nada daquilo a que se refere. Mas podemos olhar o que experimentamos quando, de uma maneira ou de outra, nos sentimos religiosos e qual o efeito que tem, não somente sobre nós, mas também sobre outros: se isso une ou separa as pessoas. Nesse capítulo trata-se de tornar conscientes esses efeitos.

Ocupo-me, detalhadamente, desse tema em meu livro Religion, Psychotherapie, Seelsorge.

As religiões

As religiões que conhecemos aqui no ocidente se edificam na diferenciação de bom e mau. Por assim dizer, elas são a última excrescência dessa diferenciação de bom e mau.

De onde vem essa diferenciação? Não a conhecemos em nenhuma parte, a não ser entre humanos. Aqui existe esta diferenciação de bom e mau. Se agora pesquisarmos onde estão as raízes dessa diferenciação, vemos que estão na consciência e, com efeito, em uma consciência bem estreitamente limitada.

A consciência é o último mito do ocidente, que necessita ser esclarecido para que os maus efeitos desse mito sejam, por fim, dominados. É que a consciência é um instinto. É um instinto com cuja ajuda podemos perceber algo espontaneamente. Semelhante ao que percebemos no que se refere ao senso de equilíbrio, quando sentimos espontaneamente estar em equilíbrio ou não. Assim, com a ajuda da consciência podemos perceber espontaneamente se nos é permitido pertencer ou não. Se nos é permitido pertencer à nossa família ou não.

Portanto, a consciência diferencia somente com relação a esse único fato: temos permissão de pertencer ou não. Por isso, a consciência não é determinada por quaisquer princípios gerais, mas bem concretamente pela pergunta: “O que devo fazer para que me seja permitido pertencer, o que devo evitar para não perder o direito de pertencer?”

Por isso, boa consciência não quer dizer outra coisa do que “Posso ter certeza de que pertenço”, e má consciência não quer dizer outra coisa que “Devo recear ter perdido o direito à pertinência”.

Isso é semelhante ao senso de equilíbrio. Se perdemos o equilíbrio, temos vertigens. Essas vertigens, por serem tão desagradáveis, nos obrigam a restabelecer imediatamente o equilíbrio. Assim a má consciência também nos obriga a modificar o nosso comportamento de tal maneira que possamos pertencer novamente. Portanto, essa é a função principal da consciência.

Daí advêm a diferenciação entre bom e mau. Mas a consciência diferencia entre bom e mau somente nesse sentido: bom é o que assegura a minha pertinência e mau é o que ameaça a minha pertinência. Portanto, a diferenciação entre bom e mau se refere somente à família. Para a família mau é o que não corresponde a ela. Por isso, com a ajuda dessa consciência ou sob o estímulo dessa consciência posso difamar e excluir os outros que são diferentes. Com isso, essa diferenciação de bom e mau, que é trazida ao mundo no seio da família pela consciência, é transferida também para o relacionamento entre grupos.

Os grupos que servem ou são semelhantes à minha própria família são considerados bons e incluídos. Para a consciência, todos os outros são maus e serão excluídos. Esse mau pode ser combatido por ordem da consciência. Por ordem da consciência, ele até pode e deve ser exterminado, para que finalmente vença o bom. Essa diferenciação de bom e mau, com todas as suas consequências, remonta a essa consciência.

O cristianismo e outras religiões apoiam-se sobre essa diferenciação e têm, por isso, um âmbito para os bons, o céu, e um âmbito para os maus, o inferno. Por isso, pode-se também olhar aqueles que vão para o inferno e ver com deleite como aí são queimados. Isso é ruim, verdadeiramente ruim.

Com isso está ligada a ideia de que Deus reconhece e sanciona essas diferenciações, que Ele, portanto, recompensa a todos que seguem a sua consciência e castiga os outros que não a correspondem. Todas as cruzadas, as guerras religiosas remontam a essas diferenciações.

Este foi agora um lado da consciência. Existe ainda um outro. A consciência reage a um equilíbrio entre o dar e o tomar. Portanto, quando recebo algo, tenho, a partir de minha consciência, o impulso e a necessidade de compensar, também dando algo àquele que me presenteou. Somente após ter-lhe dado algo, sinto-me bem outra vez. Essa necessidade tem um alto valor no seio da família e no seio de todos os grupos, porque faz possível o intercâmbio entre o dar e o tomar. Sem a necessidade de compensação, não haveria o intercâmbio que possibilita as relações humanas.

A necessidade de compensação atua duplamente. Se recebo algo

bom, dou algo bom e quando alguém me faz algo, eu também lhe faço algo. A saber, a necessidade de compensação se relaciona a ambos, ao bom e ao mau. Também isso é importante no seio da família.

Como pequena observação paralela, menciono aqui que é importante nos relacionamentos de casal que se compense tanto no bom como no mau. Quer dizer, que se um fizer algo ao outro, o outro tem de fazer-lhe algo - somente um pouco menos. Esse “pouco menos” seria aqui o decisivo, porque depois o intercâmbio no bom pode reiniciar. Mas, agora voltando ao tema propriamente dito.

Então, quando me sinto contemplado pelo destino, seja como for, por exemplo, salvo de perigo de vida, sinto também a necessidade de compensação.

Ou se alguém diz que recebeu algo de Deus, sente a necessidade de devolver algo a Deus por aquilo que recebeu, como se Ele fosse um humano que espera que eu compense. Dessa necessidade de compensação se originam sacrifícios sangrentos. Todo o sangue das vítimas tem a sua razão de ser nessa necessidade de compensação. Toda a expiação remonta a essa necessidade. Agir de acordo com isso denominamos, então, religioso. Terrível!

O sacrifício de inocentes indica nessa direção os episódios sangrentos de outros tempos e aqueles aparentemente sem derramamento de sangue, aparentemente incruentos, dos dias de hoje, onde crianças são sacrificadas na esperança de que Deus abençoe por isso a família ou onde crianças são sacrificadas para que expiem pelos pecados dos pais.

Qual seria aqui a solução? A solução seria a que indiquei em minha história “A outra fé”. A esse Deus, do qual se diz querer o sacrifício de crianças, deve-se contradizer na cara. Deve-se renegá-lo por algo maior, que permanece misterioso. Esse seria o passo decisivo. Só sairemos de todo esse círculo vicioso - círculo vicioso é aqui a palavra certa -, se conseguirmos encontrar, reconhecer e fomentar, para além da consciência, o bem universal que une todos os seres humanos.

Para ali levam os profundos movimentos da alma. Eles começam lá onde a diferenciação de bom e mau foi superada. Esses profundos movimentos da alma atuam, no fim, para a reconciliação e para a união do dividido em bom e mau. Mas essa renegação, a superação da

consciência não nos cai nas mãos. Ela é uma elevada conquista espiritual e o resultado de uma purificação do espírito e do coração.

Em aditamento, apresento aqui a história à qual me referi antes:

A outra fé

Certa noite um homem sonhou ter escutado a voz de Deus, que lhe dizia: “Levanta- te, toma teu filho, teu único e amado filho, leva-o para o alto da montanha que eu te indicarei e oferece-me esse filho em sacrifício!”

Pela manhã, o homem se levantou, olhou para seu filho, para seu único e amado filho, olhou para sua mulher, a mãe da criança, olhou para seu Deus. Tomou a criança, levou-a para o alto da montanha, construiu um altar, amarrou- lhe as mãos, puxou a faca e queria imolá-la. Mas então escutou uma outra voz e em vez de seu filho, imolou uma ovelha.

Como olha o filho para o pai?

Como olha o pai para o filho?

Como olha a mulher para o homem?

Como olha o homem para a mulher?

Como olham para Deus?

E como Deus - se Ele existe - olha para eles?

Um outro homem sonhou, certa noite, ter escutado a voz de Deus que lhe dizia: “Levanta-te, toma teu filho, teu único e amado filho, leva-o para o alto da montanha que eu te indicarei e oferece-me esse filho em sacrifício!”

Pela manhã, o homem se levantou, olhou para seu filho, seu único e amado filho, olhou para sua mulher, a mãe da criança e olhou para o seu Deus. E olhando-o, respondeu: “Isso eu não faço!”

Como olha o filho para o pai?

Como olha o pai para o filho?

Como olha a mulher para o homem?

Como olha o homem para a mulher?

Como olham para Deus?

E como Deus - se Ele existe - olha para eles?

O respeito pelo mistério

Olhando imparcialmente para o que acontece na alma, quando as pessoas se experimentam como religiosas, pode-se ver que a experiência religiosa começa lá onde alguém chega a uma fronteira, para além da qual não pode ver e para além da qual o seu saber, seus desejos e seus medos não alcançam. Para mim, a atitude religiosa adequada seria parar nessa fronteira e respeitar o segredo que existe além dela. Isso é, ao mesmo tempo, tanto devoção como humildade. Dessa atitude emana uma força muito grande, justamente porque o mistério é respeitado.

Alguns não suportam isso, esse incerto e grande que talvez pressentimos mas não podemos compreender. Preocupam-se pelo que está ali atrás ou tentam influenciá-lo com ritos ou sacrifícios ou orações ou como quer que seja. Isso é a religião como nós, na maioria dos casos, aprendemos, mas ela é diferente da religião que eu acabei de descrever. Ela evita o mistério e sua força e sua incrível distância.

A psicoterapia existe também dessas duas maneiras. Existe uma psicoterapia que supõe poder passar pelas fronteiras e dominar e modificar destinos. E existe uma psicoterapia que para frente ao mistério e toma-o com seriedade como ele é. Por exemplo, leva a sério que alguém morrerá porque está doente. Ela não tenta fazê-lo crer que, com certas psicoterapias, possa escapar da doença e da morte, mas o conduz a essa fronteira e espera com ele. Então, o terapeuta está atento, centrado, humilde e tem uma força maior do que se tentasse reverter o destino.

A psicoterapia que mostro aqui é desse tipo. Por isso, ela tem uma dimensão espiritual ou religiosa, mas somente nesse sentido de parar frente ao mistério e do respeito frente ao mesmo.

Manter-se quieto

Às vezes reflito sobre psicoterapia e religião. Alguns acham que esse trabalho seja religioso ou espiritual. Mas eu não tenho certeza.

O sentimento religioso aparece em nós quando chegamos a uma fronteira ou quando estamos perante um mistério que não penetramos. Nesse momento, paramos. Em vez de continuar, paramos. Esse parar é o

essencial no sentimento religioso e na consumação religiosa: o parar à fronteira e perante o mistério. Se vocês captarem isso interiormente, como é quando vocês param, então sentirão um movimento na alma ou no peito ou no coração. Nesse momento, algo se amplia. É justamente o parar que nos une com o que está para além da fronteira e para além do saber. O parar une.

Esse tipo de sentimento religioso ou consumação religiosa é totalmente simples e nessa atitude e nessa consumação todos são iguais. Lá não existem quaisquer diferenças. É uma consumação que cada um faz somente para si mesmo. Entre aqueles que ousam essa consumação, parando, origina-se uma comunhão, uma profunda e humilde comunhão. Isso é religião que une.

No ponto em que paramos nessa fronteira, notamos quanta força nos exige simplesmente ficar quietos e não prosseguir. É difícil de aguentar. Muitos têm dificuldade em ficar parados. Em vez disso, tentam passar a fronteira. Criam imagens, procuram investigar algo, constroem um ideário acerca daquilo que poderia estar por trás, talvez tenham também experiências importantes sem que, na verdade, estejam ligados com o que está além, chamam isso de experiência religiosa.

Alguns vão até tão longe, pregando e exigindo de outros a crença em sua denominada experiência religiosa. Isso é curioso. Para mim é “arreligioso”.

Na psicoterapia ou, aliás, na ciência médica, o médico ou o terapeuta ou aquele que ajuda ou aqueles da família que acompanham o processo de cura fazem a mesma experiência de fronteira e de mistério para além da qual não podemos ir. Então, o ficar quieto, o simples ficar quieto e centrado seria o que dá força, tanto àquele que age ou deve agir como àquele que sofre. Então, experimentamos o mesmo movimento interno de amplidão que se abre no coração e de concentração. Fica-se parado em frente disso, seja qual for o resultado, mesmo que seja a morte. Isso seria aqui religioso.

Se eu, entretanto, em vez de ficar parado na fronteira, onde ela se abre, começo a agir, fico frenético, tento ainda alguma coisa. Isso tem uma certa semelhança com o que acontece quando alguém se sente na fronteira, mas não fica quieto. Ele tenta, então, ultrapassar a mesma, sem

que possa realmente ou lhe seja permitido.

Imagens de Deus

PARTICIPANTE *com falta de ar* Minha irmã esteve num convento. Quando teve falta de ar, saiu do convento e eu a acompanhei um pouco.

HELLINGER Ela era, portanto, uma noiva de Cristo?

PARTICIPANTE Sim.

HELLINGER Talvez vocês duas estejam pagando juntas pela libertação do convento, para que Deus fique apaziguado. Isso existe. Curioso isso.

PARTICIPANTE Sim, muito.

HELLINGER *para o grupo* Tem-se mesmo que levar em consideração que Deus mantenha realmente noivas terrenas. Caso contrário, fica completamente sozinho no céu. Que mais pode fazer?

Rimos disso, mas é assim. Essas são as imagens internas. Quando, então, uma dessas pobres noivas se separa desse amante, então ela acha realmente que lhe fez algo. Isso é o grande "Deus seja louvado", diz-se então. Essas ideias de Deus são terríveis. É incrível o que, às vezes passa pelas cabeças. No fundo, são somente criancinhas. Essas noivas de Cristo ou noivas de Deus são somente criancinhas. Curioso. Então, isso é um incesto celeste.

Aqui sou um pouco frívolo para desmascarar quão absurdas são essas ideias e, no entanto, determinam, às vezes, uma vida inteira.

A adoração de Maria

Levando ao pé da letra, a adoração de Maria é, na verdade, uma veneração da mãe. Evidentemente, com a barreira para o incesto, pois é uma mãe virgem. No fundo, entretanto, é a veneração da mãe.

Crítica à Igreja

Se quisermos, podemos olhar muito criticamente as grandes instituições e movimentos como, por exemplo, a Igreja ou o cristianismo. Mas, esses são grandes movimentos históricos, em nome dos quais aconteceram grandes coisas tanto boas como ruins. Então, achar que podemos nos elevar acima deles e criticá-los como se estivéssemos acima deles, creio

não ser possível. Pois, quem critica dessa maneira atrai daquilo que critica a força para a crítica. Ele ainda tem uma pretensão e mesmo em sua crítica vive ainda da Igreja e do cristianismo.

O maior bem

PARTICIPANTE Se o maior bem para a alma não é necessariamente a vida e a saúde, é ele o amor?

HELLINGER Para a criança é o amor e, de fato, no sentido de: “Eu quero pertencer a vocês de qualquer maneira, não importa o que me custe, mesmo que me custe a vida”. Esse é o amor da criança. Esse amor é cego porque a criança tem, ao mesmo tempo, a ideia de que pode salvar seus pais quando não estiverem bem. Por isso, crianças quando assumem isso para os pais não têm medo da morte e não têm medo do sofrimento e não têm medo da culpa. É incrível a força do amor nas crianças. É esse amor que faz adoecer, porque é cego.

Nesse contexto, a tarefa da terapia seria trazer à luz como a criança ama. Quando esse amor está à luz, a criança não pode mais amar dessa maneira cega, porque vê que, por exemplo, a mãe, pela qual quer sofrer, não quer isso, porque ela também ama a criança. A criança tem, então, que renunciar às ideias que havia vinculado com seu amor.

Isso causa uma purificação da alma e uma sublimação. Então, a criança vivência a saúde e a vida como uma renúncia ao poder e à inocência e grandeza vividas. Por isso, a transferência do amor cego para o amor que vê é como uma consumação espiritual que exige algo da criança. A felicidade exige, então, muito mais dela do que sair aos prantos e sofrer.

PARTICIPANTE O que é o maior bem para o adulto?

HELLINGER Nada é o maior bem. Não é mais diferenciado. Em harmonia não existe nada maior. A própria harmonia é algo elevado, algo grande. Mas não existe nada maior. É igual. Você nota o que isso movimenta na alma, quando permite que tudo seja igual?

PARTICIPANTE Muitíssima amplidão.

Movimentos da alma

Esse trabalho e aquilo que traz à luz têm uma dimensão religiosa ou espiritual, o que quer que se entenda por isso. Às vezes, imagino quais as consequências desse trabalho e daquilo que traz à luz para a atitude religiosa. Ele nos obriga ao reconhecimento à Terra e ao reconhecimento de que estamos entrelaçados de maneira multíplice em algo terreno, em algo que nos dirige, sem que percebamos. Muitas religiões me parecem ir numa direção que nos impede de encarar essa realidade.

Somente quando tivermos encarado essa realidade, teremos a profunda humildade que nos une com o que atua por trás de tudo e cria uma atitude de confiança de que, no fim, acontecerá algo que é sensato. O que me impressiona especialmente é que, às vezes, nas constelações familiares decorre algo que aponta para soluções que estão além de todos os planejamentos humanos, e que essa força é sustentada por amor e serve à reconciliação. Para isso, trago um exemplo.

Num curso, um homem relatou que sua mulher, depois de um acidente de automóvel, se encontrava já há vários anos em coma vigil. Nesse estado ela havia dado à luz uma criança, uma filha. Ele me pediu para constelar isso. Eu fiz com que ele colocasse uma representante para a mulher e essa filha e um representante para um antigo namorado da mulher e para si mesmo. A filha estava em frente à mulher, o antigo namorado mais longe e o próprio homem estava um pouco para o lado. Então, não fiz absolutamente nada. Somente me sentei - e decorreu um processo totalmente por si mesmo, no qual cada um se entregou ao movimento de sua alma e aos movimentos da grande alma.

Primeiro, o antigo namorado da mulher se dirigiu a ela vagarosamente com um amor bem profundo. Ele se colocou atrás dela e ela se deixou cair para trás e nisso fechou os olhos. A filha foi vagarosamente para a mãe. O representante do homem, o pai da criança, primeiro não sentia nada. Eu o coloquei um pouco para trás para que não perturbasse a cena. A filha foi para a mãe, abraçou-a e o namorado da mulher abraçou as duas por trás.

Então, o representante do homem foi para trás da filha, abraçou a criança e a mãe por trás e o namorado da mulher se retirou bem vagarosamente. Portanto, não se pode vivenciar de maneira mais bela e

mais profunda o que são vínculos, o que é amor, o que pertence um ao outro. No entanto, tudo decorreu totalmente por si mesmo.

Portanto, existe uma força, uma força terrena que atua bem profundamente sobre o amor e sobre o reconhecimento de cada um, para a qual cada um tem o mesmo valor e é respeitado da mesma maneira e é igualmente importante. Ela dirige para tal solução. Isso é para mim a ação de uma alma. Que tamanho tem ela? Não sei. Até onde se estende? Não sei. Mas ela não pode ser algo divino. Ela é algo terreno. Ao mesmo tempo atua nela uma força que também é terrível. Ambas ao mesmo tempo. Uma força que é terrível e também exige o pior. E, no entanto, parece que quando a deixamos agir, ela aponta para tais uniões, que une o separado.

Se agora fôssemos intervir nesse processo com ideias religiosas, como conhecemos de diversas confissões, do cristianismo, por exemplo ou também de outras religiões não poderia decorrer dessa maneira profunda. Aquilo que, aliás, consideramos religioso perturbaria aqui o Religioso.

Então, ainda há algo a ser observado. O verdadeiro mistério fica para além disso. Não é imaginável de outra maneira do que ficar para além disso. Não se pode tomar isso como um movimento religioso, senão respeitando-o como é, respeita-se algo que fica ainda atrás disso.

Quando se observa sob a luz dessas experiências o que acontece com seres humanos que trilham um caminho religioso ou um caminho espiritual e que o fazem de maneira radical, por exemplo, os monges budistas ou muitos santos da Igreja católica ou muitos místicos, então me parece que esses caminhos necessitam de uma purificação e uma sublimação. O asceta é, frequentemente, uma renegação da realidade atual, um ir embora, uma negação em reconhecer o que é totalmente habitual. É quase sempre assim que tal ascetismo está ligado a um sentimento de superioridade sobre as pessoas denominadas comuns. Isto é o suspeito nesse caso. Contradiz as experiências que obrigam a ver a todos no mesmo plano: os bons e os maus, os vivos e os mortos.

Vida e morte

Introdução

Morte e vida se penetram reciprocamente. Portanto, só podemos viver se sabemos da presença da morte e com ela estamos em harmonia. As reflexões deste capitulo levam por um lado para a morte e para os mortos, por outro lado, entretanto, também nos conduzem de volta.

Concentração e morte

Concentração quer dizer que muitas coisas se unem em direção a um objetivo. Portanto, se vocês concentrarem as suas forças primeiro naquilo que se dirige à diversidade e, depois, as dirigirem concentradamente ao que aqui acontece, então apoiam em conjunto o que está acontecendo. Se vocês se deixarem distrair por outros pensamentos, isto pode perturbar. Com isso, podem também intervir, perturbando o que acontece aqui. O que acontece aqui causa medo a alguns porque, de repente, manifestam-se coisas que excluímos de nosso dia-a-dia. Aqui somos confrontados, de repente, com algo que perturba as nossas ideias habituais sobre o bom, a felicidade e a satisfação.

Algo que perturba em especial é que a morte aparece aqui como grande e cheia de força. É exatamente isso que frequentemente não queremos ver, porque nos causa medo. Muitos consideram a morte como fim e aquilo que vem depois, como perda. Assim, para muitos, a vida parece o máximo, como algo que se deve conservar sob todas as circunstâncias tanto tempo quanto possível, porque depois tudo parece perdido. Entretanto, como vocês veem nesses movimentos da alma, a vida não é tão importante para o indivíduo. São movimentos profundos que deixam para trás essa ideia de que a vida seja o máximo. Tem-se que ver que a vida é somente algo transitório e que o antes, que precede a vida, é algo superior a ela. Senão, não poderia ascender daquilo que a precede. Quando a vida termina, submerge naquilo que era antes. Essa é a minha imagem. Pois, onde deve desaparecer?

Aqui, quando observamos essas constelações, vemos que os mortos não foram embora, que influem de diversas maneiras, que estão ligados a nós tão intimamente, que ainda têm necessidades em relação a nós, expectativas e reivindicações. E vice-versa, que nós também temos expectativas e reivindicações perante eles. Que, portanto, os dois âmbitos se penetram e ainda que podemos e temos que nos exercitar nessa alternância de morte e vida, do reino dos vivos e do reino dos mortos, que se penetram mutuamente. Então, estamos concentrados de maneira completamente diferente do que quando olhamos somente para o visível, o imediato, o sensorial e o vivo. Assim, estamos enraizados muito mais profundamente.

Rilke descreve esta ação simultânea dos dois âmbitos e a penetração mútua de maneira belíssima em seus sonetos a Orfeu. Quando nos expomos por algum tempo a isso, podemos vibrar com o vai e vem entre a vida e a morte e entre os vivos e os mortos. Nesse sentido, a concentração é mais profunda e exige o todo.

Vivos e mortos

Eu descobri algo muito importante sobre os mortos. Muitos vivos querem ir para os mortos. Entretanto, quando os respeitamos, os mortos vêm para os vivos. E são benévolos. Eles vêm e, à distância, estão benevolamente presentes.

Alguns acham que os mortos não estão bem. Alguns acham isso realmente: que os mortos não estejam bem. Também, poder-se-ia dizer: eles estão bem. Somente os vivos ainda têm dificuldades. Mas os mortos estão bem.

A morte conduz quem a honra. Quem foge dela, é por ela alcançado.

O que está em vida é inacabado. Os mortos são completos. A ânsia por perfeição é, na verdade, na profundeza, uma ânsia pela morte. Para que fiquemos em vida, temos que respeitar o inacabado.

Ascetas antecipam algo na vida, que somente mais tarde é adequado. Por isso eles têm algo singular.

Vir e ir

Uma imagem muito difundida é que os mortos foram embora. Eles estão sepultados e, então, foram embora. Aí, põe-se ainda uma lápide tumular em cima para fazer peso, para que eles não saiam mais. Este é o sentido original da lápide - ela ficava na horizontal - e, então, os mortos tinham ido embora. É uma imagem estranha que tenham ido embora.

Martin Heidegger tem imagens belíssimas nesse contexto. Ele diz que do encoberto chega algo à luz, ao descoberto e, então, submerge outra vez no encoberto. O encoberto está presente na forma do encoberto. Mas está lá, não desapareceu. Ele emerge e toma a submergir.

A verdade obedece ao mesmo processo. Do encoberto emerge algo - e torna a submergir. Por isso, também não podemos compreendê-

la. Não podemos reter a verdade. Alguns acham que a verdade seja válida e eterna, como se a tivéssemos nas mãos. Não, ela se mostra rapidamente e torna a submergir. Pois isso, aqui também vemos assim. Cada vez que emerge é diferente. Ela tem muitas faces. É uma propriedade do encoberto que vem à luz.

Assim também a vida vem à luz partindo do encoberto, que nós não conhecemos, para o descoberto e torna a submergir. O verdadeiramente grande é o encoberto. Esse é o grande reino. Aquilo que vem à luz é algo efêmero e pequeno comparado com esse grande.

Também os mortos estão agora no encoberto. Mas eles influem e, quando os deixamos atuar, a vida é sustentada por eles.

Mas quem submerge no encoberto antes do tempo viola esse processo. Também aquele que permanece em vida além do tempo, que retém a vida para além do tempo, viola contra esse fluir de vir à luz e tornar a submergir no encoberto. Ambos são contra o fluir, o ir embora muito depressa, antes do tempo - isso é como um desrespeito ao que está à luz - e também o segurar-se, quando se quer ficar curado de todo o jeito, também quando já chegou a sua hora. Quando chegou a hora, é conveniente largar-se e submergir. Por isso, como terapeuta, com a ajuda dos mortos, mantenho em vida os vivos enquanto me é permitido, enquanto é conveniente. Quando chegou a hora, não seguro ninguém. Eu persisto. Não quero opor-me a esse destino contra o fluir, para que o submergir seja impedido.

Há algo tranquilizante, algo profundo, quando se tem esta atitude. Em pensamento, pode-se ir para um âmbito e para o outro. Também em vida está-se ligado à origem, pois o que está à luz não está separado do encoberto. Ele está presente.

O movimento para a morte

Na alma existe uma atração em direção aos mortos e ao morrer. Esse é um movimento muito suave e profundo. Todo o movimento da vida é, pois, um movimento para lá de onde ela emergiu. A vida também é atraída para o ponto onde se eleva. Pode ser visto aqui esse movimento bem profundo e suave. E pode- se ver como é maior e mais profundo do que a denominada felicidade. Quem vai com esse movimento está em

harmonia com tudo, seja o que for, em harmonia total.

Às vezes vem desse movimento, do ir com ele, algo como um vento ascendente, como uma corrente térmica que eleva. Pois, alguns vão muito cedo com esse movimento. Vão à morte antes do tempo, e isso é ruim.

O tomar e o soltar a vida

A vida vem de longe e nós não sabemos onde é a sua nascente. Ela flui de longe para nós. Ela nos toma. Não que a tenhamos. Ela vem da origem, nos toma, nos usa, nos toma a serviço e nos deixa cair de volta à origem, seja ela qual for.

A alma conhece a origem e a procedência da vida. E ela tem uma ânsia de voltar à origem - depois de algum tempo. Assim como a vida nos captura, sentimo-nos carregados por ela e sabemos, ao mesmo tempo, que ela está suspensa por um fio de seda. Esse fio se rompe depois de algum tempo - e nós submergimos de volta à origem.

A alma não tem medo desse movimento. O eu, às vezes, tem medo. Menos do voltar a submergir do que da dor da transição. Quem está em harmonia com esse movimento, comporta-se de acordo com aquilo que apoia a vida. Pois a vida, quando nos captura, exige de nós também a aceitação desse movimento. Assim, estamos tanto em harmonia com a vida como também com o fim, quando chega a hora.

Existe um tempo e uma ordem adequados para esse movimento à vida e, então, de volta à origem. Existem, por exemplo, alguns que renunciam à vida antes do tempo, quando o movimento ainda não está realizado. Fazem isso a partir de um movimento interno que é pretensioso. Se, por exemplo, uma criança perde cedo um de seus pais, então tem a ânsia de ir para o pai ou para a mãe ou, também, para um irmão que morreu precocemente. Ela acha que se ceder a esse movimento os reencontrará de uma maneira que corresponde à experiência da vida.

Essa ideia é infantil. Frequentemente, a criança tem nisso ainda a ideia de que o(a) morto(a) se alegra se ela vier ter com ele(a), assim como se existisse um reencontro familiar. Todas essas ideias menosprezam que os mortos já não vivem, pelo contrário, tomam a submergir.

Em Tristão e Isolda, Wagner chama isso de eterno esquecimento

original. Seria a origem. Lá não existem mais relacionamentos no sentido daqueles da vida. Se alguém tiver a ideia de que possa rever os mortos, então menospreza a profundeza e o definitivo desse movimento.

Frequentemente, com isso está ligada a ideia de que se poderia não somente alegrar os mortos, mas, talvez, ainda salvá-los. Essa ideia é, frequentemente, uma das pré-disposições importantes para uma doença séria. A solução seria reencontrar o caminho de regresso ao grande contexto e deixar-se recapturar e carregar pela vida, tanto quanto a vida queira e permita. Então, está-se em harmonia. Disso resulta frequentemente algo benéfico para a doença e o tempo que resta é prolongado.

Esse é um lado. Mas existe um outro lado. Alguns seguram a vida para além do tempo, embora já tenha terminado. Então, eles perturbam o movimento da alma. Demasiado tratamento intensivo é uma tentativa de parar esse movimento, apesar de que, no fundo, tudo tenha terminado. Muitos médicos e terapeutas são até obrigados a fazê-lo, interferindo no movimento para a morte.

Morte e perfeição

Quando se olha para os efeitos, parece que os mortos somente se afastam lentamente de nós, como se ficassem ainda por algum tempo por perto. Os que ficam por tempo particularmente longo são aqueles pelos quais não se observou período de luto ou que não são respeitados ou que foram esquecidos. Particularmente, ficam por longo tempo aqueles dos quais não se quer saber nada ou dos quais se tem medo. O luto alcança seu objetivo quando nos entregamos à dor e, através dela, respeitamos e honramos os mortos. Quando o luto é observado e os mortos são honrados, eles se retiram. Então, a vida terminou para eles e podem estar mortos.

Existe um poema de Rilke sobre Orfeu, Eurídice e Hermes. Nele, diz de Eurídice: “Ela estava em si mesma. E o estar morta a satisfazia como plenitude”. Estar morto é perfeição. Se tivermos essa imagem deles, a nossa atitude perante eles é diferente. Isso também é válido para os que morreram muito precocemente, também para as crianças que nasceram mortas. Talvez tenhamos a ideia de que perderam algo. O que é que deveriam ter perdido? Pois, o essencial fica antes e depois. Dele

emergimos através da vida e nele tornamos a submergir depois da vida.

Se liberarmos os mortos, eles atuam sobre nós positivamente, sem que nos atormentem e sem que seja necessário um esforço especial de nossa parte. Pelo contrário, quem mantém luto por muito tempo segura os mortos, embora queiram ir. Isso é ruim, tanto para os vivos quanto para os mortos. Frequentemente, encontramos o luto prolongado, lá onde alguém deve algo ao morto e não o reconhece.

Os que amam não se mantêm de luto por muito tempo. Freud observou isso no caso do Presidente Wilson. Um ano após a morte de sua mulher, quando ele se casou novamente, Freud escreveu: isso é um sinal de que ele amou muito a sua primeira mulher. Quando amamos e nos mantivemos de luto, a vida pode continuar e os mortos queridos estão de acordo com isso.

O respeito pelos mortos

Na "grande alma não" existe diferença entre vivos e mortos. Eles pertencem ao mesmo reino. Quando o medo dos mortos aparece e tentamos nos separar deles, isso tem um mau efeito. E vice-versa, quando, por exemplo, um judeu sobrevivente diz aos membros falecidos de sua família: "Eu também vou", então pode ficar em vida, tanto enquanto for apropriado. Aqui já não há mais medo. Com os mortos e dos mortos vem benevolência para os vivos, isso pode ser visto nas constelações. Portanto, o respeito pelos mortos tem um efeito que dá e mantém a vida.

Aí existe um intercâmbio. Por um lado, os vivos atuam sobre os mortos, respeitando-os. Então, para eles, assim parece, o estar morto é mais fácil. E os mortos também atuam benevolamente sobre os vivos.

A ideia muito difundida é que os mortos foram embora. Não foram. Estão presentes. Até em nosso corpo os mortos estão presentes, pois nele continuam vivendo todos os nossos antepassados. De maneira semelhante, os mortos estão presentes na alma da família. E, naquilo que chamo de grande alma, essa diferença é totalmente inexistente.

Se temos medo dos mortos, então somos atraídos por eles. Se nos deixamos vencer por essa atração, se nos deixamos puxar para os mortos, com amor, então fazemos, às vezes, uma experiência curiosa. Os mortos

se viram e vêm para os vivos - como uma bênção. Pudemos ver isso aqui. Vêm como uma bênção.

Muitos têm a ideia de que a vida seja o máximo e, portanto, prolongam-na a todo custo. Acham que quanto mais tempo viverem, tanto melhor. Entretanto, não sabemos absolutamente se é melhor, pois a vida é algo pequeno quando visto a partir do grande. Ela provém de algo que não conhecemos. O lugar de onde vem deve ser maior do que a vida. Quando a vida termina, caímos de volta nesse grande, que não conhecemos.

Esta seria, na verdade, a reflexão sensata. Se observarmos isso filosoficamente, este estar pendente à vida é algo curioso. Algo irracional.

Em minhas afirmações tomo como referência somente as experiências que faço nas constelações. Elas dão a entender que os mortos ainda atuam sobre nós, principalmente, os excluídos. Nada mais. Não faço daí nenhuma teoria. Não sabemos nada sobre esse reino. Para mim, isso permanece um mistério. Para muitos, entretanto, existe o pressentimento profundo de que os dois reinos formam um único complexo. Rilke o descreveu de maneira muito bela em suas Elegias de Duíno. Provavelmente, existem também várias maneiras de estar morto. Em quase todas as culturas existe o conhecimento de que os mortos somente se retiram vagarosamente, depois de algum tempo. Eles não vão embora imediatamente, mas têm certa influência por algum tempo.

O reino dos vivos tem como base aquele dos mortos. Todos os nossos antepassados estão presentes em nosso corpo e continuam ainda atuando no plano físico. Também em um plano psíquico os mortos continuam a atuar. Eles estão presentes. Precisamos reconhecer isso. Quando separamos isso muito claramente, o reino dos vivos do reino dos mortos, então muito fica perdido para os vivos. A vida é mais fácil quando existe entendimento com os mortos. Aí se origina algo que sustenta. Eu também me deixo sustentar por esse entendimento. Então, não estou somente a serviço dos vivos, e sim, de certa maneira, também a serviço dos mortos. Isso traz certa tranquilidade ao trabalho.

Os que morreram precocemente

Também não sabemos se os que morreram precocemente perderam algo. O que é que deveriam ter perdido se, comparados conosco, se encontram no grande. Por isso, os mortos precocemente não merecem compaixão no sentido de: “Ah, pobre deles!”

Os mortos precocemente deixam vestígios que frequentemente são mais profundos do que os vestígios daqueles que em vida fizeram algo grande. Vestígios totalmente silenciosos e profundos.

Nesse contexto tive, há pouco tempo, uma vivência. Durante um congresso coloquei algumas constelações. Lá se apresentou um casal que tinha uma criança pequena com cerca de dois anos que tinha uma afecção cardíaca grave. Os pais estavam muito preocupados. Então, coloquei os pais lado a lado e fiz com que o representante da criança doente se apoiasse nos pais com as costas. Os pais colocaram os braços ao redor da criança e disseram: “Nós seguramos você, tanto tempo quanto nos é permitido. Nós cuidamos de você, tanto tempo quanto nos é permitido - com amor”.

A preocupação por essa criança tinha feito com que os pais se afastassem um do outro. Entretanto, nessa constelação, estavam unidos bem estreitamente como um casal e estavam unidos intimamente com a criança.

Há um mês escreveram-me uma carta: a criança tinha morrido. Necessitava de uma cirurgia, senão morreria imediatamente. Os cirurgiões tentaram salvá-la, mas a criança morreu durante a cirurgia. Os pais me agradeceram mais uma vez. Havia sido ainda um tempo de grande afeto para eles com a criança. Na noite antes da cirurgia, a criança gritou e quis a mãe. A mãe a tomou nos braços e ficou andando com ela por uma hora e meia. Era como uma despedida da criança. A criança quis a mãe mais uma vez, antes de despedir-se para sempre.

À mencionada carta, anexaram o discurso fúnebre feito durante o enterro. Isso me comoveu profundamente. O amor pela criança que ali se expressava e a força que essa criança dava a essa família são indescritíveis. Ela atua muito mais profundamente nessa família do que se tivesse vivido oitenta anos.

Portanto, não nos é permitido olhar de acordo com os nossos critérios superficiais. Uma vez vamos para os mortos como amigos. Outra vez os mortos vêm a nós como amigos. Os dois âmbitos se enlaçam e se intersectam. Visto assim, os mortos são amigos da vida.

A morte é maior que a vida

A morte é maior que a vida. O reino dos mortos é o maior reino e aquilo que permanece. A vida é algo transitório, algo que emerge e toma a submergir. O grande é aquilo de onde emerge a vida, e o grande é aquilo em que ela mergulha e torna a submergir.

Aqueles que morreram precocemente não perderam nada, como se aqueles que têm vida longa tivessem uma vantagem frente àqueles que viveram pouco. Pois aqueles que tiveram uma longa vida imergem exatamente de volta à origem, assim como aqueles que viveram pouco tempo. Eu não posso imaginar que lá existam diferenças entre eles. Lá tudo está bem e nada está perdido.

Morrer violentamente

A morte é para todos um desafio. Não é verdade que seja sempre uma redenção ou seja vivida como tal. Frequentemente, a morte é vivida como dura e difícil e também como muito dolorosa. Entretanto, quando tento penetrar na situação de vítimas de tortura ou daqueles que de outra maneira têm de morrer violentamente, então me arrogo algo. Esse penetrar não é bom para a minha vida e, talvez, tampouco seja bom para o meu morrer. Permaneço com a minha vida e a minha morte quando chegar o momento. Por isso, só dou atenção ao sofrimento dessas vítimas, sem entrar em seu sofrimento e seu destino.

Doação de órgãos

PARTICIPANTE Tenho uma pergunta sobre doação de órgãos. O que acontece com o receptor e com o doador? Isso é lícito ou como o vê?

HELLINGER Certa vez, em um curso tive um homem que tinha feito um transplante de fígado. Quando perguntei se ele conhecia o doador, disse: “Não”. Então, coloquei ele e o doador frente a frente em uma constelação. O doador se sentiu muito mal e o outro não estava disposto a agradecer-lhe. Ele disse: “Eu também tenho direito a isso”. Eu lhe disse: “Assim

você não pode viver”.

Para ser bem sincero, eu considero a doação de órgãos um absurdo. Se a vida terminou, está terminada. Eu não quero tê-la à custa de outro.

Em um outro curso esteve um homem que tinha a função renal muito limitada e esperava por um transplante de rins. Eu escolhi um representante para ele e um representante para o doador e coloquei-os frente a frente. Depois de algum tempo, fiz com que o seu representante dissesse ao doador: “Eu espero pela sua morte”. Quando disse isso, começou a chorar. Sentiu que isso, na verdade, não é possível.

Morrer e morte

Nota preliminar

A entrevista a seguir foi gravada pela televisão da Baviera e, mais tarde, transmitida em pequenos trechos.

A origem

O que acontece quando morremos?

Quando morremos passamos a um outro estado do qual nada sabemos. A minha imagem é que a vida emerge da origem a qual não conhecemos. Quando morremos, submergimos de volta a esse plano original. Por isso, para mim, a vida tampouco pode ser o máximo ou o maior. Aquilo de onde a vida emerge tem de ser maior que a vida. Por isso, a transição da vida para a morte tampouco é uma perda. Fecha-se um círculo, no qual princípio e fim são os mesmos.

A vida emerge, chega a um certo apogeu e, então, torna a submergir. Assim como um dia que, quando nasce, começa com um impulso, alcança então, o zênite, fica um momento, assim parece, no alto e, então, baixa outra vez para a noite.

O dia se torna mais pleno com o seu transcorrer. Assim se dá também com a vida. Com o seu transcorrer, torna-se mais plena e somente quando termina está completa e perfeita.

Como num círculo, o começo e o fim confluem para um ponto, o mesmo se dá com a nossa vida. Entre esse começo e esse fim está o nosso

tempo.

Então, na verdade, o tempo não existe.

Existe no entremeio, entre começo e fim. Para além disso reina algo do qual, porém, nada sabemos.

Isso é uma experiência ou uma hipótese?

A reflexão filosófica sugere isso, pois como é que a vida pode ser maior do que aquilo de onde se eleva. Por isso, a morte não tem nada de assustador.

Uma outra consequência dessa hipótese é que não faz diferença se morrermos mais cedo ou mais tarde, pois, no final, princípio e fim ou antes e depois são um único e um mesmo.

A morte precoce

O que se faz, então, quando alguém morre cedo?

O que submerge na origem não está perdido, pois nela tudo está contido. Como deveria a origem perder algo? Filosoficamente isso não é concebível.

Nosso esforço de conservar algo a qualquer custo, para que não o percamos, não tem significado nesse contexto. A origem não perde nada. Quando refletimos sobre isso temos outra atitude em relação à vida e em relação ao transitório e à morte, quer venha ao nosso encontro mais cedo ou mais tarde.

Por que alguns morrem mais cedo ou mais tarde. Cumpriram aí o seu dever?

Alguns têm a ideia de que vivemos para cumprir um dever. Pode ser que nós sejamos colocados a serviço por algo maior, justamente por aquilo de onde emerge a vida e de que precisemos cumprir um dever. Mas quem é tomado a um serviço não se diferencia daquele que tem um outro serviço, pois no fundo os serviços são iguais. Por isso, para mim também não faz diferença se o serviço é longo ou curto.

Mas, por exemplo, como se explica que uma criança morra logo depois de nascer ou devido à mortalidade infantil?

Com relação à morte precoce ou tardia existem experiências através das constelações familiares. Quando se observa a dinâmica familiar que aí

vem à luz, pode-se ver que os mortos não foram embora. Continuam influenciando. Nisso, nota-se que principalmente os que morreram precocemente continuam influenciando muito intensamente a família. Se, por exemplo, um natimorto ou uma criança que morreu precocemente não é mais lembrada então, frequentemente, o destino dessa criança será imitado por outros. Quer dizer que também outros querem morrer por lealdade e fidelidade à criança que morreu cedo. Isso mostra que também essa criança é um membro legítimo da família, apesar de talvez ter respirado só por um curto tempo. Não pode e nem é permitido que seja excluída pela família. Ela tem que ser respeitada como alguém que esteve aí e por isso também fica.

Portanto, cada um que morre fica ligado à família. Permanece como espírito ou como se pode imaginar isso?

O como não é conhecido. Mas só pode ficar aquilo que foi. O que é futuro não pode ficar. O que é presente também não pode ficar. Só pode ficar aquilo que foi. Essa paz do ficar só tem o que passou, inclusive o ser humano.

Morte e reconciliação

Quais são as consequências quando a morte é excluída da vida?

Podemos observar que muitos receiam a morte porque consideram a vida o máximo e que têm medo dos mortos como se fossem hostis ou invejosos em relação aos vivos. Este é um velho conceito grego. Mas nós nos reconciliamos com o próprio morrer, quando nos reconciliamos com os mortos. Isso acontece quando olhamos para os mortos, principalmente para aqueles que pertencem à nossa família e quando nos deixamos olhar por eles. Nisso se experimenta algo singular.

Quando, por exemplo, se imagina descer para os mortos que são queridos e importantes, olhamos para eles, nos deitamos perto deles até ficarmos totalmente calmos e quietos, então, depois de algum tempo, ficamos sabendo através deles que os mortos se voltam para nós com uma indicação, com uma bênção, com uma força e nos apoiam na vida até que chegue a nossa hora.

Frequentemente, aqueles que estão vivos se sentem superiores aos mortos como se tivessem uma vantagem. Entretanto, justamente por

isso se enfraquecem. Mas se olharem os mortos e talvez lhes disserem: “Eu ainda viverei um pouco, então também morrerei” desaparece o orgulho perante os mortos e nós somos mais abertos para a força que pode fluir deles.

Como você alcança esse estado em que você chega aos mortos? Como se pode chegar lá?

Não necessitamos ir aos mortos. Eles nos cercam, por assim dizer, por algum tempo. Por isso, existe em todas as culturas a ideia de que os mortos ainda estão presentes por algum tempo. Somente então, vão embora.

Nesse contexto quero dizer algo sobre a retirada de órgãos imediatamente após a morte. A esse morto se nega que morra sua morte total. A saber, a morte não termina com a cessação das funções cerebrais ou com o último suspiro. Intervir no processo de morte, nesse processo de transição, como se pudéssemos agora dispor dele, considero um crime.

Por que os diversos órgãos possivelmente ainda sejam importantes nesse processo? Pois são somente os restos mortais, eles não são, na verdade, importantes ou...?

Isso não sabemos. E o que quer dizer aqui: somente os restos mortais? Eles pertencem ao morto e lhes é permitido passar com ele também por todo o processo que se inicia com a morte. Se assim intervirmos, de acordo com a minha observação, existe um efeito negativo também para aqueles que recebem esses órgãos. Por exemplo, não se atrevem a olhar para o morto e agradecer-lhe. Isso é demais para eles. Isso mostra que, na profundeza, sua alma não concorda com isso.

Portanto, dever-se-ia agradecer ao morto, encarando-o?

Sim.

Pode-se dizer isso assim ou...?

Não se deveria absolutamente fazer algo assim como retirada de órgãos. Para mim, isso é uma intervenção que se origina da ideia de que eu tenha que manter a minha vida a todo custo, também ao preço de um órgão alheio, como se eu, ao perder a minha vida, tivesse perdido tudo. Para mim, essa é uma ideia estranha. Quem, pelo contrário, encara a sua morte e está disposto a entregar-se a ela, quando chega a hora, ganha para o

tempo que lhe resta, a plenitude da vida, enquanto que aquele que tem medo e quer adiar a morte perde muito da vida e de sua força e da felicidade profunda.

O medo da morte

De onde vem o fato de que muitas pessoas têm esse medo dos mortos? Também crianças já têm esse medo ou...? Por exemplo, como se pode tirar das crianças esse medo?

O medo da morte também tem algo a ver com o desejo de sobrevivência. Por isso, um certo medo da morte tem uma função importante a serviço da vida. Mas ficamos enfraquecidos quando negamos a morte e receamos ver a morte e os mortos.

Alguém me contou que quando sua mãe morreu, o esquife ficou ainda alguns dias em casa, o que, hoje em dia, é extremamente raro. Na casa estava uma menina, cujo pai havia morrido há pouco tempo, mas não lhe havia sido permitido vê-lo depois de morto. Essa menina ia repetidamente para onde estava a falecida, para olhá-la. Em uma dessas vezes, ao voltar, disse: ah se encontra deitada uma rainha.

A criança assume o que os adultos sentem. Quando a ela mostram os mortos e a morte, dessa maneira, ela não tem medo.

Então esse medo se afasta para sempre da criança?

O que acontecerá mais tarde, se a criança terá medo, depende de muitas circunstâncias. Mas esse foi um belo exemplo de que não é verdadeira a ideia de que todos nós tenhamos que ter medo dos mortos.

Sem dúvida, em vários povos existe o medo de que os mortos possam sair de suas sepulturas para prejudicar os vivos. Por isso, é colocada uma lápide sobre a sepultura, para que os mortos fiquem encerrados. Originalmente, a lápide ficava na horizontal.

Paz com os mortos

A experiência com as constelações familiares mostra que, quando os mortos ficam à vista, há paz. Eles se dirigem benevolamente para os vivos.

Aqui ainda devemos levar algo em consideração. Também os mortos podem precisar algo dos vivos, uma dedicação e uma deferência.

Isto se vê, por exemplo, quando em uma constelação são colocadas vítimas do holocausto.

Muitos sobreviventes ou seus descendentes têm medo de olhar para os mortos e se deixar olhar por eles. Isto é um medo profundo, porque acham que também deveriam estar com eles. Quando em uma constelação familiar são colocados os representantes dos membros da família, um em relação ao outro, então eles sentem, via-de-regra, como as pessoas reais. Quanto aos vivos, pode-se conferir, quanto aos mortos não se sabe. Mas dá na vista que tais mortos frequentemente se sentem muito apáticos, pesados e muito tristes. Entretanto, quando agora os descendentes vivos olham para eles, se curvam perante eles e choram com eles, então para eles se aclara o estar morto. Não o vivenciam tão penosamente como antes. Para os vivos, então, estes mortos já não têm mais nada que cause medo, e sim, têm em si algo pacífico que dá força. Pode-se também observar que quando esses mortos são honrados, retiram-se quietamente. Depois de algum tempo, tudo pode estar realmente terminado e os vivos estão livres em todos os aspectos.

Portanto, pode ser que, dizendo agora bem banalmente, os espíritos persigam alguém até tal morto ser reconhecido ou liberado? Isso não entendi totalmente.

Aqui não se pode falar de espíritos. Não creio que isto seja apropriado.

Em sua Décima Elegia, Rilke descreve de maneira muito bela a transição da vida para a morte. Para ele, os dois âmbitos, dos vivos e dos mortos, estão unidos estreitamente. Há primeiro um ir embora. Depois, assim diz ele em uma outra elegia, pode ser que os que morreram precocemente - ele os chama de “os que se afastaram precocemente” - sejam afligidos quando se chora demais por eles, porque isso impede o simples movimento de suas almas. Depois do ir embora, assim ele descreve na Décima Elegia, os mortos se retiram mais e mais, até que estejam bem longe, lá, onde está o sofrimento original ou o plano original, seja como for que o denominemos. Eu acho que isto é uma compreensão profunda do que se passa nas almas.

Quando falamos de almas, então queremos dizer algo que está em conexão com muito e muitos. Por exemplo, eu não poderia falar com ninguém se não estivesse ligado a ele em um plano de consonância, se uma alma em comum não nos carregasse e eu não fizesse parte do ser

daquele com quem falo e ele do meu. Esta comunicação se estende também aos mortos. Quer dizer, os vivos e os mortos fazem parte de uma grande alma em comum. Senão, não poderiam agir mutuamente. Pois assim, os vivos podem atuar sobre os mortos e os mortos sobre os vivos, por algum tempo. Depois, os mortos se retiram completamente. Muitas mitologias descrevem esse movimento que corresponde certamente a uma profunda experiência psíquica.

Assim, também pode-se prestar mais tarde reconhecimento a uma pessoa falecida, por exemplo, à mãe falecida?

Sim. Por isso também o Dia de Todos os Santos e o Dia dos Mortos são algo que une as famílias de maneira especial. Eles homenageiam os mortos e reconhecem que os mortos pertencem a eles. Nisso experimentamos que é bom para a própria alma quando se respeita e honra os mortos da família.

Em muitas culturas os mortos têm o seu próprio altar, frente ao qual são recordados. Nós também expomos fotografias de nossos falecidos pais e irmãos. É um recordar silencioso e, quando olhamos para lá, existe um efeito profundo, sereno e benéfico na alma.

Quando não se faz isso, o que acontece então? Pois muitos simplesmente suprimem isso.

Uma pessoa se sente completa quando todos os que pertencem à sua família têm um lugar em sua alma. Sempre que ela exclui alguém de sua família, experimenta isso como uma perda. Por exemplo, quem despreza e exclui seus pais, sente-se vazio. Ele se priva da plenitude da vida. Se dei a todos que a mim pertencem, um lugar em minha alma, sinto-me não somente completo, mas também livre. Aqueles que eu renego, pelo contrário, me puxam e me fazem prisioneiro. Pois eu somente posso renegá-los, porque os tenho à vista e porque penso neles. Entretanto, aqueles que têm um lugar em mim também me deixam em paz.

Imagens de morte e vida

Vida e morte estão enlaçadas estreitamente. Fico fascinado pelo pensamento que você trouxe anteriormente.

Em uma carta, Rilke traz uma comparação. Ele diz: nossa vida ou nosso ser - aqui seria talvez a melhor palavra - se assemelha a uma pirâmide.

Na ponta superior da pirâmide há passado, presente e futuro. Tudo decorre lá. Abaixo, em tudo que repousa, tudo é igual. Lá não há passado, presente e futuro. Lá tudo está preservado.

Também é estranho, que em um processo criativo, por exemplo, de um poeta ou músico, se faça a experiência de que a ideia de que lhes surge, de repente, em palavras ou imagens, seja preestabelecida. Ela emerge, às vezes, somente em fragmentos. Mais tarde, os detalhes se reúnem como se fossem trazer à luz algo que já estava lá. Isso coincidiría com a imagem que Rilke traz.

Você já o vivenciou alguma vez? Pode-se penetrar lá? Você já penetrou alguma vez nessa profundeza?

Nesse processo?

É o céu? É...?

Não. Assim que alguém faz imagens da origem está muitíssimo afastado da experiência, pois ela continua um mistério. Se respeito o mistério sem querer denominá-lo, até sem me preocupar com ele, sinto-me em paz. Então, de lá vem para mim uma força. Ele se afasta de mim, caso queira prendê-lo e dominá-lo ou reconciliá-lo e dispô-lo a meu favor ou se tenho medo dele e quero oferecer-lhe sacrifícios, para que não fique zangado comigo.

Pode-se chamá-lo de além?

Eu o chamaria além do tempo. Nada mais. Ou, ainda mais exatamente, além do meu tempo.

Você poderia descrever mais uma vez a imagem da pirâmide, porque no começo não estava bem clara para mim. Para mim ela é uma imagem extremamente bela.

Assim que se queira compreender essas imagens, elas perdem a sua força. Elas somente se delineiam e com isso tocam a alma. Se quisermos compreendê-las, fogem da gente.

A precedência da vida

Qual é a maneira mais conveniente de lidar com a morte em vida? Pois ela é um tema tabu em nossa época. Mas a morte também pode ser uma grande energia para a vida se tomarmos conhecimento dela. É assim?

Portanto, a pergunta é como se lida com a morte em vida? Em primeiro lugar, para mim a vida tem precedência. É suficiente que nos exponhamos à morte quando chegar a hora. Então, podemos fazê-lo da melhor maneira. Quando em meio à vida se olha continuamente para a morte, dificulta-se a própria vida. Isso não pode ter bom efeito.

Mas se alguém fica seriamente doente e tem de se expor ao fim, então é bom olhar para a morte, encará-la realmente e curvar-se diante dela. Frequentemente começa, então, uma intensa luta na alma, por exemplo, quando alguém está seriamente acometido de câncer. Deixo-o olhar para a morte até que ele a veja. Frequentemente, primeiro ele luta e se defende contra isso. Mas, então, acalma-se vagarosamente. Quando se curva perante a morte, dela vem para ele uma grande força. Ele pode realmente completar aquilo que resta de sua vida. O tempo que lhe resta é um tempo especialmente precioso e ele também já não tem medo da morte. Ele a vê como algo para o qual se dirige vagarosamente e como alguém ou algo que o acolhe.

Tomar conhecimento da morte não leva também a que eu viva com mais coerência, mais consciente da minha responsabilidade? Quando chego a compreender a finidade e digo, na verdade somente sou responsável perante a morte e nada mais?

Na vida somos confrontados continuamente com a morte. Já quando vemos que outros morrem, vemos, porém, que a nossa vida está suspensa por um fio de seda. Na verdade, o mais bonito é quando anuímos a isso, sem nos deter por muito tempo, senão simplesmente continuando a viver.

Mas tem-se que compreender. Muitas pessoas acham que são quase imortais. De onde vem essa maneira de ver tão difundida, onde isolamos a vida da morte?

Eu acho que aqueles que têm esse medo pensam pouco. Na verdade, somente um louco pode admitir que viverá eternamente. A natureza toda se organiza de acordo com a renovação da vida, em que outra coisa perece. Com o ser humano também é assim. Achar que somos imortais é uma presunção e achar que isso é até belo, é estranho.

A alma

Se entendo bem, para você já é a alma individual que aí entra em metamorfose, não uma total. É uma alma total ou uma alma individual em cada um dos

mortos?

Com referência à alma, pode-se observar que nós, por um lado, sentimos uma força que dirige nossa vida e nosso corpo. Aqui tem de existir uma instância que coordena tudo. Isso não pode ser simplesmente químico, isso tem de ser uma força anímica, uma força espiritual. Essa força espiritual ou essa alma vai para além de nós, caso contrário não existiria, por exemplo, o metabolismo, nenhum relacionamento, também nenhuma sexualidade e reprodução. Portanto, a alma, que dirige nossa vida, vai muito além de nós.

Então, podemos observar que uma família se comporta como se tivesse uma alma em comum. Por isso, nas famílias existe também uma compensação. Se, por exemplo, um membro da família é excluído, um outro, para compensar, assume o seu destino. Na família atua, portanto, uma alma em comum, pode-se também dizer uma consciência em comum.

Além disso, atua ainda uma alma maior que abarca tanto os vivos como os mortos. Também fazemos parte dessa alma maior. Na transição da vida para a morte não podemos deixar essa alma. Nós estamos contidos nela. Mas não consigo imaginar como. Tampouco necessito saber, para lidar serenamente com o viver e o morrer.

Fim da entrevista

A caminhada para os mortos

Se quiserem, faço um pequeno exercício com vocês. Vocês podem se sentar confortavelmente. Não segurem nada nas mãos, para que não fiquem tolhidos em seu movimento. Podem fechar os olhos, se quiserem, e se recolherem em seu centro.

E agora vão até o fundo, até a profundeza - e para além dessa profundeza. Deixem-se mergulhar no reino dos mortos.

Chegando lá, deitem-se ao lado dos mortos, que lhes são importantes: talvez esquecidos, ou desprezados, ou assassinados, aqueles com destinos duros, crianças mortas, quem quer que seja. E ali fiquem quietos, em paz, em profundo entendimento, até que se tenham tornado totalmente unidos a eles.

Assim imóveis, sintam como dos mortos extravasa algo para o coração, para a alma profunda. - Abram bem o coração para tudo o que flui dos mortos para vocês, seja o que for e o acolham.

Quando estiverem totalmente preenchidos disso, curvem-se perante esses mortos e comecem o caminho de volta para cima, para a superfície, para o próprio centro, outra vez à luz e abram os olhos.

Às vezes escutamos as discussões e o que se diz sobre os agressores e as vítimas na última guerra mundial: quanto são superficiais e totalmente descabidas essas discussões. Desconhecem como os indivíduos estão vinculados em forças às quais não podem resistir. Cada um estava vinculado de uma maneira especial e envolvido, inevitavelmente. Se agora deixarmos que isso atue sobre nós, então, só existe um caminho.

HELLINGER *para uma cliente* Você tem que esperar até que uma camada ainda mais profunda a comova. Isso pode demorar. Então, talvez, você possa se liberar. Recoste-se agora.

para o grupo Eu farei um exercício com ela e, se quiserem, com vocês. Vocês podem acompanhar o exercício.

Feche os olhos. - Abra ligeiramente a boca e respire tranquila e profundamente, assim. Deixe-se cair em algo profundo, impalpável, que acolhe você. - E com essa profunda força vá ao reino dos mortos - e olhe para eles - as vítimas - e os assassinos. E das vítimas, seus pais - e dos agressores, seus pais. - E curve-se perante as vítimas e seus pais - e perante os agressores e seus pais. - Agora tome os seus dois filhos pela mão e curve-se com eles perante as vítimas e seus pais

- e perante os agressores e seus pais. - Então, olhe para além dos mortos para o horizonte. - Ele está vazio - entretanto, lá aparece bem suave a verdadeira força - o anjo que conduz a todos do mesmo modo, os mortos sejam de que tipo forem

- e a você e aos seus filhos. Curve-se diante dele e diga: “Por favor, abençoe a mim e as minhas crianças”. Então, retire-se vagarosamente com as crianças, sempre mais, para bem longe até que o reino dos mortos se desvaneça. - Então, tome os seus filhos no coração e diga a eles: “Eu os abençoo”. - E agora olhe para os pais das crianças, ambos e diga a eles:

“Obrigada”.

Hoje é o dia dedicado às vítimas do nacional-socialismo e aos caídos na guerra. Nesse contexto desejo oferecer uma pequena meditação para aqueles entre vocês que desejem acompanhar. Agora vocês podem fechar os olhos - acalmar-se, concentrar-se no próprio centro, no centro vazio. - Esse centro é amplo - e profundo - e no centro, por estar vazio, tudo tem lugar. - Agora todos podem vir a esse centro - todos de nosso povo, não importa qual seja a terra natal - e todos os mortos - as vítimas. - Agora vocês podem reconhecer sua pertinência e deitar-se, por assim dizer, a seu lado e dizer-lhes: “Sou também um de vocês”. Ser igual aos mortos - e para além disso, às outras vítimas, os chamados inimigos - aqueles que foram assassinados ou mortos em câmaras de gás - as crianças, os deficientes que foram mortos - a assim chamada vida indigna - e deitar-se junto a eles e ser igual a eles. - Quando o coração se alarga, até que lhes seja permitido ser igual a nós e nós nos tornamos iguais a eles, repousamos como eles.

Então, a vista se dirige aos agressores, aos assassinos, aos líderes - e também podemos oferecer a eles: “Eu sou igual a vocês - e a vocês é permitido ser igual a mim”.

O gigantesco exército dos mortos, das vítimas e dos agressores está aos pés de algo maior, do qual estão à mercê e que dispõe deles. - Frente a esse maior, podemos ser todos iguais. - No fim, vem paz daquilo que parece terrível ou mau

ou assustador - se é permitido que seja assim como foi e se agora é permitido que continue a agir para algo que no fim reconcilia a todos. *depois de algum tempo* E agora voltem vagarosamente.

O intervalo

O que decorre aqui é algo que não se aguenta por muito tempo: esse ir ao âmbito dos mortos e voltar. Isso só é permitido fazer em certas situações.

A vida termina com a morte e o medo da morte começa durante o nosso nascimento. Podemos cravar os olhos nesse medo durante toda a vida e quando tivermos olhado durante toda a vida para esse medo, morremos. Se não o olharmos, morremos também. Portanto, pode-se

viver olhando para isso continuamente ou pode-se dizer, quando chegar a hora, olho para isso e no intervalo me permito estar bem. Essa seria a higiene psíquica aqui.

É também assim nesse tipo de trabalho. Entra-se e, então, volta-se à vida bem habitual.

Viver até o fim

Antes, em alguns conventos exercitava-se olhar para a morte. Por isso, tantos santos têm uma caveira sobre o seu genuflexório, para que tenham a morte sempre frente aos olhos.

Talvez seja melhor encarar a morte somente quando chegar a hora e, então, somente até entrar em harmonia com ela. Depois, segue-se adiante.

Existe uma história famosa sobre um fiel de Conradino, o último rei da linhagem dos Hohenstaufen. Na Itália, quando foi aprisionado junto com o rei, encontrava-se no castelo, onde era mantido prisioneiro e jogava xadrez com um companheiro de prisão. Enquanto jogavam, chegou um mensageiro que lhe disse: “Você vai ser executado dentro de uma hora”. Sabem o que ele respondeu? “Continuemos jogando”.

Também, que mais se pode fazer enquanto se vive, a não ser viver.

Epílogo

A vida continua

Tudo o que aqui aconteceu se desvanece depois de alguns dias. Também sei por quê. Vocês também sabem? Porque a vida continua.

Em Lao Tsé existe um provérbio sobre o predestinado ou o sábio: quando o trabalho está terminado, ele se volta imediatamente ao novo e esquece o que foi. Essa é uma regra muito boa. Em vez de refletirmos: “Isso foi tudo?” e, por assim dizer, querermos segurá-lo, deixamos isso para trás e seguimos adiante. E aquilo que foi ilumina benevolamente aquilo que vocês fazem.

A felicidade

No final, o que posso desejar a vocês é que tomem a felicidade assim como vem. Tanto a pequena como a grande. Aqui experimentamos tanto felicidade como dureza. Quem toma a felicidade, como vem e vai, toma também as outras coisas que pertencem à vida. Então, experimenta, talvez, que aquilo que entra pela porta como infortúnio, depois de algum tempo permanece como felicidade. Nesse sentido desejo a todos tudo de bom!

Apêndice

Uma olhada na oficina:
Norbert Linz entrevista Bert Hellinger

O processo criativo

No início da conversa, desejo seguiras pegadas do desenvolvimento de seu trabalho e tentar tornar compreensíveis alguns passos. No prólogo de seu livro No centro sentimos leveza *você relata que a conferência* Culpa e inocência em relacionamentos *só se originou vagarosamente. Citação: "Nela trabalhei quase um ano e interrompi o trabalho repetidas vezes, para colecionar outras experiências e examinar aquelas vividas até então". Que processo transcorre em você ali?*

Pois bem, nos cursos sou confrontado com múltiplas experiências humanas às quais me exponho. Se você refletir que nesses cursos, nesse meio tempo, milhares de participantes se expuseram intensivamente a seus problemas e emaranhamentos, é compreensível que eu, no decorrer do tempo, ganhasse um conhecimento aprofundado das múltiplas maneiras de como são vivenciadas a culpa e a inocência e o que causam. Controlo esses conhecimentos continuamente nas novas experiências que vêm ao meu encontro. De repente, ganho um novo conhecimento. Noto, por exemplo, que ainda falta algo com relação às observações que fiz, até agora, sobre a compensação nos relacionamentos. Então, deixo agir sobre mim o que ainda vem ao meu encontro nesse sentido. Vejo que também a compensação no negativo é necessária. Mas, ao mesmo tempo, ela também contém em si perigos, quando nisso, por exemplo, fazemos ao outro algo pior do que ele fez a nós mesmos. A solução é, então, que faça algo menos ruim do que ele fez a mim. Essas são experiências que se condensaram, expondo-me a uma plenitude de fenômenos até que se mostre o essencial.

Um outro exemplo: quanto à conferência: Os limites da consciência *você relata como nessa outra citação: "Quando a proferi pela primeira vez, estava muito longe de estar pronta, pois ainda não tinha compreendido as concatenações essenciais". Não foi um risco proferi-la em público com o manuscrito ainda inacabado? Como se tornaram conscientes para você as pedrinhas do mosaico que ainda faltavam?*

Eu ainda não terminei isso. No decorrer do tempo notei que não é absolutamente importante ter um conceito pronto, e sim, introduzir impulsos de crescimento. É dado um certo estímulo que outros também aproveitam. E, assim, as suas experiências são incluídas. Com isso, cresce algo para o qual muitos contribuíram. Com a consciência e com as experiências sobre os movimentos da alma ainda não cheguei ao final. Continuo ocupado com isso e ganho novos conhecimentos a respeito.

Quando você profere uma conferência, então a reação de seus ouvintes na discussão feita a seguir é uma ajuda estimulante para a continuação do desenvolvimento de suas afirmações?

Não. Essas conferências são tão condensadas e tão opostas às ideias habituais que, via-de-regra, não se entende imediatamente a transcendência. Cada um tem de se expor primeiro a isso por algum tempo, examinar em si mesmo o que foi dito e nisso chegar a conhecimentos próprios. Quando, então, diz algo sobre isso por experiência, isso conduz adiante.

A que ponto você tem que estar seguro para poder formular por escrito novos conhecimentos?

A conferência *Os limites da consciência* traz conhecimentos tão essenciais que, também nessa forma, é para muitos uma ajuda. Que a consciência, além disso, ainda atua de outra maneira não é importante. Sinto-me fluindo, também ainda hoje, e me defendo de tudo o que é fixo. Permaneço nesse fluxo. Com isso, tudo permanece em aberto, não somente para mim, mas também para os outros. Nada é fixo. Se os outros estão fluindo comigo, também fazem suas próprias novas experiências. O essencial é o fluxo.

Com isso você conduz um curso pronunciadamente não-dogmático. Poderia ser que a sua experiência com a Igreja e a Ordem, onde dogmas e regras fixas têm um papel importante, tenham levado você com mais veemência a essa direção oposta?

Não. Eu sempre fui uma pessoa inconformista.

As histórias

Com relação às suas histórias terapêuticas: uma vez você disse que, em parte, haviam crescido com você. Como se originaram?

Algumas se originaram espontaneamente, por exemplo, *Dois tipos de felicidade,* simplesmente, porque em um curso alguém me desafiou a isso. Então, me ocorreu essa história e eu a contei. Mais tarde, sempre a repeti e assim, no decorrer do tempo, ela se refinou e tornou-se mais densa. Muitas histórias descrevem um movimento da alma, por exemplo, a história *A despedida.* Aqui alguém supera bem lentamente acontecimentos essenciais de seu passado e os deixa para trás.

Essas histórias tiveram, às vezes, um motivo concreto que determinou o tema?

Sim, tiveram. Comecei simplesmente a contar uma história em uma situação oportuna e a repeti mais tarde em situações semelhantes, nisso completando e tornando-a mais densa. Assim evoluíram as histórias.

Portanto, nesse processo narrativo elas ganharam em densidade?

Ganharam, sim. Há também algumas histórias de cunho filosófico, nas quais eu trabalhei somente por escrito.

A fé maior

Como foi na sua história A fé maior? *Aqui você tomou do Velho Testamento a imolação de Isaac por Abraão como ponto de partida. Esse motivo tem a ver com a sua formação teológica?*

Não diretamente. Mas observei que também hoje, de forma encoberta, são "sacrificadas" crianças e, que a história de Abraão ainda atua nas almas exatamente como naquele tempo. Também hoje em dia as crianças têm medo de que o pai ou a mãe estejam dispostos a sacrificá-las. A história bíblica diz, na verdade: Deus não

quer tal sacrifício. Portanto, é uma história que está direcionada contra o sacrifício de crianças. Porém, isto tinha nas almas somente um efeito ínfimo, também mais tarde em todo o judaísmo. Pois, muito depois da história de Abraão, os nobres de Israel sacrificavam os seus filhos. Também o cristianismo baseia-se na ideia de que, com relação a Jesus, Deus queria e aceitava tal sacrifício.

Por que esta história não teve efeito?

Porque não se olhou a Deus partindo do íntimo. Ela não tem efeito enquanto, partindo do íntimo, Deus não seja outro que o apresentado nessa história. O mesmo Deus que intervém de fora tinha pedido a

Abraão, anteriormente, para sacrificar seu filho. O passo decisivo de desenvolvimento seria que um pai frente a esse Deus que se revela como o verdadeiro Deus, resistisse desde o princípio e dissesse: “Isso eu não faço”. Somente então a imagem de Deus pode se desenvolver para algo maior, de tal maneira que o sacrifício de crianças já não seja possível. Disso trata a história *A fé maior*. Ela é talvez minha história mais poderosa.

Não é também uma história muito revolucionária no sentido de que se contradiz a Deus? Que se resiste a ele?

Nessa história, partindo do íntimo, Deus é visto de outra maneira. Quem se abre a essa história tem que rejeitar as imagens tradicionais de Deus e olhar para algo maior a partir de uma profunda força interior, algo que é pressentido oculto atrás desse Deus. Para isso, tem que se colocar contra sua própria família, se a mesma cultua essa imagem de Deus. E tem de se colocar contra a tradição cristã de que alguém, para a sua salvação, possa ou deva sacrificar outro a Deus e de que esse sacrifício seja a Sua vontade. Isso exige uma confiança e uma fé que vão muito além daquela de Abraão.

O hóspede

Como se originou a empolgante história O hóspede?

Certa vez, Stephen Lankton contou uma história na qual alguém, no faroeste, atravessa terras despovoadas até que encontra a sede de uma fazenda. Ele deseja entrar, porém tem medo de fazê-lo. Também o fazendeiro, que já o tinha visto chegando de longe, queria que o outro o visitasse, porém não se atreveu a convidá-lo. Assim, os dois ficaram sozinhos e pensaram: que pena.

Por assim dizer, essa foi para você a estrutura do conto?

Isso me impressionou. Aproveitei essa primeira parte, mais ou menos assim como ele a tinha contado. Então, continuei essa história até o oposto, onde um procurava o encontro e o outro não, portanto, bem diferente. Depois introduzi nela o tema da morte como hóspede permanente. Então, as duas primeiras partes serviram de preparação para, por assim dizer, uma indução de transe. Alguns ouvintes me disseram que nunca tinham escutado a última parte porque estavam totalmente em transe.

Você deseja alcançar este plano do transe também nas outras histórias?

Não diretamente, ele se origina.

Existe a intenção de que se desenvolva um efeito especial?

Eu não tenho essa intenção. Começo a história e, de repente, ela conduz os ouvintes para um outro estado no qual podem estar totalmente em si mesmos. Muitas dessas histórias descrevem, naturalmente, também uma situação dramática. A longa preparação conduz, então, ao drama e o prepara. Mas eu o faço intuitivamente.

Quanto tempo você trabalha nessas histórias?

Na história *O hóspede,* certamente trabalhei meses.

E também a narrou repetidas vezes em cursos e, narrando-a, continuou a desenvolvê-la?

Sim. A última parte dessa história, o encontro com a morte é o decisivo. Escrevi essa parte a partir de um movimento interno.

Por conseguinte, imaginar tais histórias é um processo criativo bem diferente do que a elaboração de uma conferência?

Eu não imagino as histórias. Elas me sobrevêm.

O não-ser

Como foi com O não-Ser, a *história difícil de entender?*

A história *O não-ser* é, pois, uma história filosófica muito sutil. Comecei com a frase que descreve um monge que estava perante um mercador e lhe pedia uma esmola. Mas eu não sabia como a história poderia continuar e a pus de lado. Depois de um ano, essa frase estava frente a mim outra vez e, de repente, me vieram as outras frases. Então, me detenho nesse tema até que se mostre o essencial. Mas para mim é assim que essas frases, às vezes, dizem-me algo que eu mesmo não compreendo. Portanto, quando escrevo estou ligado a algo que tanto me mostra alguma coisa como também me oculta algo. Mas o oculto e não-dito atuam também. Isso é válido também para as minhas outras histórias filosóficas.

Quanto tempo você trabalhou na história O não-ser?

Quando comecei pela segunda vez, com certeza ainda alguns meses. Frequentemente, estava sentado no trem e, de repente, afloravam outras imagens e frases dessa história. As frases vêm como pedrinhas de um mosaico, um pedaço aqui, um pedaço lá e eu não sei diretamente onde pertencem. Por exemplo, a frase: "O não-ser é como a noite e, como a morte, um início desconhecido e, só por um breve instante, assim como um raio, nos abre o seu olho" chegou totalmente separada. Eu sabia que essa era uma frase maravilhosa e exata, apesar de não poder compreendê-la totalmente. Também o final da história chegou-me muito antes que a parte central existisse.

Como você encaixa cada uma das pedrinhas do mosaico em um todo fechado e conforme?

O produto final tem a ver com beleza. Tem algo estético. Por exemplo, dou atenção ao ritmo estilístico que faz com que a alma vibre junto. Também sempre fica algo não dito.

O círculo

Isso se mostra também em minha história *O círculo.* É uma bela história e, contudo, não compreensível.

E como se originou?

Ela chegou a mim frase por frase. Essa história começa com a frase: "Um envolvido pediu a alguém que percorria com ele um trecho do mesmo caminho: diga-me, o que conta para nós". Esta é, na verdade, uma pergunta monstruosa. Essa história pode-se dizer também esse poema escrevi originalmente para cancerosos. O envolvido é uma pessoa acometida de câncer. Por assim dizer, ele pergunta no fim de sua vida: "Diga-me o que conta para nós". O desafio dessa pergunta não se pode enfrentar com a mente. Entretanto, de repente, chegou a primeira resposta e eu senti: sim, é isso.

Você às vezes tem a preocupação de que a fonte seque e que, por assim dizer, não venha a próxima estrofe?

Sim. Na segunda estrofe desisti e pensei: eu não posso levar isso ao fim. Por isso, deixei a história repousar outra vez.

Quanto tempo duram tais pausas?

Um, dois meses ou mais.

Aí também se necessita paciência consigo mesmo ou...?

Eu não escrevo tal história porque a necessite. Ela me é presenteada. Quando ela vem está bem, e quando não vem, também está bem.

Você pode ainda dizer alguma coisa sobre a origem da história A plenitude. *Ela começa: "Um jovem pergunta a um velho: O que diferencia você, que quase já foi de mim, que ainda serei?" Quanto tempo você trabalhou nessa história e a retocou?*

Não muito tempo. A primeira e decisiva frase foi: "Eu fui mais." De repente, veio- me o que isso significa. Ao redor dessa frase se originou a história.

Aforismos

Juntamente com você pude trabalhar no livrinho Verdichtetes, *que contém aforismos e pequenas histórias. Gosto de me lembrar como em sua casa, muitas vezes conversando durante o jantar, de repente cintilava um aforismo baseado na filosofia popular. De onde vinham essas centelhas?*

Da situação e quase sempre em diálogo. Se não as escrevo imediatamente torno a esquecê-las. Elas chegam bem de repente, às vezes, no meio da noite. Por exemplo, há pouco me veio durante a noite a frase: "Eu tenho mais confiança no rio do que em seu leito". Ou: "A fonte não precisa perguntar pelo caminho".

Uma vez você disse que aforismos deveriam estar sediados na vida. Não quer dizer também que tais ideias chegam principalmente durante o trabalho terapêutico?

Sim, a maioria. Quando fora dele me ocorre algum aforismo, ele está sediado na vida, numa época em que estou ocupado com uma determinada coisa. De repente, chega-me, então, uma determinada frase condensada.

Você "produz" tais aforismos há relativamente muito tempo. A minha impressão é certa de que devido à abundância de suas experiências terapêuticas a "fonte" jorra ainda mais copiosamente?

Eu não sei. Já colecionei tantas frases desse tipo que, às vezes, nem escrevo mais as novas.

Linguagem e pensamento

Quando pude ajudar você na redação final de textos, vivenciei repetidas vezes o seu esforço em examinar atentamente o conteúdo do significado de cada palavra. De onde vem essa exatidão nas palavras e quanto é importante para o trabalho terapêutico?

Isso tem a ver com a fenomenologia. Quem entendeu algo também encontra a expressão exata. Essa atinge o objeto e tem, ao mesmo tempo, algo estético. Heidegger é um exemplo disso. Eu procuro longamente pela palavra alemã exata, por isso, em geral, não utilizo estrangeirismos.

Você acaba de mencionar Martin Heidegger, que também pertence aos seus mestres no pensamento e na linguagem. O que deve a ele, o que fascina você em sua obra?

Eu comecei a ler Heidegger há apenas alguns anos. Isso me enriqueceu muito, principalmente a sua visão da verdade. Ele diz que não se deve ver a verdade no sentido de concordância do que foi pensado com uma realidade, de maneira que a verdade tenha seu lugar no pensamento, mas sim que a verdade sai do oculto para a luz, portanto é algo que se introduz à força e mostra. Essa verdade é sempre provisória e incompleta. Ela revela somente uma parte, mas nunca o todo.

E como é com a linguagem de Heidegger?

Ela é simplesmente bonita. Noto com que precisão descreve algo. Nisso, às vezes procuro imitá-lo.

Quem se encontra ainda entre os seus mestres no pensamento e na linguagem?

Não tenho muitos, tenho que dizer isso, porque não leio muito. Entretanto, um deles é Rilke, mas de maneira completamente diferente.

Exatamente nessa direção se dirige a minha próxima pergunta: que papel estimulante representa o seu tão venerado Rainer Maria Rilke, cujas Elegias de Duíno *assim como* os Sonetos a Orfeu *você gravou como introduções em dois CDs?*

Rilke disse que só se pode compreender Os Sonetos a Orfeu se nos submetermos a eles.

O que quer dizer isso concretamente?

Tão lindos como são os *Sonetos a Orfeu* - se os vemos somente esteticamente, não os compreendemos. Eles transmitem uma visão do mundo e, a saber, não forjada. Para Rilke ela é consequência de longa experiência. O essencial é que aí vida e morte ficam entrelaçadas entre si, que o ruim no mundo ou o sofrimento coexistem com o bem e o belo de maneira igualmente essencial. Sua visão do mundo tem uma plenitude que muito me comove. Principalmente as *Elegias de Duino* e os *Sonetos a Orfeu* são os que me transmitem isso. Os seus outros poemas são para mim menos importantes, apesar de que alguns me toquem muito, por exemplo, do *Livro de horas.*

Existem ainda outros paralelos entre a sua obra e as declarações dele?

Não, eu não me atrevería a tais comparações. Releio sempre as *Elegias de Duíno* e os *Sonetos a Orfeu,* sinto-me enriquecido por eles, mas sigo o meu próprio caminho. Rilke me comove sem que eu o copie de qualquer maneira. Simplesmente lendo-o, sinto-me mais forte.

E então como é com os psicólogos, qual obra interessa a você, em especial, quanto ao conteúdo e à linguagem?

Agora teria que pensar. Li toda a obra de Freud, uma obra realmente admirável à sua maneira. Mas, de resto, leio poucos psicólogos.

Um livro você me recomendou uma vez, um livro de Carlos Castaheda.

Sim, ele era um xamã. Seus livros me impressionaram muito, principalmente *A Erva do Diabo* e *A viagem a Ixtlan.* No *A Erva do Diabo* aparece o belo ensinamento sobre os inimigos do saber: o medo, a clareza, o poder e a necessidade de descanso.

A clareza também é um inimigo do saber?

Sim, quando confiamos nela. Se, por exemplo, confiarmos mais numa teoria comprovada do que numa percepção direta.

Como é o seu aforismo em relação a isso em Verdichtetes? A prática perturba a teoria.

Sim, exatamente.

Coragem para o minimalismo

Em nossa entrevista detalhada Perguntas a um amigo, *em* Ordens do amor,

você deu informação sobre o seu desenvolvimento como terapeuta desde o início. Em retrospectiva dos sete anos que se passaram desde então, quais novas modalidades de trabalho foram acrescidas?

O que eu disse naquele tempo, para mim é válido até hoje. Mas tinha em si também o gérmen do futuro, por exemplo, o que disse sobre minimalismo ou sobre a coragem.

Você pode esclarecer isso mais exatamente?

Primeiro algo sobre a coragem. Quando em seu trabalho um terapeuta confia em sua percepção, precisa ter muito fôlego, pois o que atua na alma se desenvolve lentamente. Portanto, ele tem de confiar que os impulsos que ele insere somente mostrarão o seu efeito muito mais tarde. Muitos clientes e terapeutas esperam que a terapia provoque algo imediatamente. Portanto, se uma intervenção não traz uma solução imediatamente, alguns dizem que foi falsa ou o que terapeuta é incompetente. Talvez o terapeuta seja caracterizado de incapaz até publicamente ou o acusemos de ter ido muito longe. Resistir e suportar ficar sozinho no final com a sua percepção e, no entanto, confiar nela - isso é coragem.

Neste contexto o que é para você "minimalismo"?

Minimalismo quer dizer para mim: alcançar muito com o mínimo possível.

O que quer dizer isso concretamente para o trabalho terapêutico?

Primeiro, que peço muito poucas informações ao cliente. Segundo, que limito minhas intervenções a um mínimo. Com isso, dou aos movimentos da alma no cliente o maior espaço possível.

Os movimentos da alma

Em que direção continuou a se desenvolver e ampliar a sua terapia nos últimos anos?

Nisso trata-se principalmente dos movimentos da alma. Como se mostra a alma? Em que direção conduz a alma quando nos confiamos a ela? Ela aponta sempre à união com unidades maiores: àquilo que antes estava separado se una, formando um maior.

O que estava separado?

Dou um exemplo de um de meus últimos cursos. Lá foram constelados dois oficiais alemães. Um havia morrido na guerra na Rússia e o outro, seu amigo, mais tarde havia se casado com a mulher dele. Depois de alguns anos, no dia da morte de seu amigo, com a intenção evidente de suicídio, teve uma queda mortal nas escadas.

No desenvolvimento posterior da constelação tomei, de um lado, seis soldados russos e, do outro lado, seis alemães. Depois, tudo ficou confiado aos movimentos da alma, sem qualquer intervenção de fora. Os dois lados estavam vinculados ao seu povo e continuaram sendo soldados. Ambos estavam à mercê do destino de seu povo. Entretanto, no fim, tiveram que reconhecer quanto era sem sentido essa guerra.

Concretamente, qual foi o retorno que os representantes deram depois dessa constelação?

Cada um sentiu uma coisa diferente. Alguns sentiram que logo tinham sido baleados, caíram imediatamente ao solo. Outros se vivenciaram como gravemente feridos, por exemplo, um sentiu que o seu ombro direito havia sido atingido e ele não podia mais mover o seu braço direito. Outros se sentiram traídos e mandados à chacina por seus oficiais. E outros, depois de algum tempo, sentiram compaixão pelo adversário e se dirigiram a ele.

Tal constelação espelha uma concreta situação de batalha ou se trata aqui de experiência coletiva de guerra?

Em tais constelações fica claro que todos os representantes representam pessoas determinadas e retratam os seus diferentes destinos. Nessa constelação, com base em destinos individuais, ficou demonstrado por parte dos soldados, de maneira incrivelmente impressionante, o absurdo da guerra. Isso uniu os dois lados.

Também na constelação de agressores e vítimas frequentemente se mostra que, entre eles, existe um vínculo profundo, até mesmo de grande amor. Aqui se mostra que a nossa diferenciação habitual de bom e mau não se confirma. Atrás disso tem que existir um movimento que, sem que entendamos, toma a serviço tanto os agressores como as vítimas. Aqui, os movimentos da alma se mostram para além das questões da psicoterapia clássica.

Há quanto tempo você já trabalha concentradamente a nível de movimentos da alma?

Isso começou lentamente, semelhante às constelações familiares. Não posso mais dizer com exatidão. Primeiro, pensei que fosse uma parte da constelação familiar, até que notei que isso atua num plano mais profundo e mostra outras soluções. Daqui se desenvolveu também uma forma especial de terapia breve, na qual, frequentemente, não necessito colocar a constelação familiar.

Como se pode imaginar isso? O que você faz com o cliente?

Eu peço para que se sente ao meu lado - e espero concentrado, sem intervir. De repente acontece algo com ele.

O que poderia ser?

Por exemplo, ele se curva para frente e chega a um movimento sem que eu o dirija. Às vezes, também apoio o movimento quando me parece necessário, possivelmente, abaixando um pouco a sua cabeça. Mas não sei para onde o movimento vai levar. Estou em sintonia com o cliente e ele pode confiar inteiramente em mim porque não intervenho. Portanto, na terapia breve mostraram-se muito dos movimentos da alma.

Em especial, quando é apropriada essa forma de terapia breve?

Lá onde se trata do último. Por exemplo, quando alguém está próximo à morte ou quando tem que se expor a uma culpa da qual se esquivou até agora ou quando um velho trauma dificulta seu movimento em direção às outras pessoas.

Os mortos

O procedimento com os mortos também é algo tratado intensivamente em seu trabalho com as constelações.

Na família, os mortos estão, evidentemente, tão presentes como os vivos. Para uma criança a mãe que morreu está sempre presente, para a criança ela não foi embora.

Como se mostra isso nos representantes?

Nos representantes dos vivos é fácil de verificar se está de acordo com aqueles que representam. Entre os mortos e seus representantes parece

haver uma concordância semelhante, pois cada representante de um morto sente diferente. Vê-se, por exemplo, quando vítimas do Holocausto são consteladas. Portanto, em geral, aqui não são os mortos que se mostram, mas certos mortos. Nisso pode-se ver que os vivos e os mortos estão entrelaçados uns com os outros e tanto os mortos atuam sobre os vivos como os vivos sobre os mortos.

Como atuam uns sobre os outros?

Quando numa família os mortos não são respeitados ou não são honrados, sentem- se tristes, muito tristes e perdidos. Quando os vivos se dedicam a eles, os respeitam em sua dignidade e pedem a sua bênção, então a fisionomia dos mortos se clareia e eles se sentem mais leves. Depois, os vivos podem se afastar dos mortos e estes podem se retirar. Portanto, aqui atua algo de ambos os lados - dos mortos para os vivos e dos vivos para os mortos.

Temas da época

Com o seu desenvolvimento terapêutico acrescentaram-se também novos temas, como guerra, violência política e relação agressor-vítima. Em que direção você olha aqui?

Eu tomo como referência sempre o indivíduo e sua família e o efeito que ela tem sobre ele. Limito-me a isso.

Uma vez você me comunicou que também poder e dinheiro em uma família podem conduzir a emaranhamentos.

Isto tem a ver com a compensação. Se alguém em uma família chegou à riqueza através de injustiça - principalmente se nisso outros perderam a vida, em sondagens de petróleo ou outra coisa -, então isso tem um efeito negativo para a família. A salvação para os descendentes pode ser aqui extremamente difícil. Às vezes, juntou- se tanta injustiça que só muito dificilmente pode-se encontrar uma solução.

Quando, por exemplo, famílias se enriqueceram com propriedades de judeus, de pessoas que morreram num campo de concentração - então isso ainda tem um dramaticismo importante?

Tem um dramaticismo muito grave. Somente agora isso vem lentamente à luz nas constelações.

Por que somente agora?

Isso eu não sei. Talvez tenha chegado a hora. Nesse contexto, mostra-se também que para os soldados que voltaram da guerra, os seus camaradas e inimigos caídos têm um papel muito importante. Atua quando estes não são respeitados, quando os descendentes não conseguem compreender o que significa para o pai ter voltado, enquanto muitos de seus camaradas morreram e ele, talvez, também tenha matado muitos inimigos.

Em que direção isso atua?

Tivemos um exemplo em um workshop em Washington. O pai do cliente tinha sido oficial na Segunda Guerra Mundial, no fronte japonês. Muitos de seus camaradas morreram. Na constelação, o filho queria ir para os camaradas caídos e para os inimigos mortos. Não era possível segurá-lo. Mostrou-se que, por causa disso, estava extremamente ameaçado de suicidar-se.

Já se sabia antes que estava ameaçado de suicidar-se?

Não. Só ficou claro na constelação. Colocamos seu filho frente a ele e então, ele disse ao filho: "Eu quero ir para os camaradas de meu pai que morreram". Não se conseguia dissuadi-lo. Somente depois de muito tempo, quando fitou seu filho nos olhos, pôde deixar disso.

Novas maneiras de ver

Ainda uma retrospectiva: em quais temas psicológicos as suas declarações adquiriram um outro realce nos últimos dez anos? Penso, por exemplo, no tema adoção. Como se modificou aí a sua maneira de ver?

No vídeo e no livro sobre adoção, *Halte mich, dass ich am Leben bleibe*[23], resumi os aspectos essenciais. É importante, por exemplo, que a criança adotada se despeça de seus pais para sempre. Esse é um passo bem difícil. Somente então pode se voltar para os pais adotivos. Só mais tarde isso me chegou com tal nitidez. Existem poucas situações na qual uma criança adotada pode retornar para os seus pais verdadeiros. Em geral, tem-se que levar a sério que os pais deram a criança para sempre.

O que também se mostrou somente no decorrer dos anos é que

---

[23] Abraça-me, para que eu viva (N.T.)

crianças abortadas e também abortos espontâneos têm, nos irmãos, um efeito muito maior do que havia suposto antes. Existem situações na constelação onde isso fica bem claro.

Por favor, um exemplo.

Uma mulher tinha um medo e pânico de que os seus dois filhos morressem e também tinha medo de morrer. Na constelação coloquei-a e duas crianças e em frente a elas, a morte. O representante da morte sentou-se imediatamente no solo. Eu disse à mulher: "A morte é, pois, uma criança, o que aconteceu na família de origem?" Sua resposta: "Minha mãe fez aborto de nove crianças e se vangloriava disso". Em seguida, coloquei sentados em frente a elas representantes para as nove crianças, para a própria morte e a sua mãe atrás. A mãe estava muito comovida, queria ir de toda maneira para as suas crianças abortadas e se sentou perto delas. Estava bem claro, o medo da mulher perante a morte era aqui o medo de sua mãe.

Por que medo da mãe?

A mãe era, para essas crianças, a morte. Depois da constelação havia passado o medo da mulher de que seus filhos pudessem morrer.

Você pode nomear outros temas onde a continuação do desenvolvimento de sua terapia conduziu a novos conhecimentos?

Os temas agressores e vítimas ou holocausto se acrescentaram somente mais tarde, passo-a-passo. Agora ganhei uma certa clareza sobre isso. Então, também uma forma especial de terapia breve. Eles mostram um crescente adensamento do trabalho.

Perspectiva

A sua psicoterapia sistêmica se desenvolveu nos últimos anos em um dos métodos psicoterapêuticos mais praticados no âmbito dos países de língua alemã. Nesse meio tempo, também em certas universidades municipais populares são oferecidos cursos com constelações familiares segundo Bert Hellinger. Em sua opinião, por que é que justamente essa abordagem terapêutica encontra tanta repercussão?

Penso que não sejam as constelações familiares o que importa, mas sim os conhecimentos que resultam delas. Por exemplo, sobre as ordens do

amor, sobre a compensação, a precedência do anterior, o honrar os pais - isso penetra imediatamente na alma. Portanto, existe em muitos a necessidade de olhar mais acuradamente o que, talvez, esteja por ordenar em sua família. Eles vêm então para uma constelação familiar.

Mesmo que você tenha se defendido por muito tempo contra esse termo, não se deve falar hoje de uma "Escola de Hellinger"?

Sim, dever-se-ia sim.

Se temos então uma Escola de Hellinger, como vê o trabalho de seus discípulos, portanto daqueles terapeutas que trabalham com seu método?

Eu os vejo com benevolência, mas não me preocupo com o que cada um faça. Dei uma orientação, mas o que cada um faz com isso e como o continua desenvolvendo deixo com eles.

Esse desenvolvimento explosivo não causa, às vezes, alguma preocupação? Pois os cursos de Hellinger são "in", sem que você intervenha, correm o perigo de se transformar em um terapeuta da moda. Como vê esse desenvolvimento?

Não me preocupo com isso. O que estiver em harmonia com algo bom continuará se desenvolvendo.

Este "método de Hellinger", como desejo denominá-lo que, originalmente, estava muito fortemente acoplado às constelações familiares, é transmitido agora também para outras áreas: por exemplo, constelações organizacionais para empresas e semelhantes. Como você acompanha esse desenvolvimento onde, por assim dizer, o seu conceito fundamental é assumido em áreas completamente diferentes?

Na verdade, não sou somente psicoterapeuta, eu mesmo me sinto muito mais como professor do que como psicoterapeuta. Por isso, me interesso muito pela transmissão das constelações familiares para outras áreas da vida. Como trabalhei muito com doentes, a psicoterapia tem um alto valor para mim. Mas me alegro quando vejo que as constelações familiares e os conhecimentos que delas resultam podem ser aplicados também em muitos outros campos fora da psicoterapia. Por exemplo, não deram bons resultados somente no trabalho com organizações, também são aplicados em escolas e no aconselhamento educacional, igualmente no serviço social, também em prisões e assistência durante a liberdade condicional. As constelações familiares foram utilizadas até por autores de "scripts",

diretores e artistas para penetrarem melhor nos personagens que descrevem ou representam.

Por isso, lamento quando se quer reservar as constelações familiares somente para a psicoterapia e se impede a outros, que não são psicoterapeutas, de aplicá-las em suas áreas, independentemente da psicoterapia.

É diferente quando alguém oferece as constelações familiares como aperfeiçoamento. Ai são úteis conhecimentos e experiência psicoterapêuticos. Mas se, por exemplo, alguém oferece constelações familiares para organizações, não necessita ser psicoterapeuta. Da mesma maneira, um assistente social ou um professor não necessitam ser psicoterapeutas quando se servem dos conhecimentos das constelações familiares e, em sua área, onde necessário, também os aplicam cônscios de sua responsabilidade.

Com veria o seu papel terapêutico nos dias de hoje? Qual é a sua especial contribuição?

O essencial para mim é que o separado seja unido, portanto, que seja superado o desmembramento, que vem grassando continuamente desde Descartes na filosofia e na vida pública. Esse movimento também foi importante e pôs em marcha muitas coisas significantes. Por exemplo, tomemos o Iluminismo, no qual o indivíduo pode fazer, ele mesmo, uma imagem contra doutrinas transmitidas.

Ele incentivou o individualismo.

O individualismo chega hoje a um inegável fim. Frequentemente, foi omitido e até contestado que o indivíduo só possa se desenvolver em intercâmbio com outros. Agora, há um movimento contrário no qual nos tornamos cada vez mais conscientes do vínculo do indivíduo à sua família e ao seu ambiente. Nesse movimento se inserem as constelações familiares e, ao mesmo tempo, incentiva- as.

Os conhecimentos que resultam das constelações familiares têm também um significado filosófico transcendente, apesar de eu não ser um filósofo no sentido clássico. Mas conhecimentos essenciais que levam adiante a vida vieram à luz através das constelações familiares.

Visto historicamente: a que escolas psicológicas você se sente vinculado de certa

maneira?

As diversas escolas psicológicas produziram algo grande. Por exemplo, Freud e Jung ou também Rogers e Janov, somente para citar alguns que são especialmente importantes para mim. Todos contribuíram com algo essencial, e isto deve ser dignificado. A pergunta é até que ponto o essencial - aquilo que toca o ser humano mais profundamente - é tratado através disso. Nesse sentido não me sinto tanto como terapeuta, senão mais como alguém que ganhou conhecimentos que vão muito além da terapia.

Quando leio Confúcio e vejo o que esse homem ganhou para si em conhecimentos transcendentais, por séculos ou até por milênios, fico profundamente feliz. Ele olha sempre para toda a humanidade e procura por ordens que são válidas para toda a humanidade. Para ele, o indivíduo ou mesmo seu povo estão ordenados nesse algo maior e sujeitos a ele.

O que agora se torna tão claro nos movimentos da alma é que, na verdade, só podemos existir juntos, em que o separado e o oposto se unam e se ordenem e se respeitem mutuamente, está indicado maravilhosamente por Confúcio. De certa maneira, sinto-me também como alguém que contribui nesse sentido.

Isso quer dizer que também as suas declarações são válidas mundialmente?

Portanto, isso não pode agora ser atribuído a mim. Eu trouxe novamente à luz uma parte daquilo que havia sido perdido e, com efeito, sem que tivesse tido a intenção. Veio à luz através das constelações familiares e através de alguns conhecimentos essenciais, por exemplo, sobre a consciência. Em muitas famílias isso mostra um efeito benéfico. Isso me alegra, mas me sinto aqui somente numa função de servidor. Eu contribuí como me coube e assim o fiz com prazer.

A fonte não precisa perguntar pelo caminho

UM LIVRO DE CONSULTA

BERT HELLINGER

As afirmações coletadas neste livro foram ditas originariamente em cursos sobre constelações familiares como introduções ou esclarecimentos intermediários ou como resumos daquilo que tinha acontecido antes ou também como respostas a perguntas e algumas afirmações em entrevistas. Todas essas afirmações têm um contexto que traz colorido e vivacidade a elas. Foram organizadas de forma clara nesse livro e não tratam um tema em sua totalidade, mas levam ao ponto que possibilita ao leitor agir de modo adequado.

Esse é um livro de consultas em que Bert Hellinger reviu todos os seus cursos documentados para escolher aquelas partes que não tinham sido levadas em consideração em outras publicações e que provaram ser uma rica colheita.

EDITORA ATMAN
editora@atmaeditora.com.br
www.atmaneditora.com.br